

3 1761 08301789 7



PURCHASED FOR THE  
*University of Toronto Library*

BY

***Brascan***  
LIMITED

FOR THE SUPPORT OF  
*Brazilian Studies*



Digitized by the Internet Archive  
in 2011 with funding from  
University of Toronto

<http://www.archive.org/details/rondonia00roqu>







165

E. ROQUETTE-PINTO

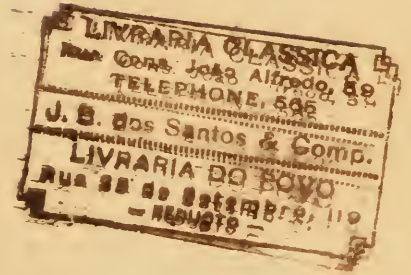


# RONDONIA

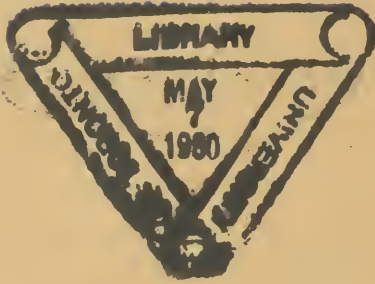
(Laureada pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro)

SEGUNDA EDIÇÃO

*Handwritten notes:*  
Vto. Rondonia  
Exp. Publico  
1911



\* \* \* RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL \* 1919

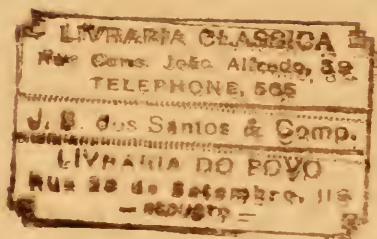


F  
2520  
R67  
1919



Possam minha Espôsa e meus Filhos,  
nestas paginas, encontrar motivos para  
amar ainda mais o Brasil e razões para  
bem servir-o.

E. ROQUETTE-PINTO.







CONSAGRA o autor estas primeiras linhas da segunda edição da RONDONIA aos que tiveram a bondade de se occupar com a primeira; seja para elogial-a, ou para apontar, de boa fé, os seus defeitos. Agradece de coração, a uns e outros. E, como não póde, nominalmente, citar cada qual, pede a todos que o considerem infinitamente reconhecido, pela attenção que concederam á “filha caprichosa” do seu enthusiasmo.

Este livro, que teve a boa sorte de receber apoio dos maiores nomes da sciencia e das lettras nacionaes, e encontrou no estrangeiro acolhida muito honrosa, é filho de uma sincera dedicação.

Não foi escripto para satisfazer preocupações litterarias; nem traçado no aconchego de confortavel gabinete, á luz carinhosa d’uma lampada, amortecida á feição das necessidades do trabalho, entre outros livros. . .

Foi nascendo pelas quebradas humidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areiaes desolados.

Só por isso, quando mais não fosse, mesmo sem levar em conta as imperfeições insanaveis da propria origem, deve elle contar, nas modestas paginas, erros e imperfeições.

Entre aquillo, porém, que se póde ler aqui, ha o que se não lê, mas que se vê. . .

São os documentos graphicos, que retratam os recantos naturaes da terra da *Rondonia*, a vida dos seus homens primitivos ; e, mais do que isso, os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem. E acredita o autor que só assim póde explicar o acolhimento recebido.

Si, como estudioso, as observações scientificas que pôde realizar, quasi todas de grande alcance para o conhecimento da anthropologia sul-americana, encheram-no de alegria, brasileiro, deu-se por bem pago daquelles dias de privações e perigos, porque voltou da *Rondonia* com a alma refeita, confiante na sua gente, que alguns acreditam fraca e incapaz, por que é povo « magro e feio » . . .

São feios, effectivamente, aquelles sertanejos ; muitos, além disso, vivem trabalhando trabalhados pela doença.

Pequenos e magros, enfermos e inesthetics, fortes, todavia, foram elles conquistando as terras asperas por

onde hoje se desenrolla o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalypticó, amarrando os extremos da pátria.

E' preciso ir lá para retemperar a confiança nos destinos da raça, e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadencia.

Não é, nem póde ser, nação involuida, a que tem meia duzia de filhos capazes de taes heroismos.

Como são pequeninas estas observações scientificas, diante da grandeza da construcção daquella gente!

Por isso, no laurel com que o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO honrou este trabalho, o autor vê menos um premio que um incentivo.

Do primeiro seria simples depositario, porque antes pertence aos que lhe abriram o caminho por onde passou para realizar seus estudos; do segundo, deve dizer que o guarda com alegria.

O pezado symbolo em que reluz um nome austero, ha de o alentar nas horas nevoentas. Amparado pelos seus mestres e concidadãos, espera não desattendel-o jamais, em meio da modesta obra de sciencia a que se consagrou.

\*

Ao Sr. Dr. Augusto Tavares de Lyra, espirito profundamente culto, conhecedor apurado da geographia e da historia do Brasil, cujo valor só conseguem vis-

lumbrar os que não desanimam diante de sua modestia, o autor agradece a assistencia que lhe prestou para que esta segunda edição viesse hoje á luz da publicidade.

\*

Revista e retocada, esta edição não differe, essencialmente, da primeira. Agasalha materia pouco mais ampla.

Com as mesmas estampas, insere mais um mappa das fronteiras da *Rondonia*, desenhado no seculo XVIII, e algumas notas.

Haveria talvez documentos recentemente colhidos para augmentar, em certos pontos, os que se encontram aqui.

Entendeu, porém, o autor de conservar ao livro seu feitio individual, por conter opiniões e ideias proprias.

Lentas hão de ser, sempre, as construcções scientificas em tal terreno; um trabalho destes é, afinal, apenas um capitulo da grande obra para a qual gerações successivas deverão concorrer.





## I



SCIENCIA vai transformando o mundo.

O paraíso, sonhado pela gente de outras idades, começa a definir-se aos olhos dos modernos, com as possibilidades que o passado apenas imaginava. O homem culto chegou a voar melhor do que as aves; nadar melhor do que os peixes; libertou-se do jugo da distancia e do tempo; realiza em um continente, o que concebeu em outro, alguns momentos antes; ouve a voz dos que morreram, conservada em laminas, com o seu timbre, e as inflexões da dor e da alegria; immortaliza-se, archivando a palavra articulada, com todas as suas características, e as suas formas e seus movimentos com todas as minucias; e enquanto, magico inesgotavel, vai modificando a terra e lutando contra a fatalidade da morte, fazendo reviver as vozes que ella extinguiu, as formas que ella decompoz, o homem não consegue transformar-se a si mesmo, com igual vertiginosa rapidez.

\*

Elle, que tem realizado tudo isso; que vive, hoje, em outro meio, permanece, afinal, quasi o mesmo primitivo,

sentindo, pensando e agindo, muitas vezes, como seus antepassados das idades lithicas. Salvo os typos de escolha, que representam a humanidade do futuro, os homens cultos do Planeta são como indios de pelle branca, cobertos por uma crosta, mais ou menos espessa, de verniz brilhante. . .

Si é que não irrogo injustiça aos selvagens, que nem palavra crearam para o altruismo, e, mais de uma vêz, têm realizado, apesar de tudo, aquillo que elles não sabem se chama — solidariedade humana — e que nós outros sabemos bem como se escreve e como se não pratica. . .

Um dia, quando nada mais houver a melhorar, o homem culto acabará, eu o creio, aperfeiçoando-se a si mesmo.

\*

Por isso que o homem, no fundo, não varia, o verso de Pope exprime uma verdade :

*The proper study of man is mankind.*

\*

Os indios da Serra do Norte, no Estado de Mato-Grosso, representam quiçá, neste momento, a mais interessante população selvagem do mundo.

Vivem, ainda hoje, em estado de accentuada inferioridade.

Foram surprehendidos em plena idade lithica; e, assim, foi encontrada uma civilização fossil no coração da America do Sul.

Aqui, mais do que allures, justifica-se a observação de Bastian, segundo a qual historia e pre-historia se confundem nas terras do Novo Mundo.



Os indios da Cordilheira do Norte viveram até agora completamente apartados do resto da população do Brasil; rodeados de outras tribus, durante seculos, fugiram ao contagio de usos e costumes de seus vizinhos.

Estes empregam armas de fogo, ha mais de cincoenta annos; os indios da Serra do Norte ouviam as nossas, com todas as demonstrações de quem não está ainda bem acostumado a seu estampido.

A pelle do homem negro e a do branco, que todos os indios do Brasil conhecem, despertavam ainda, em muitos delles, grande surpresa, conforme testemunhámos.

\*

No segundo capitulo deste trabalho, procurei demonstrar o gráo de ignorancia a que estavamos reduzidos, quanto ao conhecimento dessa vasta região do territorio patrio.

No seguinte, julguei imprescindivel indicar a maneira por que o coronel Candido Rondon a entregou ao passo dos estudiosos.

\*

A obra scientifica e social de Rondon não pode ser assás admirada; este livro dará pallida demonstração de tal asserto.

Em cinco annos de trabalho elle conquistou, pacificamente, alguns milhares de kilometros quadrados, agora em condições de facil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo.

Abriu á sciencia um campo enorme de verificações e descobertas; á industria, todas as riquezas de florestas

seculares. Soube coroar sua actividade estendendo o fio telegraphico, que os Parecís chamam *lingua de Mariano*, em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos de sua patria que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem.

E offereceu á Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modestia de sua origem.



Não me illudo sobre o valor e a extensão da colheita scientifica que realizei na Serra do Norte, nas terras da RONDONIA <sup>(1)</sup>.

Enquanto os indios se não affeioarem a nós, como *Nuléke* ao tenente Pyrineus de Souza <sup>(2)</sup>; enquanto sua boa vontade se não transformar em confiança absoluta, e elles permanecerem pouco doces ás nossas pesquisas; não conhecermos a lingua delles, e elles a nossa, sufficientemente, será talvez impossivel obter mais do que consignam os documentos aqui registados.

Seria rematada prova de incapacidade imaginar que se pode colher, de uma vez, todos os segredos ethnographicos de um tal povo.

Os Parecís foram descobertos em 1718. Foram visitados, desde então continuamente, por sertanistas inteligentes, depois por naturalistas, e até por ethnologos de valor.

Ha quasi dois seculos, vivem em communhão estreita com os brasileiros de Mato-Grosso.

(1) Cf. E. Roquette-Pinto: *A Rondonia* — in Revista do Brasil, S. Paulo — 1916.

(2) *Nuléke* — é um rapaz *Anunze*, amigo dedicadissimo do tenente Pyrineus de Souza.

No entanto, só agora, por amizade de alguns velhos chefes influentes, pôde Rondon conseguir lendas, tradições e explicações do maior alcance.

\*

Portanto, ficou ainda, na Serra do Norte, uma serie de questões que o tempo irá permittindo desvendar. Será isso contribuição dos que tiverem de zelar pelas construcções da Commissão Rondon. Morando lá annos a fio, poderão ir archivando os factos que observarem de visu, á medida que forem apparecendo, ao acaso da vida dos indios. Hoje, annota-se um; passam-se dias e mezes sem que o mesmo phenomeno se reproduza. Espera-se. Na occasião em que resurge, continua-se a observação.

Para decifrar os enigmas de um povo selvagem é preciso o concurso de muitos observadores. E ha enigmas que ficarão eternamente na sombra.

Quando os indios, porém, souberem falar a nossa lingua, e algum de nós puder entender a lingua delles, já innumerous phenomenos primitivos da sua ethnographia, usos, costumes, habitos, praticas, industrias, characteristics artisticas, religiosas, sociaes, estarão deturpados pela intromissão de elementos extranhos, que os nossos fornecem continuamente.

Agora mesmo, os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte; cada indio já possui machado de aço.

Riem-se até os Nambikuáras d'aquelle veneravel instrumento que, ha dois ou tres annos, era elemento fundamental de sua vida, derrubando *mel* e fazendo *roçadas*.



Em minha excursão á RONDONIA, em 1912, procurei archivar esses phenomenos que se vão sumindo vertiginosamente.

Tentei tirar um *instantaneo* da situação social, anthropologica e ethnographica, dos indios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho de alteração que nossa cultura vai nella processando.

É *prova photographica*; quero deixal-a sem retoques: ahi está.

É um *cliché crú*. A's vezes parece um pouco melhor porque me foi possivel emoldural-o num quadro mais agradável. Mas os traços do contorno, as minucias, as sombras, aqui estão tal qual os apanhei.

Um dia servirão, talvez, para recompor a historia desse povo, as indicações registadas neste livro.

Nesse tempo, já serão bem conhecidos sua lingua, suas lendas, sua arte e os segredos do seu fetichismo.

Quem sabe si mais tarde, um filho da RONDONIA, bisneto de alguns desses que deixei com saudade em 1912, educado por um successor do Mestre, si o houver capaz de recolher a herança, não fólheará estas notas para ligal-as ao material conhecido e traçar, assim, a noticia completa do seu povo?





## II



EITA de traços vivos e característicos é a phisionomia geographica de Mato-Grosso.

Numerosos cursos d'agua dominam o massiço de suas terras, que se dividem naturalmente em tres zonas.

Planicies pantanosas se dilatam pela porção meridional do estado, campos relvados, onde se adensam, neste momento, grandes manadas.

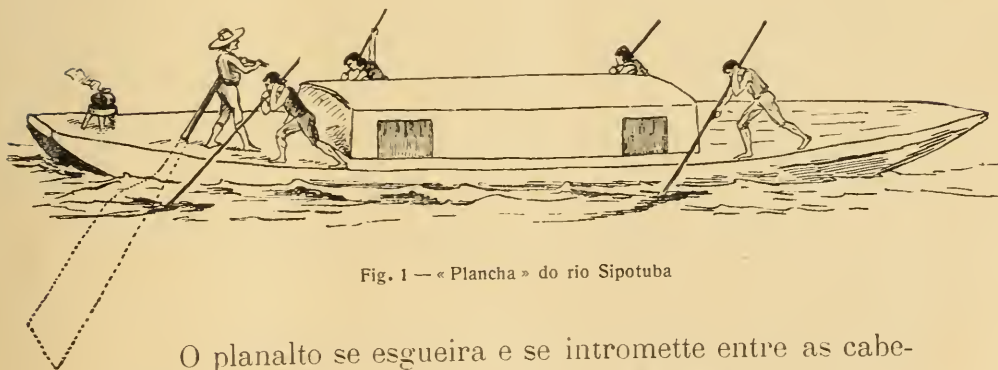


Fig. 1 — « Plancha » do rio Sipotuba

O planalto se esgueira e se intromette entre as cabeceiras numerosas dos rios, secco, arido, cheio de plantas enfezadas e tristes; o planalto é o — chapadão.

Emfim, a região das montanhas do Norte é coberta de florestas colossaes.

Todavia, margeando os grandes rios, ou adornando os mananciaes, a mata, por toda parte, cresce e domina; conforta com sua sombra e seus frutos; espanta com suas fórmas.

Quem atravessa Mato-Grosso nota que seus arroios orientados para o Norte, contribuintes do Amazonas, e os que se vão perder no Paraguai, nascem como irmãos gemeos, lado a lado; entre uns e outros, não ha montanhas. Dir-se-ia que se afastam, cada qual para seu destino, pela razão de uma vontade individual.

Quem bebe, pela manhã, aguas que deveriam ir ter ao Atlantico meridional, á tarde póde matar a sêde nas que são destinadas ao equatorial.

A comitiva almoça á beira de um regato filiado no Rio da Prata, e pode sestear á margem de uma cabeceira da bacia do Amazonas.

Cerca do 18 kilometros de chapadão arenoso bastam para separar a cabeceira de Aldeia Queimada, pertencente ao systema platino, das nascentes do rio Verde, que faz parte do outro systema.

Aqui são as aguas do Juruena, que se approximam tanto das que procuram o Sipotuba; mas, perto da velha cidade do Diamantino, o terreno que separa o Paraguai do Arinos é ainda menor.

Quem diria, passando pela boca do Amazonas, que muitas daquellas aguas vêm do mesmo lugar onde brotam as que o Rio da Prata vomita no oceano, á cerca de sete mil kilometros mais ao Sul?

Um dia, quando a carta d'aquelle estado fôr um schema um pouco mais completo do que hoje, ha de ser possivel, talvez, mostrar que o Brasil é mesmo uma ilha, como presumiram os descobridores.

Chegando a Mato-Grosso pelo caminho usual, não se

compreende porque assim foi baptisada aquella terra, pois para ver mato-grosso, em Mato-Grosso, é preciso attingir latitudes baixas, onde a civilização vai-se aos poucos infiltrando, pela coragem e pela firmeza dos sertanejos, aos quaes recentemente a sciencia abriu, lá mesmo, novas entradas, caminhos novos e novas esperanças de trabalho e de vida.



Aquelle territorio, tal qual se encontra nos seus limites politicos, foi, é bem certo, penetrado pelos portuguezes muito tempo antes de terem surgido ali os primeiros estabelecimentos de outra origem européa.

Por attender á justa observação do geographo Candido Mendes, é mister distinguir, ali, a parte conquistada pelos hespanhoes, do lado occidental, da outra porção desbravada pelos neo-brasileiros de S. Paulo.

Foi caminho dos primeiros o Paraguai, cuja navegação é um tanto difficil para grandes barcos, e relativamente facil para canôas primitivas, e sobre cujas margens se ergueram, desde 1575, com Domingo Martinez Irala e Nuno Chaves, as feitorias castelhanas.

No entanto, a falta de minas de ouro e a hostilidade das tribus do alto Paraguai, região de grandes alagados, por seu turno tambem mui adversa, foram circumstancias que favoreceram o dominio portuguez, desanimando os successores de Irala e Chaves.

O caminho dos Paulistas foi mais arduo e, talvez por isso, deu-lhes posse menos precaria das terras que foram varando.

A conquista, deste lado, fez-se aos poucos.

Ao que se lê em certas chronicas, 15 annos mais ou menos depois do descobrimento, um certo Aleixo Garcia

saíu de S. Paulo, conseguiu atravessar Mato-Grosso, pela foz do Jaurú, para os Andes e os estabelecimentos hespanhoes do Perú.

Si a data precisa da façanha permanece ainda sujeita á controversia, devemos, todavia, acreditar que bem cedo começou, por esse lado, a invasão branca daquellas terras.



Fig. 2 — Indio Pareci assoando-se

Pelo ouro e pelo escravo lá se foram os bandos de S. Paulo, cujas incursões tomaram ambito maior depois de 1596, quando os padres da Companhia de Jesus receberam, pelo alvará de 26 de julho, o governo e a administração dos indios.

Pouco importa discutir aqui a interferencia dos padres, para apurar si, combatendo a escravização dos indios, desejavam o monopolio dos braços dos trabalhadores cathecúmenos.

Basta registrar que o resultado dessa conducta dos Ignacianos foi animar a obra do descobrimento das grandes terras do Oeste.

Porque, não podendo obrigar os indios da vizinhança, nem querendo pagar á Companhia o tributo que lhes impunha, apoiada ao Rei, os Paulistas se lançaram á aventura, para ir conquistar os infieis e os barbaros, obreiros que seriam de suas culturas e lavras.



Outras causas não teve o augmento da importação dos negros, começada em 1542, quando Duarte Coelho pediu ao Rei D. João II que lhe “fizesse mercê de lhe dar licença e maneira de haver alguns escravos de Guiné”.

Longe de mim querer reeditar a historia daquelles bandos de gente ousada.

Um punhado de homens, perdidos na terra hostile; ambição, firmeza, coragem, fé, no coração de cada qual, douradas por muito heroismo; e, as vezes, manchadas de sangue.

E, disso tudo, saíu brilho bastante para deixar á sombra os crimes contra a especie, que naquellas empresas se passaram.



Das *bandeiras*, que primeiro chegaram a Mato-Grosso, foi dirigida por Antonio Pires de Campos a que mais nos interessa.

Vão de 1718 a 1723 as notas deste sertanista, discipulo do seu pae, Manoel de Campos, a quem acompanhava já na idade de 14 annos, ás batidas do valle do Parana-tinga.

Tambem, em 1719, Paschoal Moreira Cabral chegava ás regiões do Cuiabá, descobrindo o ouro do rio Coxipó.

A fama destas minas, que um novo achado, em 1720, ainda incrementou, quando Miguel Sutil, antigo companheiro de Paschoal, recebeu de lavradores seus algumas oitavas de ouro, atrahiu o desejo dos conquistadores vicentistas.

E, quando o ouro se fez escasso, começaram a subir pelo planalto dos Parecís, onde havia bastas nações de indios.

Datam desse tempo os primeiros conhecimentos definidos acerca daquelle chapadão.

Mais tarde, o sertão de Cuiabá foi chamado — Mato-Grosso.

Quando?

Porque?

Fez parte da Capitania de S. Paulo, até 1748, o territorio de Mato-Grosso. Nesse anno, por Carta Regia de 9 de maio, chegou á mesma categoria.

Mas o proprio documento official não precisou bem os limites da nova provincia, “pela pouca noticia que ainda havia d’aquelles sertões” conforme nelle se declara.

Ha, todavia, documentos de que a denominação de Mato-Grosso começou a ser empregada, em 1735, ao principiar o povoamento dos affluentes do Alto Paraguai, que têm as margens cobertas de espessas florestas até hoje, apezar da boa vontade com que os sertanejos procuram destruil-as pelo fogo.

No Livro 2º da Provedoria da Fazenda Real de S. Paulo, em 1734, a fls. 26 v. ha uma ordem averbada, para se arrecadarem os dizimos que estavam devendo “os moradores ou assistentes na Sepetuva, Jaurú e mais sertões dos Parecízes”.

Esta informação de Felippe José Nogueira Coelho, publicada na “Rev. do Instituto”, em 1850, completa-se por outra, da mesma origem, segundo a qual, no mesmo livro, a pag. 33, ha um edital de 20 de janeiro de 1735, em que o “*guarda-mór*” regente diz “haver mandado o Sargento-Mór, Appolinario de Oliveira, fazer umas experiencias no Mato-Grosso dos Parecízes”.

Que sorte de experiencias se fizeram, não nos adianta o chronista, e nem importa ao caso. Seriam “provas” de ouro.

Porém, fica bem claro que, por aquelle tempo, apparecia, correntemente, o apellativo em estudo.

Outros, contam a historia desse baptismo geographico de maneira mais miuda.

Dizem que, em 1736, certo Luiz Rodolpho Villar fez partir de Cuiabá uma comitiva para explorar a “campanha dos Parecizes”.

A tropa cortou rumo para o poente, e no fim de algum caminhar deu em “matos virgens de arvoredo muito elevado, e foi appellidando Mato-Grosso”, para usar dos proprios termos da “Noticia” de José Gonçalves da Fonseca.

O segundo documento confirma o primeiro; e, pois, foi em 1735-1736, que o nome actual surgiu, de uma vez, para chrismar o Sertão de Cuiabá.

Notemos, porém, de passagem, que, pelo primeiro, o Mato-Grosso parece o das margens

dos affluentes do Paraguai; e, ao que se lê no segundo, as grandes florestas achadas pela gente de Villar, estavam ao poente de Cuiabá, a alguns dias de marcha. Poderiam ser as primeiras matas da bacia do Juruena.

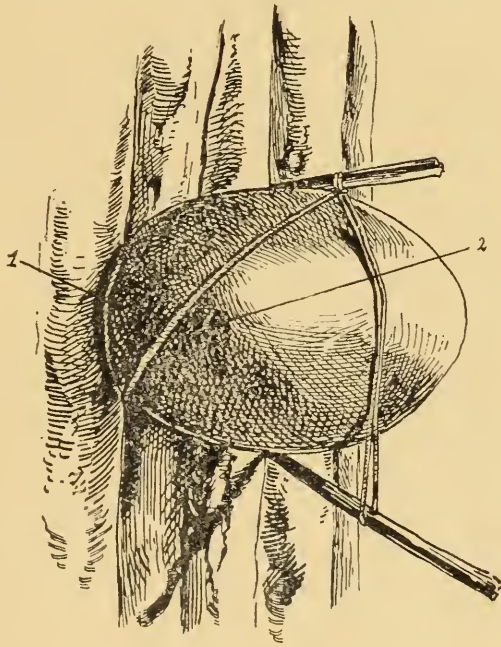


Fig. 3 — Colmeia dos Parecís. (Abelha *jati*)

1 — Orificio por onde entram as abelhas. 2 — Orificio por onde os indios extrahem o mel.

Seja como fôr, a descoberta desse mato é de 1736, e Antonio Pires, muitos annos antes, já tinha cruzado o chapadão que denominou: — “Reino dos Parecís”.



Antonio Pires deve ser considerado o primeiro descobridor do Noroeste de Mato-Grosso.

Com segurança póde-se affirmar que elle cortou o chapadão no correr do seculo XVIII.

Falando daquellas paragens, e do que lá viu, primeiro descreve o Paraguai e seu formador — o Sipotuba, que chama Hisipotuba: “rematado esse rio de Hisipotuba se dá em chapadas mui grandes e dilatadas. . .”

Quem segue pela trilha de Rondon até áquelle sertão onde, ha sete annos, se desdobra o espectaculo consolador de uma edificação titanica, ralizada pela energia dos caboclos franzinos, apoiada no devotamento discreto, ignorado e fecundo de alguns typos; quem vai hoje ás cabeceiras do Sipotuba verifica, tres seculos depois, a certeza do que disse Antonio Pires.

E' mesmo assim; o bandeirante de 1718 cortou o chapadão por onde hoje se distende o fio telegraphico.

Todavia, é quasi certo, não chegou ao Juruena.

No “Reino dos Parecís” achou uma grande população.

As minucias, que recheiam a exposição do immortal sertanista, precisam de ser postas em destaque nestas notas.

Era grande o reino dos Parecís. As suas aguas, todas, acreditava elle, corriam para o Norte. Os indios das chapadas, de numerosos, eram incontaveis; num dia de caminhada, atravessavam-se 10 e 12 aldeias, algumas de

30 casas, de cerca de 40 passos de largura, “redondas de feitiço de um forno, mui altas...”

Viviam de cultivar a terra para obter mandioca, milho, e feijão, sem contar os ananazes, fornecedores de seus vinhos.

Tambem cercavam o campo entre dois rios, e nesse terreno armavam seus fojos para apanhar veados, emas e outras caças. A ema, ainda hoje, é a peça nacional das partidas venatorias dos indios Parecís.

Não era gente guerreira aquella; antes primava em defender o que era seu do que em atacar o alheio.

Suas armas, além do arco, da flecha, e de “folhas largas” de “madeira muito rija”, a maneira de espadas, eram lanças pequenas de que usavam para defender as portinholas de suas casas, aberturas tão reduzidas de tamanho “que para se entrar, diz Antonio Pires, era necessario ser de gatinhas”.

No chapadão, hoje, em vez de arcos, os caçadores parecís manejam carabinas de repetição; nesse particular, afastam-se um tanto dos indios de Antonio Pires...

Idolos, encontrou elle tambem, guardados como ainda hoje, em casa especial onde só entravam varões.

Nem olhavam as mulheres para taes cabanas; e este costume se manteve. Nesses verdadeiros templos parecís — (Iamaká) — não mais residem os idolos do seculo XVIII; guardam-se nelles os instrumentos sagrados da tribu, cada qual filiado em uma funcção exorcistica.

Hoje, porém, como outr’ora, as mulheres se livram de olhar a iamaká.

Minhas canastras onde, muito em segredo, eram conduzidos os instrumentos de musica das collecções, conseguidas, mercê do prestigio de Rondon, para o Museu Nacional, durante todo o tempo em que estiveram em

territorio parecí, mereceram o mesmo respeito. De Utiarití, onde eu as obtive, até Aldeia Queimada, ultimo ponto onde encontrei, na volta, indios dessa tribu, soffreu a bagagem vigilancia apurada, para impedir que alguma pobre mulher visse as santas avenas...

Morre a mulher que põe os olhos em taes buzinas; e, si não fallece, arranjam sempre, os sacerdotes de seu rito, meios e modos para que morra.

Esse, e outros costumes, tão radicados se apresentam que, lendo as paginas de 1723, parece que foram escriptas ha alguns dias.

O traje actual das mulheres não seria descripto com mais certeza.

Da gracilidade de feições das Parecís tambem fala Antonio Pires com louvor bem merecido; que, em verdade, são das indias mais gentis.

E desde já se póde adiantar que os caracteres anthropologicos, observados durante os nossos estudos, separam francamente, um do outro, os typos da Serra do Norte e do Chapadão.



O aserto de que as aguas da chapada corriam para o Norte, leva a crer que o sertanista de 1723 chegou ás nascentes dos formadores do Juruena.

Tambem é quasi certo que os indios da Serra do Norte, hoje alcunhados Nambikuáras pelos sertanejos, já vagavam por essa cordilheira, pois que Antonio Pires refere a existencia de outras nações, mais afastadas do lado do Norte, "gente que não podia declarar porque lá não tinha chegado".

No entanto, menciona os indios Cavilhis, moradores nos valles dos rios que correm para o Septentrião.

Conta que certa vez, já no fim das suas viagens, chegara a uma aldeia deserta, e ahi pudera encontrar restos humanos apodrecendo dentro de alguns vasos, sobejos da anthropophagia daquelles barbaros.

Parece-nos fóra de duvida que taes Cavihis sejam os Kabixís, que se podem identificar a um certo grupo de indios da Serra do Norte, (Nambikuára — Uáindzü ou

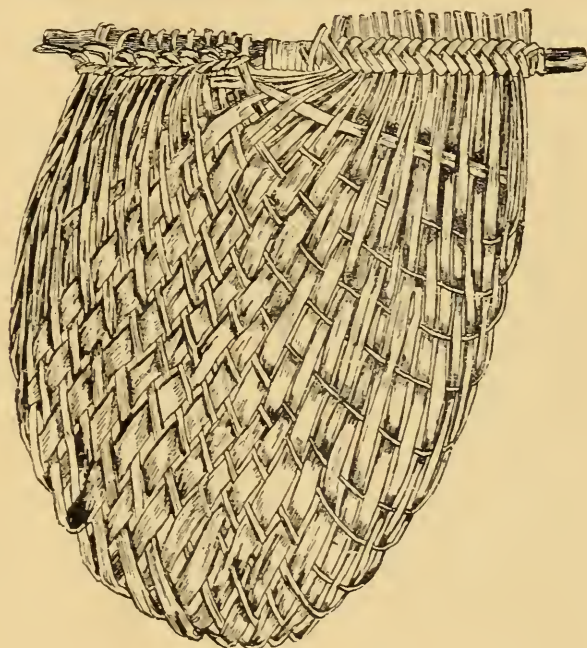


Fig. 4 — *Kuái* — Abano dos Parecis

Uáintaçú), que desce pelo valle do Guaporé até á antiga Villa Bella (Mato-Grosso), de onde jamais se aproxima senão de animo hostile.

A identificação, que as notas de Rondon já haviam tornado mui plausivel, foi depois confirmada pela comparação do material ethnographico procedente das duas origens.

Nas informações de Antonio Pires, ha, porém, alguma cousa mais que é preciso examinar.

A descripção das habitações dos Parecís de 1723: "casas redondas do feitio de um forno, mui altas" . . . cujas portas "eram tão pequeninas que para se entrar era necessario ser de gatinhas" . . . quadra rigorosamente com as palhoças da Serra do Norte.

Hoje, não creio que existam casas parecís construidas daquelle feitio; todas se parecem com o rancho dos nossos sertanejos.

Mas, as cabanas dos Nambikuáras, estas, sim, são redondas como um forno, altas, servidas por pequeninas aberturas que só atravessa quem estiver de gatinhas. . .

Seria pueril, só por isso, acreditar que os Nambikuáras da Serra do Norte representam um ramo da nação Parecí, que se atrazou de seus parentes, a ponto de tornar-se irreconhecivel, como parte da familia.

Creio antes que o processo de edificação representa uma influencia importada.

E talvez nem isso.

Porque haviam de aprender a construir aquellas casas e não haviam de conhecer a rêde, que é movel, indispensavel dos Parecís?

\*

Seja como fôr, em 1720, já se tinha vaga noticia da existencia de grande população india na Serra do Norte.

Importa, porém, muito, verificar si alguns viajantes que andaram pelas abas da Sérra e pelo vallé do Juruena, obtiveram noções mais precisas sobre os indios que os Parecís chamam Uaikoá-korê e os sertanejos preferem chamar



Nambikuáras, nome, aliás, que estes não conhecem, apellido estranho absolutamente a seus dialectos. (Do tupi: *Nambi* — orelha; *Kuára* — furo).

\*

Vinte annos depois daquella data, em que escrevia Antonio Pires sua “Breve Noticia”, em 1746, o Arinos foi percorrido, desde suas cabeceiras até ao Pará, pelo sargento-mór João de Souza Azevedo, numa viagem excepcional, cujo roteiro emociona pela sobriedade das suas expressões, nas passagens em que fala dos obstaculos transpostos. Ahi, nem uma só menção dos nossos indios.

Mais tarde, em 1757, correu em Cuiabá a noticia da descoberta de grandes minas de ouro na região situada entre o Juruena e o Jamarí; eram as *Minas de Uru-cumacuan*, cujo caminho nunca foi definido, e cuja exploração talvez esteja ainda reservada para os nossos dias, uma vez que a ferocidade lendaria dos selvagens se diluiu e se abrandou.

Todavia, em 1776, e depois em 1779, o capitão general Luiz de Albuquerque Pereira de Mello e Caceres, verdadeiro homem de governo, fez, ao que dizem, explorar as paragens onde o boato situava as referidas minas.

No Archivo do Instituto Historico existe um seu documento interessante, ainda inedito, que passo a transcrever <sup>(1)</sup>:

« Illmo. e Exmo. Sr. — Vendo eu que alem da decadencia actual das minas de Matto Grosso, experimentam os mineiros, e mais moradores desta Capitania a perda, e damno da fuga de muitos escravos que tranquillamente

(1) — Arch. do Conselho Ultramarino — Correspondencia do governador de Matto Grosso — 1777-1805. Codice 246 — pag. 165.

existiam aquilombados na escarpada extensa Serra dos Parecís, derramados pelos terrenos de que nascem os rios Piolho (hoje denominado de S. João), Galera, Sararé, Pindantuba e outros segundo huma constante noticia.



Fig. 5 — Hezô-Hezô —  
Instrumento sagrado  
dos Parecís.

« Para aliviar pois estes damnos e felicitar a utilidade publica, chamei a 24 de Março deste anno, ao Juiz Presidente da Camara desta Villa Bella, e ao Vereador mais velho aos quaes lembrei, que huma das essenciaes obrigações das camaras, era occorrer ás necessidades publicas e a actual falta de terras mineraes, e repetidas fugas de muitos escravos, que se hiam aquilombar nas vezinhanças do Guaporé e dos arrayaes, contiguos á esta Capital, eram objectos que exigiam o promptissimo remedio da formação de huma bandeira que explorasse aquelles Certões com os dois ponderados uteis fins: e que para a sua despeza, convocando a Camara o Povo, se pedisse huma contribuição voluntaria aos moradores de Villa Bella. e dos seus Arrayaes, prometendo eu concorrer por parte da Fazenda Real, como effectivamente pratiquei, com a quinta parte da gente que se empregasse nesta diligencia armada e moniciada pela mesma Real Fazenda.

« Em consequencia desta ordenada insinuação a Camara convocou o Povo, e pediu a contribuição, escreveu aos Commandantes dos Arrayaes para o mesmo fim, e todos de boa vontade concorreram para esta Bandeira; e se assentou que para o excedente da

despeza se pozesse em cada arroba de carne, uma modica contribuição, visto dever ser a dita Bandeira de sufficiente força para atravessar sertões, em que habita muito gentio, e em que se gastariam muitos mezes.

« O que tudo effectuado, e dando eu as ordens que julguei necessarias para o bom exito desta Bandeira ao Commandante della, o Alferes de Dragões Francisco Pedro de Mello, actual Commandante da Nova Povoação de Cavalvasco, que por ser hum habil official de conhecido prestigio e actividade, o escolhi para esse fim, em beneficio publico, e da mesma Bandeira composta de quarenta e cinco pessoas, entrando neste numero o dito Commandante e hum soldado Dragão e seis Pedestres, moniciados e armados pela Real Fazenda, com as quaes mandei auxiliar esta Bandeira, a qual embarcando no Porto desta Villa Bella no dia 7 de Maio do corrente anno e descendo pelo rio Guaporé, se recolheu em 18 de Novembro proximo passado.

« Das diligencias e indagações praticadas pela referida Bandeira nos terrenos sobreditos em toda a sua derrota, a qual vae debaixo do n. 1 no adjunto mappa que tenho a honra de pôr na Prezença de Vossa Excellencia resultou quanto Vossa Excellencia tambem poderá vêr na resumida copia, que fiz extrahir do diario da mesma diligencia, que igualmente ponho na Prezença de Vossa Excellencia debaixo do n. 2.

« E certificando o Commandante e mais pessoal d'aquella Bandeira, da bondade e grande produção das terras, sitas aonde se achou o quilombo do Piolho e seus contornos, habitado na maior parte pelos Indios e Caborés livres, na forma expressada no dito Diario, e que esta gente, e novos vassallos de Sua Magestade, instantemente suspiravam por continuarem a habitar n'aquelle Paiz, aonde tambem a maior parte tinham nascido, e se tinham criado, e infor-

mando-me ao mesmo tempo que n'aquellas vezinhanças, haviam algumas aldeias de Indios mansos, aos quaes se offereceram, reduzir á nossa sociedade os novos habitadores d'aquelle Quilombo (de que a maior parte foram baptisados aqui) e com muita facilidade pelos atractivos que tinham das dadivas que se lhes deram, para convidal-os a este fim.

« E ao mesmo passo por adiantar mais na vezinhança desta fronteira um estabelecimento que fosse aproximando a tão necessaria communicação por terra desta Capital para o Forte do Principe da Beira, descobrindo-se assim novas terras mineraes; por estas razões me deliberei a mandar todos os ditos Caborés, Indios e Pretos, que houve modo de se forrarem (sem os quaes os ditos Indios e Caborés não podiam prezentemente passar; assim por serem alguns Caborés seus filhos como para lhes ensinar a cultivar as terras) para o mesmo lugar em que foram apprehendidos que ficará a trinta e tantas leguas á Norte desta Villa Bella dando-lhe ordem e auxilio para formarem huma Aldeia, que se ficará chamando Aldeia Carlota, em memoria da Nossa Serenissima Princeza e ao Rio antigamente denominado do Piolho, se lhe pôz o novo nome do Rio de São João.

« Também ponho na presença de Vossa Excellencia, que afim de se adquirirem mais exactos conhecimentos geographicos do nascimento e origens principaes dos Rios Galera, Sararé, Guaporé e Juruena, principal braço do Rio Tapajoz, e do terreno que media entre elles e mais terrenos adjacentes, me resolvi a mandar executar esta Diligencia pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco d'Almeida Serra, acompanhado do Ajudante d'Ordens d'este Governo, Victoriano Lopes de Macedo e do Professor Regio de Gramatica latina, Francisco José de Freitas, (por ser em tempo de férias) e de huma sufficiente escolta, tendo sahido

d'esta Villa em direitura aos campos dos Parecís no dia 8 d'Agosto do anno proximo passado e depois de vencerem algumas molestias de que foram atacados, e as ordinarias e não pequenas dificuldades de semelhantes sertões, voltaram a ella em 20 de Setembro do mesmo anno, tendo feito a derrota que Vossa Excellencia verá no outro adjunto mappa n. 3, cuja derrota vae tambem marcada no mappa n. 2 com a letra B.

«Estimarei muito que tudo o referido, mereça a approvação de Sua Magestade, rogando á Vossa Excellencia haja de o fazer subir ao seu Real Conhecimento.

«Deus guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Villa Bella, 30 de Dezembro de 1795, Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello digo Luiz Pinto Souza Coutinho.—*João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.*»

\*

«Diario da Diligencia que por ordem do Illustrissimo e Excellentissimo João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador e Capitão General da Capitania de Matto-Grosso, se fez no anno de 1795, a fim de se destruirem varios Quilombos, e buscar alguns logares em que houvesse ouro.

«Sahio a referida Bandeira embarcando no Porto de Villa Bella no dia 7 de Maio de 1795, descendo pelo rio Guaporé.



Fig. 6 — *Tiritaman*  
Instrumento sagrado  
dos Parecís.

« No dia 11 entrou pela foz do rio Branco, que desagüa no Guaporé, pela sua margem oriental ou direita logo abaixo da Ilha e Estirão da Pirará e superiormente ao lugar das Torres, rio de bastante agua e que tendo perto da sua barra as margens pantanozas logo continua com terras firmes; e assim foi navegando sem novidade até o dia 17.

« No dia 17 pelo meio dia chegaram a huma terra firme na margem de Norte, ou esquerda do Rio, que mostrava proção de cascalho á flor d'agua; onde se fez huma prova de que se tirou cousa de 40 reis d'ouro não se chegando á pissarra por estar ainda mergulhada debaixo da enchente do rio; pouco acima deste lugar faz barra hum pequeno corrigo, onde se fizeram varias provas que deram igualmente pequena quantidade d'ouro, muito fino; e da mesma forma para o centro do Matto se fizeram outras provas que não mostraram ouro de conta faltando logo o cascalho. Varias escoltas foram por ambas as margens do Rio soccavando; e supposto acharem alguns faulhos d'ouro, não era constantemente, nem indicava ser de conta, mas só sim que aquellas terras são auríferas; nesta conformidade se foi marchando com escoltas por terra até o dia 20.

#### Maio 20

« Em 20 chegaram a huma confluencia de dois braços em que o rio total se divide; o braço da esquerda por ser menor se mandou examinar e em meio dia que se navegou por elle se vio que não dava navegação para as canoas, tanto por ter muitas madeiras atravessadas e cahidas pelo alveo do Rio, como por ser de margens palodozas.

#### 22

« Em 22 navegaram pelo braço da direita que é o principal alveo do Rio e pelas muitas tapagens que tinha que difficultava a sua navegação só descarregaram as canoas.







## 23

«Em 23 partiram as canoas de retirada para Villa Bella; e a Bandeira partio por terra, acompanhando a margem do Rio, que levava a sua mão esquerda; e assim foram cortando varios corrigos e soccavando-os, dos quaes uns não mostraram ouro algum, e outros com effeito o tinham, mas com minimas provas; e assim marcharam até o dia 5 de Junho com as mesmas indagações.

## Junho 3

«Neste dia 5 atravessaram o rio com agua pelos peitos para a opposta margem, e andando mais meia légua a Lés-Sud'-Oeste subiram a hum alto e destacado morro, do qual viram terem penetrado muito para o centro das Serras dos Parecís, o que já haviam notado nos dois dias antecedentes pelas repetidas caxoeiras que formava o Rio e pelas muitas colinas que subiram com assaz inclinação do terreno; e com hum camarada que hia na Bandeira, preto já forro, e que fôra apprehendido ha muitos annos no Quilombo do Piolho, pela Bandeira que então fôra a esse fim; desconheceu este Rio Branco, affirmando em que o do antigo Quilombo estava mais a Sul, deixaram o mencionado rio Branco que hé de bastante agua e de media extensão: elle desde este lugar até á sua boca no Guaporé, tem, com pouca differença, 25 legoas de curso; e delle para cima inda corre, e continua com mais 15 de correnteza; elle forma grandes Ilhas, recebe muitos ribeirões e as suas margens e terrenos do centro são formadas por densa e alta mattaria, e as suas terras fundaes, as melhores que se podem desejar para a cultura.

«Em 5 seguindo o rumo do Sul, com sete legoas de marcha por terreno aspero e de alta e fechada mattaria, em

que atravessaram muitos corrigos, que foram provando, chegaram no dia 15 á margem do rio Piolho assim antigamente denominado, a onde se fez pinguela para o atravessar o que se fez no seguinte dia.

### 16

« No dia 16 como se tinham visto fogos e rasto de gente, que se julgou ser de gentio se marchou com mais vagar e indagações tanto em muitos corrigos que cortaram, como notando os ditos rastos até o dia 18.

### 19

« Em 19 o Commandante e 39 pessoas mais armadas escoteiras continuaram a marchar seguindo os rastos e tendo andado meia legoa encontraram de repente tres Indios, hum negro e hum Caboré que logo foram seguros escapando hum indio que fugio a correr, e seguindo-o da mesma forma, foram dar com curta carreira no seu Quilombo; a gente d'elle logo se poz em fugida, mas apezar disso foram seguidos e neste dia ficaram presos a lem dos tres negros, 32 pessoas mais entre homens, mulheres, rapazes e raparigas, dos quaes huns eram Indios, outros Caborés; faltando ainda segundo as informações que deram mais tres negros e 16 pessoas.

### 20

« Em 20 foram tres escoltas para o matto em busca das pessoas que faltavam, e de tarde se recolheram com 12.

### Agosto 5

« Desde o dia 20 de Junho até 5 d'Agosto se demorou a Bandeira neste logar tanto para colherem as pessoas que faltavam do Quilombo, que se concentraram pelos mattos

vezinhos, a sua vivenda com o que multiplicaram e confundiram os rastos, como para examinar o terreno contiguo por mostrarem os corrigos vezinhos inda que pouco ouro, signaes que aquellas terras são auríferas.

«Igualmente mandou o Commandante huma escolta de 12 pessoas pela picada que haviam feito para examinar melhor o braço esquerdo, ou do Norte do Rio Branco; esta escolta depois de chegar ao dito braço penetrou sete lagoas do seu certão de matto pantajozo por hirem chegados á sua margem, e vendo muitos signaes de gentio e numerozos fogos nas vezinhanças porque andavam, se retiraram com muitos dias de diligencias.

«O Commandante fez soccavar todos os corrigos na vezinhança do Quilombo; entre elles o de S. Pedro que lhe fica meia legoa ao Norte deu algumas mostras d'ouro; porém outro que chamaram de Sant'Anna que existe a Sul do mesmo Quilombo deu mostras d'ouro, que foram as maiores que se acharam em toda esta diligencia, e que dão esperanças de ali poder haver uteis descobertos. Em fim recolhida a gente toda do quilombo, montava a cincoenta e quatro pessoas como consta da relação junta, e tendo-se feito farinha de milho que ali acharam, não só para os dias em que se demorou a Bandeira, mas ainda para 20 dias de marcha, deixaram aquelle lugar.

«O Quilombo do Piolho que deu este nome ao rio em que está situado, foi atacado e destruido haverá 25 annos, pelo Sargento-Mór João Leme do Prado, onde apprehendeu



Fig. 7 — *Uatolacé* —  
Instrumento  
sagrado dos Parecis.

numerosa escravatura, ficando naquelle lugar ainda muitos escravos escondidos pelos mattos, que pela auzencia d'aquella Bandeira se tornaram a estabelecer nas vezinhanças do antigo lugar.

« Destes escravos novamente aquilombados morreram muitos, huns de velhice e outros ás mãos do gentio Cabixês, com quem tinham continuada guerra, afim de lhe furtarem as mulheres, das quaes houveram os filhos Caborés, que mostra a relação.

« Destes escravos só se acharam seis vivos prezen-temente, os quaes eram os regentes, padres, medicos, pais e avós do pequeno povo que formava o actual Quilombo, situado em hum bellissimo terreno muito superior, tanto na qualidade das terras, como nas altas e frondosas mat-tarias, as excellentes, e actualmente cultivadas margens dos rios Galéra, Sararé e Guaporé: abundante de caça, e o rio de muito peixe, cujo rio é da mesma grandeza do Rio Branco.

« A Bandeira achou no Quilombo grandes plantações de milho, feijão, favas, mandiocas, manduin, batatas, caraz, e outras raizes, assim como muitas bananas, ananazes, abobras, fumo, gallinhas e algodão de que faziam panos grossos e fortissimos com que se cobriam.

## 16

« Reconhecidas, enfim, todas as vertentes deste Rio, se poz a Bandeira em marcha no dia 6 d'Agosto já composta da gente do Quilombo de cem pessoas; cortando pelo alto do terreno paralelo ás serras e a rumo geral de O. S. E., e cortando as cabeceiras de muitos corrigos, e ri-beirões, que foram soccavando com 20 legoas de vagaroza marcha, em razão das mulheres, e crianças chegando no dia 27, depois de terem passado hum braço do Galéra a



Pouso à margem do rio Sipotuba  
(Porto do Campo)

MATO-GROSSO



Restos da "Mata da Poáia"  
(entre Porto dos Ingres e Tapirapurau)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



outro maior, o mais proximo e o que fica ao Norte do Arrayal de S. Vicente, aonde mandaram pedir soccorro; e o Commandante escreveu a Sua Excellencia dando-lhe parte da diligencia, pedindo-lhe as ordens para a continuação della, e participando-lhe juntamente que nas differentes explorações do dito Quilombo até aquella paragem do Galéra se encontraram alguns rastos e ranchos que mostravam serem de pretos fugidos, já abandonados que elle mandou queimar e que provavelmente se tinham retirado logo que lhes chegou a noticia da mesma Bandeira.

### Setembro 18

« Emfim com alguns dias de descanso e espera atravessaram o Rio Galéra, e com caminho de seis legoas a rumo do sul chegou a Bandeira toda, e a gente do Quilombo ao Arrayal de S. Vicente, e neste dia fez o Commandante entrega da gente do Quilombo ao paizano Geraldo Urtiz de Camargo para a conduzir a Villa Bella.

### 19

« Em 19 sahio do Arrayal de S. Vicente o dito Geraldo Urtiz, com a gente de que se encarregou para Villa Bella pela estrada chamada do Guilherme, chegando no dia 24 de Setembro a esta Capital com as pessoas da relação seguinte :

Relação dos pretos Indios e Caborés de que se compunha o Quilombo do Piolho em que se deu no dia 19 de Junho de 1795 :

Negros . . . . .	6
Indios . . . . .	8
Indias . . . . .	19
Caborés . . . . .	10
Caborés femeas. . . . .	11
Total . . . . .	<u>54</u>

« Logo que esta gente chegou a Villa Bella, vendo sua Excellencia que todos os Caborés e Indios de maior idade sabiam alguma doutrina Christã que aprenderam com os negros, e que se instruíram suficientemente e com gosto nesta Capital onde se lhe acabou de ensinar, e ainda alguns Indios adultos, pois todos fallavam Portuguez com a mesma intelligencia dos pretos de que aprenderam; e como todos estavam promptos para receber o baptismo, foi pessoalmente assestir a este sacramento, sendo padrinho d'alguns, assim como d'outros as principaes pessoas desta Villa, cuja funcção se celebrou no dia 6 d'Outubro, recebendo este sacramento todos os de menor idade e alguns maiores que estavam mais instruidos na Religião.

#### **Outubro 7**

« Partindo todas as mencionadas 54 pessoas para a Nova Aldeia Carlota no dia 7 d'Outubro, em muitas canoas, em que levavam alem de mantimentos para muitos mezes, varios grãos e sementes para plantarem com ferramentas correspondentes, assim como porcos, patos e galinhas para criação. Estabelecimento de que se espera para o futuro prospera e publica utilidade.

\*

« Continuação da diligencia que a Bandeira fez para a parte do Pindaituba, braço mais Oriental do Rio Sararé.

#### **Setembro 23**

« Logo que o Alferes de Dragões, Francisco Pedro de Mello despediu do Arrayal de São Vicente ao paizano Geraldo Urtiz para Villa Bella a conduzir a gente que



formava o Quilombo de Piolho; elle com a Bandeira tendo-se demorado no dito Arrayal dois dias, sahio d'elle; e pela estrada do Arrayal da Chapada chegou no dia 23 de Setembro á ponte do Sararé; a onde recebendo novas ordens de Sua Excellencia por mão do Capitão José Antonio Glz. Prego com hum soldado Dragão que foi agregado á Bandeira e dois escravos pretos que sabiam aonde existia hum Quilombo nos mattos da Pindaituba, por viverem n'elle quando foram presos por seus senhores, nesta Villa a onde vinham não só a comprar, o que necessitavam, mais a convidar para fuga, e para o seu Quilombo outros alheios.

### 25

«Em 25 sahio a Bandeira deste lugar e marchando duas legoas e meia, encostados á Serra de Tarumá pela estrada que da ponte do Sararé vai para Lavrinha fiz pouso em um correjo sem agua.

### 26

«Do dia 26 para diante a rumo de Les'Nord'Este quarta de leste marchou 10 legoas, indo pousar em cada dia a seu correjo dos quaes alguns mostravam seus faulhos d'ouro; e no dia 30 fiz pouso em uns antigos ranchos de pretos fugidos.

### Outubro 1

«No dia 1 d'Outubro com legoa e meia de andamento ao mesmo rumo fiz pouso perto das margens do Pindaituba, onde acharam uma pinguela, e trilha que o atravessava para a parte do Sararé.



Fig. 8 — *Hera-hera-hun* — Instrumento sagrado dos Parecís.

## 2

«Em 2 passando o Pindaituba parte do Norte, e marchando tres quartos de legoa ao mesmo rumo do Norte até hum correço feio acharam nelle o Quilombo que buscavam dividido em dois quartéis hum composto de 11 casas e outro de 10, a 50 passos de distancia do primeiro.

«Os negros fugidos habitavam este Quilombo, o abandonaram logo que tiveram noticia desta Bandeira, indo formar outro no correço da Mutuca, seis legoas a Norte do antigo, tambem dividido em dois Arrayaes tres legoas distante hum do outro: do primeiro era Capataz o negro Antonio Brandão com 14 negros, cinco escravos: e do segundo que formaram no principio d'Agosto deste anno, o outro Capataz era o escravo Joaquim Felix com 13 negros e sete negras.

«A Bandeira chegou a este abandonado Quilombo pelas nove horas do dia, e andando os trilhadores a buscar os rastos que deixaram, appareceram descuidadamente tres negros que vinham buscar mantimento para sua nova morada; delles só hum se poude prender fugindo os dois á carreira por entre o matto, e da mesma maneira os seguio a gente da Bandeira deixando ali os mantimentos e f'attos com sufficiente guarda, cujo seguimento foi por tres legoas a Norte, mas vindo a noite e com muita chuva aqui pousou a Bandeira sem abrigo algum nem sustento.

## 3

«Em 3 com mais tres legoas de marcha chegaram ao buscado Quilombo da Mutuca, que acharam abandonado pelo aviso dos dois negros fugidos.

## 4

« Em 4 seguiram os rastos dos fugidos, e com tres legoas de caminho a rumo de Leste, chegaram ao segundo Quilombo de Joaquim Telles que tambem estava despejado.

## 5

« Em 5 mandou o commandante os dois Dragões que o acompanhavam com 31 pessoas em seguimento dos pretos do Quilombo, pelo rasto que deixaram na sua fuga, e elle com o resto da Bandeira voltou atraz a unir-se com os que tinha deixado em guarda do fato e mantimento da Bandeira, e assim com pequenas marchas, veio retrocedendo e mandando fazer amiudadas averiguações por todos os corregos que passava e nos rastos dos negros de que aquelles mattos estavam cortados.

## 14

« Até que no dia 14 o veio encontrar em caminho o Dragão Joaquim Alves Mizta, que apprehendeu seis negros e cinco negras do Quilombo, os quaes achou já arranchados em cinco pequenos ranchos perto das margens do Sararé, em que estavam tratando de huma negra que adoecera.

« Deste ataque ainda escaparam tres escravos que andavam fora á casa; e segundo a informação que deram ainda faltavam 37 pessoas de todo o Quilombo 30 negros e 7 negras.

## 15

« Em 15 com os 12 escravos presos, isto é, os 11 do dia antecedente e mais hum que se apanhou no primeiro



Fig. 9 — Zoratealô  
— Instrumento  
sagrado  
dos Parecís.

e abandonado Quilombo, veio a Bandeira a pousar no corrigo do Barreiro.

**16**

«Em 16 deu o Alferes Commandante parte á sua Excellencia da apprehensão destes 2 escravos pedindo mantimento e polvora e mais alguma gente para trocar por outra que estava molesta: e Sua Excellencia logo occorreu a tudo mandando recolher para esta Villa os mencionados escravos apprehendidos; os quaes chegaram a esta Villa no dia 21 d'Outubro. Logo que o Commandante recebeu as ultimas ordens de Vossa Excellencia, e o soccorro que pedira fez varias escoltas que cortando aquelle aspero certão, coberto de densa e bella mattaria, seguindo a multiplicidade de rastos de que estava cortado, e soffrendo o rigor do tempo, que já era chuvoso, foram apprehendidos em differentes dias e lugares mais alguns escravos, que montavam a 11 negros e 7 negras que confessaram que o resto delles tinham atravessado o Sararé e passado para os Arrayaes. E enquanto se andava nesta laboriosa indagação mandou o Commandante examinar e provar muitos corregos em differentes lugares que deram signaes e amostras d'ouro e de que aquellas terras e vertentes da Pindaituba e suas immediações prometem sufficientes descobertos.

**18**

«Emfim no dia 18 de Novembro chegou a esta Villa o Alferes Commandante desta Bandeira com toda ella e os 18 escravos apprehendidos, dando fim a esta importante e laborioza diligencia, com seis mezes e meio de trabalho em que acharam muitas terras auríferas (supposto que de pouco conto) viram as mattarias excellentes formadas

por madeiras de grande grossura e comprimento e preciosissimas para a construcção de canoas, e obras publicas e particulares. Colheram os 54 Indios e Caborés, de que Baptisados a maior parte, e acariciados, como fica referido foram fundar a Nova Aldeia Carlota; prometendo expontaneamente não só reduzirem á nossa amizade e communicação outras Aldêas de Indios Cabixês vezinhos daquelle lugar, mas a virem a esta Villa tanto a commerciar como a trazerem boas mostras d'ouro que faça

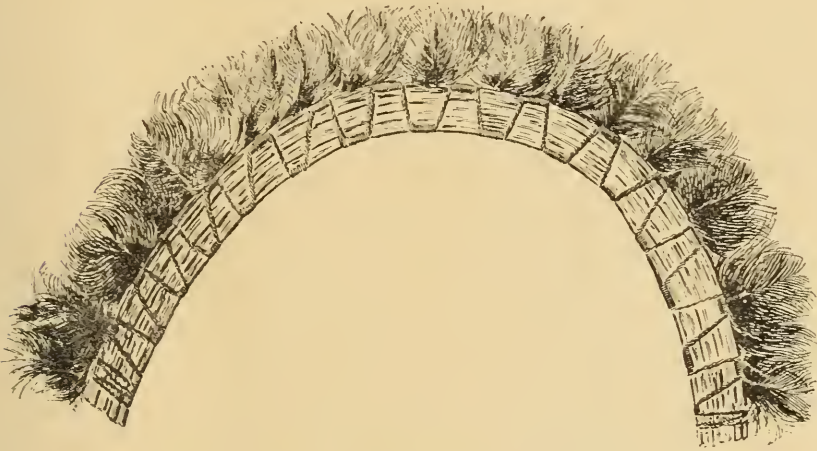


Fig. 10 — *Kamai* — Diadema de pennas — Indios Parecis.

conta para atrahir aquelle importante lugar alguns colonos portuguezes.

« Assim emprehendeu esta Bandeira os 30 escravos já referidos, queimando e destribuindo-lhes os seus Quilombos e plantações de que resulta que dos outros que escaparam se vão alguns diariamente entregar a seus senhores o que já fizeram sete e se esperava o resto fazer o mesmo: sendo outra consequencia desta diligencia o suspender á escravatura desta Villa e seus Arrayaes as repetidas fugas que costumavam fazer; e achar-se os corrigos

com ouro que ficam expressados neste Diario.— *Francisco Pedro de Mello.*»

\*

Si de taes excursões ninguem trouxe a certeza da existencia das jazidas de Urucumacuan, por meio dellas se desvendaram um pouco os segredos geographicos do valle mysterioso do Juruena. Infelizmente, não consegui saber quaes foram os outros enviados de Luiz de Albuquerque ; como sempre acontece, o trabalho de exploração dos nossos matutos ficou anonymo. Ainda bem que se não perdeu.

Tanto assim que o padre Ayres, em 1817, menciona certos detalhes geographicos cuja exactidão nos surprehende.

\*

Ayres do Casal não fala dos Nambikuáras, nem dos Tapaniunas ; attribue o nome do Juruena á uma tribu desse rio e cita nomes mui semelhantes aos que se encontram hoje naquelles sertões brutos.

«Os tamarés, diz elle, dominam as visinhanças do Juina, primeiro ramo notavel dos que engrossam o Juruena pela sua margem occidental.»

Depois cita os Sarumás, “um pouco mais ao Septentrião” ; e agora mesmo, em 1912, Rondon encontrou em plena idade da pedra um grupo que lhe deu o nome nacional de Salumás, vivendo, porém, em plena Serra do Norte, a mais de 200 kilometros a Nor’Oeste do ponto em que a linha telegraphica atravessa o Juruena.

Dos indios da Serra do Norte, havia, pois, desde o começo do seculo passado, noticias muito vagas, embora até certo ponto verdadeiras.

No entanto, em 1817, quando já se viajava, havia 15 annos, até ao Pará pelo caminho do Tapajóz, ainda pelo Juruena “ não navegavam christãos ”, ao que diz o padre Ayres, honestissimo informante.

Apezar destas antigas e tenues noticias, tão nevoentas e tão incertas o formador do Tapajóz ficou ainda sendo o rio mysterioso, filho de uma zona immensa e agreste, habitada por gente intratavel que fugia, seculos a fio ao commercio que se lhes tentou por muitas vezes offertar.

\*

As informações de que dispunhamos até 1909, sobre a ethnographia da Cordilheira do Norte, não eram mais numerosas nem mais certas. As suas serranias e as suas correntes figuravam, nas cartas, traços e rabiscos desenhados por palpite; os nomes dos seus indios, escriptos ao Deus dará.

\*

Nambikuára — (Nhambiquara ou Nambicoara — Mambiuára ?) — apparece, é bem verdade, em muitos escriptos antigos e modernos; representa, porém, denominação que se tem emprestado a povos diversissimos, alcunha totalmente extranha á lingua dos alcunhados.

Quantas tribus do Brasil, e mesmo da America do Sul, por terem seus filhos o costume de perfurar o lobulo da orelha, não merecem este nome nambikuára ?

Pondo de parte as referencias que se não podem ajustar á população india da Serra do Norte, citações encontradas na — *Viagem do Bispo do Pará* —, frei João de S. José, em 1762, e mesmo as que se acham num artigo documentado de R. Schuller, publicado em 1912 — (outubro) — em

“Petermanns Mitteilungen-Globus”, porque dizem respeito a outros povos baptisados por extranhos com aquelle mesmo nome, tudo quanto se sabia até agora, da vida daquelles indios, somma muito pouca cousa.

Em aifferentes monographias sobre Mato-Grosso — (Taunay, Caldas, G. Pimentel, Couto de Magalhães) — encontramos apenas o nome Nambiquára, attribuido aos indios em questão.

O nome, só.

Delles, até 1909, é fóra de contestação que além do nome, e esse mesmo errado, mui pouco mais era suspeitado.

As melhores noticias eram escassas e, além disso, pouco firmes.

Da expedição Langsdorff — (1825) — publicou o Dr. Karl von den Steinen, no vol. LXXV — 1899 — do *Globus*, desenhos de Hercules Florence, figurando uma cabana encontrada perto da junção do Arinos com o Juruena.

O aspecto geral da construcção lembra a fórma dominante na Serra do Norte; ha, porém, nesse desenho, uma canôa que prejudica, irremediavelmente, a identificação. Em toda a Serra do Norte as unicas embarcações que encontrei foram as da Commissão de Linhas Telegraphicas.

No entanto, o desenhista Florence, em carta de seu punho (Rev. do Inst. Historico — vol. 38) fala dos Tapanhunas daquelle sitio.



Fig 11 — *Kiliá-Kociti*  
— Ornato nasal dos  
Indios Parecís.



Milliet de Saint Adolphe, em 1845, refere sob o nome de Nambicuára noticias de outra gente, indios Apiakás, amaveis canoeiros do Arinos, conhecedores dos mais reconditos segredos das cachoeiras do Tapajóz, cruelmente extintos á bala nestes ultimos 10 annos.

Mais do que isto alcançou conhecer dos indios que estudamos o Dr. Amedée Moure.

Em 1862, publicando uma monographia sobre os indios de Mato-Grosso, dedica um capitulo ás “tribus selvagens e anthropophagas”, que affirma serem 10.

Entre ellas lá estão os Kabixís, os Nambikuáras e os Tapanhunas.

Aos Kabixís chama “implacable et barbare tribu, qui se cantonne au Nord de la Province”, o que é verdade; mas accrescenta que a sua lingua é a quichúa, o que é redondamente falso. . .

Em seguida, Moure identifica os Nambikuáras aos Tapanhunas, o que me parece acceitavel.

Chandless em 1862, Barbosa Rodrigues em 1875, Pimenta Bueno em 1880, K. von den Steinen em 1888, Cou-dreau em 1897, Koch Grünberg em 1902, Clements Markham em 1910 e, já seguindo até certo ponto a Commissão Rondon, Max Schmidt em 1910, todos falam, ainda incidentalmente, nos indios famosos.

Martius — (Beiträge, I, 208) — diz de tal povo: “Nada se sabe dos indios que têm nome tupi: Namby-uara. Namby-cuaras, Orelhudos. Vivem como outros muitos anthropophagos: Tapaï-muacus e Temanangas, na região do Tapajóz, entre 8 e 10 grãos. Natterer colloca os Nambi-uaras no rio Jaguarý (*sic*) um affluente occidental do Tapajóz”.

Nem o commandante Bossi, viajando pelo planalto dos Parecís, em 1863, nem o padre Badariotti, que, em 1898,

chegou ás cabeceiras do Rio Verde, nenhum dos dois colheu qualquer informação sobre elles; ambos narram passagens em que attribuem aos Tapanhunas acções que, hoje o sabemos, só poderiam ter sido praticadas pelos indios da Cordilheira do Norte, pertencentes ao grupo do Juruena.

Dos manuscriptos do missionario José Maria de Maccrata, que pôde ler em Mato-Grosso, transcreve o Marquez de Castelnau certas notas sobre a existencia de tribus espalhadas nas margens do Juruena, do Juína e até do Camararé.

Tudo aquillo, porém, não é bastante claro; e, além disso, as informações se misturam com historias fabulosas de homens-simios, que desanimam o leitor.

Nominalmente, Castelnau se refere aos Nambikuáras, dizendo que vivem nas florestas centraes; e é tudo quanto se aproveita de sua contribuição.



Merecem, porém, uma referencia á parte as contribuições de Pimenta Bueno, K. von den Steinen e Koch Grünberg.

Pimenta Bueno, segundo o Relatório da Directoria Geral dos Indios de Cuiabá, em 1848, collocava os Nambikuáras na confluencia do Arinos com o Rio do Peixe; avaliava o seu numero em cerca de 600. Pelo mesmo documento, seriam 800 os Tapanhunas.

Nelle tambem se fala de certos indios Jacarés, das margens do Mamoré.

Na Serra do Norte foi achado um grupo — Uaindzú —, que alguns pronunciam — Uáintaçú; e na lingua dos Kokozú do Juruena, essa palavra significa, exactamente: Jacaré. Todavia, pode ser que nada tenham de affin.

Sabe-se que as designações nacionaes derivadas da fauna local são correntes em todas as nossas provincias

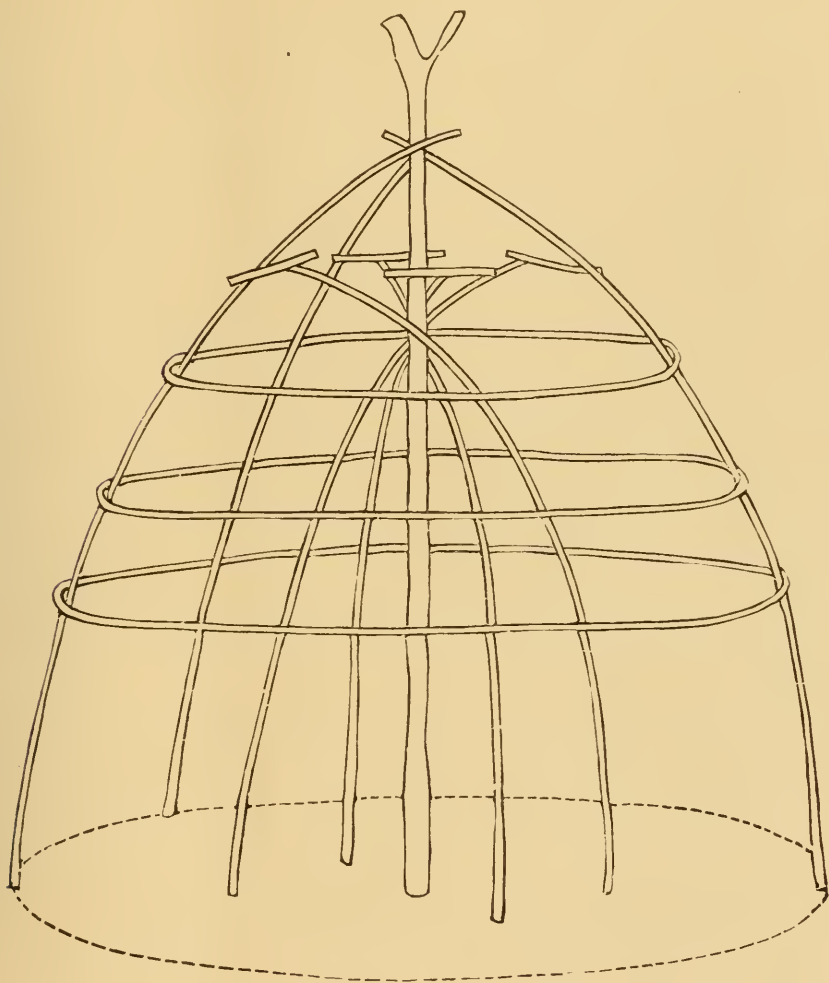


Fig. 12 — Arcabouço de uma palhoça dos Indios da Serra do Norte.

ethnographicas, seja que representem alcunhas pejorativas dadas por inimigos, ou que possuam valor totémico.

Von den Steinen, em 1888, conseguiu apurar, por informações anonymas, que os indios da Serra do Norte viviam ainda na idade da pedra, absolutamente segregados.

Em 1902, na *Zeitschrift für Ethnologie* o Dr. Koch-Grünberg, tratando dos indios Apiakás, menciona incidentalmente alguma cousa que vale a pena traduzir :

« Os Nambikuára e os Tapaniuna, habitantes da região do Arinos, segundo as informações do indio apiaká Alfredo, fazem casas grandes de palha e têm flechas de kambayuva com ponta de taquara ; são, desde tempos remotos, inimigos declarados dos Apiakás, assim como dos Munduruku.

« Os Nambikuára foram denominados “Apiakás bravos” por causa da semelhança dos dialectos que pertencem, ambos, ao grupo tupi.

Todavia, Coudreau hesitou em admittir parentesco tão proximo entre essas nações, pois que os Apiakás são canoeiros, enquanto os Nambikuáras, ao que dizem, não conhecem canôa e só viajam por terra. »

Nesta nota do Dr. Koch, ao lado de factos exactissimos, como é o ultimo, ha grandes erros, qual a inclusão de taes indios no grupo dos tupis.

Os dialectos dos indios da Serra do Norte são radicalmente differentes do tupi-guaraní.

A meu ver, só o dialecto dos Suiás, do Xingú, o dos Karajás do Araguaia e a lingua dos Kirirís, têm alguns radicaes que sem exaggero se podem approximar delles, conforme se mostrará noutro capitulo.

\*

Quanto aos Tapanhunus, é bem provavel que sejam os indios do Juruena, grupo nambikuára de pelle muito escura.

Não creio que se os possa, sem grave leviandade, identificar aos Tapajóz ou Tapaióz, que deram o nome ao rio, e viviam no seculo xvii na parte baixa deste, gozando já de apreciavel cultura, quando os visitaram Pedro Teixeira em 1631, e o padre Acuña em 1639.

Tampoco julgo digna de consideração a opinião dos que fazem delles um *mocambo* de antigos escravos fugidos ás lavras de Mato-Grosso, vivendo isolados nas matas do Arinos; phantasia das muitas com que se costuma atravancar a ethnographia do Brasil, para desespero dos que a estudam com sinceridade.

A existencia da navegação entre os Tapanhunas, todavia, os afasta dos Indios da Serra do Norte; porque é certo que são canoeiros, segundo o testemunho do tenente Perrot, official brasileiro que seguiu na segunda expedição allemã ao Xingú, em 1888, grande conhecedor daquelle sertão, cujas informações foram recolhidas por D. Maria do Carmo de Mello Rego, e, pela mesma notavel brasileira publicadas nos "Archivos do Museu Nacional", em 1899.



De tudo isso, se conclue que antes das expedições brasileiras, de 1907 até hoje, não existiam senão vagas noticias sobre os indios da Cordilheira do Norte, a mais central das populações primitivas do continente Sul Americano; e tambem ficam apuradas as migalhas dos conhecimentos que possuíamos sobre a bacia formidavel do Juruena.

O que se fez para conhecer esse pedaço do Brasil, de 1907 até agora, vai ser, em seguida, referido, como o requer a intelligencia do assumpto.

E vale a pena recordar de que maneira Rondon e seus companheiros, rasgando matas e semeando pousos, que serão povoações, cumpriram esse destino feliz, desbravando terras e amansando homens.





### III



ANDIDO Mariano da Silva Rondon, coronel do Corpo de Engenharia Militar, em 1907, foi encarregado pelo Governo da Republica de ligar á Capital, pelo fio telegraphico, os territorios do Amazonas, do Acre, do Alto Purús e do Alto Juruá, por intermedio da Capital de Mato-Grosso, já em communicação com o Rio de Janeiro.

Os pontos extremos da linha seriam Cuiabá e Santo Antonio do Madeira. O fio cruzaria o grande divisor das aguas platinas e amazonicas.

Para começar, resolveu explorar de maneira completa o grande sertão do Nor'Oeste; e realizar esta primeira parte do seu programma em duas etápas: primeiro attingir o Juruena famoso; em seguida chegar ao Madeira. O Juruena seria um excellente ponto de referencia para a exploração do resto do territorio.

\*

Em agosto de 1907 começaram os preparativos para a expedição, iniciada na villa de Brotas.

Os trabalhos foram distribuidos por quatro divisões; á primeira incumbia a exploração do terreno, ás outras,

sucessivamente, o transporte do material, o serviço de acampamento e finalmente o comboio de abastecimento.

Rondon decidiu que, enquanto houvesse montarias, um batedor iria marcando o caminho, dando avisos convenientes por intermedio de uma corneta; pelo mesmo processo o chefe da expedição determinava o rumo. Um dos ajudantes de ordens levava medido o passo do animal, tomava as distancias com podómetros, fazia o levantamento expedito do caminho e cuidava da barometria.

O guia marcava o rumo nas arvores; um grupo de foiceiros e machadeiros abria a picada de dois metros de largura.



A marcha começava de madrugada e terminava ao meio dia, no lugar escolhido para o acampamento.

Os expedicionarios partiram de Diamantino, a 184 kilometros a N. N. O. de Cuiabá.

A 7 de setembro haviam atingido territorio dos Parecís, que lhes foram utilissimos para a descoberta do rio que desejavam.

A 19 chegavam á Aldeia Queimada e, logo depois, ás terras do chefe Parecí Uazákuríri-gaçu, que serviu de guia a essa expedição.

A 10 de outubro tocavam ao extremo da zona de distribuição destes indios; iam entrar em terras dos Nambikuáras. Estavam a 605 kilometros a N. O. de Cuiabá.

As privações cresciam. Os viveres, cada dia, tornavam-se mais escassos. Appellaram para os recursos da mata; mel e palmito não faltavam.



No fim do mez de outubro appareciam signaes certos da presença dos Nambikuáras. No dia 14 tinham dado com uma ponte (pinguella destes selvagens) no rio Sauêuina ou Papagaio, já na margem esquerda. Viram, alguns dias mais tarde, o primeiro Nambikuára.

Adiantando-se um pouco no rumo escolhido, divisaram, no meio do cerrado, um indio da lendaria tribu.

Rondon e um companheiro, para o não assustarem, permaneceram immoveis. Defronte do lugar em que estavam havia um *mel*; o indio chegou-se, descobriu a colmeia e preparou-se para abril-a.

Depositou no chão o maço de flechas, o arco e uma cesta que trazia pendente ás costas. Tirou della um machado de pedra munido de cabo curto e começou a cortar. Dentro de algum tempo tinha feito um orificio por onde passou a mão, retirando o producto da colheita.

Mas o ruido dos foiceiros despertou a attenção do selvagem; e elle se retirou.



A expedição era vigiada.

Os indios não eram indifferentes á invasão de suas terras pela columna Rondon.

Esperavam que chegasse ao Juruena para atacal-a.

A 20 de outubro de 1907, Rondon, tenente Lyra e o photographo Leduc attingiram a margem do suspirado rio.

Tinham feito 484 kilometros a partir de Diamantino; com 135 outros, das variantes, a exploração abrangia 619 kilometros, percorridos em menos de dois mezes (de 2 de setembro á 20 de outubro).



Precisamente quando o chefe da expedição via seus esforços recompensados, julgaram os Nambikuáras que era chegado o momento de lhes significar, de modo explicito, que não devia contar com elles; e que não havia sido em vão que se lhes tinha creado, ao redor do nome, a sua fama de ferocidade.

A 22 de outubro a expedição levou até ao rio o acampamento.

Nesse dia Rondon foi atacado.

Por nimia ventura escapou de morrer, na ponta de uma flecha que figura no Museu Nacional (N. 2.178).

Diante do estado de animo dos indios, tendo conseguido reconhecer o Juruena, resolveu proceder á retirada; evitaria, assim, outros ataques que talvez fossem o inicio de uma opposição infinita.

O resultado desta primeira expedição não poderia ter sido mais completo. A primeira parte do programma estava realizada.



No anno seguinte, em 1908, na segunda expedição, Rondon transpoz o Juruena, entrou em pleno territorio dos Nambikuáras e dos Tapaniunas.

Atravessou o Juina, o Camararé, e seguindo sempre na direcção N. N. O. descobriu mais dois rios, que denominou Nambikuára e 12 de Outubro. Attingiu o coração da Serra do Norte. Os indios o atacaram de novo, nas margens do Juruena; mas o seu modo de proceder, em resposta, aproveitando as oportunidades para demonstrar as mais

pacíficas intenções, deixando no lugar da aggressão presentes de machados e adornos acabou vencendo a resistencia dos selvagens.

\*

Em 1909, a terceira expedição Rondon partiu do Juruena e varou inteiramente a mesopotamia que se acha entre elle e o Madeira.

Começou a marcha a 2 de junho. A 11 de outubro estava a  $18^{\circ}, 17', 7''$ , O. do Rio de Janeiro, debaixo do paralelo de  $11^{\circ}, 49', 15''$ , S., a 354 kilometros do posto do Juruena. Ahi descobriu mais um rio, que Rondon baptisou com o nome de Pimenta Bueno, a quem a chorographia de Mato Grosso deve linhas magistraes.

Mas, no fim de setembro, já havia cruzado

uma outra corrente que foi chamada Barão de Melgaço, em homenagem a Augusto Leverger, vulto não menor da nossa geographia.

Proximo desses rios, segundo Rondon, devem se achar as celebres minas de "Urucumacuan", que citei noutra capitulo.

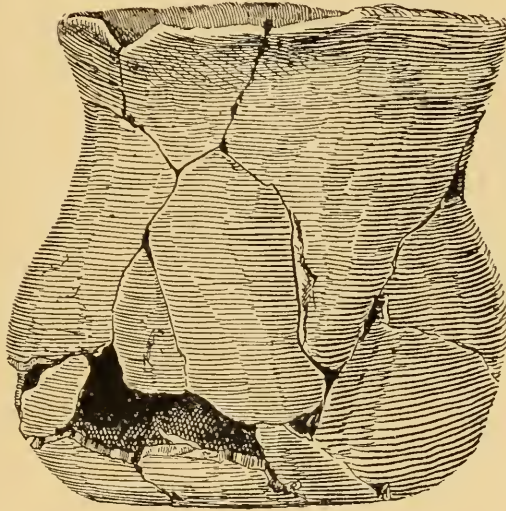


Fig. 13 — Panella de barro dos Indios da Serra do Norte.

A 13 de dezembro de 1909, depois de 1.297 kilometros de marcha, á partir de Cuiabá, chegava ás margens de um rio que pensava ser o Jaci-paraná, onde deveria encontrar uma expedição enviada para o esperar acolá. Mas, um erro existente nas melhores cartas tinha-o feito chegar ao Jamarí, situado na posição em que ellas collocam o Jaci-paraná.

A expedição de soccorro, com que elle contava, achava-se pois, infelizmente, em outro rio.

Todavia já caminhava em zona de seringueiros; havia recursos.

A 25 de dezembro sulcava as aguas do rio Madeira.

Estava terminada a mais notavel das explorações geographicas realizadas nas terras da America, nestes ultimos 50 annos, e varado o mais occidental dos tres sectores de territorio brasileiro ainda incognitos, restando agora apenas os que se balisam: Tapajóz-Xingú e Xingú-Araguaia, na cinta dos parallelos de 10 a 12 grãos.

\*

Em 1910 voltaram os indios a atacar o pessoal da Commissão Rondon.

Não longe do local em que haviam levado a effeito a aggressão de 1907, feriram os Nambikuáras dois officiaes. Porém, já em novembro do mesmo anno, os indios das aldeias do Juruena e do Juina chegavam á fala, em attitude sympathica.

No Juruena e no posto de Campos Novos foram colhidos, pelo pessoal da linha telegraphica, os pequenos vocabularios que julguei dever enviar ao Congresso de Americanistas (xviii) reunido em Londres, em 1912,

embora fazendo, prudentemente, algumas restricções á sua exactidão.

D'ahi por diante ficaram, os nossos, senhores da Serra do Norte. Os indios, acham-se, hoje, em continuo contacto com o pessoal da linha.

As relações continuam instaveis; é natural que assim seja.

Em 1911, mataram gente nossa no rio Burití; em 1912, no Urutáo; em 1913, logo depois de nos haver tratado de maneira amavel que se verá adiante, os indios desta maloca, unidos a outros da visinhança do Juina, trucidaram a guarnição deste posto, incendiaram os ranchos, destruíram a balsa.

E' provavel que ainda se verifiquem, nos annos proximos, factos semelhantes.

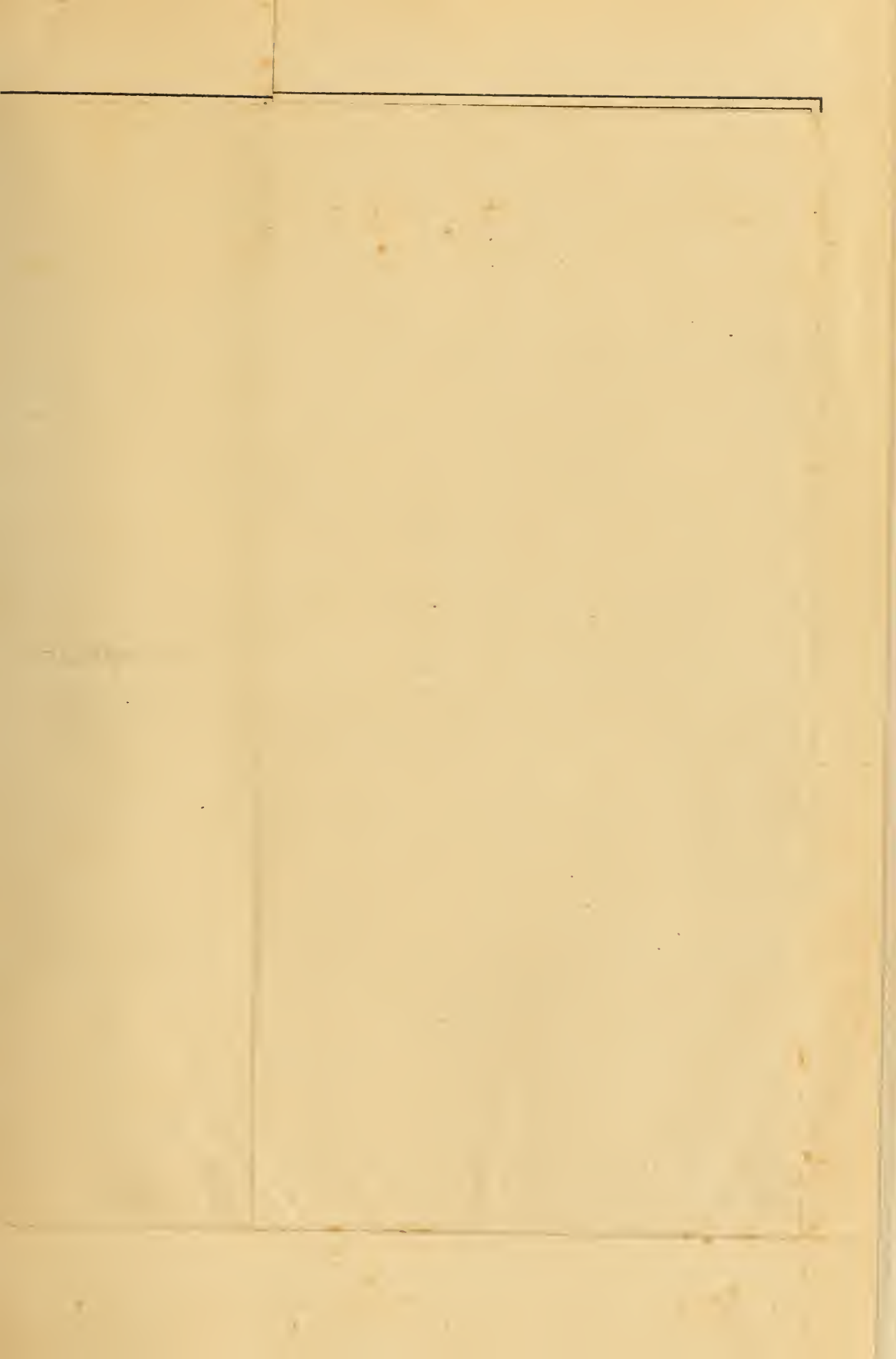
Quiz referir estas occurrencias para apresentar, com maxima lealdade, a situação actual daquella população india. Estes conflictos, que nascem quiçá de imprudencia, ousadias, ou mesmo excesso de confiança por parte dos nossos, ficam sempre circumscriptos. São puramente locais e pessoais. Não alteram, em nada, a situação geral da tribo para conosco.

\*

Seria nimiamente pueril imaginar que as normas adoptadas pelo coronel Rondon, bastam, por si só, para abolir, inteiramente, os conflictos eventuaes na Serra do Norte. Si assim fosse, deveríamos pôr em pratica o mesmo *segredo da concordia*, porventura encontrado, para evitar a violenta liquidação de contas pessoais no meio das nossas populações urbanas...

A verdade é que os Nambikuáras vivem hoje em paz conosco; nas ocasiões de penuria, em alguns postos da linha, elles repartem, irmãmente, com os “brasileiros”, a sua massa de mandioca e o mel delicioso das abelhinhas que moram nas suas matas.







A M A Z O N I A S P A R A

BOLIVIA

CUIABÁ

Madeira

Rio Juruá

Guaporé

PARINTINTIN

APAKÁS

Mundurucú

S.º ANTONIO

JARUÁ

CARITARIAS

PARAÍMA

CARIPUÍAS

MURTIANO

GUAJARA-MIRIM

ARIENES

JARUÁ

URUÇU

OPERRA

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

VILHENA

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

MAMBUARAS

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU

URUCU





#### IV

**F**M 1912, o caminho de ferro, que liga a margem esquerda do Paraguai ao littoral do Atlantico, não estava ainda terminado.

Atravessadas as terras de S. Paulo, onde sua construcção fôra estorvada pelas violencias dos Caing-gangs bravios, chegava ao territorio de Mato-Grosso; mas o



Fig. 14 — Bastões ignigenos protegidos contra a chuva — Indios da Serra do Norte.

transporte do meu material seria mui precario por esse caminho incompleto.

Á segurança de tudo quanto tinha de levar até a Serra do Norte, sacrifiquei o desejo de apreciar, pessoalmente, os fructos da campanha pacificadora daquelles selvagens, já concluida pelo “Serviço de Protecção aos Indios e Localização de Trabalhadores Nacionaes”.

Nos resultados da tarefa humanitaria illudiu-se a expectativa dos melhores conhecedores daquella zona paulista; e si o serviço não conseguiu, ao que se sabe, preencher

a segunda parte do seu destino dichótomo, talvez a mais importante do ponto de vista estrictamente nacional, ao menos da primeira se póde dizer que foi brilhante.

Extrangeiros em sua propria terra, continuam os trabalhadores ruraes do interior do Brasil a viver nas condições desgraçadas de uma disfarçada servidão. Falhou a primeira tentativa séria de os amparar; a idéa, o que é peor, ficou dest'arte comprometida.

O programma, tão excellentemente defendido, dispunha que a protecção aos indios seria o primeiro passo; o segundo, a localização dos sertanejos. Á luz dos resultados obtidos póde-se, razoavelmente, preconizar a inversão dos seus termos: *localizar os sertanejos, para proteger os indios*. Pois que, ao contrario dos vaticinios pessimistas, ficou provado que a localização dos trabalhadores é mais difficil do que a pacificação, tanto vale dizer protecção dos indigenas. . .

\*

Posto de lado o caminho de ferro, foi preciso pagar ao rio da Prata o tributo secular de que nos achamos, agora, libertos.

Parti do Rio de Janeiro a 22 de julho.

\*

Quando recebi, no Museu Nacional, o primeiro material procedente dos indios da Serra do Norte, fiquei surpreso.

Tudo aquillo, attestando cultura elementar, apresentava numerosos detalhes originaes.

As primeiras informações indicavam indios de costumes e usos differentes de quantos haviam sido descriptos naquellas paragens.

Era gente estranha, envolta em lendas mysteriosas.

Trabalhei alguns mezes, em 1910, junto a Candido Rondon; a poesia daquellas terras remotas infiltrou-se-me no pensamento.

Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes.

Em 1911, quando elle foi, mais uma vez, para o reino encantado de cousas novas e recortado de asperas veredas, eu segui para a Europa.

A nossa vida é mesmo assim...

Crescemos, uns, qual arvore indivisa, levados pela força de um destino rectilinio, como as palmeiras crescem; outros, com a vida ramificada pelos empuxos ambientes. Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos. Afinal, caminhamos na directriz primitivamente escolhida, quando o tempo nos concede alcançar; crescemos como as lianas.

Em 1912 realizei, portanto, um sonho de estudioso; não me propuz executar nenhuma exploração.

\*

Antonio Pyrineus de Souza, natural de Goiaz, companheiro de Rondon desde suas primeiras conquistas das terras brutas de Mato-Grosso, sertanista como ninguem, seguia para Montevidéo a bordo do mesmo vapor que me conduzia.

O auxilio que me prestou esse camarada, forte e honesto, me obriga, para pôr minha gratidão na altura do seu devotamento, a consa-



Fig. 15 — Haitzú.  
Bastão ignigeno  
dos Indios da Serra  
do Norte.

grar-lhe, desde já, estas linhas do meu modesto livro de notas.

Pyrineus correu aquellas chapadas, aquelles cerrados, aquellas grotas de Goiaz e Mato-Grosso; seu nome, é raro o sertanejo cuiabano que o não saiba. Do Paraguai ao Araguaia, o tenente Pyrineus frúe prestigio raro. Não ha tropeiro daquellas bandas que o não conheça e o não estime e o não respeite. . .



Manhã de julho, fria e nevoenta. Ao longe, emergiam das ondas mansas os tectos das primeiras casas de Montevideo, plantadas na colina em que foi construida a porção central da cidade.

Baço, entorpecido pelo inverno platino, o Sol, de má vontade, esgueirava seus raios pelas frestas intermitentes das nuvens.

Rajadas vinham do mar alto, carga de baionetas invisiveis, lanhando a pelle.



Filho do Brasil não se sente estrangeiro na vizinha patria gentil.

Ha, pelo menos, uma grande felicidade de que gozam todos os povos deste continente Sul-Americano: é que se entendem, mesmo falando cada qual o seu idioma.

Infelizmente, não somos ainda bem conhecidos uns dos outros. Apesar da identidade dos destinos das republicas americanas, inexplicavelmente, ellas se isolam.

Quem conhece, no Brasil, os cientistas argentinos ou chilenos?

Quem conhece, na Argentina, os cientistas brasileiros?

Que jornaes e livros brasileiros se acham á venda em Montevidéo ou Buenos-Aires?

No entanto, corre em Montevidéo ouro brasileiro, que aqui ninguem mais vê.

Do *condor* chileno, de ouro quasi puro, mostraram-me um exemplar. Foi moeda infeliz, da qual raspavam um pouco de metal seus possuidores successivos, de sorte que, em alguns dias, os bancos só a recebiam á peso. Já não circula mais. Perdeu-se por ser demasiadamente rica...

O pequeno Museu de Montevidéo, alojado em uma ala do Theatro Solis, fez-me pensar.

De certo que me interessei pelas suas collecções de zoologia, onde o professor Arechavaleta deixou traços impereciveis; a sua série de peixes é valiosa.

Vi com prazer seu material ethnographico.

Mas, foi o salão em que se acham os objectos historicos da Republica Oriental do Uruguai, a parte desse pequeno Museu que eu percorri com emoção.



Existe algo de ingenuo e grandioso, ao mesmo tempo, no orgulho nacional dos povos hispano-americanos.

Um general, que tomou parte numa guerrilha do tempo da independencia, hoje, aos olhos dos posteros, é um heróe consagrado.

O menor feito d'armas daquella época tomou proporções inauditas.

Nota-se, por toda parte, tanto na Republica do Uruguai, quanto na Argentina, um calor de nacionalismo altamente benefico.

Para os povos, como para os individuos, a auto-sugestão do valor proprio é uma força immensa, visto que o homem decreta a propria ruina no dia em que desanima.

Um povo que rememora seus heróes cultiva energias necessarias a seu viver futuro.

Heróes, e o conceito precisa ser definido, por seguro, são todos aquelles que produzem uma idéa, ou uma acção directora; heróes, pela concepção de Carlyle. Heróes philosophos, heróes poetas, e heróes guerreiros tambem...

Porque "heróe" não quer dizer: valente; mesmo no conceito greco-romano quer dizer "divino".

\*

Nos paizes da America do Sul a desnacionalização é um problema sério.

A immigração, factor de progresso e de riqueza, traz consigo, todavia, o germen dessa perturbação politica.

A America do Norte teve a ventura de receber, durante muito tempo colonos de élite. Eram homens de character nobre e altivo, que a procuravam para fugir a perseguições religiosas. Representavam o escól da população eúropéa do seu tempo. Fugiam da patria para se entregar ás suas crenças. Huguenotes allemães, Puritanos inglezes, formaram o selecto nucleo immigratorio.

Mas as regiões da America do Sul não tiveram a mesma sorte.

Os contingentes portuguez, hespanhol, italiano, allemão, polaco, arabe, etc., da immigração sul-americana, não abandonaram a patria pelos mesmos motivos... salvo poucas excepções.

Huguenotes e Puritanos, ao deixarem a Europa, traziam já na mente o anhelos de uma patria nova, onde florescesse a liberdade.

Com a imigração norte-americana veio a semente de uma nação; semente boa, além de tudo, escolhida pela perseguição política praticada na terra de origem.

Nós outros, ao contrario, recebemos immigrants que não vêm satisfazer aqui, na America do Sul, nenhuma preocupação moral.

Fazem lembrar garimpeiros; chegam apressados e labutam com afinco, para sair do meio no mais breve tempo possivel.

Os outros, os da Norte-America, tambem vieram ao Novo-Mundo buscar uma vida melhor; mas quizeram ex-

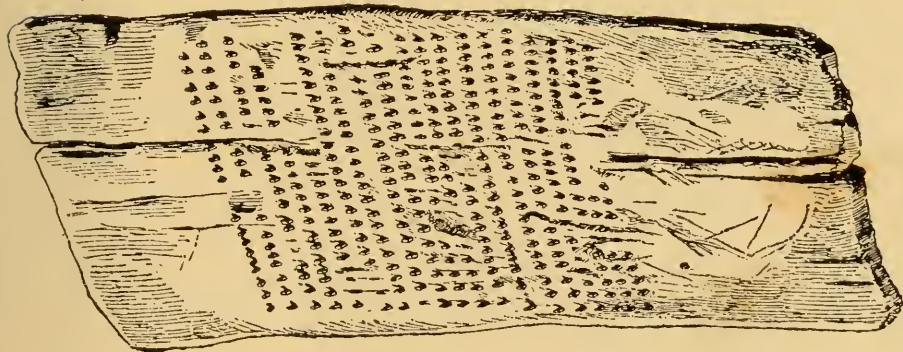


Fig. 16 — *Tomarú* — Ralo dos Indios da Serra do Norte.

plorar a jazida como verdadeiros mineiros, sem açodamentos, nutridos por grandes ideaes.

Quando a America do Norte começou a receber levas de gente semelhante á que, em geral, recebemos, já possuia uma feição nacional caracterizada; já era uma patria. E ninguem póde contestar que o material de que o nucleo daquella nação se formou foi o melhor que a Europa produziu nos seculos xvii e xviii.

O primeiro nucleo immigratorio que se levantou em 1618, no Massachussets, era de um bando de Puritanos

abastados, que fugiam á oppressão religiosa dominante na Inglaterra. Não vinham taes homens á cata de riqueza, senão a procura de espaço.

O que appareceu no Brasil, logo depois de 1500, não foi de Puritanos. . .

Foi gente que tambem veio em procura da liberdade. . . ameaçada pela justiça publica.

Tudo isso mostra que o problema da nacionalização, aqui, é ainda mais difficil.

Nada se deve esquecer, do que possa concorrer para sua solução: despertar as boas tradições, e mantel-as vivazes no seio dos grupos heterogeneos e adventicios; procurar, por todo meio, ligar os filhos de todos, que forem nascendo no Brasil.

Perdôa-se de boa vontade, por isso, a emphase, com que se escuta falar *los Treinta e Tres*. . .



Montevidéo é uma cidade meiga, socegada e agradável; a vizinhança de Buenos-Ayres entorpece naturalmente o seu progresso, que se ha de desenvolver a seu tempo, conforme temos o dever de desejar.



*Ladario* — é um velho vaporzito conhecido, e malsinado, por quantos tenham subido a Corumbá pela carreira fluvial mantida pela principal empreza de navegação brasileira.

*Ladario* foi construido em 1888. Deve ter feito uma figura brilhante no seu tempo, e supportado gallhardamente o transito da época; hoje conduz, na sua decrepitude, o pavilhão do Brasil, do Rio da Prata a Mato-Grosso,



humilhado, de momento a momento, pelos garbosos navios que as linhas de navegação argentina fazem disparar pelo rio afóra, como pequenos palacios encantados que as aguas arrastassem velozmente.

*Ladario* é brasileiro. A Constituição da Republica dispõe que a navegação de cabotagem seja feita por vapores brasileiros; portanto, *Ladario* é brasileiro. Mas, *Ladario* foi construido na Allemanha; gasta carvão da Inglaterra. Seu commandante é italiano, seu commissario é uruguaio; seus machinistas, são portuguezes; seus marinheiros, paraguaio.

São brasileiros seus passageiros: funcionarios e militares.

A bandeira brasileira que *Ladario*, ronceiro e pachorrento, não tira do seu mastro, por força dos tratados para a navegação do rio Paraguai, não é a que a Republica adoptou. A bandeira do Brasil deve ter 21 estrellas, inclusive as do Cruzeiro; a do *Ladario* tem umas trinta e tantas estrellinhas.

Uma de mais, uma de menos...



Todo o canal praticavel do Rio da Prata é balizado por uma serie de boias illuminativas.

De vez em quando, na margem, vê-se uma aldeiola, ou mesmo uma cidade; encontram-se navios que descem para Buenos-Ayres e Montevidéo.

A ilha de Martin Garcia, que se pintava no horizonte avermelhado pelas aguas lamacentas, não podia ser passada sem evocações.

Rio da Prata, Paraná e Paraguai, como todos os grandes rios, são cheios de reminiscencias.

Dois terços da historia da humanidade desenrolou-se á beira dos cursos d'agua. Um rio caracteriza uma região melhor que uma montanha.

Quem poderá ver o Tejo sem emoção? E não falando do Tibre, pode se dizer que toda a historia da Europa, no seculo xvii, não poderia ter sido o que foi, sem a existencia do Rheno.

Ao longo do caminho fluvial que eu percorria, surgiam as mais profundas suggestões historicas.

Passando *Martin Garcia*, entra-se a sulcar as aguas do Paraná.

Sempre a mesma paysagem, monotona e triste.

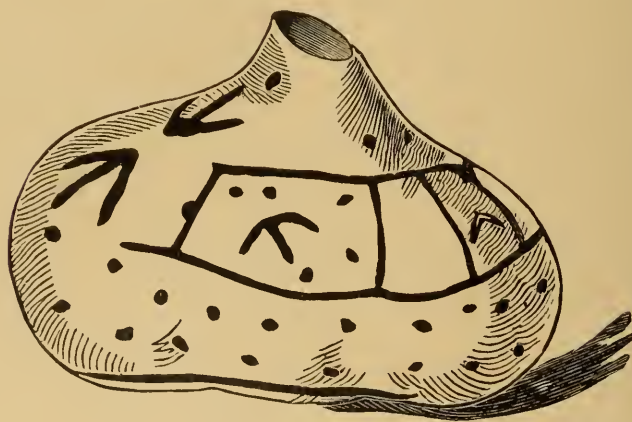


Fig. 17 — Cabaça pintada — Indios da Serra do Norte.

Villas e cidades argentinas á noite, animam aquelle quadro, pelo reflexo de suas luzes. Entre uma e outra, o campo, enorme e chato; borões escuros, separando “pueblos”.

O Paraná é tão largo que só se vê, por vezes, a mancha da povoação no quadro.

A 3 de outubro caminhava o *Ladario* nas aguas do Paraguai.

Afinal, avista-se um pouco de mata.

Já se interrompe, aqui e ali, a serena planície.

As estipes do carandá alteiam-se, numerosas, por todo o percurso do Paraguai. Sobem como todas as palmeiras, roliças, e indivisas; mas as folhas, bem na ponta dos caules, é que surgem. Não ha, como em tantas outras palmas, aquelle insensível preparar para a formação da verda corôa com que se toucam. O caule do carandá, quando attinge os primeiros laivos do azul do céu, explode em folhas.

É a carnaúba do Norte do Brasil.

\*

Nas margens, a vista ia-se animando cada vez mais. Grandes figueiras pendiam mal-mortas, arrancadas pela ultima enxurrada, raizes expostas, como tentaculos de um polvo immovel, ressecadas pelo vento e pelo Sol; salgueiros aborrecidos, lamurientos, pareciam chorar para dentro do rio. Muitas gramineas: ubás e bambús.

A largura moderada do Paraguai permite que, á bordo, se participe um pouco na vida das suas praias; vêm-se cabanas, e a gente se interessa pelos seus tristes habitantes.

Junto aos casebres em ruina, que pontilham as margens do rio todo, favorecendo-o com esse perfume humano de prazeres e dores, que uma velha morada sempre exhala, amontoam-se grandes achas de lenho avermelhado escuro, de que se vêm carregados grandes barcos.

É a madeira do "Quebracho".

Voejam sobre a agua e sobre os campos, biguás, biguás-tingas, caracarás.

E as solennes formas hieraticas das cegonhas, e a brancura das garças, que parecem aves de algodão, transformam certos estirões do rio em paragens encantadas, magicos scenarios, onde Lohengrin poderia surgir. . .

\*

Partindo de Montevideo os vapores brasileiros só param em Humaitá, primeiro porto da Republica do Paraguai, quando se sobe o rio.

Em vez de favorecerem o intercambio do Brasil com sua vizinha, funcionarios brasileiros e argentinos andaram escogitando meios de o prejudicar. Os vapores brasileiros tocavam, ha algum tempo, nos portos argentinos, que se escalam pelo Paraná; os argentinos subiam até Corumbá.

Já em 1912, os magnificos barcos argentinos ficavam em Assumpção; e os navios brasileiros seguiam, sem escala, nem mesmo para refazer algumas provisões.

\*

Humaitá suscita, no coração dos brasileiros, uma onda de piedade pela pequena republica guaraní, que deveria hoje ser um dos mais interessantes paizes da Terra.

As ruinas da cathedral, tal qual ficaram depois de 1868, lá se encontram invadidas pelas arvores piedosas, que parecem desejar cobrir de sombra aquella ferida aberta pelo odio humano, e provocada pelo orgulho.

As avesinhas tecem seus ninhos nas paredes do templo despedaçado, restos de uma lucta talvez inevitavel, de que os vencedores deviam ter saído sinceramente mais tristes que envaidecidos.

No Museu Nacional do Rio de Janeiro existem duas columnas da cathedral de Humaitá, tropheus de

victoria que um povo catholico recebeu das mãos de seus guerreiros. . .

As brechas de onde saíram lá estão. O patrimonio nacional nada perderia, restituindo a seu lugar esses despojos de uma guerra, que o Governo do Brasil declarou fazer pessoalmente ao dictador do Paraguai.

Ha, por toda a nossa historia, traços que só nos reconfortam sem nos entristecer. Oxalá deixassemos dormir em nossa lembrança agradecida, discretamente, os grandes feitos em que nossos maiores anniquilaram um povo pequeno e valente, filho legitimo da mesma terra da America.

\*

A temperatura subia á medida que nos dirigiamos para latitudes mais septentrionaes.

Em Asuncion fazia calor torrido.

A cidade santa dos fieis soldados de Solano Lopez, que se deixavam matar nos mais terriveis encontros de 1865 com incrível ousadia, porque acreditavam na propria resurreição acolá, é construida numa curva do rio, ampla e bonita.

Morna cidade, toda envolta em tristeza e poesia, cheirando a mysterio.

A vida corre ali monotona e pacifica... enquanto uma revolução não a sacode.

Porque o flagello das ambições individuaes, de que soffrem todas as nações da America do Sul, mais ou menos



Fig. 18 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

intensamente, encontrou no paiz um meio optimo ao seu desenvolvimento, graças ao ardor combativo de seus filhos, nos quaes o sangue guaraní nutre a alma ferosa da Hespanha, retemperada por novos attributos.

A politica pessoal, quer dizer, a que não é politica, aliás tal qual a conhecemos no Brasil, empolga todos, no Paraguai.

“Señoritas” que viajavam a bordo sustentavam, contra as proprias irmãs, as qualidades dos chefes de partidos antagonicos.

Em todo caso, ha sinceridade nesse apoio pessoal prestado aos cabeças politicos.

Não é por interesse immediato que as familias se sacrificam pelos decaídos...

\*

Nas ruas, no mercado, no famoso mercado de Asuncion, tão pitoresco e desaceiado, predominam mulheres. Poucos homens, na cidade, porque as guerras civis ceifam os rapazes daquela terra bella e desgraçada.

As paraguaias são robustas, avermelhadas, morenas, de face quadrangular, malares salientes, olhos grandes, negros, obliquos, longamente ciliados, cabellos negro-carvão, labios carnudos, nariz grosso e relativamente pequeno.

Saúde e força.

Sempre sugando grossos charutos rusticos, falando com voz cantada idioma meio guaraní, meio hespanhol, mascatêm pelas ruas, no mercado, a bordo, grosseira ceramica e rendas maravilhosas, que parecem tecer em segredo com os mais delicados raios do Sol.

*Nhanduti*, a renda nacional, tem o valor de uma obra de arte pura. Exprime, ao mesmo tempo, a alma capri-

chosa e paciente daquellas mulheres, e traduz todo o seu sonhar incontido.

Nella se adivinham ousadias e jactancias do humor castelhano, juntas á doçura sempre tímida das virgens indianas.

Na sua simplicidade, parece que a renda se formou por si mesma de flocos de espuma branca; ou então, que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das matas.

Porque só o que é livremente concebido no seio da natureza, póde ser, ao mesmo tempo, simples e maravilhoso; só o que é feito assim consegue despertar a emoção esthetica por meio de tão modestos processos.

Um pedaço de renda é um trapo; no entanto, o *nhandutí* das paraguaias guarda, nos seus motivos delicados, a alma do seu berço encantador.

\*

“Guaniú-jaman” — é o nome dos aneis conjugados, “puzzle” bem conhecido, que Asuncion fabrica de ouro bom, com muito carinho <sup>(1)</sup>.

\*

Quem troca uma libra esterlina, por moeda paraguaia recebe um bôlo de notas.

O *peso* é quasi imponderavel...

(1) A respeito desso nome forneceu-me o Sr. professor Basilio de Magalhães a seguinte nota: « *Anel* — traduz-se para o abanhêe por — *cuã-iru*. Este vocabulo compõe-se dos termos *cuã*, “dedo” e *iru*, “companheiro”, “o que anda junto com”. Para designar os *aneis conjugados*, — ao mais complexo dos quaes se dá no Paraguai a denominação hespanhola de *Siete ramales*, “sete ramaes” — addiciona-se a expressão *cuã-iru* o substantivo castelhano *ramale*, quer assim mesmo pronunciado, quer substituído o *l* por *r* dando as formas *cuã-iru ramale* e *cuã-iru ramare* ».



Em Asuncion, a regra é dormir á sesta.

«Só os brasileiros e os cães andam na rua ao meio dia», diz o povo.

Ninguem supponha, no proloquio, um desejo de nos offender; houve, talvez, outr'ora.

«Casa tua filha com o filho do teu vizinho», aconselha a experiencia popular; e o Brasil, cada vez que manda um vaso de guerra ao Paraguai, casa alguns dos seus filhos com filhas do vizinho. . .



Paraguai, afinal, é nome que se não sabe, com segurança, de onde vem.

Uns pensam que a designação deriva de indios que outr'ora habitava a margem oriental do rio; era a nação Paiaguá: *Paraguai* = rio dos Paiaguás.

Deve a verdade, todavia, estar com os outros, os que acceitam para o nome a significação de: rio das palmeiras: Paraguá = corôa de palmas; I, U ou Y = agua ou rio.

Grandes bosques de palmeiras cobrem, realmente, as suas margens.

Os *carandasaes*, naquella região, tem a mesma valia característica dos *pinheirões* do Sul do Brasil.



Mas a flóra paraguaia é muito rica, semelhante á do Brasil e interessante, quanto á nomenclatura guaraní das especies que o povo distingue.

Comparar a terminologia botanica e zoologica dos antigos conhecedores da lingua, os dedicados padres da



Companhia de Jesus, com aquella hoje corrente na boca dos paraguaioes, é conseguir dados para apreciar algumas modificações sóffridas pelo idioma aborigene, durante tantos seculos de contacto com o castelhano.

Quando duas linguas se encontram, num mesmo ponto, não se fundem inteiramente; nem domina, definitivamente, a que se acha mais identificada com o meio cosmico.

\*

O quebracho e a herva-mate, *caá* dos guaraníes, fornecem á republica duas grandes fontes de receita.

Na porção Oriental do Paraguai, calculam-se em 1.500 kilometros quadrados a área occupada pelos her-vaes.

\*

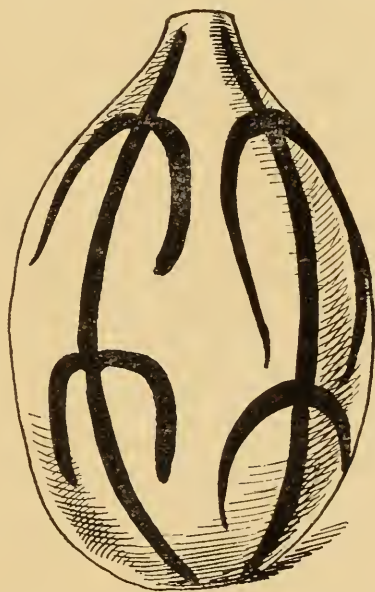


Fig. 19 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

Durante a guerra de 1865 foram precioso recurso os grandes palmares; das nózes e dos palmitos nutriu-se, durante muito tempo, grande parte da população.

\*

A fauna da pequena republica tem grande semelhança com a do Brasil. Valeria a pena lembrar aqui algumas especies, só para mostrar a sobrevivencia das denominações guaraníes.

Seria repetir cousas sabidas.

*Urucureá*, porém, não escapa á citação, porque desta coruja (*Noturna cunicularia*) faziam os padres de antanho remedio contra a embriaguez. Aos indios bebados davam aguardente misturada com o caldo desta ave triste.

Tambem não passa o “Bem-te-vi” sem uma nota.

Hoje o denominam *pitogüe*; nos tempos da conquista era chamado *pitagaá* (extrangeiro). Porque foi pelo seu canto, diziam os indios, que se tornou conhecida no paiz dos guaraní a chegada dos homens brancos de Hespanha.

\*

Lendas e fabulas, sobre a fauna paraguaia, são numerosas.

No tempo desgraçado em que o paiz suffocava nas garras de José Gaspar de Francia, signal certo de fuzilamento proximo, conforme acreditava o povo, era o esvoaçar de uma chavarria (Chajá), (*Chauna sp.*) por sobre a morada do dictador, ás horas do escurecer. Esta ave é a mesma *anhupóca* ou *anhúma*, de Mato-Grosso.

\*

Os nomes de lugares, de plantas e de animaes, pelo Brasil a fóra, foram se originando de grande numero de idiomas indigenas; falta-lhes, por isso, uniformidade. No Paraguai, o guaraní dominou quasi exclusivamente. Não foi, porém, só por causa deste dominio que a terminologia popular resultou homogenea; o Paraguai recebeu poucos negros.

Os que lá foram introduzidos formaram as povoações de Tabapi, Emboscada e Areguá; e desde 1843 começaram

a ser libertados por uma lei de “ventre libre” promulgada por Carlos Lopez, onde se dizia que os filhos das escravas seriam chamados “Libertos de la Republica del Paraguai”. E, a 2 de outubro de 1869, para sempre foi extinta a escravidão. Os negros importados eram destinados aos serviços domesticos; nunca tiveram papel de relevo na economia nacional. Mesmo porque a mineração, industria avida de gente escrava, no tempo antigo, penosa occupação, cheia de trabalhos, nunca ali foi ponto de concentração de actividades extremadas. Quando muito, citam-se, nesse particular, os “barreros” de sal gemma, jazidas de Lameré Luque, Ipané, bastante exploradas antes da guerra.

Em 1853, no arsenal de Asuncion, fabricaram-se alguns canhões, com ferro das jazidas de Quiquió, San Miguel, Caapucú; e, no mesmo arsenal, fundiram-se os sinos de algumas igrejas para fazer canhões empregados na guerra contra a Triplice Alliança.

“El Cristiano” e “el Niño” eram duas peças famosas naquelle tempo.

\*

No estado amorpho em que se encontra a população do Paraguai, impõe, todavia, uma questão altamente interessante á curiosidade dos ethnologos.

No Brasil, o indio, na concurrencia, tem sido summariamente liquidado; não contribuiu senão atravez de seus descendentes, caboclos sertanejos, para a ethnogenia do paiz. No Paraguai o elemento aborigene compoz a massa popular.

Durante a guerra a lingua guaraní era idioma officialmente usado no exercito. Ordens do dia, informações, tudo nella se redigia.

Mas, a ethnographia indigena paraguaia distingue outros contingentes valiosos, de lingua diversa.

Entre o Paraguai e o Paraná espalhavam-se outras grandes tribus.

Porque se fez o predominio exclusivo dos guaraní e de seu idioma ?

Vale a pena verificar as razões desse facto ; recordal-as é contemplar a eclosão de uma nacionalidade. O Paraguai, a guerra contra a Triplice Alliança o demonstrou, era

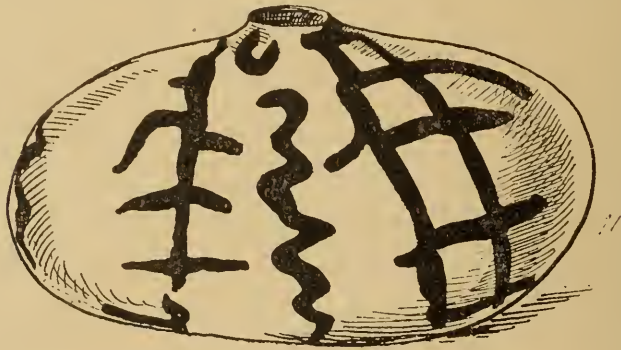


Fig. 20 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

em 1865 habitado por um só povo ; povo atrasado, si quiserem, porém perfeitamente nacionalizado. Tão nacionalizado que, para muita gente, era povo de fanáticos.

Em 1905, tambem os russos chamavam “fanaticos” os japonezes, que o patriotismo impellia nos campos da Manchuria.

A guerra entres outras cousas, destruiu o espirito nacional que os dictadores infelizmente não souberam dirigir, e antes exploraram em proveito do seu egoismo.

\*

O Paraguai é filho da Companhia de Jesus. O predominio guaraní foi consolidado pela propaganda dos

padres : a lingua foi perpetuada pelo seu carinho. Não fossem elles, o idioma não estaria hoje tão falado.

\*

A navegação do Paraguai, durante a vasante, é precaria e perigosa. Felizmente que, por ser mui tortuoso, a baixa das aguas se processa lentamente.

Acima de Asuncion começam apparecer os “Chamacocos”. São, quasi todos, vaqueiros das estancias paraguaias e argentinas.

Das ribas abruptas, cobertas de gramineas e palmeiras, avermelhadas de barro, partem pequeninas canoas em que navegam, o torso nú e reluzente, musculos retesos, os indios daquella nação. Deixam as choças, á direita ou a esquerda do rio, e vêm gritar ao lado dos vapores :

— « Eh ! Eh ! Bolacha ! Bolacha ! »

\*

Ao entardecer de 7 de agosto passamos pela foz do rio Apa, onde existe um posto aduaneiro do Brasil.

Entramos, pois, em aguas nossas, porquanto o rio fórma a divisa entre Brasil e Paraguai, expressa no tratado de 9 de janeiro de 1882, assignado, por nossa parte, pela Princeza Izabel, a Redemptora.

*Ladario* parou alguns instantes, para receber um guarda que o deveria acompanhar até Corumbá.

Duas cabanas e um mastro: é o posto aduaneiro.

\*

Ao longo do rio escalam-se os “saladeros”, que são as nossas “charqueadas” rio-grandenses.

Detrictos da ingrata industria, lançados á mancheia para dentro da corrente, infeccionam-lhe a agua, apesar das beneficas piranhas, cuja voracidade encontra pasto nos remansos, á beira dos quaes se erguem os matadouros.

Promove-se, dest'arte, o peoramente das condições hygienicas de todo aquelle valle, já por si infestado de paludismo.

Cada vez que o vapor encosta á barranca, para receber um volume ou deixar um passageiro, a partir de Asuncion, vê se gente magra e abatida, pelle côr de óca amarella, ventre enorme, splenomegalico, scleroticas ictericas, organismos trabalhados pela doença.

\*

“Porto Murtinho” será, d'aqui a pouco, cidade gentil e buliçosa. É o escoadouro de uma grande região meridional de Mato-Grosso; acha-se quasi na fronteira. Desce d'ali todo o mate da Companhia Larangeira. Mate brasileiro, preparado e empacotado em Buenos-Aires. Mais um tributo pago á gentil vizinha. . .

\*

No “Fecho dos Morros”, picos-sentinellas que a natureza levantou nas duas margens do Paraguai, demora o Forte Coimbra, que lembra Ricardo Franco, o grande cosmographo portuguez do seculo xviii.

Apoia-se na margem direita, dependurado na aba da collina.

Tem ar melancholico de velho castello, com ameias e baluartes; o “forte” de Coimbra, foi um forte.

Sae de suas paredes uma voz evocadora e possante, falando das luctas de outros seculos, entre os competidores na conquista da terra, contra os antigos senhores destas varzeas, contra a gente e contra o meio. . .

Dois ou tres canhões somnolentos, sobre rodas escandalosamente improprias á montanha em que moram, olham o rio como quietos cães de guarda.

Em baixo, á direita, como si fosse a ponte levadiça do mesmo antigo castello, adianta-se um caes de madeira; de frente delle, uma casinha coberta de folhas de zinco, aberta para uma varanda pela qual se extorsem caules delgados e folhudos.

Depois de uma fila de palhoças claudicantes, a capoeira ressecada, envolvendo aquelle quadro num véo de angustia.

Todos os cerros parecem polvilhados de cinzas. E' uma paisagem petrificada, immota pela calmaria, sem vida manifesta. Cactus e bromelias surgem, aqui e ali, da superficie calcarea daquelles morrotes.

E' no ceu, muito azul e muito limpido, que, então, o olhar repousa, cansado da tristeza do lugar, que só as chuvas vestem de folhas.

Ha dois officiaes no "forte": o commandante e seu ajudante.

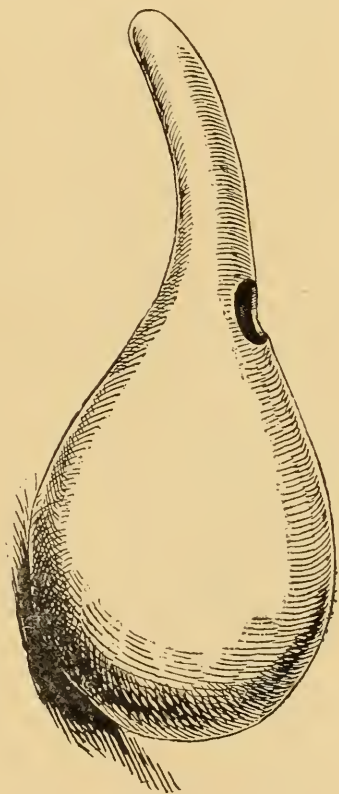


Fig. 21 — Cabaça com tabaco. Indios da Serra do Norte.

O medico embarcou a bordo do vapor que nos conduzia; passou a enfermaria militar ao pharmaceutico...

\*

Corumbá domina as planicies da margem esquerda do Paraguai.

Cidade velha, costumes velhos.

No mesmo dia em que cheguei a Corumbá partia uma lancha para S. Luiz de Caceres, lugar do meu destino; era preciso, pois, transbordar sem demora todo o material que levava.

Perdido o *Etruria*, seria forçado esperar cerca de 15 dias por outro barco. Surgiu uma difficuldade. O guarda da alfandega, embarcado no *Ladario*, não quiz permittir a retirada dos meus volumes marcados: "Museu Nacional".

"Museu Nacional"! Marca suspeita! O digno funcionario não tinha a minima noção do que fosse um Museu. Quanto mais eu lh'o explicava, tanto mais elle descreia. . .

Era meio-dia. O *Etruria* deveria partir á boca da noite; o guarda zeloso chamou a opinião de outros, e todos, na mais santa ingenuidade, resolveram a suspeição daquella minha tralhoadá.

Em Corumbá, como no Paraguai, o somno da sésta é um habito geral; para ganhar 15 dias de viagem resolvi fazer perder, ao inspector da severa aduana, alguns minutos de somno...

\*

Ruas abrazadas de sol, ermas e faiscentes.

Ia bater numa porta, quando vejo vir, serena e fragil, uma velhinha magra, encanecida e morena, protegida por larga umbrella de cabo grosso, que os dedos mal sustinham.



Pedi-lhe que tivesse a bondade de me informar onde morava o inspector da alfandega.

« Conheço o inspector, mas não sei onde elle está assistindo... não sei dizer... »

E foi andando pela rua erma e torrida.

Uma visão. “Onde elle está assistindo”; a velhinha dizia como a gente antiga do Brasil.

Falava a lingua dos poetas mineiros do tempo da Inconfidencia :

« Eu, Marillia, não sou nenhum vaqueiro  
Que viva de guardar alheio gado.  
Tenho proprio casal e nelle assisto... »

Aquelle simples verbo exhalava o perfume archaico dos tempos coloniaes. Tinha encontrado, numa das mais centraes cidades da America do Sul, uma expressão genuinamente luzitana, de que a immensa maioria dos brasileiros não usa mais.

Numa cidade littoranea, fóra as que se acham mui proximas de Portugal, seria hoje quasi escandaloso empregar *assistir* por *habitar* ou *morar*.

“ A menina nasceu em fracas palhas ” — “ E’ preciso guardar a boca ” — “ Ha mezes que lhe não vem o costume ” — “ O que lh’o hei de eu dar a comer ? ” — são expressões genuinamente portuguezas, que tenho recolhido da boca de pessoas recém-chegadas ; modos de dizer que o Brasil já não conhece.

Ha brasileiros mais ciosos de bem falar o portuguez que os proprios donos da lingua ; como si a lingua brasi-



Fig. 22 — *Etú* —  
Cigarros dos Indios da Serra  
do Norte.

leira já não fosse um dialecto, portuguez deturpado e accrescido.

«O nosso orgulho maximo, escreveu Eucllydes da Cunha, devera consistir em que ao portuguez lhe custasse o traduzir-nos, lendo-nos na mesma lingua.»

Esse trabalho de emancipação, processa-se, todavia; a differenciação da lingua brasileira vai sendo accelerada por multiplos factores tendentes a perturbar o idioma originario.

\*

A gente de Corumbá espanta as trevas de suas noites com luz electrica; mata a sede com agua suja do rio. Goza do superfluo; não tem o indispensavel. O atrazo de sua hygiene enverniza-se com aquelle luxo.

Quão mais adiantado me pareceria Corumbá, si bebesse agua captada e canalizada das fontes do Urucú, ainda que se illuminasse, modestamente, a petroleo!

\*

Arabes, sirios e turcos mascatêm por toda parte. Internam-se, catando freguezes, em todos os cantos.

Dos milheiros delles, que o Brasil recebe annualmente, não se tira talvez uma centena de productores.

Não existem aqui trabalhadores ruraes turcos; e todavia, não ha elemento estrangeiro mais espalhado pela superficie do paiz.

No coração de Mato-Grosso, na Amazonia, em Minas Geraes, na Capital da Republica, vivem grandes massas de mercadores "turcos". Embora pelas condições do seu mister habitual sejam obrigados a entrar em relação com os brasileiros, vivem, de facto, perfeitamente segregados

na sua raça, nas suas normas, no seu feitio. Ninguém sabe ao certo como se chamam, de onde são, que religião professam. Vivem lá entre si, ignorados quasi pelos brasileiros. Onde ha um mais rico, mais intelligente, ou mais instruido, grupam-se em torno d'elle; e, quando esse "leader" adquire certa influencia no paiz, começa a dirigir, inteiramente, o nucleo de compatriotas.

Seria injusto negar os serviços elementares que prestam esses mascates ás populações do interior. E' uma immigração que preenche, quiçá, na hora actual, uma necessidade; não traz, porém, consigo nenhum germen de progresso.

Gente ganhadora, tenaz, laboriosa mesmo; sordida, ignara, improductiva na industria, na arte e na sciencia, e mesmo no commercio, que pratica de maneira rastejante.



A região dos arredores de Corumbá, defronte da cidade, é toda de origem alluvial; calcareos predominam na margem direita do rio.

A esquerda é baixa, pantanosa; tem o feitio de uma esponja atravessada pelo Paraguai.

As rochas eruptivas de que se vale a architectura, só existem á distancia de algumas leguas. Mesmo a areia para construcção vem de S. Luiz de Caceres, com tres dias de viagem, ao preço de 50\$ a barçaça, ou da Lagoa Gahiva.

E' admiravel que, numa formação calcarea de tal sorte, se não conheça numero maior de cavernas; devem existir outras, além da Gruta do Inferno.

A speleologia brasileira, inaugurada por Alexandre Rodrigues Ferreira quanto reconheceu a "Gruta do Inferno" nas visinhanças do Forte Coimbra, reserva ainda,

aos estudiosos, segredos e surpresas maiores, talvez, do que as desvendadas.

A “Gruta do Inferno” tem sido muito visitada. Curiosidade ociosa ; até agora, ao que sei, ninguém ainda lá procedeu a excavações e pesquisas.

Pondo de parte as espeluncas do valle do rio das Velhas, de Maracá, de Iporanga, que outras têm sido revolvidas por gente capaz ?

Quem já excavou conscienciosamente as câvernas do Alto Uruguai ?

\*

Consagro esta nota a uma observação puramente medica, realizada, infelizmente, de modo imperfeito. Não poderia affirmar si se tratava de fórma benigna de polynevrite alimentar, ou mesmo leve polynevrite beriberica ; seja como fôr, observei durante a viagem, a bordo do *Ladario*, casos de dormencia prolongada dos artelhos em diversos passageiros.

Esta modificação da sensibilidade apparece principalmente nos grandes artelhos, que se tornam quasi insensíveis, embora conservem todos os movimentos. Localização semelhante a da *podagra*.

Nenhuma outra desordem objectiva ou subjectiva, a não ser a diminuição de alguns reflexos superficiaes.

Não me arrisco a conjecturas, sobre taes casos, todavia bem verificados. Cito-os aqui para attrahir sobre o assumpto a attenção dos medicos que vivem por lá.

\*

Partimos de Corumbá á meia-noite ; noite de luar e . . . mosquitos.

O mosquito de rede é supplicio bemfazejo, naquella calôr; e a rede, cama supportavel naquelle meio.

Não valle fazer o mosquito de gaze leve, crivosa; não ha que deixar espaço a entrada do inimigo; deve ser de “algodãozinho”, de malhas bem cerradas.

A temperatura, dentro de tal sacco, não é, evidente-



Fig. 23 — Indio da Serra do Norte com o *Enadjú*, capacete de couro de onça.

mente, agradável; todavia, é acceita de bôa cara, porque, sem a protecção daquelle panno, não se dorme.

Aliás o apparelho tem outra valia. Nos lugares onde vivem anophelinas, precisamente á noite as femeas

inoculam o germen do paludismo; e o mosquito, portanto, é grande meio prophylatico.



*O mosquito*, largamente usado no interior, tem a fôrma geral de um fuço. Suas extremidades terminam nos punhos da rêde; da parte média desce, como a vesicula umbelical de um peixe recém-nascido, o seu bojo fechado, ao nível do chião, por duas abas que se cruzam.

Um cordel mantém o plano superior acima de quem dorme; e, algumas varetas, cortadas na ocasião de o armar, distendem horizontalmente o panno.



Além de Corumbá o Paraguai corre, tortuoso e risonho, entre campinas e bosques. Suas margens cobrem-se de florestas, quando não se apagam para dar lugar ás lagôas. De longe em longe, o tufo de flores violaceas de uma piuva rompe o verdor sombrio da vegetação.



Piuva — é nome que os cuiabanos dão ao Ipé — (*Bignonia longiflora*), que anima os tons da mata durante a floração.



A 10 de agosto passámos em Porto S. João, da fazenda Santa Cruz. A fazenda conta cerca de 10.000 cabeças de gado, ao que informam vaqueiros. Uma das maiores.

No dia seguinte transpunhamos a povoação de Amolar; ao meio-dia o thermometer marcava 38° á sombra.

Ao longo da margem direita via-se uma cadeia de montanhas que se esfuminhava no horizonte. Não eram simples collinas sem importancia. Pelas cartas usuaes não foi possivel identifical-a.

Ai! de quem se deixar levar pelas cartas actuaes!

\*

Abaixo da lagôa Gahiva, a navegação do Paraguai é difficultosa, pela angustia da sua largura. Além disso, durante as cheias, destacam-se das barrancas numerosas ilhotas verdejantes, que perturbam profundamente a topographia do alveo; os melhores pilotos se embaraçam, muitas vezes, para decidir onde passa o canal navegavel por entre esses *camalotes*, verdadeiros *mururés* do Paraguai, resultantes da erosão processada pelas aguas.

Urticaceas, leguminosas, grammineas, dominam nesse trecho.

A *volta do Caracarasinho* foi percorrida em 26 minutos. E, durante esse tempo, não fizemos mais de uns 20 metros de caminho util.

\*

Enquanto o vapor sóbe a corrente vão passando, como no panno de fundo de um scenario de magía, arvores folhudas, onde confiantes, livres e ageis, caâsas de macacos (*Cebus* e *Ateles sp.*), actores inconscientes, exhibem o seu papel.

A onça gosta daquelles campos em que a preza é facil.

\*

Uma tarde, a luz se diluia nas primeiras sombras, enquanto as cigarras cantavam.

O Paraguai era um cadarço azul, que a helice esgarçava em flócos de espuma branca.

Ruidos da mata, imprecisos, ousados ou tímidos; ruidos certos do motor, compassados e monotonos.

Subito, um fragor de galhos que se partiam, folhas seccas crepitantes, um grande grito de animal ferido...

Toda gente correu para o mesmo bordo do *Etruria*; e a onça, mal divisada, sumiu-se pela ramaria a dentro.

Rapida scena caracteristica daquelle ambiente, que os rumores de um motor, filho da mais apurada cultura scientifica, e o rugir das onças, dominavam repartidamente.



Fig. 24 — Imitação de um chapéu de palha, feita por um indio do Juruena.

\*

Os indios Guatós caçam, com afinco, os grandes gatos, cujo couro vendem por bom preço aos viajantes.

Um couro de onça vale mais de 100\$; e, quando passam as lanchas, os caçadores vem, de canôa, offerecer os productos de sua industria predilecta.

\*

Assim que o dia começa, apparecem nos banhados, por onde a vista se derrama, entre as florestas, nos grandes campos ribeirinhos, manadas de veados que brincam, de orelha sempre alerta, em cambalhotas nervosas.



As tahans, *anhúmas* (em Mato-Grosso), são sempre os mesmos esposos, ternos amantes, modelo de bem casados. Distendem o vòo pesado, elevando a custo a corpulencia, e vão pousar além, sempre juntos, repetindo no percurso o seu duetto de amor, em que elle a chama: *Tahán!*

E ella responde: *Tahin!*

\*

Entrámos, a 12 de agosto, na zona habitada pelos indios Guatós, visitados recentemente pelo Dr. Max Schmidt, do Museu de Berlim.

A ribanceira, aqui e ali, apresenta-se desnudada, limpa, pela frequencia do pé humano. Domina, no lugar, a ramaria de uma figueira: é um *porto de guató*.

Arvores cahidas, com o desbarrancamento da ultima enxurrada, preparam-se para partir, ao arbitrio da corrente, ao Deus dará das aguas, rio abaixo: e as folhas soltam-se uma a uma, como si fossem lagrimas da planta chorando a despedida...

\*

As margens, pouco além da ribanceira, pontilham-se de manchas escuras: são ranchos daquelles indios, valentes canoeiros que têm, na historia do Brasil, um lugar bem merecido.

\*

Joaquim é um indio cégo.

Vive sentado debaixo de uma figueira, ao lado da cabana, rolando, na direcção do rio, seus olhos extinctos.

Mora ali, no *aterrado*, ponto firme no meio do pantanal, só com a sua guató, velha companheira corajosa de sua triste escuridão, que o alimenta e protege.

Ella colhe, naquella terra, os fructos que cultiva para manter seu lar. E perdido no recanto agreste, rodeado de fêras e perigos, o drama de amor e de piedade desenrola-se ha alguns annos.

E' um poema de bondade, que a natureza feminina compõe, no amago da mata, com todo o encanto da belleza primitiva e toda a santa poesia de uma dedicação sem esperança...



A' noitinha a agua toma nuanças violetas e verdeongas.

Bugios cinzentos e pelludos, com bugias negras, (*Cebus*) aconchegam-se nas ramarias.

E, como o rio não é largo, quem passa goza dos minimos detalhes da vida intima daquelles casaes de macacos, que se preparam para dormir.

Veadinhos assustados cabritêam pelos pantanaes, procurando moitas onde passar a noite.



A meio caminho de Corumbá-Caceres acha-se Porto Descalvado, onde existem usinas da Companhia Cibills que prepara extracto de carne.

Possue grandes manadas, em campos que vão dos pantanos de Mato-Grosso á fronteira da Bolivia.

O gado da Cibills é arisco; segundo dizem os vaqueiros de Porto Descalvado, é abatido a tiro de espingarda.

Aliás, é por processo semelhante, que se resolvem as questões, nas regiões fronteiriças:

— *A lei aqui é o artigo 44, paragrapho 32.*

O artigo 44 é o calibre da clavina Winchester; paragrapho 32 — corresponde ao cano das pistolas de repetição...

\*

Dos bandidos da fronteira soffre muito a companhia; de vizinhos, fazendeiros do Jaurú, não padece menos.

Genesio, um dos nossos tropeiros, fôra vaqueiro no Jaurú. Contava que seu patrão dizia habitualmente, mandando arrebanhar gado alheio para seu campo:

— «Quem achar boi gordo póde tocar p'ra cá, que é meu; *ferro* que eu respeito é só a magreza...»

\*

Às onças pagam as mandadas pesado imposto de carne viva.



Fig. 25 — Collar feito com as sementes de uma sapotacea — Índios da Serra do Norte.

Da mesma empreza roubam tambem os caçadores de garças, que devastam rios e lagôas. Um kilo de plumas vale, em Corumbá, mais de 1:000\$; e cada garça fornece apenas algumas grammas.



Mulher que quasi chora vendo, presa num viveiro, uma ave bem tratada, calma e contente, adorna sua beleza com o soffrimento e a vida de uma porção de garças. . .

Si vissem, voando pelo azul, aquelles flócos brancos, quantas vaidosas teriam remorso de suas *aigrettes*? Quantas não presarão ainda mais o adorno, só porque custa a vida feliz das garças brancas?



A “péste de cadeiras” — trypanosomiase fatal aos equinos, em 1911, matou 600 cavallos da Cibills. Em porto S. João, ainda mais.



«A onça, contam vaqueiros, não ataca homem barbado. Tambem não se atira á gente que dorme no mosquitoeiro, porque não sabe de que lado está a cabeça! . . .»

«Mais de um, dormindo no campo, tem sido visitado alta noite pela onça, cujos fios de bigode aspero chegaram a atravessar o panno do mosquitoeiro. . .»

E, sinceramente, repetiam :

«A onça não bole com a gente debaixo do mosquitoeiro.»



A 13 de agosto encalhou o *Etruria* nos baixios do *Passo Presidente*. Perdemos ahi o dia. Para safar a lancha, a manobra usual é lançar ferro á distancia de uns 20 metros e fazer girar o guincho, enrolando o cabo que a vai arrastando.

Enfileirados em bancos de areia, ao longe, batalhões de guarás vermelhos como grandes manchas de sangue desbotado, assistiam ao rude trabalho da tripolação.

*Passo Presidente* merece o qualificativo; é o mais difficil da navegação do alto Paraguai, entre Corumbá e S. Luiz.



Em pé, na prôa, automato como um boneco, com a cabeça metida num funil de feltro, que foi chapéo; calças arregaçadas ao joelho, numa orla grossa debruada pela côr amarellada das ceroulas, de onde pende um cadarço barrento, um caboclo espadaúdo vai sondando a profundidade do rio, nos passos que a vasante arruina.

Finca a vara medida, gemendo; e, attento, crava o olhar nas divisões e grita:

- Seis! escasso!
- Sete! na marca!
- Oito! folgado!

Grita cantando, plangente, como si a vara fosse um violão, ou mesmo um *cotcho*; o Sol, fosse a Lua das *serenatas*, e elle estivesse, ali, a suspirar num descante. . .

No ar parado do meio-dia, quando o rio fáiça e as cigarras estridulam nas ribanceiras, esvoaça, de vez em quando, a voz do caboclo da prôa, avisando ao piloto as oscillações do canal praticavel, cuja profundidade se exprime aos palmos:

- Nove! escasso!
- Oito! folgado!
- Seis! na marca!

\*

O combustível, a bordo, é lenha.

Porém, em vez de ser de páo a tôa, é lenha de angico e de aroeira; é de “madeira de lei”.

O milheiro de achas, na baranca, no mato, é vendido a 40\$; em Amolar vale 100\$; em Corumbá, ainda mais.

A combustão dessa lenha produz calor que basta para fundir as grelhas das fornalhas, segundo informam pessoas entendidas.

\*

Pela foz do Jaurú passámos á boca da noite. O Paraguai, nesse trecho, é matoso, mais estreito e mais fundo.

Cópas de arvores fohudas e ramosas se debruçam sobre a corrente, por effeito do heliotropismo; pois que o rio é um largo feixe de raios luminosos cortando a escuridão da floresta.

A' noite, de vez em quando, entrava por debaixo da tolda da lancha, como braços phantasticos, grandes galhos da margem proxima. Era, então, um fragor apavorante de cousas mil-partidas, como

Fig. 26 — Collar de conchas. Indios da Serra do Norte.



a descarga de metralhadoras imprevistas. O vapor oscilava, diminuia sensivelmente a marcha e desviava-se do

rumo, detido pelos obstaculos, que a escuridão escondera aos olhos, pequeninos e argutos, do piloto Salvador. Gritos de gente que dormia, dependurada nas rêdes fustigadas pelas varas do mato; gritos dos vigias, mando de ordens, manobras. . .

A lancha parava.

Alguns arranhões nos passageiros, fracturas em sa-liencias do barco; o convez inundado de folhas e páos, mensageiros da floresta dando boas vindas á gente intrusa.

\*

S. Luiz de Caceres, como Corumbá, é construida sobre uma das margens do Paraguai; a outra estende-se deserta, baixa e alagadiça.

Corumbá trepa, margem direita acima; S. Luiz espraia-se pelo planalto modesto da esquerda. A mata, a mata viçosa do Paraguai, interrompe-se nas cercanias de Caceres. Quando muito, capoeiras e cerradões. A cidade e seus arredores foram erguidos em uma mancha calcareo-silicosa no lençol argiloso, humido, alluvial, de toda a região.

Núa, sem a protecção das arvores, soffre no estio os rigores do Sol; a poeira fina, subtil, levanta-se em nuvens, ao menor transito, e invade as vias respiratorias.

\*

Quando chove surge o tijuco, pastoso, exuberante, tomando as ruas, aliás bem traçadas, alinhadas em taboleiro.



Houve ha tempos, em S. Luiz, uma *rua das cabeças*.  
Porque *rua das cabeças*?

Não ha, perto, nenhum massiço de rocha eruptiva de onde se possa retirar pedra para construcção ou calçamento. Ensaíram a pavimentação com *pedra canga*, a *tapanhoacanga* dos mineiros.

Mas, esse minerio de ferro é fragil demais para isso, embora sirva para construcção; existe, em S. Luiz, o esqueleto de uma igreja onde largas nodos chocolate denunciam placas de *pedra canga*.

Pois, á mingua de melhor material, lembrou-se alguém de recamar a rua, na frente de casa, para poder transitar durante a estação das chuvas, dos craneos dos bovinos, que a cidade ia devorando. Outros seguiram seu exemplo; surgiu a *rua das cabeças*...



Agua de Caceres é a do Paraguai, ou a dos algibes, abertos na vizinhança das fossas, condição de insalubridade garantida.



S. Luiz vive exportando poáia e borracha, criando algum boi nos pastos do pantanal, que o tempo das chuvas erica de grammineas e cyperaceas. Na secca, a criação passa fome; fóra do pantanal não ha pastagens.

Exporta muita borracha, principalmente depois que a commissão Rondon quebrou o encanto das paragens onde melhor vegeta a seringueira.



Outr'óra S. Luiz de Caceres foi Villa Maria, em homenagem á triste rainha. Vivia do ouro de seus garimpos. Tem hoje a cidade duas casas de sobrado; as outras, são rez-do-chão, cobertas de telha vã, ventiladas, como convem ao clima.



Fig. 27 — Dodezê — Collar com rostros de coleopteros.—Indios da Serra do Norte.

\*

A enfermaria militar de Caceres regorgitava de doentes atacados pela *ferida brava*. A' distincta amabilidade do Dr. Jesuino Maciel, devo ter podido examinar muitos casos.

\*

*Ferida brava* não é ferida; é ulcera. Todos os doentes vem do sertão bruto; é mal das regiões da vertente amazonica.

As vezes começa como um furunculo; outras, enxerta-se numa verdadeira ferida, escoriação aberta pelos espinhos da mata, picada de mosquito ou carrapato. Depois cresce; quasi indolor, torpida, vermelha, sangrando pouco, redonda, limitada por uma borda espessa, orla saliente e secca, mereja liquido, ora sanioso, ora claro, lymphatico, inodoro. Pouco púz. Mais frequentemente localizam-se as ulceras nos membros e na cabeça. O tronco é quasi poupado. Observei

alguns casos em que se assestavam na região dorso-lombar; algumas vezes, na raiz nasal.

Entre muitos que examinei, cerca de 100, não vi uma só localização mucosa, na boca ou no nariz.

Em certos individuos a ulcera fica solitaria durante muito tempo; depois surgem outras, proximas ou afastadas da primeira. O doente que mais tinha apresentava *17 feridas bravas*, espalhadas pelo corpo.

Quando são cauterizadas tomam aspecto differente: rodeiam-se de uma orla mais grossa, dura, exhuberante. Costumavam os trabalhadores queimal-as com a solução de sulfato de cobre usada nas pilhas electricas do telegrapho.

As *feridas bravas* levam tempo a sarar. Mezes e mezes, a fio, ficam cravadas na pelle, como pequenas crateras de vulcão, sem atar nem desatar, atormentando os miseros doentes.

Na região em que se acham não se nota reacção inflammatoria.

A maior que tive occasião de ver media cerca de seis centimetros de diametro.

\*

Procurei com muito interesse verificar a existencia da *ferida brava* entre os indios. Ella não os molesta. Não vi um só Parecí ou Nambikuára attingido pelo mal; nem soube de algum que fosse atacado. A doença deixa sempre uma grande cicatriz rugosa e indelevel, arredondada, que não passaria despercebida no corpo de um indio.

\*

Depois que começaram a vir do acampamento tropeiros e trabalhadores atacados, os quaes fazem estadio em Ta-

pirapuan, no alto Sipotuba. um *arrieiro* que nunca havia attingido a bacia do Juruena foi infectado. Teve uma ulcera na raiz nazal.

A *ferida brava* deve ser transmissivel. No entanto, o contagio é bem precario, pois que uma verdadeira multidão de infectados existia em Caceres e Tapirapuan sem que o mal se propagasse.

\*

Sobre a *ferida brava*, João Cavalcante, fazendeiro no Sipotuba, em Porto dos Bugres, deu-me interessante informação, que não devo deixar da transcrever.

Havia alguns annos, *indo tirar seringa*, nas cabeceiras do Papagaio, affluente do Juruena, voltara com uma das taes *feridas* no dorso do pé esquerdo.

Depois de muito tempo, cansado de drogas e mé-sinhas, resolveu pulverisar, na cavidade da ulcera, um pouco de tartaro emético.

E' sabido a importancia que o tartaro tem, no sertão, na therapeutica de todos os males; sobrevivencia de uma antiga opinião medica, lá, o emético é panacéa.

Cavalcante soffreu dôres horriveis; mas sarou depressa.

Quando parti para Mato-Grosso, já se tinha ensaiado, com o melhor successo, o tratamento das ulceras leishmaniosicas de Baurú pelas injeções endo-venosas daquelle sal.

\*

Apressei a partida de Caceres. Na plancha *Esperança*, que os bons officios do tenente Boanerges e do Sr. Leopoldo Ambrosio conseguiram pôr a nossa disposição, fizemos embarcar o material.

Seguimos por terra, para chegar mais depressa á Tapirapuan, para onde Rondon nos marcára um encontro.



Fig 28 — Collar de discos de nacar — e de dentes de macaco — Índios da Serra do Norte.

\*

A *plancha* é o barco regional.

Sua prôa é chanfrada, larga, sem roda. Na pôpa, depois do leme, um fogão de ferro sobre uma caixa de terra. O leme perfura a embarcação, á maneira do uso egypcio.

Toda a porção mediana é coberta por um toldo de taboas, de tecto chato, aberto para os lados em quatro janellas amplas, por onde entra a carga.

Dentro, um forte cheiro nauseante; em cima do tecto, entre outras cousas, mantas de *carne de vento*, especie de xarque usado na viagem.

Os bordos da *plancha* são largos e salientes; formam o *pisa-pé*.

A *zinga* tem quasi seis metros de comprimento

(5,70); termina em cone, numa ponta; e, na outra, acaba em gancho.

\*

Para descer o rio a plancha dispensa esforço; um *plancheiro* bom, com a mão no leme, fôge dos baixios e das pedras, deixa o barco escorregar pela agua abaixo, enquanto os zingadores dormitam.

Para subir, varejam os zingadores. Quatro de cada bordo, aos pares, enterram n'agua a ponta da vara, físgam o fundo, e vão marchando de prôa á pôpa, compassadamente, fazendo resoar o — pisa-pé —, gritando de vez em quando:

— *Ela, madeira! Tchá!*

De longe, ouvem-se os ruidos da subida de uma plancha: um, claro, longo, choque das varas contra os bordos; seguido de outros, curtos e soturnos, que são ruidos do *pisa-pé*.

Nos segmentos do rio em que o fundo não pôde ser attingido pela zinga, encostam a plancha a uma das margens, e vão alando a embarcação, prendendo nos ramos o gancho da vara.

\*

A noite embica-se a plancha para a ribanceira, no pouso escolhido. Distendem-se as rêdes.

E as grandes arvores do lugar, alluidas pelas enxurradas, deixam-se cahir, ás vezes, sobre os imprudentes acampamentos...







## V



ARTIMOS de S. Luiz para Tapirapuan, ao findar do mez de agosto.

O caminho, que liga á velha cidade o posto de abastecimento da Commissão Rondon, vai margeando o Paraguai até ao “Passo do Barranco”.

Anda-se por cima do pantanal secco. Areia e tabatinga; poeira fina.

Nos cerrados, cajueiros em flôr, illuminando a tristeza da flóra.

Em alguns lugares, encontram-se grandes excavações redondas, como si fossem ulceras da terra, de onde retiram argilla, para os adobes empregados nas construcções.

Ha, nesses pontos, verdadeiras manchas de argilla plastica.



Fig. 29 — *Oradaikruzê* — Bracellete dos Indios da Serra do Norte.



No mesmo dia da partida armámos nossas rêdes á margem direita do Sipotuba, debaixo de uma figueira enorme, na fazenda do Porto do Campo.

Atravessado o Paraguai, no Passo do Barranco, tinhamos caminhado ao longo d'aquelle rio, que é, na verdade, braço formador dest'outro.

As terras do valle feraz do Sipotuba são entremeiadas de *campos e cerrados*.

Nos campos, que a inverniá transforma em lagôas, ha boas pastagens, de que limitados rebanhos se utilizam.

Na estação das seccas, verdadeiras lagôas, em compensação, quasi desaparecem ; e a fauna lacustre, soffrendo os rigores desta incerteza, modifica seus habitos.

Jacarés, privados da agua dos lagos, arquejantes, saíam pelo campo, procurando os veadinhos que vinham matar a sêde.

\*

Em uma das manchas de campo, depois de um lance de *cerradão*, a certa distancia do caminho, despreoccupado, pastava um lindo cervo.

Parámos todos, para gozar daquella scena primitiva. Ao lado, uma pôça d'agua lodacenta, resto da grande lagôa que as chuvas do verão haviam de encher de novo.

Pé ante pé, lento, arrastando-se, subrepticamente, saía d'agua um hydrosaurio esfaimado e traçoeiro, procurando attingir o cervo.

Fazia um passo curto e, quasi no mesmo lugar, ficava immovel, como si fosse um jacaré de bronze, illuminado pelo Sol ; depois de alguns instantes, continuava a marcha imperceptivel.

E' assim que atacam as presas distrahidas.

Dentro de algum tempo teria agarrado o veadinho pelas pernas, arrastando-o para a pôça d'agua suja. . .

Interrompemos, sem remorsos, a triste operação.





Já pela noite cerrada, começou a abrandar o calor fortissimo daquelle primeiro dia de marcha. O rio, ao luar, marulhava, suggerindo o somno.

Do outro lado da corrente, os sons confusos da floresta levantavam-se em surdina, para compor a serenata.

Frio, pela madrugada; mas, na manhã seguinte, o Sol rompia aggressivo, despejando ondas de luz e calor por cima das matas, dos campos e dos cerrados. As oscillações diarias da temperatura athmosphérica, naquella estação, seguiam tal norma:



Quem toma banho no Sipotuba comprehende a razão pela qual as planchas levam 12 dias para subir, até Tapi-  
rapuan, e descem em 48 horas; o rio tem aguas clarissimas, fundo pedregoso e fortissima correnteza.

A parte inferior do seu curso, porém, é cavada em terrenos de baixo nivel.

Durante seu trajecto, ahi, não recebe um só contributo de importancia.

O volume de suas aguas cresce, ainda assim, pelas torrentes anonymas que o alimentam dos dois lados. Na primeira porção do seu percurso, juntam-se-lhe seus verdadeiros affluentes.



A lepra não é frequente naquellas bandas, ao contrario do que suppunha. Em Caceres vi dois leprosos; em Porto

do Campo existe uma familia de morpheticos. Convem notar, todavia, que a população regional é muito escassa ; não acredito que S. Luiz de Caceres tenha os 15.000 habitantes que lhe dão. Aliás, as notas censitarias de que dispomos são precarias demais, para servirem a qualquer estimativa desta ordem.

\*

Em *Porto dos Bugres* passámos para a margem esquerda do rio Sipotuba.

De Bugres a Tapirapuan vão 15 legoas. Ténente Pyrineus julgou prudente iniciarmos esta marcha durante

a noite, para não sacrificarmos os nossos animaes, visto que o caminho é dos peores.

Partiriamos de madrugada para vencer, mais suavemente, o grande *Sapesal*.

\*

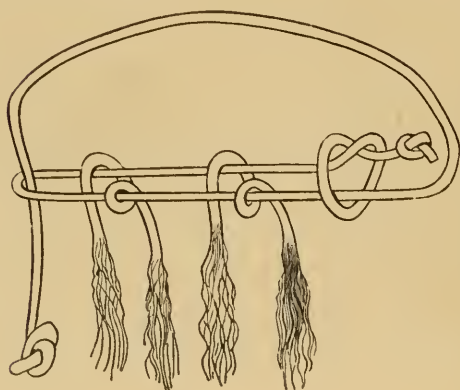


Fig. 30 — Schema de um « lalaçú », manto de palha dos Indios da Serra do Norte.

Reconheço que são, aparentemente, ociosos alguns detalhes

desta narração, que, afinal, nada apresenta de maravilhoso. Todavia, escrevo para documentar e divulgar; escrevo desejando archivar e servir.

Ha minucias aborrecidas para quem toma de um livro afim de se recrear, ou para quem procura apenas uma nota.

O mesmo leitor, em outras circumstancias, daria uma fortuna para conhecer essas pequenas cousas. A mais corriqueira informação póde servir a outrem de modo indizível. Vale pela experiencia que encerra, trabalho que poupa, tranquillidade que proporciona, habilitando outro transeunte a prever uma série de condições.

Tive a felicidade de achar um guia experimentado ; outros não a terão. Que aproveitem as informações aqui registadas...

\*

João Cavalcante é sertanejo intelligente e bondoso. Fiz-lhe algumas questões; respondeu com clareza.

O saber da gente matuta tem sabor especial. Quando nos contam cousas e factos, não se prendem a theorias e liames de que se acham embaraçados os letrados. Na sua voz, é ainda a propria Natureza quem fala ; ganhamos escutando-a.

Disse-me que a *mata da podia*, outr'óra, ia da sua casa a Tapirapuan, 15 legoas a fio, estendendo-se entre o Paraguai e o Sipotuba. Grande parte della é hoje o desolado *Sapesal*, campo de cyperaceas, onde se acham espetados, negros como varões de ferro, os caules carbonizados das grandes arvores, que as queimadas não puderam derrubar.

\*

Não ha muitos annos, os indios Parecís das cabeceiras do Júba, do Cabeçal e do Jaurú, frequentavam *Porto dos Bugres* para negociar com a gente de Carceres.



Nessa noite que passámos no Porto dos Bugres, produziu-se um incidente banal, que desejo narrar porque dá amostra do meio em que vivem aquelles sertanejos.

Armáramos as rêdes debaixo de algumas laranjeiras, ao lado do rancho de nosso hospedeiro. Respirando o ar que descia das arvores em flôr, conversavamos baixinho.

Noite de luar incerto.

De repente ouviu-se, no outro lado do rio, a voz mordente de um suino erguer-se na escuridão, num grito de desespero.

— A onça! A onça! gritou Cavalcante apparecendo, mal distincto, na porta de sua casa de folhagem.

— Está parecendo *sucuri*, disse um *camarada*, erguendo-se na rêde, preguiçoso.

— Esse rio tem muita *sucuri*. . .

Onça, ou *sucuri*, atacava o chiqueiro a menos de cem metros da habitação.

Cavalcante, seus homens e os nossos, correram para o lugar onde a voz da victima se perdia, deslizando numa escala chromatica descendente. . .

As crianças da casa, pobres filhos da floresta, levantaram-se das suas pequeninas rêdes, despertadas pela gritaria dos bichos e dos homens:

— É a onça? É a onça? Fecha a porta! choramigavam, nervosas e tremulas.

A porta!

Era um rancho de páos a pique, coberto de palmas de *acuri*; as paredes, em pallissada, permittiriam a passagem de um casal de onças. . .

Todavia, tinha uma porta; e era bom abrigo para formar o caracter dos pequenos brasileiros.

Tive piedade daquellas crianças, acordadas no meio da noite pela onça; pensei nos petizes das cidades, que tremem de medo e arregalam de pavor, quando ouvem falar das onças fabulosas.

Invejei as crianças pelos meus filhos; porque serão verdadeiros homens os que vão crescendo assim, endurecidos pelo contacto intimo com as asperzas da criação.

\*

De Porto dos Bugres, atravéz do *Sapesal*, corre a estrada aberta pela Commissão Rondon para abastecer seu deposito.

O *sapesal* se interrompe, nas *cabeceiras*, para dar lugar á vegetação que costuma coroar as nascentes; na linda fonte do *Jacarézinho*, a 30 kilometros de Bugres, vicejavam cedros, perobas, garapas, faveiras, algodão da mata, guarirobas, huritís, uau-assús, amostras do que o fogo andou, por largo tempo, devorando.

\*

Plena região da poáia.

Mato-Grosso é, ainda hoje, o maior fornecedor da rubiaceae, cuja extracção é trabalho ingrato, exigindo muita attenção dos que desejam encontrar a herva e fugir das cobras. Dizem os matutos:

— *O poiêiro carece de ter bôa vista . . . vai andando no mato de cabeça abanando, só mexendo com os*

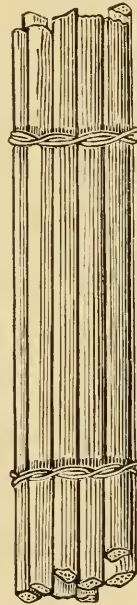


Fig. 31 — Fluctuante de talos de buriti, dos Indios da Serra do Norte (*Croquis* do Sr. G. Kuhlmann.)

*olhos... sinão, arranca, mas é nada! A poáia arruina a vista.*

Nas costas, levam os poaiêiros um matirí de embira, para o qual vão jogando as raízes arrancadas; chegando ao rancho, poem-nas a seccar ao Sol.

\*

Vive no valle de Sipotuba uma avezinha do tamanho do sabiá, plumagem côr de folhas seccas, que assobia como si fosse uma pessoa. Os matutos o chamam de *poaiêiro* e não o matam. Dizem que outr'ora, no tempo da grande floresta, quando cantava num lugar, os *arrancadores* corriam para aquelle sitio, certos de farta colheita.

O *poaiêiro* era auxiliar de mão cheia. O fogo, destruindo a mata, diminuiu a poáia, e quebrou o encanto salutar da avezinha.

\*

Todavia, foram os arrancadores os maiores culpados do incendio das florestas d'ali. Acreditavam que, limpando o solo pelo fogo, livrando-se, por meio d'elle, das *immundicies* que atormentavam os mateiros: abelhas, mosquitos, maribondos, formigas, poderiam colher mais facilmente a raiz cubiçada. Mas a poáia não medra fóra da protecção da mata.

Destruiram a morada esperando conservar o morador; mais uma vez o homem, por ignorancia e ambição, matou uma gallinha de ovos de ouro...

\*

Partindo de S. Luiz de Caceres contam-se as seguintes etápas, de accôrdo com a marcha que fizemos:

S. Luiz — Barranco . . . . .	3 leguas
Barranco — Porto do Campo. . .	5 »
Porto do Campo — Porto dos Bugres. . . . .	3 »
Porto dos Bugres — Manuel Be- nedicto. . . . .	11 »
Manoel Benedicto — Tapirapuan.	5 »
De Caceres a Tapirapuan . . . .	2 a 3 dias

\*

Partem de Tapirapuan as tropas de abastecimento, conduzindo generos e material para o acampamento, de Rondon, situado a cerca de 100 leguas. O nome daquelle lugar é ainda lembrança das *bandeiras* cravada no sertão longinquo.

O serviço de transporte foi admiravelmente bem organizado, sendo o caminho, de Tapirapuan ao acampamento, dividido em secções: Tapirapuan-Juruena, Juruena-Campos Novos, Campos Novos-José Bonifacio, onde estava a construcção em 1912.

\*

Desde o começo da viagem começámos a fazer prophylaxia anti-malarica pelo mosquiteiro e pela quinina; nunca usámos mais de 30 centigrammas de chlorhydrato de quinina por dia. O tenente Pyrineus, antigo impaludado, tomava uma gramma. De nossa comitiva, composta de seis homens: Amaro Fonseca, José Opilio, Joaquim Trindade, João Mineiro, Genesisio, Antonio, indio Parecí, dois, apenas, foram atacados: um no Juruena, e outro em Campos Novos. Accessos benignos em ambos.

O posto de Juruena é fóco dos mais serios, tanto de paludismo quanto de beriberi.

\*

Em Tapirapuan examinei muitos enfermos da Commissão: myocardite beriberica, cachexia paludica, ulceras leishmaniosicas, an-kilostomiase.

\*

Fui tambem consultado por um indio chiquitano, José Bugrinho, vaqueiro da Commissão. Formára-se-lhe um grande abcesso na axilla esquerda. Puncionára a colleção com um páo pontegudo; soffria consequencias infecciosas da intervenção. Indaguei porque não tinha usado a faca de preferencia, para executar a operação; e respondeu-me que o *ferro arruína as posthemas...*

\*

O beriberi, embora endemico em certos lugares, não apparece com a mesma intensidade todos os annos. Ha *annos de beriberi*. Os antigos cuiabanos ainda o chamam de *perneira*.



Fig. 32 — Pilão dos Indios da Serra do Norte.



\*

Rondon deixou-nos em Tapirapuan aos 2 de setembro. Sempre animado pela mesma fé, e disposto aos mesmos sacrifícios, seguiu para a Capital da Republica a serviço de sua obra.

\*

Ha homens que diminuem á medida que nos approximamos; outros, de longe, brilham como estrellas e quando nos chegamos, vemos que são mundos, ainda maiores, de sentimento e de caracter.

\*

Minha bagagem constava de 16 volumes, tendo sido arrumada de maneira que nenhum *costado* tivesse mais de 35 kilos.

\*

O boi é o cargueiro de lá.

Vieram da invernada fortes garrotes, ainda chucros. Com uma sovella, Genesio perfurou o septo nasal de cada qual, passando pelo orificio um anel de couro, preso á sôga que descia das guampas.

Bufando, e lambendo a ferida fresca, passaram a noite amarrados á estaca, mugindo, de vez em quando, furiosos e impacientes.

No dia seguinte foram *encangalhados*.

*Encangalhar* um boi chucro é operação accidentada.

Revestidos das albardas primitivas, de páo, couro crú e palha ajustada em pequenos feixes pelo lado de dentro, saltam os garrotes, pulam, esperneiam, atiram-se ás arvores, rojam-se ao chão, até que os arreios se desfaçam aos pedaços.

Vão os vaqueiros, então, caçar pelo campo as peças disseminadas durante a formidável reacção. *Encangalham* de novo o animal. Tudo recomeça. No fim de muitas horas submettem-se; acalmam-se. Então recebem a carga. Assim se inicia a viagem, para pousar pouco além; porque, no primeiro dia, já é grande cousa fazer os garrotes caminhar alguns kilometros.

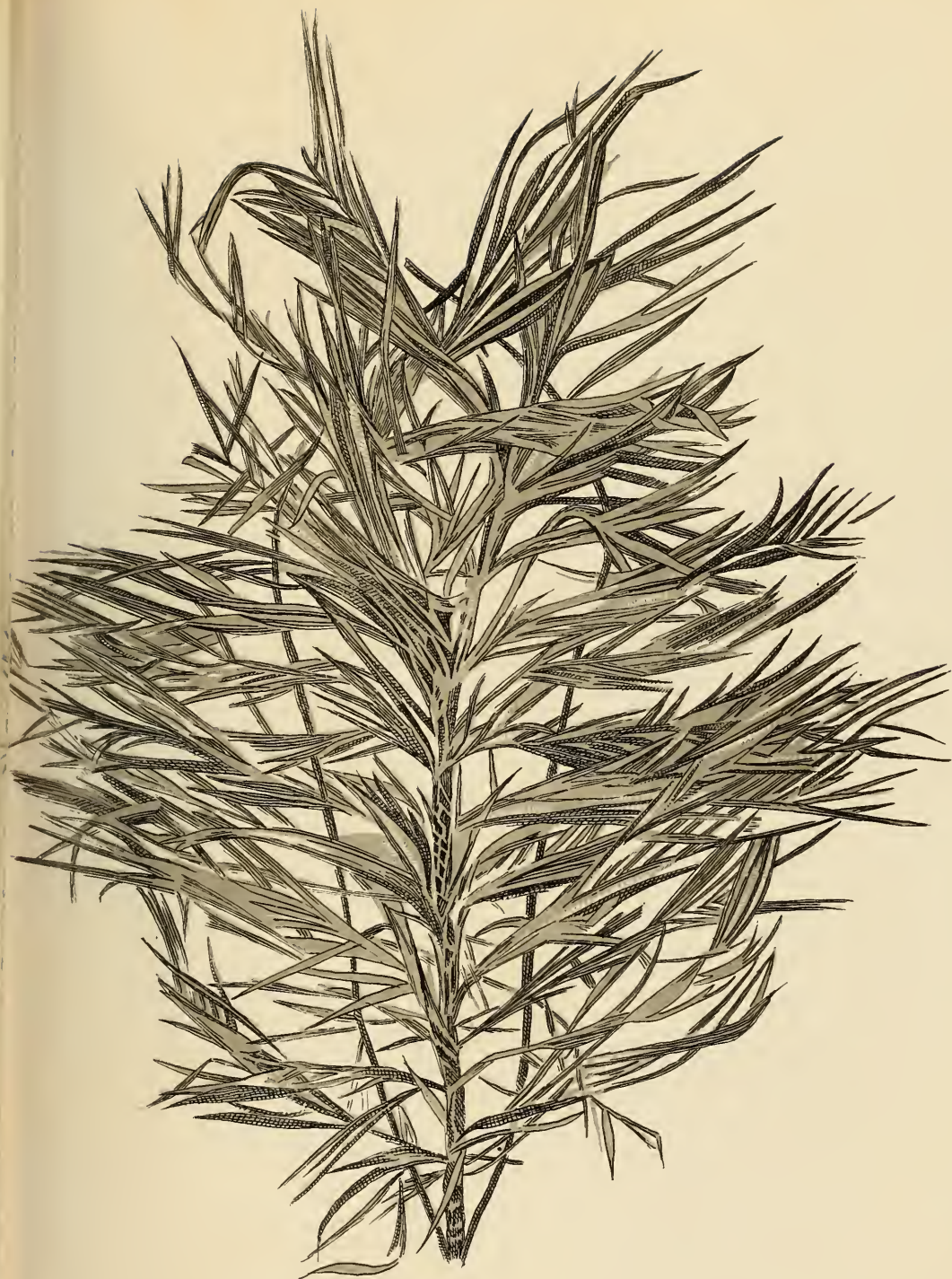
Quando disparam pelo campo á fóra, pisam, na corrida, sobre a corda que lhes pende das narinas e moderam a fuga; a corda é um *freio automatico*, invenção de vaqueiros. . .

\*

Uma tropa de muares conduzia o material; 15 bois levavam generos e brindes para os indios: facas, machados, linhas, contas, perolas de vidro, e algumas centenas de caixas de phosphoros, que é, bem como o machado de ferro, o mais valioso donativo que alguém póde fazer a um nambikuára. Em Tapirapuan enrolámos certa quantidade de cigarros em papel de jornal; o tenente Pyrineus sabia, por experiencia propria, ser o envoltorio preferido. . .

\*

De Tapirapuan ao Salto da Felicidade, onde cruzámos o Sipotuba para ganhar o planalto parecí, desdobra-se uma das melhores estradas carrossaveis do sertão brasileiro.



"ZAIAKÚTI" - ESCUDO VENATORIO DOS INDIOS PARECIS  
(Coll. Mus. Nac. n.º 11260)



São 24 kilometros iniciaes da larga via de comunicação, aberta entre as duas bacias extremas, atravez do grande divisor.

\*

O fructo do jequitibá, que os indios Parecís denominam *Fátenôchini*, é precisamente o mesmo usado pelos indios do Araguaia-(Karajás) como forninho.

*Fáte-macaco*; *nôchini-pilão*. *Fátenôchini-pilão* de macaco.

\*

*Guahirô* — dos Parecís, *uacuan* — dos Cuiabanos, a mais amavel das palmeirinhas do campo, é a *guariroba* do sertão goiano.

Seu fructo, nóz piriforme, tem a mucilagem da *baba de boi*.

Embalsama o ar com cheiro hybrido de manga e ananaz.

Quem passa, attrahido pela modestia de sua estipe, preso ao perfume, aproxima-se; e, como si desejasse fazer as honras do sertão ao visitante, arqueada ao peso dos cachos, ella offerta os fructos.

Em geral as palmeiras, como as outras mães-arvores, ou talvez ainda mais, erguem para o ceu, bem longe dos homens, os filhos cubiçados. Ha lucta para conseguil-os.

A guahirô, pequena, delgada, elastica, tal si fôra um feixe de molas de aço, permite que o homem se aproveite de uma das mais suaves produções daquella terra, sem mais esforço, erguendo o braço.



Fig. 33 — *Anieçü* —  
Flecha de ponta  
lisa e cylindrica —  
Indios da Serra  
do Norte.



Cajueiros, sem conta, abertos em flôr, fazem companhia ás uacuans.

Meia legua aquem do Salto da Felicidade ouve-se o ronco das aguas. Todavia, parece uma corredeira de forte declive; é antes uma cachoeira, onde a rochia forma terraços.



No passo do Salto as margens do Sipotuba são altas, de terras silico-argilosas.

Borboletas brancas, amarellas, verdes, como pedacinhos de papel de côr, juntavam-se em multidão para beber na orla do rio, matizando tapete ondeante, á sombra de grandes arvores.

*Napeocles Jucunda*, Hub., é muito abundante naquelle valle; passeia, em longas filas, pelas clareiras das matas.



Conheci, no Salto, um dos melhores companheiros de Rondon. Deixo aqui estas linhas para prestar homenagem a um typo acabado de sertanista, que levou a vida inteira rompendo matas e levantando postes telegraphicos, até cahir na Serra do Norte, quando a construcção monumental quasi estava terminada. O capitão Cardoso tombou na primeira trincheira daquella grande lucta; morreu no acampamento, quando a linha telegraphica chegava ás ultimas etápas

A terra da promissão raramente recebe o piso de quem a viu primeiro. . .



Contava Cardoso que, durante a construcção das linhas telegraphicas nas terras dos Bôrôros, e mesmo dos Parecís era commum, no começo, cortarem os indios os postes, suppondo que havia colmeia no topo; porque encostavam o ouvido nos moirões, e percebiam o zumbido caracteristico da passagem do vento e da corrente, semelhante ao das abelhas. . .



E' interessante notar a distribuição geographica, regional, dos *borrachudos*, dipteros que formam colonias isoladas.

Em Tapirapuan quasi não existem; são abundantes no Salto. Ambas, localidades da margem do Sipotuba.

Parece-me, todavia, que sua presença se relaciona com a existencia de algumas especies vegetaes que lhes dão abrigo, ou que lhes auxiliam, de algum modo, a existencia; talvez certas bromelias, nas quaes, em 1878, Fritz Müller descreveu fauna caracteristica.



Do Salto a estrada caminha para N. O. atravez de uma grande mata, para chegar ao sopé do planalto dos Parecís.

Vi, pela primeira vez, o mamão fructificando em plena floresta, ao lado de plantas bravas; como um principe modesto que estivesse, incognito, a gozar o especta-

culo de uma lucta, alistado nas fileiras dos combatentes, emparelhado com gente de toda casta...



Fig. 34 — *Uaeliçú*  
Flecha de ponta  
de taquára — Indios  
da Serra do Norte.

\*

As *sapopembas* (ou *sapopemas*) amplas, excavadas, abrigos naturaes, cavernas de madeira que as arvores constroem, enchem-se as vezes de terra das enxurradas; e as sementes, cahindo nesses canteiros do Kuru-pira, brotam emervas, arbustos e cipós, como filhos adoptivos dos gigantes.

\*

A foz do rio Formoso, no Sipotuba, póde ser attingida, entrando-se pela mata do Salto, a Sud'Oeste da estrada.

\*

De bananeiras, nada. Pacóvas, de porte mediocre.

A *mulateira*, de cerne durissimo, quebradora de machados, e a *goiabeira do mato*, myrtacea gigantesca, são rivaes do jatobá, naquella justa de ramos e de folhas.

\*

As lagôas da costa do Atlantico, no Rio Grande do Sul, ensinaram-me, em 1906, a admirar as aves do Brasil; as florestas de Mato-Grosso abriram-me o mundo dos insectos. Si quizesse um titulo



sensacional para estas notas, tomaria este, perfeitamente verdadeiro: Visita aos Indios do Paiz dos Insectos...

\*

Antes de começar a subir o planalto dos Parecís, pousámos no rancho do kilometro 50 da estrada do Juruena, destinada a ser uma — veia mestra — da circulação dos sertões, por onde hão de passar boiadas para o Norte e tropas com borracha para o Sul.

Inicia-se no — 50 — uma das peores marchas. Fizemos uma *madrugada*.

Sóbe o caminho abruptamente; depois de alguns kilometros dá no Chapadão dos Parecís, mar de areia desolador, grande mancha de deserto.

Quatro leguas vão do 50 até Aldeia Queimada, posto commandado, naquella occasião, pelo tenente Emanuel do Amarante. São todas de areia, fôfa, em subidas e descidas, em rampas de alta porcentagem, sem nascentes d'agua, e sem sombras.

\*

Luiz d'Alincourt, aliás, escrevia outr'óra:

« A famosa cordilheira dos Parecís tira o nome da mesma nação de Indios Parecís, que a povoão, e que existe hoje mui diminuta... »

« A sumidade destas serras é formada por largos campos, de cuja superficie se levantão altos, e compridos combros de arêa, á maneira das ondas do Oceano quando está cavado; arêa balofa, e mui solta, que muito fatiga os viajantes, e animaes que por alli transitam: estes campos não offerecem pastagens, e só nelles apparece certa qualidade de arbusto curto e de folhas muito asperas. »



Páu santo (*aláua* dos Parecís), muricí, vegetação mesquinha, de casca grossa, galhos em contorsões, como si estivessem soffrendo.



*Karêke* brota da areia como um tufo de esperanças ; é o indaiazinho do campo, palma acaule, recurso dos tropeiros sedentos.

Ella esconde na areia a penca de coquinhos ; quem sabe achal-a, quebra a nóz e encontra uma gotta d'agua fresca.

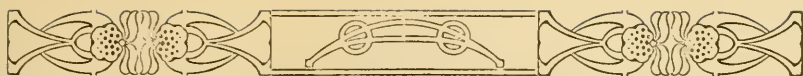
*Karêke* é nome parecí.



Ao longo do caminho, caveiras e caveiras de cargueiros, mortos de fadiga e fome, ao volver do Norte.

Quando um animal *afrouxa* dividem os tropeiros a carga pelos outros, si possivel, ou a abandonam. Depois, por piedade, tiram do infeliz a albarda, e a depositam na estrada. O boi, exausto, com fome e com sêde, resignado, vendo partir a tropa dos companheiros tropegos, sem forças para seguil-a, ali fica, junto do unico objecto que conhece naquelle areial ; e morre de inanição, entregue á fatalidade do seu destino, deitado a fio comprido, ao lado do instrumento fiel do seu martyrio...





## VI

**Q**S Parecís que examinamos achavam-se em *Aldeia Queimada*, em *Utiariti* e no *Timalatiá*; naquelle lugar, estavam localizados os dos grupos *Kozá-rini* e *Kaxiniti*, do rio Verde e das cabecciras do Júba, do Cabaçal, do Jaurú e do Guaporé.

Em *Utiariti* e no Salto do *Timalatiá* viviam os do grupo *Uaimaré*. Todavia, em *Aldeia Queimada* pudemos trabalhar com indios deste grupo; aquelle posto, em 1912, era, pelos esforços do tenente Emanuel do Amarante, um grande centro parecí. A antiga povoação incendiada ia renascendo em novo molde.

\*

*Pelle*—de côr amarello-cuprica, escura nos *Kozárinis*; amarello claro nos *Uaimarés*. Lisa, ou pouco enrugada. Systema glandular cutaneo, pouco desenvolvido. O colorido epidermico é bem expresso na tabella organizada de colaboração com o Sr. A. Childe, no Museu Nacional. Levei differentes esboços, para comparar com a côr da pelle dos indios; delles resultou essa escala.

A tabella junto, actualmente usada em nosso laboratorio, corresponde segundo ensaios realizados em muitos individuos de diferentes tribus, ás tonalidades geraes dominantes nos aborigenes do Brasil.

Já tivemos oportunidade de ensaiar-a em individuos das tribus: Parecí, Nambikuára da Serra do Norte, Terena, Chiquitiana, Bôrôro, Cherente, Guaraní, Chamacôcô, Kaxinauá e Bakairí, examinados no Museu ou alhures.

Em nossa tabella dermochromica a pelle dos Parecís termo médio, corresponde aos grãos mais claros: n. 1—5, nas regiões em que as condições mesologicas não influíram profundamente.

*Pellos* — rectos e duros.

\*

Para caracterizar o typo anthropologico mais geral, recorri ao *retrato falado*, methodo Bertillon. Não empreguei a *photographia metrica*, pela difficuldade de transportar o material indispensavel á pratica daquelle methodo.

As notações do retrato falado, e as mensurações, foram effectuadas de accôrdo com as fichas individuaes usadas no Museu.

O typo parecí, que apparece aqui, é simples recomposição, feita a custa do material que o maravilhoso methodo analysou e archivou em Mato-Grosso. A grande vantagem dessa maneira de proceder, é permittir a caracterização dos typos anthropologicos encontrados, ao abrigo de qualquer incerta apreciação individual.

Para facilitar a leitura e o entendimento das notas que se vão seguir, tanto as relativas aos Parecís quanto



Escala Dermochromica para os Indios do Brasil.

(E. Roquette Pinto)

(Alberto Childe pinx. 1912)



ás que dizem respeito aos indios da Serra do Norte, julgo de bom aviso resumir os dados fundamentaes do processo, inicialmente applicado á identificação judiciaria e hoje acolhido com merecida consideração entre os da anthropologia ethnica; mórmente depois dos resultados que forneceu a Chervin, encarregado do material anthropologico da Missão de Crequí Monfort-Sénéchal de la Granje, na Bolivia, em 1903.

\*

No *retrato falado*, os traços principaes da cabeça humana são registados por notação convencional. Cada figura é decomposta em seus elementos fundamentaes; da comparação entre os dados obtidos surge, expontaneamente, um certo typo. E' o que se deseja em anthropologia.

Deixando de lado traços que aproveitam á identificação pessoal, mas que pouco servem á anthropologia ethnica, por isso que nelles se manifestam fórmias pessoaes muito nitidas, basta considerar os caracteres da *fronte*, do *nariz*, e da *orelha*, regiões da cabeça por onde mais se differenciam os typos, órgãos que soffrem accentuadas influencias ancestraes.

\*

As bases do methodo remontam ao seculo xv; o *retrato falado* funda-se em processo de notação morphologica proposto por Leonardo Da Vinci, em 1452, conforme verificámos. O proprio Bertillon, autor do processo, talvez não tivesse conhecimento do que escreveu Da Vinci, quatro seculos antes, em um dos capitulos da sua obra fundamental onde, ao lado de utilissimos conselhos, e consi-

derações valiosas sobre a analyse das formas humanas ensina um:

*Modo di tener a mente la forma d'un volto.*

Acham-se ali, bem definidos, os fundamentos da tecnica interessante, bases que até agora ninguem se lembrou de attribuir ao soberano artista, conforme o exige a justa apreciação historica do caso.

A regra essencial do processo moderno, tal qual a formulou Bertillon, é separar *fôrma* e *dimensão*, na analyse do orgão.

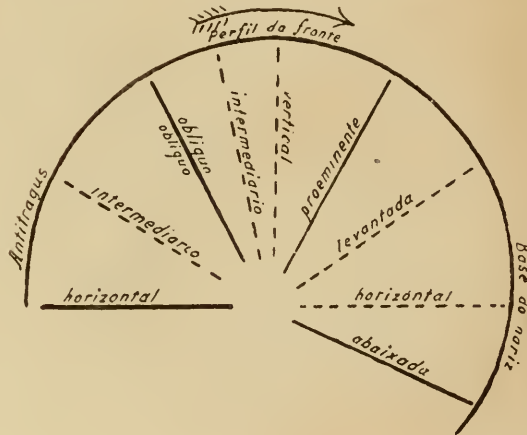


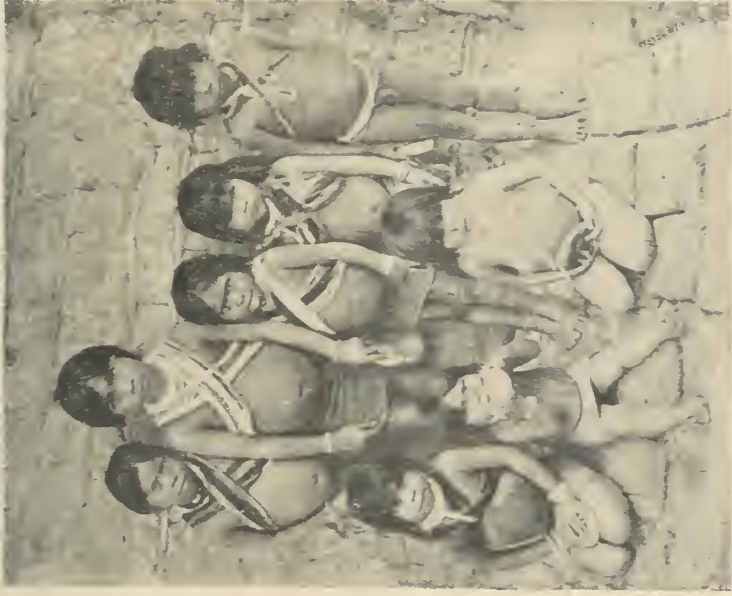
Fig. 35 — Schema dos diversos qualificativos de inclinação observados no perfil humano — (Bertillon).

As dimensões são caracterizadas, convencionalmente, pelos qualificativos: *pequeno*, *médio*, *grande*, que representam valores relativos, baseados na lei de Quetelet.

Esse principio rege o conjunto biologico, quanto á morphologia: afirma que *os seres vivos oscillam entre um maximo e um minimo, encontrando-se, nessa distancia, as fôrmas intermediarias, tanto mais numerosas quanto mais proximas da média, tanto mais raras quanto mais afastadas.*

Mao grado as criticas que lhe têm sido feitas, elle continua a servir de base a toda a systematica biologica moderna.





Pareóis da "Aldoia Queimada "

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



Todavia, *pequeno* e *grande* ainda comportam varios grãos que, na pratica, devem ser levados em conta. Sua notação, rapida e sufficiente, é realizada correntemente, no *retrato fallado* por meio de sete signaes, que correspondem a outras tantas dimensões.

Pequeno — p p (p).

Médio — m

Grande — g g (g).

O traço augmenta, e o parenthesis diminue o valor do signal (Bertillon).

\*

A fôrma de um orgão dado é caracterizada segundo a *figura normal*, determinada pela equivalencia das tres regiões superpostas do rosto: região *frontal*, r. *nasal*, r. *bucal*.

A primeira, que prefiro denominar — *segmento cerebral* — do rosto, estende-se da linha de implantação dos cabellos, na frente, até a raiz do nariz; a segunda fôrma o *segmento respiratório*, vai da raiz á base do nariz; a terceira é o *segmento digestivo*, porção infra-nasal da face.

*Fronte, nariz, e orelha* são as partes da cabeça que offerecem caracteres differenciaes mais importantes.

\*

Na frente, consideram-se a *altura*, a *inclinação* e a *largura*.

\*

O nariz é examinado quanto á *profundidade de sua raiz*, *dorso*, *base*, *altura*, *saliencia* e *largura*.

\*

A orelha — (pavilhão da orelha) — tem morfologia complexa que o schema junto explica melhor que uma descripção.

\*

Os Parecís são indios de typo delicado, aspecto sympathico. Têm mãos e pés muito pequenos. Olhos pequenos, castanhos escuros, n. 3 da escala de Martin (de Zurich), muito pouco obliquos.

Pelo nariz, convexo, muito se assemelham a certo typo de pelles-vermelhas norte americanos.

O tronco é quadrangular, a depressão lombar insignificante. Nas mulheres, os seios são grandemente separados e, em geral, bem pequenos e firmes.

A queda prematura dos incisivos medianos é facto interessante que pude verificar, e documentar em diversas photographias.

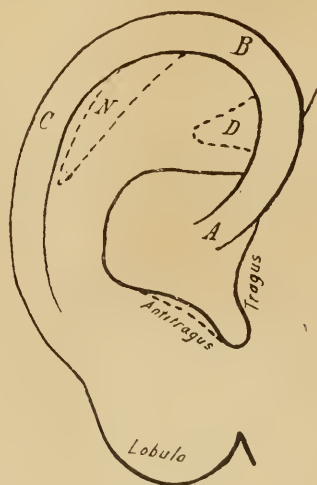


Fig. 36 — Nomenclatura do pavilhão da orelha. A — Origem da helix. B — Helix superior. C — Helix posterior. D — Fosseta digital. N — Fosseta navicular.

O typo geral destes indios é *brachyskéle*.

Os caracteres que permitem considerá-lo dessa maneira são : busto longo, membros inferiores curtos, circumferencia thoracica maior que a metade da altura, cotovellos mais altos que a cicatriz umbelical, grande abertura in-

ferior á altura, estatura essencial (Collignon) maior que a metade da altura.

Pelas proporções do corpo acham-se, dest'arte, muito proximos da raça mongolica.

O methodo de Manouvrier, baseado no estabelecimento do *canon* anthropologico real, pela comparação das proporções reciprocas dos segmentos somaticos, infirma, pois, até certo ponto, a theoria de Ehrenreich, segundo a qual os nossos índios, em geral, são mongolicos pelos caracteres da cabeça e caucasicos pelos do corpo.

\*

O numero de crianças, entre elles, é grande; nossos documentos photographicos provam-no sobejamente.

As mulheres amamentam os filhos até idade relativamente avançada.

Não tive noticia de nenhum caso de degeneração physica ou psychica; nenhuma doença nervosa, nenhum mal venereo. Paludismo chronico em muito índios; bronchites e inflammações das vias aereas superiores mui frequentes, tributo pago á poeira do chapadão.

O numero de individuos de idade avançada pareceu-me restricto; algumas vellias e poucos velhos.

\*

Apezar de haver pequena discordancia entre nossas mensurações e as da segunda expedição von den Steinen (1888), differença minima, que attribuo á influencia de índios de um dos grupos, que o anthropologo allemão não mediu, todavia, nos caracteres descriptivos, minhas notas confirmam as delles.

Na descrição de Karl von den Steinen, a pelle dos Parecís tem colorido semelhante ao gráo 33 da escala de Radde, sendo suas pesquisas realizadas sobre nove homens e tres mulheres da região de Diamantino. Um dos homens, e as tres mulheres, tinham cabellos ondulados.

Face alta, fronte baixa, iris escura, fenda palpebral horizontal, nariz de raiz delgada e dorso convexo; altura pequena, lembrando a dos Bakairís, septo nasal e lobulos das orelhas artificialmente perfurados, são os traços geraes dos Parecís, segundo von den Steinen.



As fichas anthropometricas do Museu acham-se documentadas pelas impressões digitaes dos individuos examinados. As formulas dos cinco indios, cujas dimensões se acham no quadro annexo. *in-fine*, são as seguintes:

HOMENS

Ficha n. 1 . . . . .	{	V — 4343
	}	V — 4442
Ficha n. 2 . . . . .	{	E — 3333
	}	I — 2244
Ficha n. 3 . . . . .	{	V — 4444
	}	V — 4444
Ficha n. 4 . . . . .	{	E — 3343
	}	I — 2242
Ficha n. 5 . . . . .	{	V — 3333
	}	V — 2222

MULHERES

Ficha n. 1 . . . . .	{	V — 4343
	}	A — 4442
Ficha n. 2 . . . . .	{	A — 3113
	}	I — 1112
Ficha n. 3 . . . . .	{	E — 2333
	}	V — 4442



Namon-Suratiá (João Pinto)



Makoinocê - (Generosa)

Typos Pareois de Aldeia Queimada, Mato-Grosso

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912





As fórmulas estão expressas pela notação de Vucetich. Nota-se um predomínio accentuado das fórmulas complexas. nas impressões masculinas (verticilo); enquanto que, nas impressões femininas, os typos simples apparecem com maior frequência (arco). Essa desproporção não teria valor algum si fosse verificada, apenas, nas oito fichas aqui transcriptas; porém o material de que dispomos é bem maior, quanto á dactyloscopia, e não desmente a proporcionalidade.

\*

Conhecendo as pesquisas de Forgeot, sobre a determinação da idade provavel do individuo pelo exame das impressões digitaes, procurei verificar si suas médias combinavam com a idade provavel dos meus indios. Efectivamente assim aconteceu; de accôrdo com a sua observação uma linha de 0,005, perpendicular ás cristas papillares, no adulto, secciona cerca de 10 linhas. Nos primeiros annos da vida, o numero de cristas papillares, existentes na mesma extensão (cinco millimetros), é muito maior.

A perpendicular corta, então, 18 a 20 linhas.

\*

Em Aldeia Queimada, localizadas pelo tenente Emanuel do Amarante, viviam muitas familias parecis, dos rios Cabaçal, Júba, Jaurú, Verde, Sacre, Papagaio, representantes dos grupos maiores da grande tribu.

O que de mais exacto se conhece actualmente em relação a esse povo, acha-se no *Relatorio* de Rondon. Todavia, mesmo para completar algumas daquellas notas, julguei acertado não desprezar dados que se me offereceram

no meio parecí. Além das anthropologicas, indicadas acima, obtive informações ethnographicas, themas musicas, lendas, cantigas, que registei no phonographo Edison, *films* documentando scenas industriaes: preparo da mandioca, fiação, tecelagem, etc. . .

Tendo entre os nossos tropeiros um indio parecí, Antonio Parecí, muito estimado entre os seus, e conhecedor perfeito de sua gente, tambem o submetti a indagações prudentes e methodicas, obtendo algo. Em Aldeia Queimada, depois em Utiarití e no Timalatiá, conferi, palavra por palavra, o "vocabulario" de Rondon, ao qual apenas juntei uma dezena de termos. E' um lexico fiel e rico.

O material ethnographico descripto, ou figurado aqui, faz parte das colleções pertencentes ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.



Parecí não é nome nacional; a si mesmo, elles se denominam *Arití* e só usam daquelle appellativo quando estão connosco.

A tribu acha-se dividida em grupos, que falam a mesma lingua e têm os mesmos hábitos. As informações que hoje possuímos acerca desta nação, precisam bem a existencia de tres nucleos aritís: *Uaimarés*, *Kaxinitís* e *Kozárinis*. Os Kozárinis são tambem denominados, pelos outros, *Kabixís*. Mas esse nome é apenas alcunha pejorativa; os verdadeiros Kabixís são indios da Serra do Norte, que descem para o valle do Guaporé, chegando a cidade de Mato-Grosso, onde commettem depredações.

Toda a tribu vive espalhada pelas cabeceiras dos tributarios do Paraguai, do Juruena, do Guaporé, e no planalto do seu nome; o chapadão triste, arenoso e inhospito, é a patria parecí.

Ha cerca de 200 annos vive a velha nação em contacto com os brancos; quasi todos os seus filhos falam, ou entendem, nossa lingua.

Cada aldeia é sujeita á jurisdicção de um chefe temporal (Amúri), e outro espiritual (Utiarítí). Em alguns casos o mesmo individuo desempenha ambas as funcções; é chefe e sacerdote. Um chefe geral dos parecís não existe. Ha, porém, alguns amúris influentes em larga zona; Mathias Tólôirí, guia e amigo do coronel Rondon, tinha prestigio mui dilatado entre os da tribu.

O amúri é sempre obedecido; o utiarítí, sempre respeitado.

Sacerdote e medico, o utiarítí vae perdendo muito do seu antigo prestigio, a medida que mais intimamente se vão estabelecendo as relações dos indios com os civilizados.

A elle, no entanto, cabe guardar na memoria as lendas do povo, algumas das quaes, collidas pelo coronel Rondon, vão transcriptas mais além; elle é quem pratica uma especie de baptismo, cerimonia de apresentação social, que celebram os Parecís; realiza uma sorte de casamento, com ritual bem determinado; corta o páo *Ióhóhó*, interessante fetiche até agora não descripto; dá inicio aos canticos, religiosos ou não; guarda às flautas sagradas (Jararácas).

Actualmente não existe ritual para a consagração sacerdotal; o futuro utiarítí instrue-se nas canções e nas lendas, assim como nos processos therapeuticos, á medida que vae crescendo, mercê principal-



Fig. 37 —  
Aiê-uinçú Flecha  
dos Indios da  
Serra do Norte.

mente de sua intelligencia. A idade do candidato não parece influir para sua escolha; Luiz Cintra, amúri do rio Verde, não tinha mais de 30 annos.



A familia entre elles é polygamica, embora muitos homens já se contentem com uma esposa. Sukiú-Azárê, indio do Jaurú, tinha tres mulheres.

Casam-se jovens; alguns criam meninas, desde tenra idade para desposal-as quando attingirem á puberdade, aos 12 annos.

Tratam as mulheres com certo desprezo; em Aldeia Queimada, apezar dos conselhos que recebiam em contrario, só consentiam que ellas comessem, quando já estavam absolutamente saciados. Segregam-nas das cerimoniaes de seu culto; escondem dos seus olhares os instrumentos sagrados da tribu, affirmando que morre a mulher que os vê; não lhes permitem dansar e cantar em sua companhia.

Ellas se occupam em trabalhos de toda sorte: seccam o milho, plantam, fiam, lavam a roupa, cozinham, tratam dos filhos.

Em geral, são garridas. Pentes e cosmeticos são dos mais apreciados presentes que se possam fazer á india parecí.



Homens e mulheres andam vestidos; mas, nas horas de calor, é frequente despirem a roupa e envergarem o *imiti* de algodão, especie de cinta que será descripta mais além.

Não dispensam pulseiras de algodão e perneiras de borracha de mangabeira; mas seus enfeites de pennas já pertencem ao passado.

Gostam do vidrillho. Em signal de contentamento, as indias se pintam com urucú, pontilhando a face e o corpo.

Certo vestuario, que as mulheres confeccionam com panno obtido dos civilizados, é caracteristico: especie de saiote passado acima dos seios.

\*

As armas de que usam são as nossas. Atiram bem.

Ha, porém, um caso especial, hybrido, que consiste no emprego simultaneo de velho escudo venatório, tradicional, feito de folhagens, e dos fuzís modernos de repetição.

Escondidos por esse anteparo de verdura, caçam, a tiro, ema, veado, sariema.

Por meio do fogo costumam tambem matar algumas especies: ateam labaredas no cerrado, de maneira a rodear certa area; quando a caça foge ás chammas, atacam-na.

\*

Constróem casas grandes, com tecto diedro, cobertas de palmas, munidas de portas pequenas. Trinta, quarenta e mais pessoas, dormem numa palhoça.

Ao centro, um esteio alto e forte. A' noite armam rêdes, em raio, desse esteio para os caibros lateraes; entre uma rêde e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubece o interior da cabana.

\*

*Kêlêrôkô* é nome parecí de Aldeia Queimada. Ao lado das casas da Commissão Rondon, os indios levantaram sua grande palhoça; lá trabalham as mulheres e vão dormir os homens que prestam algum serviço á linha telegraphica.

Nosso tropeiro Antonio Parecí, *Iamaluré* — para seus patricios, não pôde resistir á tentação: dormiu com sua gente. Fomos, alta noite, visitar a cabana; entramos subrepticamente e ficamos á um canto.

A luz das fogueiras, subindo por entre as macas, trançadas de linhas vermelhas ou amarellas, illuminava os corpos nús, estendidos transversalmente. Numa rêde, uma familia inteira resonava: pai, mãe e dois filhos, todos muito abraçados. Mais além, uma criança choramigava, ao lado de uma india moça que a balouçava nos braços, cantando:

*Ená-mókócê cê-maká*  
*Ená-mókócê cê-maká*  
 (Menino dorme na rêde...)

E si a criança é de sexo feminino cantam:

*Uiró-mókócê cê-maká...*  
 (Menina dorme na rêde...)

\*



Fig. 38 — Bainha para proteger a ponta das flechas *arukirikatçú* dos Indios da Serra do Norte.

O *Iôhôhô* é fetiche que os Parecís ainda conservam muito escondido.

Nada mais que uma vara nodósa, guardada religiosamente, á titulo de amuleto protector, durante annos e annos. Quando muito velha, e carcomida pelos insectos, queimam-na e cortam outra; mas a procura de um novo *Iôhôhô* é acompanhada de certas cerimonias. Enquanto o buscam na mata, e durante o trajecto até á aldeia, o utiarití, e mais um companheiro, vão cantando sempre, em voz muito alta, mo-



Sukiü-Azaré



Tió-Zaluquí

Tipos Parecis de Aldeia Queimada, Mato-Grosso

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912





notonamente, duas notas em son *filado* (Phonogramma 14.598).

A esse *duo*, chamam *grito do Nokauixitá*; as mulheres não no devem ouvir.

\*

Para satisfazer meu pedido, Luiz Cintra promoveu um grande *kaulonená*, onde se celebrou a morte de um veado, bebendo *oloniti*.<sup>(1)</sup>

A' noite recolheram as mulheres á choupana e vieram, diante do nosso rancho, armados de jararácas, cantar e dançar festejando a caçada, ao redor de uma grande cabaça onde jazia, em postas, um cervo moqueado.

E, assim, consegui apanhar no phonógrapho a musica das principaes cantigas parecís: *Ualalôcé*, *Teirú*, *Ce-iritá*, etc. (Phonogrammas ns. 14.594 e 14.595).

UALALOCÊ (Phonogramma 14.594)

Akutiá-han, nohin ôkôrê

Ukuman uizoná nêtêu

Ukuialauá Kamalalô

(1) *Oloniti* — é aguardente feita de milho.

A analyse desta bebida realizada no laboratorio de Chimica Analytica do Museu, pelo Sr. professor Alfredo Andrado, deu o seguinte resultado :

Analyse n. 18 :	
Densidade a 15° . . . . .	1.007,5
Acidez por litro em Na Ho. . . . .	118 cc.
Acidez por litro em acido acetico. . . . .	7,080 gr.
Alcool % em volume. . . . .	2°,2
Alcool % em peso. . . . .	1,760 gr.
Extracto a 100°. . . . .	3,064 em gram.
Substancias reductoras calculadas em glycose . . . . .	0,325 em gram.
Saes fixos — (Cinzas). . . . .	0,120 em gram.

Caracteres goraes — Líquido opalino, com reflexos amarellados, muito espumoso, de cheiro especial. Este líquido sobrenada em abundante deposito de detrictos de milho e enorme profusão de fermentos diversos.

Niáhaká nohin-ê Kamalalô  
 Motiá saiá Arití okanatiô  
 Kozákitá kôlôhôn unitá nêtêu  
 Niahaká akaterê Kerarê

## ESTRIBILHO

Ha! Ha! Noáianauê! Uh!

O *ualalocê* narra episodio da vida da india Kamalalô. Indo passear á floresta viu um homem trepado num pé de tarumã; suppondo que fosse um indio, disse-lhe:

— Arití, dá-me uma fructa de tarumã?

E o homem respondeu:

— Kamalalô pensa que eu sou Arití. Eu sou “pai do mato”...



## TEIRU'

Uaiê autiá harenczê  
 Zalôkarê uêrôrêtô  
 Amôkutiá tanôhaná  
 Nii-itá tiáhazakô  
 Tahârê-kalôrê maucê  
 Uaiuazarê-uaitekô

O *teirú* celebra a morte do cacique de Uaiuazarê-uai-tekô, assassinado accidentalmente por Zalokarê. Tahârê-Kalôrê, que presenciou o facto, compoz o *teirú* para commemoral-o.



IATÔKÊ (Phonogramma 14.605)

Natiô atiô Kamáizokolá  
 Natiô atiô ualokoná atiô

Natiô Kamáizokolá  
 Nêê-êná êma makoé etá  
 Nêê-êná Kamáizokolá  
 Oné nauê kotá zanezá  
 Nêê atiô Kamáizokolá

O *iatokê* celebra o “salto” do rio Juruena, que os Parecís, numa antiga lucta, conquistaram aos Uaikoakorê. Kamáizokolá é o nome do referido salto :

Meu nôme é Kamáizokolá  
 Eu sou o mesmo ualokoná  
 Meu nome é Kamáizokolá  
 Nenhum homem poderá banhar-se aqui.  
 Eu sou Kamáizokolá.  
 Este rio bom é o maior de todos.  
 Meu nome é Kamaizokolá



Tres lendas, que o coronel Rondon colhêra alguns annos antes, foram igualmente registadas em cylindros phonographicos ; infelizmente, esse material damnificou-se durante a viagem. Vale a pena transcrever, todavia, o argumento das novelas, que apresentam alto valor ethnographico.

#### LENDA DA ORIGEM DOS HOMENS

*Enôré*, o Ente Supremo, appareceu em A'tiu (Sakuriúiná, Ponte de Pedra). Cortou um páo ; esculpiu nelle uma figura humana e o fincou no solo. Depois cortou

uma varinha e deu pancadas nelle; o páo virou homem. Procedeu do mesmo modo com outro fragmento de madeira; surgiu a mulher. Este casal primitivo teve um filho, que foi *Zalúie* e uma filha, *Hôhólaialô*. Mais tarde teve outros dois filhos: *Kamáikôré* e *Uháiuarirú*.

*Enôré* chamou *Zalúie* e *Kamáikôré* e perguntou-lhes o que desejavam, na partilha que ia realizar dos bens da terra. *Zalúie* não quiz espingarda, nem boi, nem cavallo; a primeira por ser pezada, os ultimos porque sujam o terreiro das casas; escolheu o arco, a flecha e as cousas parecis. *Kamáikôré* ficou possuidor dos outros dons de *Enôré* e foi mais feliz; dominou o mundo e seus filhos prosperaram.

#### LENDA DO MILHO

Um grande chefe parecí, dos primeiros tempos da tribo, *Ainotaré*, sentindo que a morte se approximava, chamou seu filho *Kaleitôé*, e lhe ordenou que o enterrasse no meio da roça, assim que seus dias terminassem.

Avisou que, tres dias depois da inhumação, brotaria de sua cova uma planta que algum tempo depois rebentaria em sementes.

Disse que as não comessem; guardassem-nas para a replanta, e a tribo ganharia um recurso precioso.

Assim se fez; e o milho appareceu entre elles.

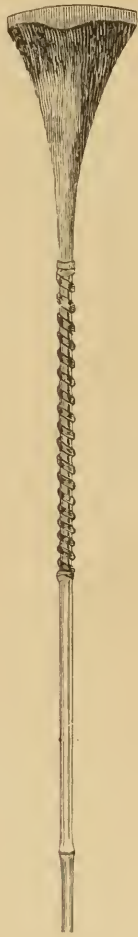


Fig. 39 — *Aiéraqú* —  
Flecha para aves.  
Indios da Serra do Norte.

## LENDA DA MANDIOCA

*Zatiamáre* e sua mulher, *Kókôtêró* tiveram um casal de filhos : um menino, *Zókôôîê* e uma menina, *Atiôló*. O pai amava o filho e desprezava a filha. Si ella o chamava, elle lhe respondia por meio de assobios, nunca lhe dirigia a palavra.

Desgostosa, *Atiôló* pediu á sua mãe que a enterrasse viva, visto como assim seria útil aos seus. Depois de longa resistencia ao extranho desejo, *Kókôtêró* acabou cedendo aos rogos da filha, e a enterrou no meio do cerrado, onde ella não pôde resistir, por causa do calor; rogou que a levasse para o campo, em que tambem não se sentiu bem. Mais uma vez supplicou a *Kókôtêró* que a mudasse para outra cóva, esta ultima aberta na mata; e ahí achou-se á vontade. Então, pediu a sua mãe que se retirasse, recommendando-lhe não lhe volvesse os olhos quando ella gritasse.

Depois de muito tempo gritou; *Kókôtêró* voltou-se, rapidamente. Viu, no lugar em que enterrara a filha, um arbusto mui alto, que logo se tornou rasteiro assim que se approximou. Tratou da sepultura. Limpou o sólo. A plantinha foi-se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde, *Kókôtêró* arrancou do solo a raiz da planta: era a mandioca. O casal chamou-a: *Ojukôré*; os Parecís, depois, deram-lhe o nome de *Kêlé*.



A lingua destes indios acha-se hoje documentada em lexico abundante, que Rondon enriqueceu prodigiosamente nos ultimos oito annos, durante os quaes tem sido a pessoa mais influente do meio parecí.

Somma consideravel de pequenos textos, conseguidos no convivio de muitos mezes com alguns indios intelligentes, permittiu-lhe reunir material linguistico de primeira ordem, publicado ha pouco, em annexo, no grande relatorio geral dos seus trabalhos realizados em Mato Grosso de 1907 até agora.

\*

Existe grande difficuldade para boa traducção dos textos. Os indios dão o significado dos vocabulos com bastante precisão; mas o valor das phrases soffre, consideravelmente na versão que effectuam, á pedido, do parecí para o portuguez. Apparecem, continuamente, termos, palavras, radicaes, que elles mesmos não sabem dizer donde vieram, todas as vezes que se manda um parecí traduzir uma phrase brasileira para seu idioma.

\*

Para conseguir destacar *pronomes pessoas*, escolhi pequenas locuções brasileiras que fiz traduzir por diversos indios, comparando. O resultado foi o seguinte, que transcrevo de meu caderno, tal qual:

Eu estou com fome — *Nõnatitá.*

Você está com fome — *Hinatitá.*

Nós estamos com fome — *Uinatitá.*

Elles estão com fome — *Nátitá-hitá.*

\*

Fig. 40 — Flecha tridente para pesca. Indios da Serra do Norte.

Podemos, dest'arte, apanhar não só os pronomes pessoas: Eu, *Nõnatí*; Você (Tu, Vós), *Hinatí*; Nós, *Uinatí*;

Elles, *Natiá*; como também isolar perfeitamente uma forma verbal: *Ilatitá*, ter fome.

\*

Parece-me, todavia, que esses pronomes nem sempre se apresentam de modo tão claro na organização da phrase; acham-se:

Eu: *Nó, Natü, Nozáni.*

Tu, Você, Vós: *Içó.*

Elle: *Içoká.*

Nós: *Uaiá.*

\*

Você é bom: *Içó uaié.*

Eu vou perto: *Nozáni naritá.*

(Eu perto).

Nós vamos tomar banho: *Uaiá akuahan.*

(Nós banho).

\*

Os trechos musicaes incluídos neste livro foram transcritos de phonogrammas existentes no Museu Nacional, colhidos durante a viagem, sendo aquelle trabalho realizado pelo Sr. professor Astolpho Tavares; á sua assistencia, dedicada e proba, devo a maior parte das notas referentes aos instrumentos parecís.

\*

Deixando de lado a flauta nasal (*Tsin-hali*), instrumento pouco exacto, encontramos entre os Parecís algumas

flautas e uma buzina, com embocadura de piston, que dá son cavernoso.

As flautas estão em *si*; meio ton abaixo do *diapason normal*. Formam tres grupos naturaes: *grave*, *médio* e *agudo*, constituindo o que os compositores chamam uma *familia*, como por exemplo, nos instrumentos de corda: contra-baixo, violoncello e violino.

A embocadura de todas é semelhante a do *flageolet*. Têm quatro orificios. O comprimento varia.

Com os orificios livres, cada qual dá um accôrde de *mi menor*, ton relativo de *sol maior*:  $mi^2$ ,  $sol^2$ ,  $si^2$ .

\*

Com o primeiro orificio obturado, todas as flautas dão o accôrde de *ré maior*:

$ré^2$ ,  $fa^2$ ,  $lá^2$

\*

O tom de *sol maior* é muito favorecido pelas notas fornecidas pelos tres grupos:

Grupo grave:  $si^1$ ,  $ré^2$

Grupo médio:  $si^1$ ,  $ré^2$ ,  $fa^2$ ,  $sol^2$

Grupo agudo:  $ré^2$ ,  $sol^2$ ,  $si^2$

\*

O ton de *si menor* (relativo de *ré maior*) é muito praticavel no 1º e no 2º grupos, pois que esses dão facilmente as notas do seu accôrde:

Grupo grave:  $si^2$ ,  $ré^2$ ,  $fa^2$ ,  $si^2$

Grupo médio:  $si^2$ ,  $ré^2$ ,  $fa^2$



\*

O grupo grave favorece o accorde de *lá maior*, cujas notas facilmente nelle se obtêm:  $lá^2$ ,  $do^2$ ,  $mi^2$

\*

Os tons mais empregados na sua musica são: *sol maior*, *mi menor*, *ré maior*, *si menor*, *lá maior*. Os tons maiores, como se vê, seguem-se em *quintas justas*.

A escala completa fornecida pelas flautas parecís é, pois:

$Lá^1$ ,  $Si^1$ ,  $Dó^2$ ,  $Ré^2$ ,  $Mi^2$ ,  $Fá^2$ ,  $Sol^2$ ,  $Lá^2$ ,  $Si^2$ .

Não foi encontrado o *do natural*, nem o *si<sup>b</sup>*. Esta ultima nota pôde ser obtida, em certo casos, com os instrumentos agudos.

\*

Cada grupo fornece um segmento da escala total;

Grupo grave:  $lá^1$ ,  $si^1$ ,  $do^2$ ,  $ré^2$ ,  $mi^2$

Grupo médio:  $si^1$ ,  $ré^2$ ,  $mi^2$ ,  $fá^2$ ,  $sol^2$

Grupo agudo:  $ré^2$ ,  $fá^2$ ,  $sol^2$ ,  $lá^2$ ,  $si^2$

Em  $ré^2$  ficam os tres grupos *unisonos*; o 2º grupo salta do  $si^1$  para o  $ré^2$  (3ª menor) deixando de dar o  $do^2$ . O 3º grupo salta igualmente uma 3ª menor: entre  $ré^2$  e  $fá^2$ .

Além destes grandes intervallos, verdadeiros hiatos na escala, acham-se ainda intervallos anormalos; taes são, no grupo médio, o intervallo de 2ª maior entre  $mi^2$  e  $fá^2$ , que na escala natural é intervallo de 2ª menor ( $mi^2$  a  $fá^2$ ). No 1º grupo da-se o mesmo entre  $si^1$  e  $do^2$ .

\*

O rythmo da musica parecí, em regra, segue os compassos *binario* e *ternario*. Ha tambem, nos phonogrammas colhidos, *compassos alternados*, cuja regularidade não é conservada em todo o trecho.

O phonogramma 14.605 offerece um bom exemplo dessa alternancia; é um trecho em *mi menor*, que se inicia por tres compassos binarios e logo passa ao compasso ternario, cahindo de novo no primeiro, para repetir a mesma successão, até ao fim.

O phonogramma 14.602 é de um côro em *la maior*, muito original, quanto á melodia, e surprehendente quanto ao rythmo. E' incerto. Approxima-se do  $\frac{5}{4}$ , que é mantido durante os tres primeiros compassos; ahi, quebra-se, cahindo, o côro, ora no compasso binario, ora no ternario. A transcripção deste phonogramma foi feita em compasso de  $\frac{3}{4}$ , para facilitar a leitura.

Notam-se em alguns phonogrammas, movimentos *syncopados* bem claros. Taes são os de numeros 14.594 e 14.595, onde se encontra, pronunciadamente, o tempo de *bolero*, em  $\frac{3}{8}$ .

\*

Os instrumentos typos são:

Grupo grave: *Zoratealô* (11.218)

Grupo médio: *Teirú* (11.220)

Grupo agudo: *Zahólôcê* (11.224)

\*

Entre as peças ethnographicas da collecção parecí (collecção Rondon) do Museu, algumas merecem especial citação.

*Zaiakúti* — Escudo de caçada (11.260 e 11.261); é formado por um arcabouço de varas flexíveis mantidas por meio de tiras de urubamba, ou mesmo de arame. Tem cerca de um metro de altura e 0,40 de largura. Si a vegetação não auxiliasse o disfarce, seria fraco protector, dispondo de área tão escassa.

*Variá-matalô* — É vaso de barro mal cosido, estylo archaico no dizer dos proprios Parecís. A forma geral lembra certo vaso de Marajó.

Em relevo, ha uma figura em cujo interior quatro estrellas parecem representar olhos, nariz, boca, de uma face humana estylisada pelo processo dos ceramistas primitivos. Circumferencia maxima do vaso — 0,71 (11.263).

*Malokocê* (11.247) — É cabaça com desenhos geometricos (triangulos) e figuras de aves (garças), entalhados em negro. Uma onça caçando uma ema, um lindo tamanduá bandeira, alguns pacús, são admiraveis motivos ornamentaes de outra (11.252).

*Ixiçá* (11.245) — Cúia pintada de preto pela face interna. Sem desenho. O laço é fixado, no *rostrum* da cúia, por meio do breu da almécega.

*Hôôzi* — Cesta ornamental usada, outrora, para carregar, a tiracollo, fumo, carne, etc., durante certas dansas (11.272).

*Kohôn-kixi* — Cesta de carga (2.549) trançada em taquára. Altura, 0,34; circumferencia maxima 0,73. Esta peça pertence á *Colleção Guido*,



Fig. 41 —  
*Arukirkatçu*.  
Flecha de ponta  
embainhada.  
Indios da Serra do  
Norte.

offerecida ao Museu pela Sr. D. Maria do Carmo de Mello Rego.

*Maká* — Rêde de dormir. Em geral, feita de algodão (11.296) — tinto em vermelho, amarello ou alaranjado. Também tecem-na de fibras de tucum (2.225), empregando technica simples: um fio muito longo, passado da direita para a esquerda, cerca de 1.700 vezes, fórma a urdidura da rêde. Espaçados, a distancias variaveis, alguns fios, perpendiculares aos primeiros, dão resistencia ao aparelho e fórman a trama, conforme se vê na estampa.

*Konokoí* — Faixa para a cintura ou para a cabeça (11.281) — E' tecido admiravelmente bem executado, com fios coloridos, em que desenhos geometricos predominam. Para obtêr, nesses desenhos, os traços de côr, o processo é também muito simples.

Passam, com agulha, um fio que leva ora para o segundo plano, ora para o primeiro, a linha escolhida. Tendo, por exemplo, a urdidura fios amarelllos e vermelhos, si de-seja o tecelão um ponto vermelho passa o fio, que faz a trama, por baixo de um fio vermelho, recalcando um fio amarello; si quer um ponto amarello, recalca para o segundo plano os fios vermelhos da trama e torna saliente um amarello.

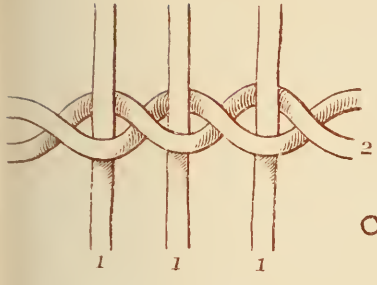
Assim também são tecidos o *Imiti* (11.275), cinta ou saio-te curto usado por homens e mulheres, ainda hoje, nos dias de calôr; a *Kalouati*, (11.283) — liga humeral; a *Ta-hiti* — liga tibio-tarsica.

Para tecer estas peças empregam agulhas, *Kamin-hin* — finas e longas (0,41) de madeira vermelha ou de *airi* — (11.266). As rêdes são tecidas com agulhas maiores, largas e longas, *Umatitocê* — (11.270).

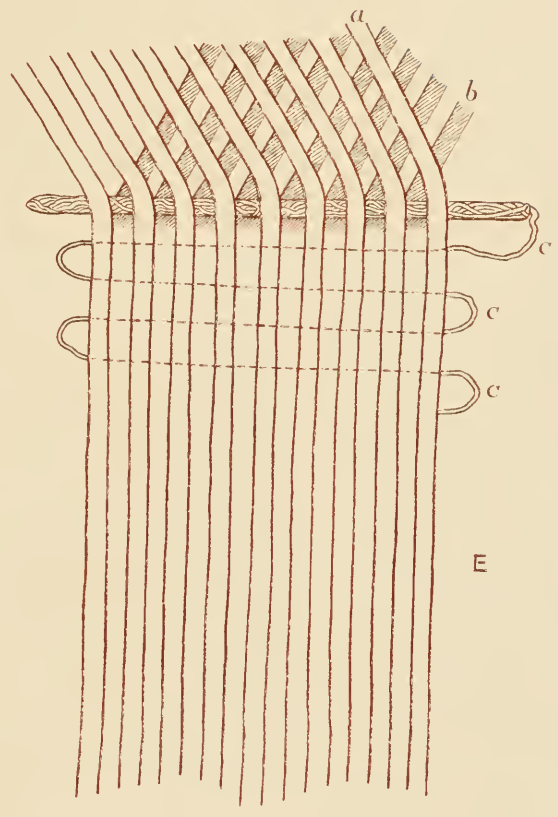
*Tiirú* — Fusos, ora são de madeira — (2.172), ora de taquara, com peso feito de barro (13.567), ou de um fructo de palmeira — (11.274).



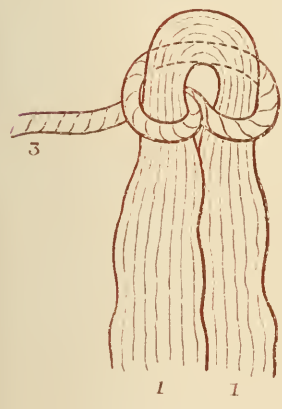
D



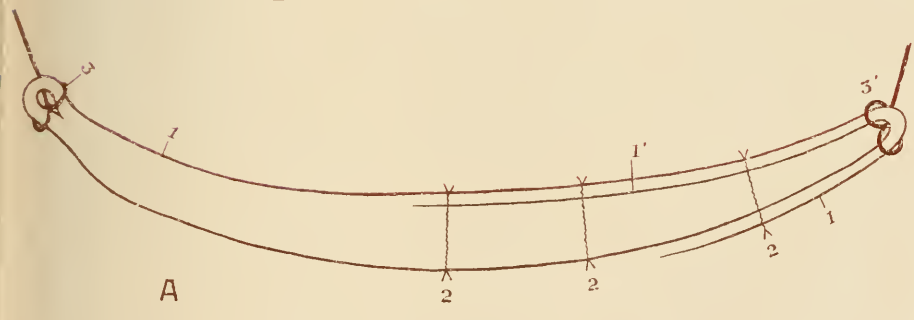
C



E



B



A

### INDIOS PARECÍS

A. B. C. — *Trançado de uma rêde.* (Schema)  
 D. E. — *Trama de um tecido.* (Schema)



*Matiri* — São os saccos de palha, sorte de grandes borraes — (2.649).

*Kuái* — Abano — é trançado de maneira original. Tomam foliollos de bacaba, destacados do peciolo da folha. Fixam uma porção delles na metade de uma haste de madeira, medindo cerca de 0,40 centímetros, fazendo uma alça que deixa livre a respectiva extremidade, a qual, depois de trançada aos outros, vai se fixar na outra metade da mesma haste, por meio de um trançado de taquara.

A fôrma geral do abano pareci é semelhante á de uma aza de lepidoptero (11.805).

Paneiros — (11.185) — *To-heri*, e peneiras — (11.191) — *Atoá*, são igualmente trançadas em palha e em taquara.

De fibras de tucum e de outras palmeiras fiam excellentes cordas (11.277) — *Makáno* — torcendo os fios sobre a coxa, debaixo da mão espalmada.

Hoje não usam mais enfeites de pennas, semelhantes aos que fabricaram especialmente, em Utiariti, para o Museu Nacional.

*Kiliá kociti* — E' a penna que outr'óra passavam atravez do septo nasal — (11.306).

*Kamái-hin-hokó* — E' diadema de pennas de tucano (11.310), antigamente usado em homenagem ao Sol; tem fôrma semi-circular saíndo as pennas da circumferencia, como si fossem os raios do astro symbolizado.

Tambem não usam mais o *Zuólo* — (11.309) — pennacho que se collocava verticalmente na região occipital. De fructos seccos do *piqui* fazem chocalhos — *Zuzá*



Fig. 42 —

Emplumação das  
flechas dos  
Indios da Serra do  
Norte.

— que atam aos tornozellos, como guizos, para dansar — (11.264).

Da borracha da mangabeira fabricam ligas tibiaes *Tahiti* (11.313), e bolas com que jogam o *Mataná-Ariti*, *Haed-ball*, na justa expressão de Rondon (11.311). Nesse jogo, dividem-se os rapazes em dois campos e cada qual procura mandar a bola ao contrario, impellindo-a por uma cabeçada...

*Ualaçü* — E' cabaça-maracá, hoje esquecida (11.246).

Instrumento de musica são o *Tsin-hali* — ocarina feita com dois discos de cabaça, que tocam com o ar expirado por uma das narinas, obturada a outra para augmentar a pressão — (11.234); *Hezô-hezô* — grande trombeta, com embocadura de piston, possuindo uma formidavel caixa de resonancia feita de uma cabaça — (11.215), ou mesmo desprovida de pavilhão — (11.216); *Tiriaman*, instrumento jocoso, feito de um merithallo de taquarussú, adrede rachado, dentro do qual os indios gargalham durante algumas danças.

Certos instrumentos que, musicalmente, pertencem a typos já especificados, recebem nomes particulares pela applicação que se lhes dá nas cerimoniaes do culto. São ornamentados de diversa maneira.

*Ualalocé* (11.223) — Entre o primeiro orificio e o segundo possui uma serie de sete losangos e, ao redor do quarto orificio, tem um circulo feito de pontos isolados. Este ultimo typo de ornamentação sagrada, a proposito da qual os Parecís não gostam de falar, é de regra no *Herá-herahün* — (11.228). Um dos instrumentos sagrados tem figura anthropomorpha gravada na superficie: é um *Zaholocé* — (11.227).

Para se pintarem, quando estão contentes, alguns parecís empregam a *Ahité* — (11.315) — pasta de cêra e pó de sementes de urucú.



O arco — *Koré-okó* — (11.184); flechas — *Koré* — (11.178); flechas para apanhar aves — *Korékakoú-nihaká* — (11.177), são armas só usadas pelos Parecís do extremo Oeste.

\*

Os Aritís acham-se em adiantado gráo de diferenciação cultural; mórmente os do districto de Diamantino, por onde passa a linha telegraphica, exactamente aquelles que foram examinados em 1888, por von den Steinen.

Naquelle tempo, segundo diz o notavel ethnologo, faziam commercio de fumo torcido e aromatisado com urubamba, peneiras, rêdes, pennas, mandioca, algodão, cará, batatas, ipéca, com as populações de S. Luiz de Caceres e Diamantino. A rêde dos Parecís era de algodão e as dos chamados *Kabixís* (Parecís-Kozárinis) eram de tucum. As ligas de borracha de mangabeira eram reservadas para as mulheres; usavam os homens ligas de algodão. Tatuavam-se nos braços e nas coxas, desenhando arcos, com tinta de genipapo, por meio de um espinho de gravatá. Usavam um protector genital: *daiha-sô*. Seus trançados eram semelhantes aos dos Aruaks, das Guianas. Hoje, a influencia dos tecidos civilizados é manifesta nas obras parecís. Rêdes, tecidos e vasos, eram fabricados pelas mulheres; os homens trabalhavam em peneiras e trançados. As mulheres plantavam nas *derrubadas*, á maneira do que se faz entre os nossos sertanejos, quando toda a familia toma parte no serviço.



Fig. 43 — Fio de algodão — *Kondzu* — envolto em folhas. Índios da Serra do Norte.

Já naquelle anno eram monógamos.

Por occasião do nascimento de uma criança, ámbos os progenitores jejuavam, até á queda do cordão umbilical. Aos tres annos era o pequeno baptisado, recebendo o nome de um dos avós.

Os mortos inhumavam-se dentro de casa, posta a cabeça para o lado de Leste. Durante os seis primeiros dias depois do fallecimento, os parentes proximos jejuavam tambem. Acreditavam, então, que, si o morto não resuscitava, depois desse periodo, é que tinha conseguido entrar no céo. . .

No setimo dia bebiam o summo do *kaiterú*, misturado com urucú, no meio de grandes e solemnes festas. Então, como agora, o *utiariti* era o padre-medico; soprava fumaça sobre os enfermos, para afastar a doença, ensinava aos jovens que o deviam succeder naquelle mister.

Da sua theogonia pouco resta. Em 1888, acreditavam que o Sol era uma corôa de pennas vermelhas, pertencentes a *Molihuturé*, especie de Apollo parecí. . . O astro só apparecia pelo consentimento do seu proprietario. A Lua era uma corôa de pennas de mutum-pinima, de que era dono *Kaimaré*.

Suas phases explicavam-se por um processo de que ha certas reminiscencias ainda hoje : animaes diversos occultam ora parte, ora toda a superficie do planeta. . .





## VII

**S**EMPRE cruzando chapadões arenosos, onde a sariema grita e o echo não responde, as tucúras toldam o ar, dificultando o caminhar dos cargueiros, e as mamangabas ferram, a torto e a direito, atravessamos as cabeceiras do rio Verde, do Iliocê, do Sacre ou Timalatiá, tributarios da margem direita do Juruena.

No cerrado, algumas jaboticabas do campo, fructos biloculares e adocicados, sorte de bagas drupaceas, e mangabas polpudas e tenras.

\*

O *mosquito polvora*, peor mil vezes, que o piúm-borrachudo, intimorato, voraz e aggressivo, que se não espanta facilmente, cuja picada fal-o merecedor de seu nome, é praga daquellas cabeceiras.

A face de uma pessoa, atacada por nuvem de *mosquitos polvora*, torna-se vultuosa e edemaciada, como a de um varioloso nos prodromos da erupção.



*Timalatiá*, em parecí, é *rio do sangue*; os índios dizem *Sacre*, em vez de Sangue.

Dos affluentes da margem direita do Juruena, cujas cabeceiras são cortadas pelo caminho de abastecimento da linha telegraphica, o mais caudaloso, nos passos da estrada, é o Sauêruiná ou Papagaio. Estreito, corre muito e tem aguas claras. Mata bonita o acompanha.



Todo o planalto dos Parecís tem a mesma constituição geologica; é formado de camadas de areião interrompidas, em alguns pontos, por pequenos lençóes de terra argilosa. Nenhum affloramento de rocha plutonica; mesmo a diabase, existente em Tapirapuan e na Serra do Norte, não apparece no “chapadão”.

Nas proximidades das nodoas argilosas abundam casas de termitas, algumas collossaes. Nos pontos em que o sólo se torna mais favoravel á vegetação, alteiam-se typos que parecem immigrados da floresta.

Chegando ao Sauêruiná encontram-se jazidas de *pedra canga*, assim mesmo, modestas.

Fauna relativamente pobre de fórmas superiores: um bando de seis emas correndo no chapadão, alguns casaes de araras, nas matas do Papagaio. Corujas recolhidas no ôco dos páos, onde fazem ninhos. Raras vezes um lobinho medroso. Alguns lagartos e muitos calandros.

Poucos ophidios.



O páo-santo parece milagroso.



Balsa atravessando o rio Juruena  
(Estrada Rondon)



Pouso no "Kilometro 50" Estrada do Sipotuba ao Juruena

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912



O fogo das queimadas que o raio accende, ou o indio, ou o sertanejo, lambe o karêke e o sapê, requeima o muricí e a mangabeira; e elles costumam a brotar.

Mas o páo-santo, mal cessa o fogo, ainda todo negro, com o tronco rachado pelo calôr, cobre-se de pontos alvos, abre em flôr, qual um retalho de noite que se matiza de estrellas.

\*

Todos os rios apontados acima são fôcos de anophelinas. Mais de uma vez pudemos verificar que as femeas picam tambem durante o dia.

\*

Para documentar a vida sertaneja, nada melhor que surprehender palestras de tropeiros, á noite, no pouso, ao redor do fogo, pitando socegradamente, para queimar o tedio.

Genésio é falador. Nasceu em Minas, andou por S. Paulo e Goiaz, está em Mato-Grosso ha muitos annos. Tem retalhado, a pé, todo o grande sertão destes estados, que elle conhece como "gente grande".

E' o typo do sertanejo branco.

Viveu, mezes a fio, numa aldeia de Parecís; é o melhor vaqueano daquellas paragens:

— «Cuiabano, quando dá festa, é só pinga e cigarro. . .»; e Genésio fazia critica das notadas sertanejas, como si elle não fosse o maior consumidor de *pinga* no sertão de Cuiabá.



Fig. 44 — Arco dos Indios da Serra do Norte.

\*

Da boca dos tropeiros, na prosa dos serões, apanhei dizeres da lingua popular de Mato-Grosso.

Não os transcrevo julgando publicar expressões inéditas. Sei que, na sua maioria, são perfeitamente conhecidas por quantos têm andado pelo interior. No entanto, muitas nunca foram recolhidas; poucas têm sido aproveitadas. Quasi todas, porém, são apresentadas com deformações tendenciosas, propositalmente executadas para realçar-lhes o sabor.

Convem archivar essas locuções, no interesse de estudos futuros; e também para verificar as variações regionaes de umas tantas.

\*

*Hum! Hum!* é de assentimento, mui generalizado:

— Esse pequeno é seu filho?

— *Hum! Hum!*

Representa aquisição indiana. E' o processo geral dos indios para exprimir a affirmação. Em outros estados, onde o elemento africano teve grande influencia, esta expressão é antes negativa.

\*

*Tchá!* é interjeição de pura procedencia bôrôro:

— No seringal, então, não ha remedios?

— *Remedio? Tchá! lá não vai, nem nada!*

\*

*Djente por gente* é caracteristico do sertão cuiabano.



\*

*Eu sou muito anciado ; gósto de tudo violento.*

\*

No sertão, viajar é *viajejar*.

\*

— Quantos filhos tem V. ?

— *Só tenho esse um.*

\*

— Qual dessas facas corta mais ?

— *Duvidar, esse faca corta mais...*

Ha tendencia accentuada para reduzir os demonstrativos a um só genero.

\*

— Sua espingarda é boa ?

— *Demais ! Disparate !*

\*

Occupar, em vez de gastar ou utilizar :

— *V. occupou a agua que estava aqui ?*

\*

Pouso no Sauêuiná, á tardinha.

Os tropeiros tampavam o lote para o preservar da chuva imminente; o acampamento tinha a animação commum ás horas de recolher.

Na linha do chapadão infinito, desenhou-se, ao longe, um vulto impreciso; seguindo o trilho do Juruena, em nossa direcção, vinha se arrastando um homem andrajoso. Sua camisa tinha uma só manga; cobria metade do tronco. Suas calças, reduzidas á tanga esfarrapada. As nadegas, expostas. O chapéo de palha, sem abas; o cinto de couro, remendado a embira. Um sacco amarrado cahia sobre o dorso daquelle homem miserando, de faces encovadas.

Fazemos signal para que se chegasse.

Approximou-se e foi logo atirando, ao chão, o sacco e o corpo fatigado. Pedio comida; e depois contou sua historia, que transcrevi á medida que elle falava.

Chamava-se Benedicto; era seringueiro. Vinha das matas do Juruena exploradas por um certo João Kolb, residente em Tapirapuan, conhecido por D. João.

Passára, no seringal, dois mezes sem viveres, que o patrão não mandára, faltando ao ajuste prévio. No seringal, 20 pessoas. O encarregado do barracão, um tal Soares, no fim de todo esse tempo, durante o qual viveram de palmito e de mel, morreu de fome e febres. Ninguem tinha mais forças para arrancar da floresta o indispensavel á subsistencia. Dos 20, nem um só podia mais empunhar um machado; o terçado, nas mãos daquelles homens doentes, oscilava como a espada de um dragão entre os dedos de uma creança. E a tropa de Kolb não chegava.

Desanimado então, para não morrer tambem á mingua, resolvera abandonar a mata. Atraz delle deveriam vir os outros. Tinha uma arthrite traumatica no joelho direito; mesmo assim, fizera, naquelle dia, pelo areião á fóra, sete leguas bem contadas.

Encarnava aquelle typo uma raça forte, que por ahi anda a soffrer supplicios na sua terra, onde os estranhos engordam. . .

Era preciso documentar-lhe a vida e registrar aqui essa observação, como um caso clinico de pathologia social. Foi o que eu fiz.

\*

Havia 14 annos que principiára a trabalhar na borracha. Sabe lêr muito mal. Nasceu na povoação de “Barra dos Bugres”, no alto Paraguai, proximo a Diamantino. Tem cerca de 35 annos. É caboclo de complexa mestiçagem.

Alto, de saliencias osseas accentuadas, membros longos; pelle cuprica olivacea; nariz convexo, estreito; olhos meio obliquos; malares projectados. Cabello negroide.

No fim da safra do anno passado ficara devendo 500\$ a D. João; este anno não receberia nada.

No começo da estação, quando foi para o seringal, recebeu, além de um terno de roupa de riscado, o seguinte, que é o fornecimento habitualmente feito pelos patrões a cada trabalhador:

- 25 litros de arroz.
- 25 » » feijão.
- 50 » » farinha.
- 10 kilos » banha.
- 7  $\frac{1}{2}$  » » xarque.
- 3 » » assucar.
- $\frac{1}{2}$  » » café.
- $\frac{1}{2}$  libra de guaraná.
- 2 metros de fumo em corda.
- 2 barras de sabão.
- 4 litros de sal.

\*

Eis ahi o preço de um homem.

Ha uma distancia tão grande entre o que são os brasileiros das cidades, e o que padecem as populações sertanejas, que até parecem habitantes de dois paizes diversos.



\*

O preço daquelles generos, elle não o sabe; o patrão não diz.

Depois da safra entram em contas; e o seringueiro sae devendo. Sobre essa divida repousa todo o systema de exploração. . . da borracha.

Quando o caboclo *tira* pouca seringa, o valor desta não attinge o preço da alimentação que recebeu; fica devendo.

E si tira muita, o valor dos generos é tal, que o preço da seringa não basta para cobrir o debito; depois da primeira safra em que toma parte, o caboclo nunca mais se liberta. . .

Lá, naquelle paiz de sonho, em que a natureza recompõe um paraizo em cada canto de mata, o homem decái outra vez; perde a coragem de lutar com o homem.



Fig. 45 — Secção transversal dos arcos dos Indios da Serra do Norte.

Martius notára, em 1818, (*Reise in Brasilien*) a grande influencia suggestiva que o branco exerce sobre certos sertanejos mestiços.

Por esse prestigio, os ricos organizam e mantêm aquelle processo de trabalho rural; porque si algum infeliz, num assomo de brio, foge ao captivoiro, o patrão manda-o procurar por outros, submissos e fieis. Então regula o *artigo 44, paragrapho 32*. . .

\*

Benedicto tirou 25 arrobas de borracha neste anno; a 40\$ (em 1912), deviam dar-lhe 1:000\$000. Não espera

um vintem; o supprimento que recebeu deve ter custado muito mais...

\*

As tropas de abastecimento dos seringueiros transportam a borracha do Juruena para Tapirapuan; cada uma consta de 10 bois dirigidos por dois homens. Gastam na viagem 16 a 20 dias.

\*

Cada vez que se chega ao pouso, mais que depressa, procuram os tropeiros um bom *encosto*; e, si encontram no caminho alguma tropa de torna viagem, vão logo perguntando:

— *Que tal está o encosto ahí adiante?*

E' o pedaço de campo conveniente á pastagem dos animaes durante um ou dois dias.

\*

Setembro 13 — Salmos do Sauêuiná ou Papagaio e chegamos ao Buritísinho. Attingimos uma grande boiada que vai para o acampamento. Pela *Estrada Rondon*, dentro de pouco tempo, grandes manadas de gado poderão chegar a Santo Antonio do Madeira; e a Amazonia será escoadouro da *criação* dos campos de Goiaz e Mato-Grosso.

Conforme já tive opportunidade de dizer, a linha telegraphica do coronel Rondon, praticamente, hoje, vale muito menos que a admiravel estrada de penetração por onde passa. Apertaram-se, por meio della, os laços da nacionalidade; saibam os governantes tirar partido da sua valia.



Setembro 14—Pouso da Agua Quente. Nesgas de campo verdejante. Perdizes, marcejas, inhambús.



Setembro 15—Pouso do Mutum. Pantanal. Para chegar ao rio Periquito, affluente do Papagaio, é preciso atravessar um igapó.

Canta a cigarra; estridúla um som redondo e cheio, como si fosse nota aguda de um mezzo-soprano.

Deve ser a *cicada mannifera*, que tem fama de cantora.



Setembro 16—Pouso do Uáikoákorè; zona de grandes seringaes. *Uáikoákorè* é nome com que os Parecís designam certo grupo de indios da Serra do Norte e Juruena. Quer dizer “irmão do chão”, porque todos, os Nambikuáras, dormem sobre solo limpo.

Ali já começam a apparecer os selvagens dessa tribu.

E' o ultimo pouso no chapadão dos Parecís.

Pouco além, cerca de um kilometro, o planalto detem-se, bruscamente, á beira de um paredão. Immensa visão de matas sem fim surgiu diante de nós. A estrada precipitava-se, quasi a prumo; ao longe, subiam, da grande floresta, columnas tenues de fumaça do fogo dos Nambikuáras. Era o valle do famoso Juruena.



Chamava-se José André um seringueiro que achamos pouco adiante.

Fôra ao pouso da Barrinha, a ver si havia tropa que lhe pudesse dar fumo.

Convidou-nos para um *guaraná* na sua feitoria. Entramos pelo mato, por estreita vereda, andando cerca de dois kilometros. Numa clareira, ao lado de um riacho de agua limpa e correntosa, erguia-se o rancho capenga, cuja cobertura era um couro.

Cuiabano, dos bons, offereceu-nos um guaraná mexido com colher de prata, num copinho de vidro grosso; depois, submetteu-se ao meu indispensavel interrogatorio, com doçura e modos de quem já estivera morando na *Cidade*.

A *Cidade*, para o sertanejo, é Cuiabá.

Tinha cerca de 50 annos, carregados com desempenho. Apesar de ter perdido alguns dedos da mão direita, labutava na mata havia tres decennios; muito antes do desenvolvimento da industria da borracha em Mato-Grosso, já elle era seringueiro.

Seis mezes do anno passava naquelle rancho; o resto, em Diamantino. Não tinha parentes. Vivia na floresta com

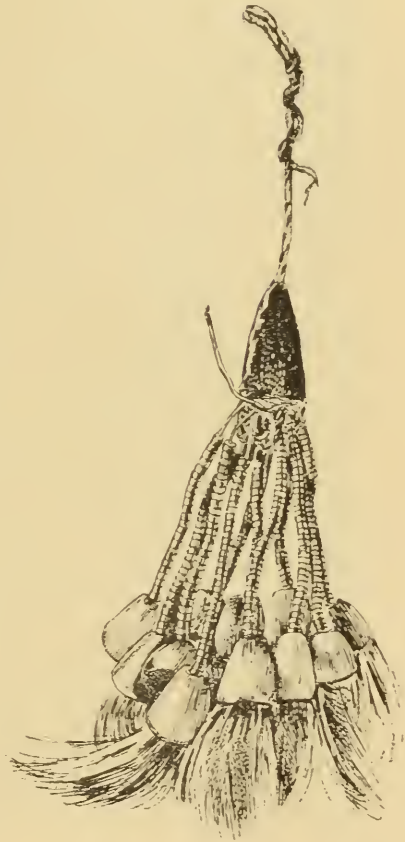


Fig. 46 — Pingente de pennas de tucano. Indios da Serra do Norte.

um gallo, velho tambem, que estimava como filho e que o acompanhava sempre. Preferia morrer de fome a comer o companheiro...

Aliás sabia tirar partido das riquezas da mata. Nunca teve sezões. Quando lhe faltava o que comer, procurava fructas de lobo, que são doces e perfumadas.

A borracha não é defumada como na Amazonia, mas coagulada pelo alumen, dentro de fôrmas de madeira, em prisma recto de base parallelogramica. Esses moldes são os *cochos*; ali a comprimem com pequeno toro de madeira pesada.

\*

Na *Varzea Comprida* pousamos no dia 27. Amaro, cozinheiro da nossa tropa, deixou-se ferrar num pé, por uma tocanguíra.

Verdadeira intoxicação: dôres fortes, edema do membro, febre ligeira, vomitos, vertigens. Pulso a 102.

Injecções hipodermicas de cl. de heroína e oleo camphorado. Em poucas horas tudo cedeu. Foi caso benigno. <sup>(1)</sup>

\*

Ancioso por chegar ao Juruena, onde contava encontrar, com certeza, os primeiros Nambikuáras, submetti-me ás justas determinações do tenente Pyrineus sobre as marchas diarias. Eu desejava *bruler les étapes*; e elle, pensando no regresso da expedição, poupava a tropa.

As oito leguas que ainda nos separavam daquelle rio foram feitas em dois dias. A partir de 18 de setembro pousamos no meio da *Mata das Aldeias*, cortada pela estrada.

(1) Cf. E. Roquette-Pinto — *Dinoponera grandis* — Rio, 1915.

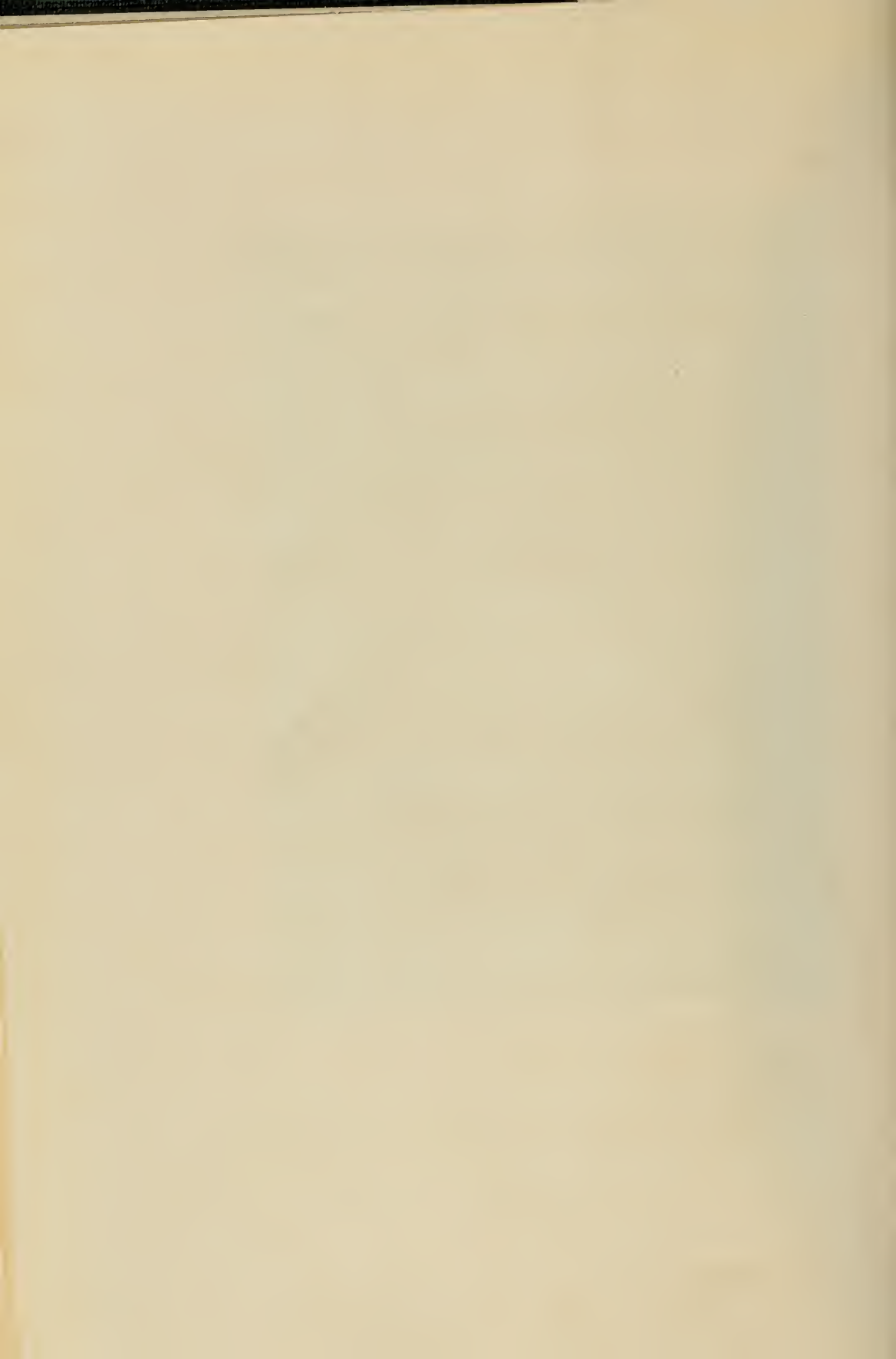




Seringueiro comprimindo a borracha no "côcho"  
(Mattas do Juruena)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912



Junto da floresta erguiam-se aldeias nambikuáras, encontradas por occasião das primeiras explorações de Rondon.

Perto acham-se campos de cultura, cujo a manho tinha sido iniciado pelos selvagens, quando se fez a entrada da Comissão.

Ainda lá existem alguns troncos, cortados a machado de pedra.

Dominam, nessa mata das aldeias, junto ao pouso, arvores collossaes do jatobá, cujo legume, de polpa mucilagínosa, é, no entanto, insípido.

\*

Chega-se a um pouso, ainda dia claro; apparece, logo depois, a primeira praga: *abelhas*, entrando pelos ouvidos, pelas narinas, pela boca, pelos olhos, emaranhando-se nos cabellos.

Mal o Sol se vae deitando, com as primeiras sombras, fogem as abelhinhas; chegam *polvoras* e *borrachudos*. Trabalham, como bombas microscopicas de sugar sangue, até a entrada da noite.

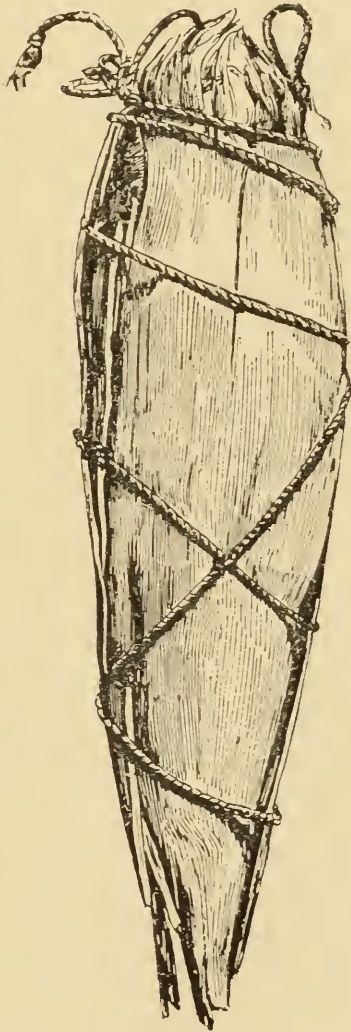


Fig. 47 — Bolsa para proteger enfeites de pennas. Índios da Serra do Norte.

Noite fechada; nem abelhas, nem mosquitos-polvora, nem borrachudos.

A gente acredita, um momento, que vac, afinal, descançar; mas, no escuro, tendo penetrado, á socapa, debaixo do mosquiteiro, *anophelinas* e *culicinas* começam a ensaiar a cantiga, como guitarristas que procuram afinar a *prima*...

Esta é a *ordem chronologica* do apparecimento das *pragas*.



Setembro 19 — Finalmente. Passámos por outra grande roça de indios Nambikuáras encontrada, ainda florescente, na expedição Rondon de 1908. Alguns kilometros além, numa colina, larga praça de cerca de 25 metros de diametro, bem limpa, dominando o horizonte, era o resto de uma aldeia que os indios abandonaram, medrosos, pela chegada dos nossos naquella data.

No chão, côcos partidos; ossos, restos de alimentação.

Depois, um grande mangabal. E, distante, como tira de aço polido, chispando, espelho do Ceo e do Sol, o Juruena corria, deixando á esquerda uma casita de barro, plantada no meio de larga avenida, roçada na vegetação do cerrado; na picada, a mão do homem tinha fincado, espaçados, na mesma recta, velhos troncos da floresta, assassinados pela sua industria para sustentar um fio delgado, que vinha de longe e seguia para além, tocando, apenas, muito de leve, naquelles esteios. Era a linha telegraphica, correndo em triumpho pelo sertão remoto, tomando posse effectiva do territorio.



Ao contrario do que imaginava, os indios não appareciam no Juruena havia muitos dias. O posto achava-se

desprovido de material para presentes. Mesmo o indispensavel, para a alimentação, escasseava; a difficuldade de transporte fazia rarear tudo. E elles, os que mais arredios até hoje ainda se mostram, dentre todos os indios da Serra do Norte, deixaram durante muito tempo de visitar a estação.

No Juruena tomei conta, para o Museu Nacional, de uma das primeiras collecções realizadas pelo pessoal da linha telegraphica.

Remetti tudo para Tapirapuan, onde deveria mais tarde recolher o que trouxesse da excursão.

Tendo escolhido para estação de estudos e trabalhos a invernada de Campos Novos, não só pelas facilidades de alojamento ali existentes, como tambem porque nesse posto apparecem representantes de todos os grupos nambikuáras, resolvemos continuar a marcha.

Confesso a minha triste surpresa de então, não tendo encontrado um só nambikuára, depois de tanto tempo de viagem...



De Tapirapuan ao Juruena contam-se as seguintes distancias, de accôrdo com a nossa marcha:

Tapirapuan — Barreiro . . . .	2 leguas
Barreiro — Salto . . . . .	2 »
Salto — Kilometro 50 . . . . .	4 »
Kilometro 50 — Aldeia Queimada . . . . .	4 »
Aldeia Queimada — Rio Verde .	4 »
Rio Verde — Iliocê . . . . .	4 »
Iliocê — Timalatiá . . . . .	1 »
Timalatiá — Sauê-uiná . . . .	4 »

Sauê-uiná — Burití. . . . .	4 leguas
Burití — Buritísinho . . . . .	1/2 »
Buritísinho — Agua Quente. . . . .	4 »
Agua Quente — Mutum. . . . .	4 »
Mutum — Barracãosinho . . . . .	3 »
Barracãosinho — Uaikoákorê . . . . .	2 »
Uaikoákorê — Barrinha. . . . .	2 »
Barrinha — Varzea Comprida. . . . .	2 »
Varzea Comprida — Gralhão . . . . .	2 »
Gralhão — Mata das Aldeias. . . . .	3 »
Mata das Aldeias — Juruena. . . . .	4 »

Todos esses nomes acham-se, já agora, consagrados pelo uso dos tropeiros. Quantos serão mais tarde povoações, villas... cidades?

\*

Agora, o caminho era a picada da linha, subindo e descendo, galgando as montanhas que se estendem para o Norte, colleando pelos valles, como enorme serpente.

A marcha até o rio *Formiga* foi realizada á noite; o *Formiga* é, por sua vez, affluente da margem direita do Juina que, desagua na esquerda do Juruena.

Todo escondido pelas florestas, este rio, ao nivel da linha, no ponto em que existe o posto telegraphico do seu nome, mede cerca de 80 metros de largura. Pedregoso, tem aguas clarissimas, profundas, onde, da barranca, vêm-se nadar as piabas, as matrinchãs e os pacús que ninguem consegue pescar, á bomba; o simples gesto de atirar a machina infernal afugenta os peixes a tempo. Dir-se-ia um aquario, tão claro é o Juruena. Pouco antes da estação, escorre por uma cachoeira de rochas quartzíferas.

\*

Corre o Formiga no meio de um campo alagado, mas junta-se ao Juina em bella corredeira, situada alguns kilometros além do passo.

Na mata, o picadão da linha tem 40 metros de largura; e cada poste dista 90 metros dos visinhos, em média. Pelo calculo dos praticos, um poste de boa madeira póde servir cerca de 12 annos.

\*

O Juina é o mais bello curso d'agua daquelle grande systema. Na sua margem esquerda existe um destacamento, incumbido da *balsa* ali construida.

Nada se parece com a verdadeira *balsa*, que é embarcação de indios do Perú. E' um estrado de taboas, preso a duas canôas, rodeado por um para-peito; transporta homens, animaes e cargas.

Costumavam os indios, com frequencia, apparecer tambem nesse posto; porém, a mesma causa, que os

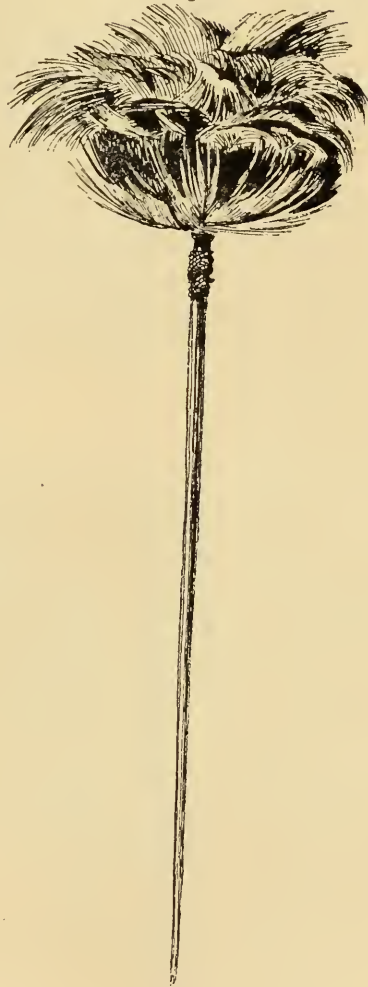


Fig. 48 — Modo de conservar os fios de pennas.  
Indios da Serra do Norte.

afastou temporariamente do Juruena, exerceu ali os seus effeitos.

Além de não contarem com as dadivas do pessoal da linha, completamente desprovido de recursos, tinham os indios ainda que lutar com a fome, causada pela secca prolongada daquelle anno, que destruiu suas roças de mandioca. Obrigados a caçar e a *melar*; não vinham ao Juina, havia muito tempo; a caça não é lá tão abundante que alguém possa viver della sem trabalho. Nos postos da Commissão Rondon, na occasião da secca, com a crise de transportes, em vez de receberem generos, os indios forneciam, ao pessoal, massa de mandioca e milho. Não vi um só trabalhador, ou soldado, que se não referisse, com elogios, a essas dadivas providenciaes.

\*

Havia já um mez que viajava pelo sertão, procurando os indios. Nos pontos em que contava encontral-os, Uáiko-ákorê, Juruena, Juina, nenhum me apparecia. Mas, ao sair deste posto começaram a surgir, pelo cerrado, e mesmo pela picada, signaes evidentes de nambikuára proximo.

Eram pequenos toldos de pouso, malocas de caça, abrigos ligeiros que haviam deixado por ali. Encontrámos estes indicios á tardinha, logo depois de partir do Juina para realizar, suavemente, durante a noite, a marcha até ao Primavera.

Sempre de ouvido alerta, parando cada vez que se nos deparava um dos taes toldos de folhagem, arregalando para o cerrado, que os raios da lua pareciam cobrir de espumas, iamso andando na frente, anciosos por encontrar os primeiros indios.





Pouso do rio Primavera  
(Estrada Rondon)



Distribuição de brindes  
(Alcélia do rio Juína)

SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



Alta noite, numa colina, á beira da linha, proximo do Ribeirão 20 de Setembro, avistámos, longe, uma fogueira. Eram elles.

Apressámos o passo dos nossos animaes; e, á grande distancia, começámos a gritar, para os prevenir de nossa presença :

— *O! O! Nen-nen! Nen-nen!* (Amigo! Amigo!)

Vieram logo, correndo e gritando; uns gesticulando de mãos livres, outros de cacete em punho, mas não aggressivos, outros ainda de arco e flechas enfeixados na mão

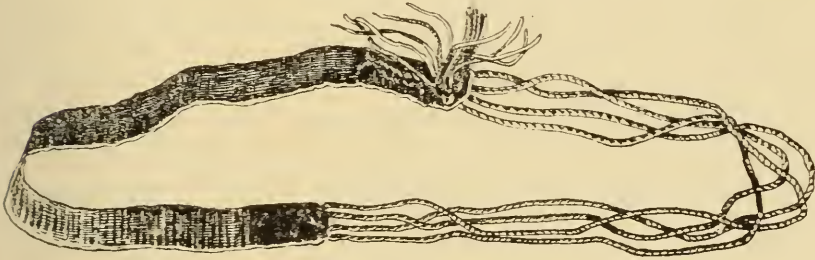


Fig. 49 — Bracelete de algodão — Indios da Serra do Norte.

esquerda, enquanto com a direita coçavam a cabeça sorrindo, desconfiados.

Ao luar, leitoso, era phantastico o aspecto daquelles homens, altos, lepidos, irrequietos, animados, falando sempre, desengonçados, inteiramente nus.

Rodeados por grande grupo loquaz, que parecia discutir questão importante, chegamos para mais perto da fogueira; crianças puzeram-se a chorar, enquanto as mães, sem saber que barulho era aquelle, trepavam, ageis, pelas jaboticabeiras do campo existentes no lugar.

Logo distribuimos, largamente, cigarros e caixas de phosphoros, que traziamos sempre num bornal, ao lado dos arreios, por seguro...

E, animados por esse gesto, começaram a pedir tudo quanto levavamos, e a perguntar o nome de tudo :

— *Déra?* e seguravam no objecto até que lhes dissessemos o nome. Repetiam-no, então convencidamente, desatando uma grande gargalhada, como si achassem os nossos termos muito comicos.

Um delles batia no peito, de vez em quando, e dizia orgulhoso :

— *Damasceno!*

Era o nome de antigo trabalhador da linha, ao qual muito se affeiçoára aquelle indio, conforme apurámos depois.

Foi *Damasceno* pela sua intelligencia e boa vontade, desenvolvidas pelos agrados que lhe ministrei, interesseiramente, um dos bons elementos de informação de que pude dispor.

Certo dia, elle, que me via sempre curar dos nossos enfermos, veio ter commigo, mostrando os braços ulcerados pela pulseira de embira que trazia muito apertada. Não consentiu que lh'a cortasse; mas insistiu para que lhe puzesse algum remedio ali, apontando os meus frascos e depois o lugar ferido, juntando ao gesto expressivo uma careta de dôr. Para impressional-o fortemente, appliquei uma compressa de algodão com solução de cocaina que fez cessar, como por encanto, o que elle soffria. *Damasceno* ficou surprezo; tornou-se ainda mais util.

\*

Fizemos comprehender aos indios que atraz de nós vinham tropas carregadas de presentes. Uma explosão de alegria. Cerca de duas horas depois chegavam, effectivamente, nossos cargueiros, cuja passagem foi realizada entre falatorio e gritaria.

Na sua maior parte, não queriam os selvagens esperar; pediam, ali mesmo, áquella hora, o que viam. Alguns, mais atrevidos, iam tirando os chapéos dos tropeiros.

Um grande terçado, pendente dos meus arreios, soffreu a mesma operação.

Com certo geito, sempre promettendo brindes para o dia seguinte, dia que elles exprimem pondo a palma da mão sobre a face direita e fazendo como quem resona uma vez, conseguimos a passagem das tropas sem mais incommodo.

Ficaram lá, no meio da noite, ao redor da sua fogueira, fazendo acenos, aos herros de prazer...

\*

De madrugada chegámos ao pouso do rio Primavera, que é dos mais lindos sitios da *Estrada*.

Rodeado de grandes arvores erguidas no chão limpo, um rancho, á beira do rio, parecia casa de colono em terra civilizada; quem chega ali, depois de tantas matas e cerrados e tristezas, descança o corpo e a alma.

Deixámos o abrigo para armazem das nossas cargas, que precisavam ser protegidas contra a soffreguidão dos indios. Armámos, ao relento, nossas rêdes... para não dormir.

\*

Dormir, excitado pelo quadro phantastico, desenrolado á meia-noite?

Dormir, naquella hora inesquecivel, em que a sorte me tinha feito surprehender, vivo e activo, o "homem da idade da pedra" recluso no coração do Brasil, a mim, que

acabava de chegar da Europa, e estava ainda com o cerebro cheio do que a terra possui de requintado, na differenciação evolutiva da humanidade!

Que gente é essa, que fala idioma tão differente das linguas conhecidas, tão differente da lingua dos seus mais proximos visinhos; que tem costumes tão extranhos aos que vivem perto; que não conhece os mais essenciaes objectos da vida dos seus companheiros de sertão? De onde veio? Por onde passou, que não deixou rastros? Quando chegou áquellas matas, onde vive ha tanto tempo? Que ligações tem com os outros filhos do Brasil?

\*

As' 8 horas da manhã foram vindo os indios ao Primavera; de longe, repetiam: *O! Nen-Nen! Nen-Nen!*

O primeiro grupo era composto de seis homens, cinco mulheres e quatro crianças. Vieram aos poucos; juntos, chegaram um homem, uma mulher e dois filhos. Elle veio andando atraz, de cabeça erguida, orgulhoso, sem uma tira de palha sobre si, inteiramente nú. Chegou-se á mim, na occasião, em que armava um apparelho, apoiou-se numa varinha fina que trazia, olhou-me com soberano desprezo durante alguns minutos, e fez um gesto para pedir cigarro e fogo. Entrada theatral. "*Guarany*" nature. Durante o dia foram chegando outros. A tarde, havia cerca de 50; foi um dia de trabalho inteiramente cheio.

Films, chapas, notas, vocabulario; iniciava-se a realização da parte essencial do meu programma.

\*

A estrada continúa, subindo morros e descendo para cortar os valles onde a "*Matta da Canga*" se alteia, typo

colossal de floresta virgem da Amazonia. Antes della, corre o Camararé, que tambem é unidade do grande sistema do Juruena.

Pela picada a fóra, atravez da Mata da Canga, os postes da linha estão, em grande numero, feridos pelos primeiros machados de ferro que os indios receberam de

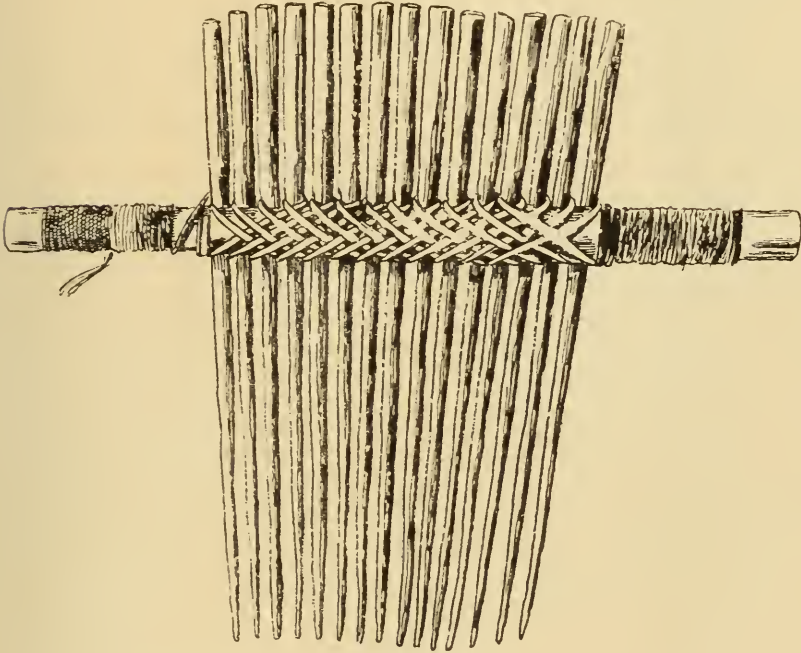


Fig. 50 — *Halatzú* — Pente dos Indios da Serra do Norte.

presente; não acharam madeira melhor para ensaiar o gume da nova ferramenta. . .

Logo depois de passar o Camararé soffremos um aguaceiro, que foi o segundo a partir de Tapirapuan; o primeiro desabou em Aldeia Queimada e foi acompanhado de forte granizo, proporcionando-me oportunidade de obter dos Parecís notas interessantes sobre o phenomeno, cujo apparecimento saudaram com alegria.



Antes de chegar a Campos Novos pousámos, ainda uma vez, na Varzea do Mutum, onde corre um ribeirão que vae ter ao Camararé, deslizando sobre leito de rochas silicosas.



Si o inhambú já não fosse baptisado, duas vezes como é, pelos sabios e pelo povo, eu diria agora : *gallo da tarde*, porque é o arauto fiel da noite.

Apenas o Sol modera suas torrentes de luz, e a cinza da tarde começa a se espalhar no ceo, o inhambú principia, na orla dos bosques, a preparar o canto chromatico. A principio é voz modesta, quasi medrosa, incerta, sosinha; é uma ave que accordou mais cêdo para o hymno.

Essa desperta, aos poucos, a voz dos companheiros; e, ao cabo de alguns instantes, sobe da ramaria um côro, em trilos fortes, ousados, dos inhambús que annunciam a noite, como de madrugada os gallos avisam a creação que o dia vae começar...



A estação telegraphica de "Nambiquáras", onde mal cabe o aparelho, o telegraphista e sua rêde, é um pequenino rancho, collocado ao lado do rio a que Rondon deu o mesmo nome. O rio passa sobre um leito de rocha eruptiva. (Diabase).

Seixos rolados, em grande quantidade, compoem a physionomia da corrente que, pouco além, atravessa curtos sumidouros.



Na “estação” vivia o encarregado e mais um homem. D’ahi a uma legua acha-se a invernada de Campos Novos, posto fundamental da linha telegraphica, na Serra do Norte, base inestimavel para o proseguimento dos trabalhos no extremo Nor’Oeste de Mato-Grosso.

Campos Novos é perfeita “fazenda”. Tem boa casa de telhas, fabricadas lá mesmo, tem curraes, pastos cercados de optimas forragens, boas aguadas, gado para refazer as tropas que transitam do Juruena para lá, até ao acampamento. E’ tambem a “cruz vermelha” daquella guerra contra as selvas; ali se restabelecem, pelos beneficios do clima saudavel da serra, os doentes que vêm do Norte.

E’ nosso quartel general, na Serra do Norte. Os indios assim realmente o entenderam; Campos Novos tornou-se o maior centro de attracção para os Nambikuáras. Representantes de todos os grupos em que se subdivide a grande tribu, procuram lá os brindes e presentes á que já se habituaram. Grupos inimigos entre si fraternisam ali, levados pelo interesse de possuir as innumeradas utilidades que por nosso commercio conheceram.

Apreciam immensamente os phosphoros; talvez ainda mais que as contas e outros adornos. Mas são absoluta-

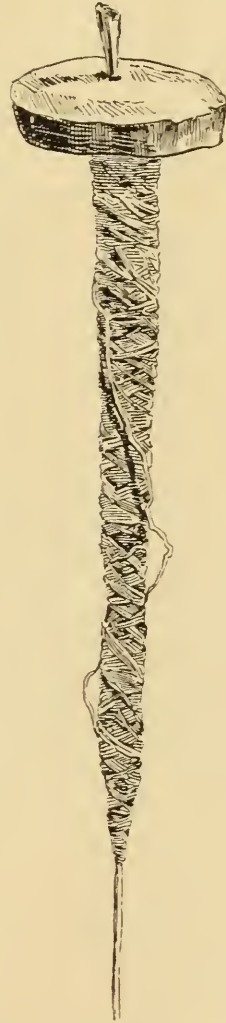


Fig. 51 — Gdaretatú —  
Fuso dos Indios da Serra  
do Norte.

mente *vorazes* para machados de ferro; até as mulheres porfiam por ganhar taes instrumentos.

Por um machado trocam tudo. Nem ha, para qualquer delles, nada, no mundo, de maior valia. O ferro, o ferro é o ouro da Serra do Norte. Com elle, o viajante obtem a boa vontade do indio mais retrahido e secco; alcança a massa de mandioca e o milho molle para não morrer de fome; o machado de ferro é a libra esterlina da terra nambikuára. E ha de ser dos grandes; porque as modestas machadinhas que levei foram recusadas, mais de uma vez, pelos homens. Mandavam que se as entregassem ás mulheres...



Quem não provou o mel das abelhas do Brasil, e só conhece o da *apis melifica*, ignora uma riqueza desta terra abençoada. O mel da mandurí, da mandaguarí, da urussú, da tatá, da bojuí, que sei eu! tem, requintados, todos os perfumes das matas brasileiras, resume um poema de cheiro e de sabôr. Aquelle que sabe derrubar um palmito e abrir *um mel*, em vez da maldita fome, encontra, na floresta, um ágape divino.



O vinho saboroso do burití é recolhido de modo bem simples.

Derruba-se a palmeira e abre-lhe o flanco, em cocho longitudinal; a seiva vai-se juntando na ferida: é o vinho saboroso.

Depois de bem fervida, a seiva engrossa; é o *mel do burití*.



Toldos de caça  
(Indios do rio Juina)



Acampamento dos Taités  
(em Três Buritis)

SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINHO, phot.  
1912



\*

O palmito do *inajá* pareceu-me mais nutritivo que outro qualquer, pela sua riqueza em substancia amilacea.

\*

O “leite da soveira” é outro recurso. Tem aspecto de leite verdadeiro, embora um pouco mais denso; é ligeiramente adocicado e adstringente.

Misturado com agua e assucar póde ser bebido sem repugnancia.

A soveira é urticacea do porte de uma hevea, pouco folhuda, esgalhando alto do sólo.

\*

Em Campos Novos, correspondendo á nossa expectativa, durante alguns dias estivemos sempre acompanhados por grupos successivos de Nambikuáras, vindos das diversas aldeias.

Apezar de se encontrarem ainda bastante ariscos, prestaram-se, contudo, muitos delles, ás mensurações e exames que procurei realizar.

Para aproveitar as condições favoraveis á viagem, antes que principiassem as grandes chuvas do verão, seguimos, na primeira quinzena de outubro, a visitar os grupos septentrionaes da grande tribu, ultimamente descobertos pela avançada da linha.

A Serra do Norte, de Campos Novos aos de Comemoração de Floriano, onde se levanta a estação de Vilhena, é ainda mais accidentada: grandes quebradas, valles profundos separando montanhas, em grande parte transformadas em tableiros.

Entre o “Morrinho do Lyra” e Vilhena a linha trepa, ousadamente, pelas escarpas da serra, atravessando as maiores florestas de todo o percurso. A *palmeira castiçal* que parece viver no ar, artificialmente supportada por uma serie de estacas, móra ali, nas matas. Enormes caules voluveis, ondeantes, despencam-se dos altos ramos das essencias, como ophidios monstruosos; e ficam balouçando, languidamente, ao sopro da aragem que consegue penetrar pela floresta a dentro.

As vezes, no meio da mata, ouve-se um grande estrondo que o echo revigora.

E’ “páu cahido”, algum gigante que rue.



E’ ameno o clima dos campos de Commemoração de Floriano, a mais de 800 metros acima do nivel do mar.

D’ahi ao Retiro dos Tres Buritís a Serra continúa do mesmo modo accidentada.

A bacaba e o assahí, que são palmas nobillissimas, espalham-se por toda a redondeza. Nos “Tres Buritís” estava a ponta do fio telegraphico.



Entre Campos Novos e os Campos de Maria de Molina passa a “Estrada Rondon” sobre o formoso rio 12 de Outubro, deixa á Nord’Este o rio Ikê, atravessa alguns ribeirões: Amarante, Nicolau Bueno, Julio Caetano, Maronis, Aldeias, etc., antes de cruzar o rio Festa da Bandeira ou Karumí. Dentro das matas do rio Festa da Bandeira tem os selvagens algumas roças.

\*

Tres Buritís, como os outros postos, havia muito tempo, não recebia visita de indios, pelas mesmas razões. No entanto, enquanto seguíamos á sua procura pela estrada ácima, visitando de passagem uma interessante malóca proxima do rio Karumí, o telegraphista da estação terminal, Sr. Gastão Soares e o vaqueiro João Lucas, de quem os selvagens eram já muito amigos, offereceram-se para os procurar do outro lado, na direcção de campos vizinhos, que Rondon denominou *14 de Abril*.

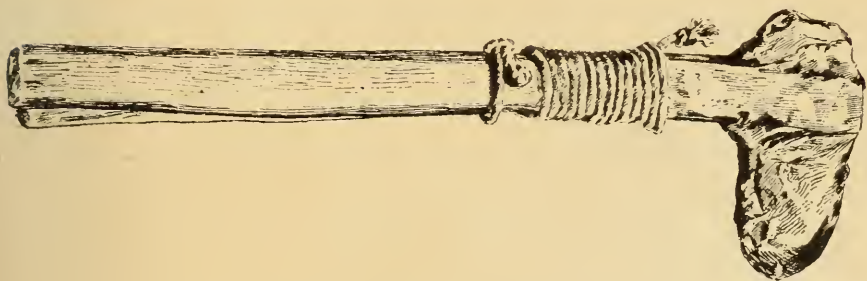


Fig. 52 — Machado de pedra dos Indios da Serra do Norte.

Nos campos de Maria de Molina, cobertos de ananazes e mangabeiras, os indios não appareciam havia quasi um mez. Depois da partida de Rondon, foram procural-o. O posto não tinha material para presentes. A crise de transportes recrudescera com a secca das pastagens. Não voltaram mais.

Taes informações eram desanimadoras. Para não perder tempo, e principalmente para poupar os animaes que tinham de transportar até Tapirapuan a bagagem, accrescida com as collecções existentes em Campos Novos, e as que iamoz realizando, resolvi regressar a Tres Buritís, e proceder á pesquisas onde havia probabilidades de

deparar com os Nambikuáras, uma vez que existia, ali perto, uma de suas grandes aldeias.

Fomos felizes desta vez; Gastão Soares e João Lucas tinham, effectivamente, encontrado, nos — Campos 14 de Abril —, um grande grupo.

Mais de 200, com suas mulheres e filhos, foram chegando.

Acamparam ao redor do nosso rancho e ali permaneceram durante alguns dias. Tempo precioso.

\*

Do Juruena aos campos de Maria de Molina as marchas usuas das tropas são as seguintes:

Juruena ao rio Formiga . . . .	3 legoas
Formiga ao rio Juina . . . . .	1 »
Juina ao rio Primavera . . . . .	4 »
Primavera ao rio Camararé . . . .	2 »
Camararé ao rio Mutum Cavallo.	3 »
Mutum Cavallo ao rio Nambikuáras . . . . .	3 »
Nambikuáras á Campos Novos.	1 »
Campos Novos ao Morro do Lyra (Espirro) . . . . .	4 »
Morro do Lyra a Vilhena . . . . .	3 »
Vilhena ao rio Amarante . . . . .	6 »
Amarante aos Tres Buritís . . . .	4 »
Tres Buritís á José Bonifacio (Maria de Molina). . . . .	3 »

\*

Em Tres Buritís, e em Campos Novos, durante noites, dormiram os indios acampados com suas mulheres e



filhos. Sacrificamos bois para alimental-os em cada um desses lugares, onde trabalhámos a valer.

Era preciso aproveitar todos os momentos, não perder uma só oportunidade de realizar qualquer observação, de dia ou de noite.

Muitos se mostraram bastante docéis para que pudesse effectuar mensurações, e mesmo exames medicos.

A maior parte dos documentos, archivados neste livro, data daquelles dias inesqueciveis.







## VIII

**I**NFELIZMENTE, em 1912, os Nambikuáras ainda se não achavam bastante acostumados com a presença de estranhos naquellas serranias. Apesar de sua condescendencia, a custa de brindes conseguida, minhas pesquisas foram recebidas com justificavel desconfiança.

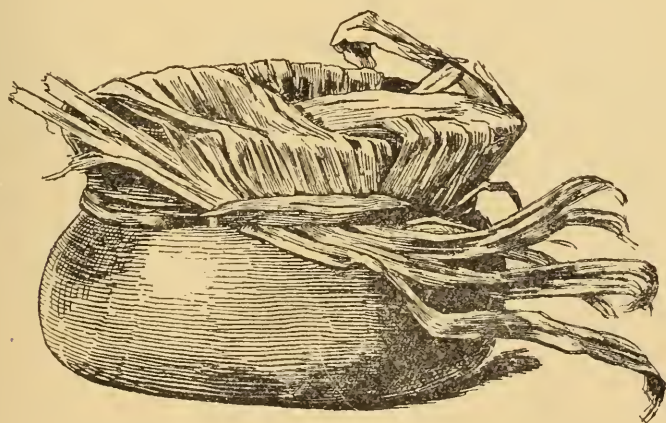


Fig. 53 — Panella com breu. Índios da Serra do Norte.

Os índios examinados pertenciam aos grupos: *Kokozú*, *Anunzê*, *Tagnaní* e *Tavitê*. Dos *Uaintaçú*, grupo ainda hostil, só consegui uma observação, essa mesma in-

completa. O estado de excitação em que o indio se encontrou, durante o tempo em que o examinei, não permittiu melhor resultado.

\*

A *pelle* é de côr amarella-sienna queimada, escura nos *Kokozú*, amarella clara nos outros. Nos *Tagnanis* o colorido, em certos individuos, chega ao roseo. Muitos typos quasi pretos são encontrados entre os do Juruena e do Juina; são os indios mais escuros do Brasil. Na tabella dermochromica (Roquette e Childe), usada no Museu Nacional do Rio de Janeiro (Coll. 4, n. 3.557) o colorido destes indios varia entre os ns. 6-10.

*Epiderme* grossa, enrugada. .

\*

Os *pellos* são rectilneos, duros (lissothricos). Em certos individuos ha cabellos largamente ondulados, *waved* dos anthropologos inglezes, semelhantes aos dos Polynesios. Os indios, em geral, arrancam os pellos do corpo e da face e cortam os cabellos, na frente, com uma concha de lamellibranchio.

Raros individuos deixam fios de bigode; alguns consentem na presença da barba do mento.

\*

Quasi todos deixam crescer livremente as unhas; á hora da comida são utensilios valiosos para dilacerar as carnes.

As plantas dos pés nunca se espessam em callosidades extensas, como nos individuos de raça negra, que andam descalços.

Os pés são relativamente grandes. Pernas finas e musculosas. Abdomen, saliente. Mãos, pequenas; membros thoracicos encordoados, pouco volumosos.

As mensurações que pudemos obter nos typos masculinos, adultos, normaes, constam dos quadros annexos.

O quadro — C — contém os dados fornecidos pela pelvimetria, praticada em algumas mulheres.

Os diâmetros da bacia, como se vê, são pequenos; trata-se daquelle typo que os obstetras denominam *bacia gracil*, senão fôr modalidade normal da chamada *equabiliter justa minor*, que, a titulo aberrante, apparece em nossos serviços clinicos.

A estatura das mulheres, portadoras de pelvis assim reduzido, é bem pequena: as nambikuáras têm 1,47 de altura, contra 1,62 que tem os homens.

Sendo admittido em geral, que a estatura feminina é sempre menor que a masculina, cerca de 7 %, a altura das nambikuáras deveria andar por 1,51

*Grosso modo*, póde dizer-se que a estatura feminina tem menos 12 centímetros que a do outro sexo. No quadro — C — encontramos, todavia, alguns typos que excedem essa relação.

\*

O exame das proporções do corpo, realizado em alguns typos que representavam o conjuncto dos caracteres somaticos mais nitidos da mulher nambikuára, revelou factos interessantes, cujo conhecimento é indispensavel para o trabalho de comparação anthropologica.

A *altura da cabeça* contém-se pouco mais de seis vezes na altura total do corpo ( $6 \frac{1}{2}$ ).

O *segmento cerebral* do rosto e o *segmento respiratorio* são iguaes; o *digestivo* é maior que os precedentes.

A distancia entre os olhos (diâmetro bi-palpebral interno) é maior que a fenda palpebral; assim os olhos acham-se muito afastados um do outro, pela espessura da raiz nasal.

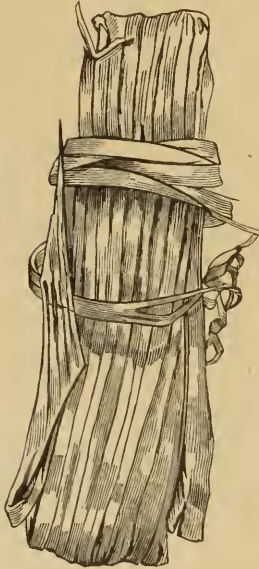


Fig. 54 — Bolsa de palha onde os índios da Serra do Norte guardam sementes de cucurbitaceas (Legendaria)?

O *tronco* é quadrangular, sem depressão lombar, nem vislumbre de steatopygia. Os *seios*, nas moças puberes, são pequenos, em fórma de taça, pela classificação Ploss-Bartels. Nas mulheres mães, são grandes, de aureola dirigida para fóra, mamillo levantado, nem sempre muito afastados um do outro.

O *espaço intermamario*, em algumas das mulheres mães, tem o valor da metade do diâmetro de uma das mamas.

O *meio do corpo* acha-se acima da symphize pubiana.

Mede a *distancia jugo-xyphoïdiana* — (da furcula external ao appendice xyphoide) — metade da distancia *xypho-pubiana*; sendo, assim, a altura do abdomen igual ao dobro da altura do thorax. Por sua vez a distancia *xypho-umbilical* é igual ao dobro da linha *umbilico-pubiana*. Do que se conclue que a mulher nambikuára tem o umbigo mais proximo do pubis.

Pinard já tinha notado a importancia pratica do conhecimento dessas relações, na simiologia da prenhez.

Mostrou quanto andaria errado quem fosse applicar, a todas as raças, elementos de pesquisas que só para umas tantas podem servir.

Vi algumas nambikuáras grávidas. A prenhez evoluia já adiantada, mas não consentiram num exame sério; nada posso, dest'arte, dizer a respeito.

Vem todavia a proposito referir que nenhuma era lanhada pelos sulcos intra dermicos, devidos á distenção forçada do abdomen, que são frequentes na mulher branca (*vergões da gravidez*).

Aliás, a pelle não tem sempre o mesmo coefficiente de extensibilidade.

A dos indios é favorecida por condições especiaes, mal conhecidas. Martius figurou no seu *Atlas* um indio Miranha cujas narinas, perfuradas, attingiam insolita extensão; o individuo conseguia passal-as ao redor do pavilhão da orelha do lado respectivo.

O labio dos botocudos é outro exemplo disso.

\*

No typo masculino, os tres segmentos principaes da cabeça seguem a mesma norma.

O segmento digestivo é maior que os outros dois. Tambem a altura do thorax é igual a metade da altura abdominal.

As mesmas relações encontradas entre thorax e abdomen e entre as partes deste ultimo, no typo feminino, acham-se nos homens.

\*

Por essas relações thoraco-abdominaes, e pela altura do umbigo sobre o pubis, póde-se dizer que o homem

nambikuára tem tronco de mulher; e, levando mais longe a consideração dessas interessantes disposições reciprocas, ainda não seria errado affirmar que, no adulto, nessa gente, permanecem caracteres morphologicos proprios á infancia : altura do umbigo, por exemplo.

\*

Um caracter differencial dos sexos 'é a situação do meio do corpo : nos homens elle se encontra na borda inferior da symphise pubiana.

E' que as mulheres têm membros inferiores mais longos; e os homens, o tronco mais comprido; ellas são, antes, *macroskéles*, e elles *brachiskéles*. Notemos que observações de Alex Hrdlicka, entre adolescentes, na America do Norte, encontraram phenomeno inverso nas populações brancas.

\*

No typo masculino a cabeça cabe sete e meia vezes na altura; obedece ao canon dos gregos, o que é realmente interessante. A distancia inter-ocular é maior que o comprimento da fenda ocular; a altura total da face é pouco maior que o comprimento da mão. A mão tem cerca de  $1/10$  da altura total do corpo; o pé corresponde a  $1/8$  daquella altura. Braço e antebraço têm comprimentos equivalentes; são sensivelmente iguaes. *O olho mongol*, de Metchnikoff, é raro

\*

Nos indios da Serra do Norte não se vê a queda precoce dos incisivos, tal qual é encontrada nos Parecís.





Nambikuára — Tauritô



Nambikuára — Kôkôzû

INDIOS DA SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINHO, phot.  
1912



A norma da erupção dos dentes, pelo que andei observando em alguns rapazes e meninos, não é a mesma que se costuma deparar na raça branca; porque as idades, em que a segunda dentadura se completa, me pareceram outras.

Nos typos brancos, pelo commum, as arcadas se guarnecem conforme o schema :

$$\begin{array}{cccccccc} \text{—} & \text{—} & \wedge & \circ & \circ & \circ & \circ & \circ \\ 8 & 9 & 12 & 10 & 11 & 7 & 13 & 18 \end{array}$$

Aos sete annos rompe o primeiro molar; aos oito, os incisivos medianos e aos nove os lateraes. Aos 10, o primeiro premolar; aos 11, o segundo. Os caninos, aos 12. O segundo molar, aos 13. O *dente do sizo*, que é o terceiro molar, apparece aos 18, mofo e sem prestimo, quando não se deixa ficar mettido no alveolo durante toda a vida.

Os factos mais interessantes relativos á dentição daquelles indios são precisamente os que se relacionam com os *dentes do sizo*; porque, mais de uma vez, verifiquei a presença delles em rapazes que não tinham, seguramente, attingido os 18 annos.

A dentição completa-se naquella gente, ao que me pareceu, muito mais cedo.

Os molares, que o povo chama *dentes do sizo*, e tendem a desaparecer na raça branca, nos indios, não são dentes de enfeite. Têm função e tamanho de considerar.

Acredito que o excesso de trabalho, imposto ao aparelho da digestão, tenha seu rebate nestas características dentarias.

Os grandes molares apparecem mais cedo porque são solicitados por mastigação frequente e forte.



Fig. 55 — Fructo de um *Solanum*, usado pelos Indios da Serra do Norte.



Comem sempre, de tudo, sem regra nem medida. Não sei de animal que não devorem. Regejitam, apenas, o tubo intestinal da caça abatida.

Os do Juruena comem mais carne que os outros; os de *José Bonifacio* alimentam-se mais de mandioca e milho. Sua pneumatóse intestinal fal-os companheiros desagradáveis. Todos têm lingua saburrosa e muitos as gengivas arregaçadas pela pyorrhéa alveolar. Os dentes, ao contrario do que se verifica frequentemente nos crancos dos sambaquís, não soffrem o processo de usura que Lund, em 1842, descreveu no homem de Lagôa Santa; mas padecem da carie que lhes não poupa as corôas.



Uma dermatose especial grassa entre os indios da Serra do Norte <sup>(1)</sup>.

Em verdade, alguns officiaes da Commissão Rondon, haviam notado as placas caracteristicas da doença. Mas, talvez porque não tivessem sido encontrados casos typicos, como esses que me cahiram sob as vistas, as manchas passavam por simples descamações epidermicas traumaticas, oriundas do attricto do corpo na terra, pois que os indios da Serra do Norte dormem sobre o sólo.

Examinando os individuos cujas photographias aqui se encontram verifiquei, porém, a existencia de verdadeira dermatose, imitando diversas das que se acham indicadas entre os nossos aborigenes.

(1) Cf. E. Roquette-Pinto — Conferencias na Bibliotheca Nacional — 15 de março de 1913, e na Sociedade Brasileira de Dermatologia (Polyclinica Geral do Rio de Janeiro) — 11 de junho de 1915.



A doença apparece em toda idade; foi encontrada em crianças de peito e em velhos. Ataca igualmente ambos os sexos.

Parece ser mais frequente nos indios dos rios Juruena e Juina. Os Parecís, proximos visinhos delles, não conhecem o mal; e não me consta que já se tenha verificado qualquer caso no pessoal da linha telegraphica.

Nenhuma região do corpo é poupada, a não ser o couro cabelludô. As unhas são respeitadas, e a face não é séde predilecta das lesões.

A doença não é rara; em muitos indios é facil reconhecer traços de sua existencia. No entanto, creio que evolue com intensidade mui variavel, porque só em oito individuos, dentre cerca de 400, pude verificar suas manifestações bem definidas.

A dermatose apparece sob tres aspectos clinicos successivos, e um mesmo individuo póde apresentar lesões cutaneas em differentes estádios. Em algumas placas notam-se fórmãs de transição.

No seu primeiro periodo esta doença forma vesiculas mui pequenas, cheias de liquido seroso, dispostas linearmente, em figuras circulares, concentricas. A pelle, nos intervallos, é apparentemente sã; as vesiculas não se rodeiam de zona inflammatoria visivel. Não ha calor, nem rubor.

Depois, as vesiculas crescem ligeiramente e seccam, dando lugar á formação de crostas escamosas que seguem os contornos dos desenhos primitivos. Todavia, a fórmula das figuras circulares já se não mantêm regular; as primeiras lesões foram confluindo em muitos pontos atravez dos espaços de pelle sã. Formam-se então verdadeiras *placas*

de descamação, manifestações características da segunda phase da doença.

Pelo mesmo processo surge o terceiro aspecto. As placas se desenvolvem lado a lado; ao pé de uma, outra cresce. Acabam juntando-se; a descamação epidérmica é, então, continua. Porém, as escamas crescem bastante, quando a phase final da doença attinge seu apogeu.

O doente torna-se repulsivo.

Uma india tinha infinidade de escamas arrepiadas pelo corpo inteiro, como si fossem tiras de papel de seda escuro, colladas ao tegumento por uma das extremidades.

Estas escamas papiraceas não se deixavam arrancar com facilidade; o attricto da mão não as destacava, conforme verifiquei quando a mulher se coçava. O prurido, nesse periodo, creio, é muito menor; pareceu-me mais accentuado nos primeiros.

Não posso precisar o tempo em que a doença completa sua evolução. A dermatose passa em alguns dias do primeiro ao segundo periodo; este, porém, me pareceu demorado.

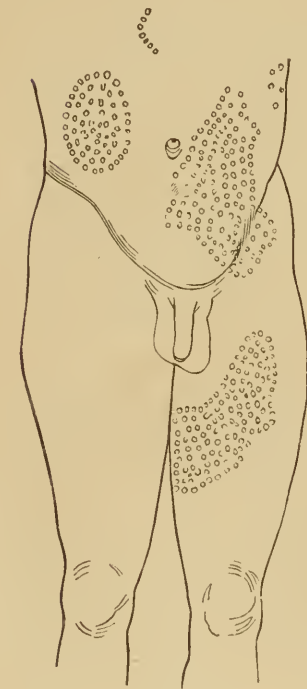


Fig. 56 — *Baanccédutú* — primeira phase da dermatose dos Indios da Serra do Norte. (Schema)

Em algumas placas nota-se a formação incipiente das *escamas* papiraceas. No entanto, como apenas tive oportunidade de ver uma mulher e uma rapariga, sua filha, com todo o corpo tomado pelas lesões da ultima

phase, acredito que a doença nem sempre chega a esse termo; fica estacionaria no segundo periodo, ou involue.

Distingo, assim, nessa dermatose, provisoriamente, tres aspectos:

- a) fórma vesiculosa;
- b) fórma placoide;
- c) fórma escamosa.

Acredito que ellas correspondam a periodos evolutivos da mesma doença, e não a doenças differentes, porque achei, em alguns enfermos, fórmas intermediarias.

Aliás, elles indicavam, por signaes, mas de maneira mui clara, que a derradeira manifestação principiava pela fórma vesiculosa, unica encontrada em crianças de peito.

\*

Os indios passam saliva sobre as placas; não sabemos ainda si empregam contra a molestia alguma herba. E' provavel que o façam, visto que em suas aldeias tem-se encontrado verdadeiros hervarios.

Quanto á influencia que, porventura, possa ter sobre a doença o costume, peculiar aos selvagens, de se pintarem com certa pasta gordurosa feita com o succo das sementes do urucú, é tambem questão a resolver.

\*

O aspecto e a evolução da doença nos induzem a acreditar que se trata de uma dermatomycose; é provavel que o cogumello pathogenico tenha o seu *habitat* no sólo. E assim se explica porque os funcionarios da linha que ha annos convivem com os Nambikuáras, ainda não contra-

hiram o mal; o que tambem se observa com os Parecís, actualmente relacionados com aquelles doentes. Uns e outros, ao contrario dos Nambikuáras, fazem uso da rêde; nunca dormem no chão.

O exame microscopico das escamas, até agora, não foi feito; é falta de que não tenho responsabilidade. Em 1912 os indios não permittiram que se colhesse material. Viviam ainda desconfiados.

O nome indigena que os enfermos da Serra do Norte dão á sua doença é: *Báanêcêdútú*.

Acredito que o vocabulo exprima, precisamente, a fórma curvilinea das lesões, visto como *Báanêndútú* é a designação generica das conchas dos gastropódes, que são enrolladas em espiral.



Tudo isso basta para demonstrar que se trata de manifestação morbida ainda não descripta nos selvagens do Brasil.

Das dermatoses peculiares aos nossos indios, algumas não se parecem, absolutamente, com o *báanêcêdútú* da Serra do Norte.

Podem ser, desde já, afastados: o *pian*, a *curub*, a *pinhã*, a *munga*, as *pereb*, as *xerodermias* (ieltyoses), as *leishmanioses*, etc.

*Pereb* é nome tupí das ulceras cutaneas banaes, staphyllocóccicas, etc.

A *pinhã* foi encontrada entre alguns indios do Amazonas por von Martius. Deve ser uma fórma de furunculose; Martius a considerava uma especie de "anthraz".

O *pian* é hoje bem conhecido; já em 1558 fôra admiravelmente caracterizado por Thevet e, em 1578, por Jean





Dermatose dos Indios da Serra do Norte  
(Cliché não retocado)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912



de Lery. Em 1613 o sabio padre Yves d'Evreux apontara, magistralmente, suas semelhanças com o "mal de Napoles". Os indios da Serra do Norte nada apresentam de parecido.

Devo tambem dizer que aquella gente não conhece a lepra, nem as ulceras leishmaniosicas, que não poupam o pessoal da linha telegraphica.

Não vi um só atacado das "feridas bravas", enquanto que a enfermaria de S. Luiz de Caceres regorgitava de enfermos, vindos do acampamento.

\*

Tambem com a dermatose dos indios *antisianos* (Mocetenes, Tacanas, Yurucarés), habitantes das vertentes orientaes dos Andes (Perú e Bolivia), a doença dos Nambikuáras não tem semelhança.

Os *hombres overos*, designação que os hespanhóes deram áquelles indios, têm largas manchas irregulares, esbranquiçadas, de contornos pouco nitidos, localizadas principalmente nas saliencias articulares.

D'Orbigny affirma que taes manchas nunca se apresentam com aspecto farinaceo; que poupam as crianças, e que a epiderme dos doentes se mantem inteiramente lisa.

A molestia dos "overos" nada mais é, afinal, que a *vaurána* dos nossos indios do grupo tupí, e vem a ser a mesma cousa que o *mal dos Caratés*, da Colombia, *mal das pintas* (ou dos pintos), *Lota*, da America Central, ou *Purú-purú*, da Amazonia.

\*

Spix e Martius, no começo do seculo passado, e, depois delles, outros naturalistas, encontraram o mal espa-

lhado pelo grande valle. Muitos chronistas delle se occuparam, e entre todos, Baena foi minucioso.

« Purú-purús, escreveram aquelles, é o nome dado pelos brasileiros aos indios que se chamam propriamente *Pamaouiris*, habitantes do rio Purús. »

Descreveram a molestia dos *Pamaouiris* ou, como hoje se diz, *Paúmaris*, dando-lhe para característica essencial a presença de manchas cutaneas irregulares, isoladas ou confluentes, ennegrecidas, um tanto asperas ao tacto.



Fig. 57 — Tubo de taquara com pó escuro — Paricá ?

Martius acreditava que algumas manchas brancas, ás vezes encontradas entre as escuras, representavam o primeiro estádio da doença.

Parecia-lhe hereditario o *purú-purú*, embora suas manifestações cutaneas só principiassem a partir da puberdade. Os indios com que Martius tratou attribuiam esse flagello “ao máo estado do seu sangue”; e o naturalista acreditava que a “vida amphibia” daquella gente, sua alimentação e alguns dos seus costumes influíam muito para o apparecimento do *purú-purú*.

\*

Depois, naturalmente pela disseminação da doença, seu nome ficou servindo para designar todas as tribus da região Purús-Juruá : *Paumari*, *Juberí*, *Aruá*, etc.

Ehrenreich, ha cerca de 20 annos, pôde verificar certos detalhes curiosos na evolução do *purú-purú*. Confirmou que só a partir da puberdade a doença toma incremento; encontrou alguns indios com pés e mãos inteiramente

brancos, como si se tratasse de um *albinismo parcial*, ou de uma especie de *vítigo*.

Segundo Ehrenreich, no primeiro periodo da molestia, as manchas têm côr azul-acinzentada. A' medida que se vão descorando nas bordas, escurecem no centro.

Pessoalmente elle nunca observou a descamação da epiderme na zona doente. Todavia, transcreve informação vulgar segundo a qual os Paumarís misturam, subrepticamente, as escamas de sua pelle aos alimentos e á agua de seus vizinhos, afim de que a doença tambem os atinja.

Nas manchas brancas, accrescenta o mesmo ethnologo, não existem pellos. O prurido é sempre intenso.

\*

Em 1909, Koch-Grünberg tratou do *purú-purú* encontrado na bacia do Rio Negro. Apontou, de accôrdo com a opinião dos indios, tres variedades da doença : *purú-purú branco*, *p. negro* e *p. vermelho*, segundo a côr predominante nas manchas. Koch Grünberg diz que as manchas negras são duras e asperas ; as brancas, lisas, apresentam o aspecto de queimaduras.

No entanto, Oswaldo Cruz, em 1913, affirmou que nada justifica a separação das tres variedades. As manchas brancas, para elle, figuram um estádio mais adiantado da doença ; apparecem pela eliminação do pigmento cutaneo promovida por agente infeccioso.

Oswaldo Cruz verificou tambem a descamação da epiderme ao nivel das manchas negras.

Hirsch, já em 1886, assegurava que o *purú-purú* não poderia ser sinão uma dermatomycose ; os estudos de Montoya e Flores e Oswaldo Cruz, embora ainda não concludentes, parecem justificar a hypothese.

Os indios da Serra do Norte vivem em aguas amazonicas; habitam, portanto, na visinhança da zona enorme onde se tem achado o *purú-purú*. Todavia, não soffrem, indiscutivelmente, desse mal. O seu isolamento os preservou.

\*

Já com o *ringworm* ou *herpes circinado*, e tambem como o *tokeláu*, ou *linea imbricata*, o *báanêcêdútú* tem alguma semelhança.

Ehrenreich, em 1897, confundiu aquellas duas dermatoses, e affirmou que são frequentes entre os indios da zona tropical.

O *ringworm*, porém, não é o tokeláu; nem essas dermatoses são muito disseminadas entre os indios. O seu tegumento cutaneo, sujeito a multiplas causas desorganizadoras, proporcionadas pelo meio, acha-se muitas vezes tomado pelas “*erupções artificiaes de causa interna e externa*”, passíveis de se confundirem, em certos casos, com molestias parasitarias.

No entanto, é fóra de duvida que as primeiras formações da dermatose da Serra do Norte seriam parecidas com as do *herpes circinatus* — círculos concentricos formados por pequenas vesiculas — si lhes não faltasse a reacção inflammatoria que acompanha o *herpes*.

Talvez esta reacção passe despercebida, seja pela espessura da pelle, seja pelas suas condições de vascularização discreta, ausencia de pellos, glandulas sebaceas pouco abundantes, etc.

A evolução da dermatose da Serra do Norte, todavia, não permite que se a confunda com o *ringworm*.

No seu estado final, a doença dos Nambikuáras assemelha-se muito mais á *linea imbricata*.

O aspecto do individuo coberto de escamas longas, como tiras de papel de seda, que verifiquei perfeitamente nos meus indios, é tambem attribuido ao *tokeláu*. No *tokeláu*, além disso, não existe inflammação ao redor das lesões, nem o systema piloso é atacado, tal qual acontece no *báanêcêdútú*.

A *tinea imbricata* tambem começa por formações vesiculares; mas a transformação das vesiculas em "systemas", na dermatose dos Nambikuáras é muito mais irregular. Não existem mesmo verdadeiros *systemas de descamação*, como no *tokeláu*; são antes placas, limitadas



Fig. 58 — *Hikauti* — Faca de madeira, dos Indios Taitês da Serra do Norte.

por escamas ainda tão pequenas que tomam aspecto furfuraceo.

De sorte que a verdadeira semelhança das duas dermatoses só é bem visivel no ultimo periodo, quando as *escamas papiraceas*, alongadas, cobrem todo o corpo

Por outro lado, a evolução da doença dos indios da Serra do Norte nada se parece com a do *tokeláu* que o Dr. C. Paes Leme descreveu em 1903, entre os indios do Araguaia, e Friz Krause não menciona. Faltam absolutamente os symptomas geraes apontados naquelles indios; a dermatose dos selvagens da Serra do Norte tem todas as caracteristicas de uma doença local.

Pelas razões expostas, acredito que o *báanêcêdútú* é uma dermatomycose exfoliativa, talvez mesmo uma *linea* visinha do *tokeláu*.

Era impossivel obter naquella data material para exame microscopico. Actualmente, as condições são mais

favoráveis; a confiança dos “doentes” é cada vez maior. Permite investigações muito mais complexas.

Tenho realizado pesquisas sobre ligas e outros objectos de uso dos índios, material que passou muito tempo em contacto directo com as lesões cutâneas. Estas observações são extremamente precárias, é claro. Nem conto com o seu éxito. Si fôr possível isolar um fungo, dessas peças, cultival-o, inoculal-o, voltarei a tratar do interessante assumpto.

Aos especialistas cabe completar e corrigir estas notas, que não pretendem sinão documentar o aspecto clinico de uma manifestação morbida de índios primitivos. Amanhã ou depois, contaminadòs pelas infecções extranhas, a que infelizmente não se poderão furtar, hão de apresentar os mesmos phenomenos sob outra fórma, modificados pelos beneficios e pelos males da civilização.

\*

Com os dados antropologicos, aqui transcriptos já se póde tentar um esboço de comparação somatica.

A anthropologia não é mais a inutil pesquisadora de soluções impossiveis, para problemas ociosos, embora não tenha ainda attingido o grão supremo que lhe foi marcado na hierarchia positiva.

A raça não é uma expressão verbal, sem valia nem funcção; marca sempre relações, entre um grupo de organismos e o meio em que elles vivem. E', por isso, indispensavel ir levando em conta os *phenomenos*, do mesmo modo como se apreciam os *seres*.

Perante a moderna orientação da anthropologia a observação dynamica das *raças*, dos *typos*, e dos proprios *individuos*, vai-se aos poucos, caracterisando como a unica saída para os que estudam com desejo de encontrar o





Piolho dos Indios da Serra do Norte (X50)

Microphotographia de E. ROQUETTE-PINTO



caminho do progresso. A descripção estatística das caracterizações não satisfaz ao espirito scientifico da época ; recentes verificações e descobertas que a physiologia conseguiu, mórmente no ambito das funcções das glandulas de secreção interna, mostram que a morphologia, por si só, é fraco contingente para o conhecimento dos organismos. Ella é condicionada de modo iterativo pela maneira de funcionar propria á cada qual. Numa palavra: a *anthropologia anatomica*, cada vez mais, perde em favor da *anthropologia physiologica*.

A *anatomia das raças*, sinão feita de todo, foi bastante esboçada para que o debuxo indicasse que sáfaro terreno é o seu, incapaz de permittir a colheita das leis que governam a especial biologia das *variedades*.

Mas, a *psycho-physiologia das raças*, é uma promissora região, cujos meandros praticamente exploraveis apenas começam a apparecer.

Infelizmente, o material e os meios de indagação são escassos e pouco rendosos. E' uma falha de methodo que se ha de completar aos poucos. As difficuldades são muitas, e serias. Por isso mesmo convém consideral-as, desde já, como a parte essencial das pesquisas. Fiel áquelle criterio o autor tentou ajuntar aqui elementos que permittam esboçar, sinão resolver problemas fundamentaes da anthropologia, referidos aos typos humanos que observou em sua excursão pelas terras da RONDONIA.

\*

a) Quaes os typos anthropologicos fundamentaes de indio brasileiro ?

b) Quaes os traços caracteristicos dos indios da Serra do Norte ?

c) Como se processou sua diferenciação anthropologica ?

\*

Pondo á margem as noticias encontradas nos escriptos leigos, acha-se principalmente nos trabalhos de Piso e de Maregrave as melhores informações, collidas no seculo xvii, sobre a nossa anthropologia indigena.

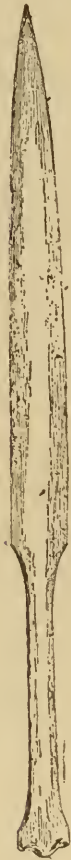
Das questões propriamente anthropologicas — (anatomia, physiologia, etc.) — cuidou melhor Maregrave; Piso dedicou mais attenção á pathologia indigena.

Da *Naturallis Historiæ Brasilix*, é o 8º livro consagrado aos indios. O capitulo iv, desse livro, traz a epigraphe: *De Incolis Brasilix*; e outro capitulo: *De Statura e habitu corporis Brasiliensium, e de eorum ætate e moribus*.

\*

«Os indios que vivem entre nós outros, diz Maregrave no seu ameno latim, têm mediocre estatura, são robustos, de largas espaldas, bem feitos; nem é facil achar entre elles aleijados, zarrinhos ou coxos. E' admiravel como preservam seus filhos das molestias, nunca os envolvendo em ligas ou faixas. Para robustecel-os, ligam-lhes as pernas com certas tiras que chamam: *Tapacura*.

Fig. 59 — Clava encontrada entre os Indios da Serra do Norte.



Os brasilienses têm olhos negros, nariz estreito, boca ampla, cabellos negros, rectos. Barba rara ou nulla. Muitos

têm barba negra. As mulheres são de estatura pequena, bem dispostas e de formas não inelegantes, como as negras, bastante robustas e parem facilmente. De ordinario vivem muito, e entre elles vêm-se muitos velhos, alguns de 100 e até 120 annos. Difficilmente encanecem, mesmo quando já decrepitos.»



Os “brasilienses” de Marcgrave estavam longe de representar um typo definido de indio brasileiro; tinham os traços fundamentaes da *raça*, mas viviam em meio muito occidentalizado. Basta notar a *idade avançada* de muitos; o indio, entregue ás condições primitivas, raramente vive tanto.



A analyse resultou ainda mais perfunctoria quando feita pelos outros antigos observadores. Mesmo Alexandre Rodrigues Ferreira, no fim do seculo XVIII, deixando paginas admiraveis sobre a sociedade indigena, dispondo, como nenhum outro, de elementos scientificos para bem apreciar os typos anthropologicos que encontrou, omitiu qualquer observação a respeito.

A. de Saint-Hilaire, no começo do seculo XIX, achou os *Botocudos* mui semelhantes aos Chins, embora os mongóes, segundo lhe pareciam, tivessem a face mais achatada e mais larga.

Saint-Hilaire presumia realizar comparação bem apurada examinando, em Cabo-Frio, lado a lado, tres chinezes e alguns indios. . .

\*

Si, no assumpto, a contribuição do Principe Maximiliano de Wied-Neuwied é igualmente mediocre, já a de Alcides D'Orbigny avulta.

D'Orbigny teria sido o fundador da anthropologia indigena sul-americana si houvesse podido estudar mais typos naturaes. Quasi um seculo depois da publicação do seu *Homem Americano*, os scientistas, no mundo inteiro, voltam seu interesse para aquellas questões de *physiologia anthropologica*, tão claramente expostas por elle em 1839.

Longe de querer isolar os typos, como fizeram alguns modernos, pela exclusiva consideração das fórmulas craneanas, D'Orbigny comprehendeu que as reacções do meio não se limitam assim; e passou revista em todos os detalhes da organização, verificando até que ponto elles poderiam ser ligados ás condições ambientes.

Sejam quaes forem as falhas de systematica ethnologica que se lhe possam increpar, o criterio a que se amparou e o modo porque realizou o estudo anthropologico dos indios sul-americanos, dão-lhe direito a ser considerado daquella honrosa maneira. Infelizmente o material brasileiro, collido por D'Orbigny, foi pequeno.

Sua *raça brasileiro-guarani* soffreu dessa escassez. Nesta divisão elle não reconheceu as differentes nuanças, nem conseguiu marcar o caminho de sua anthropogenia, conforme fez para outras; não distinguiu sub-typos.

\*

Unicamente para fornecer elementos de comparação com as outras classificações, puramente anthropologicas, menos conhecidas e citadas, valle a pena transcrever a chave integral da raça brasileira de D'Orbigny.

## RAÇA BRASILEO-GUARANI (A. D'ORBIGNY)

Caracteres geraes : Côr amarellada — Estatura mediana — Fronte pouco saliente — Olhos obliquos, levantados no angulo externo.

Ramo unico : Côr amarellada, misturada com um pouco de vermelho pallido.

Estatura — 1.620. Fórmãs massiças. Fronte não fugitiva — Face cheia, circular — Nariz curto, estreito — Boca de tamanho mediano — Labios finos, pouco salientes — *olhos muitas vezes obliquos, sempre levantados no angulo externo*. Malares pouco salientes. Traços afeminados — Physionomia mansa.

\*

Basta tomar um Bôrôro e tentar enquadrá-lo na raça brasileira de D'Orbigny, para verificar quanto imperfeita, por deficiente, é a sua chave. Os indios do Brasil estão longe da uniforme estatura mediana ; ha typos muito altos e outros muito baixos.

A côr da pelle varia tambem, dentro de lindes afastadas. A obliquidade da fenda ocular, e o levantamento do canto externo do olho, não têm a constancia que o grande naturalista suppunha.

Em resumo, pôde dizer-se que D'Orbigny caracterizou bem um dos typos brasileiros ; nada mais. Do ponto de vista morphologico, no que nos diz respeito, tal foi a sua contribuição.

\*

Martius, nas *Beiträge*, de valor tão desigual, mas sempre interessantes, deixou-nos observações mais felizes.

Na sua raça americana distinguiu dois typos, que se podem pôr em chave do modo seguinte :



RAÇA AMERICANA (VON MARTIUS)

1º typo :

Fórmulas grosseiras, talhe pequeno, face larga, fronte deprimida e fugitiva, olhos obliquos, malares salientes, nariz deprimido, maxillar inferior fortemente desenvolvido.

*Lembra o typo mongol.*

\*

2º typo :

Talhe alto, esbelto, fronte alta, arqueada, olhos horizontaes e rasgados, nariz saliente, muitas vezes aquilino; "fórmulas nobres" das regiões inferiores da face.

*Lembra o typo caucaseo.*

\*

A côr da pelle e a qualidade dos cabellos, Martius não as discriminou em cada typo. E andou bem.

Lembra o naturalista que o colorido claro, e o escuro, acham-se tanto nos representantes do primeiro typo quanto nos do segundo.

\*

Fig. 60 — Clava encontrada entre os Indios da Serra do Norte.

Martius ainda publicou sob o titulo suggestivo : "Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Bra-



siliens”, algumas notas valiosas que formam um livrinho raro, existente na excellente bibliotheca do Instituto Historico.

Acham-se nesse trabalho, mais uma vez, provas evidentes de que Martius não conseguiu ver sinão alguns typos, dos offerecidos pela gente primitiva do Brasil. Em discrepancia com os caracteres differenciaes, resumidos acima, diz que os indios suppostos mais altos, não o são de facto; parecem mais altos, do que são, porque andam nús. E entre algumas observações physiologicas a proposito, nota que as *pulsações cardiacas*, no homem, variavam de 55 a 68 por minuto; na mulher, 76 a 80.

Os homens morrem cêdo, segundo as mesmas notas; as mulheres attingem, frequentemente, 70 ou 90 annos.

Falando da syphilis, diz que “em geral attribuem os indios aos europeus a introduccão da doença”.



A differenciação que Martius accentuava em 1867, Couto de Magalhães, quasi um decennio mais tarde, retomou, quando trouxe á anthropologia do Brasil o seu apreciavel contingente.

Apezar de pouco preciso, em relação ás minucias, todavia, o autor do *Selvagem* apanhou com acerto modalidades morphologicas dos indios do Brasil. Ao contrario do que me parecera até 1909, tenho podido observar notaveis especializações nos typos brasileiros; essas variantes, devo dizel-o, ajustam-se bem ás que foram separadas pelas observações de Magalhães, máo grado o empyrismo com que as realizou.

E' certo, porém, que elle só deixou bem caracterizado o primeiro dos typos. Os dois outros foram apenas indicados no seu livro.



Datam de 1882 muitos documentos definidos sobre o assumpto. Não os devemos esquecer. Os que foram publicados nesse anno, especialmente por Barbosa Rodrigues e J. B. de Lacerda, representam, segundo creio, os primeiros elementos anthropometricos dados á luz a respeito.

Barbosa Rodrigues descreveu e mediu alguns typos; como elementos de comparação suas notas merecem destaque particular.

Tratou dos seguintes sub-typos: — *Purí, Ticuna, Miranhanha, Cauixána, Tembé, Mundurucú, Pariquí e Aruaquí, Arára, Mura, Mauhé*. Obteve mensurações, de 1872 a 1874, de indios dessas tribus e outras, segundo o quadro publicado em 1882:

#### ANTHROPOMETRIA DOS INDIOS DO BRASIL

( BARBOSA RODRIGUES )

Tribu	Localidade	Bi-zygo- matico	Bi-acro- mial	Esta- tura
Conibo . . .	Rio Ucaiale . . .	0,12	0,38	1,47
Ticuna . . .	Rio Tuuantins . . .	0,13	0,38	1,49
Miranhanha . . .	Rio Yapurá . . .	0,12	0,38	1,60
Cauixána . . .	Rio Solimões . . .	0,11	0,39	1,60
Arára . . .	Rio Madeira . . .	0,11	0,39	1,61
Mundurucú . . .	Rio Tapajós . . .	0,10	0,38	1,60
Mauhé . . .	Rio Mauhé-assú . . .	0,12	0,39	1,58
Pariquí . . .	Iatapú . . .	0,13	0,38	1,55
Aruaquí . . .	Rio Uatumã . . .	0,12	0,38	1,45
Mura . . .	Rio Urubú . . .	0,13	0,39	1,54
Tembé . . .	Rio Capim . . .	0,12	0,39	1,55
Omagua . . .	Olivença . . .	0,11	0,37	1,60
Purí . . .	Rio Mucuri . . .	0,13	0,44	1,51

Os indios de estatura mais elevada, segundo as pesquisas de Barbosa Rodrigues, seriam o *Arára*, do rio

Madeira, e o *Mundurucú* do rio Tapajós; os mais baixos seriam os *Conibos* do rio Ucaiale. As médias, levadas em conta, são as que se referem aos individuos do sexo masculino.

A contribuição do naturalista patricio foi, assim, incompleta.

Todavia, as annotações descriptivas, que lhe ficámos devendo, têm maior valor. Barbosa Rodrigues começa pondo em destaque, como criterio differencial importante, as proporções entre o tronco e os membros, nos individuos das raças negra e americana :

« Em geral o nosso indio, diz elle, é de estatura baixa, tronco grosso e largo, pescoço e membros curtos ». As differenças sexuaes lhe pareceram mediocres, quanto á morphologia externa do corpo.

« As mulheres, em geral todas têm um aspecto varonil, isto é, na structura do tronco e dos membros, são muito approximadas ao sexo masculino, a ponto de, pelas costas, confundirem-se os sexos ; comtudo, em algumas tribus variam na estatura. »

A descripção dos typos que observou póde ser resumida em poucas palavras.

*Purí* — Tem musculatura saliente, a distancia bi-acromial tres vezes maior que a bi-zygomática ; nas mulheres a distancia intermamaria não é maior que a metade do diametro do seio.

*Ticuna* — Baixo, musculoso ; bi-acromial tres vezes maior que bi-zygomático ; nas mulheres, a largura do quadril é menor que o bi-acromial.

*Miranha* — Nas mulheres, o monte de Venus tem extraordinario desenvolvimento, não observado em outras tribus ; os seios acham-se distantes cerca de dois terços do seu diametro.

*Cauixána* — Tem o bi-acromial igual a  $2\frac{1}{2}$  vezes o bi-zygomático. Na mulher, a aureola e o mamilo acham-se dirigidos para a frente, e não para fóra.

Membros finos em ambos os sexos.

*Tembés* — Estatura masculina, em geral, menor que a feminina. Mulheres altas e magras; homens baixos e gordos.

*Mundurucús* — São musculosos. Homens mais baixos que as mulheres, relativamente. Mulheres de bi-acromial relativamente mais largo.

*Pariquís* e *Aruaquís* — Estatura feminina e masculina mais ou menos iguaes. Grande semelhança nos traços physionomicos das mulheres.

*Aráras* — As dimensões do typo masculino são menores, em relação ás das mulheres.

Mulheres de quadril estreito e bi-acromial largo.

*Mura* — Baixo, corpulento, hombros largos. Mulheres gordas.

*Mauhé* — Grande dimorphismo sexual. As mulheres são as mais bellas indias vistas por Barbosa Rodrigues: rosto oval, faces não proeminentes, traços europeos. Espaduas relativamente muito largas.

\*

Na synthese que venho fazendo do que se tem produzido em relação á anthropologia do Brasil, abre-se aqui um largo espaço para summariar as acquisições mais seguras e mais detalhadas que possuímos, obtidas pelos naturalistas allemães que modernamente estudaram os nossos indios.

Esta mésse de fartos elementos começou, sem duvida, pelas explorações dirigidas por K. von den Steinen, em 1884 e 1888.



Indio da Serra do Norte  
(no Posto de Campos Novos)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



Até então haviam merecido cuidado, conforme acabamos de verificar, os aborígenes amazonicos; a gente indígena do interior era, desse ponto de vista, absolutamente desconhecida.

Um trabalho de synthese, condensando as aquisições existentes sobre a anthropologia do Brasil, foi tentado, em 1897, pelo Dr. Paul Ehrenreich.

O interessante volume, ao contrario do que succedera aos seus trabalhos ethnographicos, até hoje permaneceu quasi desconhecido dos nossos estudiosos.

Ha, no entanto, ali, somma respeitavel de observações anatomicas, physiologicas, pathologicas, numa palavra, anthropologicas, sobre os indios do Brasil. Muitas vistas originaes e mesmo alguma compilação necessaria, torna os — *Estudos Anthropologicos sobre os Primitivos Habitantes do Brasil* — verdadeiro tratado classico, que julgo util resumir em algumas destas paginas, como elemento de comparação.

\*

Principiando pelos caracteres descriptivos, exteriores, Ehrenreich nota que foi discutida, durante algum tempo, a falta de um typo de pelle negra, no continente sul-americano, terra sujeita a condições semelhantes ás que vigoram na Africa. E observa que os pretensos *indios-negros* (Charruas) nunca o foram exactamente. Sem esquecer que os primeiros portuguezes chamavam *negros* os indigenas, por se pintarem com succo do genipapo:

«O fructo do genipapo, quando verde, escreveu frei Vicente do Salvador em 1611, dá o sumo claro como agua, porém, quem se lava com elle fica negro como carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias.»

Porém, aquelles que tomam os indios da America, com a sua pelle clara, e os collocam ao lado dos africanos, australianos e sul-asiaticos, para mostrar que não se pôde conferir ao clima o papel preponderante da differenciação dermo-chromica, não se lembram, diz Ehrenreich, de que o homem americano, tal qual o conhecemos, não é filho da sua zona intertropical, como devemos admittir, razoavelmente, sejam os papuas e os africanos.

Sua patria de origem deve ser procurada na “zona temperada”; e com isso concorda tambem a natureza de sua pelle, que em todas as latitudes conserva seu caracter fundamental, apresentando leves modificações, condicionadas pelo meio.

O americano offerece um exemplo typico de como a côr da pelle é influenciada, em alto gráo, pelo clima



Fig. 61 — Instrumento cirurgico dos Indios da Serra do Norte.

e pelas condições de vida. O indio Karajá, continúa o nosso autor, tem bellissima côr de cobre—é um verdadeiro “pelle vermelha”. Mas, cortadas as mangas de algodão que habitualmente traz ao redor dos punhos, verifica-se que a pelle protegida, ali, é frequentemente amarello-bruno (pardo).

A differença é, pois, frisante.

O tom do resto da pelle é puramente condicionado pela residencia nas praias ardentes do rio Araguaia.

«Não ha motivo para falar em *raça vermelha*. Vermelhos são, apenas, os indios pintados de urucú. A côr fundamental dos indios brasileiros seria então *amarello cinzento-claro* (23 da escala de Broca)». Ehrenreich confessa havel-a encontrado nos indios Iamamadís e nos



Ipurinãs do Purús, sem falar dos Botocudos. Todos, índios que vivem dentro de espessas florestas.

Essa tonalidade epidérmica, ás vezes, ultrapassa em clareza o chamado branco europeu, como verificou entre os *Anambés*, índios do grupo Tupí, habitantes do baixo Tocantins.

Entre os outros essa é, todavia, a côr da pelle durante a infancia. Os adultos, já influenciados pelos raios solares e outras causas, ficam entre os tons avermelhados e brunos (pardos). (Escala de Broca 26, 31, 45).

Nas tribus do rio Xingú encontram-se, em geral, os matizes numerados : 33 m-n, 33-0, da escala de Radde; 33, 34, 45 da escala de Broca. São as nuanças que von den Steinen chama "amarello cinzento, tom de lama".

«Consideravelmente mais escura, ainda mais tirante ao vermelho é a côr dos Parecís e dos Bôrôros, comparavel á da ceramica (escala de Broca : 30, 32, 44). Os mais escuros são os Karajás, nas regiões descobertas.»

Quanto aos outros caracteres da pelle do indio, Ehrenreich os resume assim : "A' pelle dos americanos dos tropicos falta absolutamente a elasticidade e aspecto vellutino, a riqueza glandular que se encontra na do negro".

\*

As observações contidas nos estudos de Ehrenreich, sobre os cabellos dos nossos índios, são igualmente importantes. Vale a pena traduzil-as, e resumil-as, para comparação eventual com as minhas proprias notas.

«Por occasião do VII Congresso de Americanistas —(Berlin, 1888)— Fritsch mostrou que a qualidade do cabello dos americanos não é inteiramente uniforme como em geral se acredita; o cabello dos americanos

e o da raça mongolica, apresentam não poucas diferenças entre si.

Nossa experiencia confirma inteiramente essa observação: o cabello grosso, recto, negro, não é absolutamente geral. Só os Bôrôros e os Karajás o possuem. Nos outros, preponderam os individuos de cabello espesso, ondulado, antes fino. O mais surprehendente foi o encontro, relativamente frequente, de individuos com cabellos frisados ou annelados.

Esse foi especialmente o typo achado entre os Bakairis, do Kuliseu e do Paranatinga; por esse cabello se distinguiam os individuos mais claros. Nas outras tribus é typo de cabello esporadico, que raros individuos apresentam. E' muito raro entre os Karajás.

A côr dos cabellos, apezar de sua apparencia negra á luz incidente, tem reflexo francamente pardo. Nas crianças esse ton pardacento se accentúa. Só na extrema velhice apparecem cabellos grisalhos; nunca observei individuos encanecidos.»



Nas amostras levadas do Brasil, por Ehrenreich, Fritsch verificou o seguinte:

«I — *Cabello de indio Ipurinã* — E' o typo do cabello negro americano. E' liso, recto, de grossura consideravel (0,11 a 0,05 m. m.) e aspecto secco. O corte é circular; a pigmentação, extraordinariamente forte, torna o cabello, examinado a secco, muito pouco translucido. A medulla só é visivel nos cabellos mais grossos; é estreita, e muitas vezes interrompida no seu percurso.

II — *Cabello de indio Iamamadi* — E' igualmente liso, embora não tanto inflexivel quanto o primeiro. Espessura

um tanto menor (0, 10 a 0,5 m. m.), assim como a pigmentação. O exame microscopico, a secco, mostra o cabelo de côr parda carregada, translucido. Nos fios grossos a medulla é tambem estreita e intermittente. Secção circular.

III — *Cabello de india Pareci* — Cabello de aspecto feminino (*weiblichen habitus*) (0,07 m. m.). Côr escura pardo-castanha, em feixe, á luz directa. Aspecto liso. Ao microscopio apparecem os fios brunos avermelhados, por causa do pigmento diffuso. Mostram-se grandemente quebradiços, o que denuncia estado pathologico (Trichorrhexis?). Secção francamente circular.

IV — *Cabello de mulher Cafuza* — Filha de um indio Bakairí e de uma negra creoula. Neta de africana. Esta amostra, diz Fritsch,

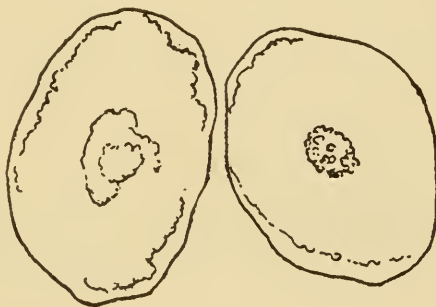


Fig. 62 — Cortes histologicos de cabelos dos Indios da Serra do Norte. Inclusão em parafina. Oc. II Obj. D-Zeiss.

afasta-se das outras e não poderia ser attribuida á Sul America, sem a informação especial que a acompanha. Parece cabelo de mumia. Cabello fortemente ondulado, um tanto mate á luz incidente. Córte microscopico opaco, pela forte pigmentação. A espessura varia de 11; 7, 10; 6, 9; 5, 7; 4 m. m. Talvez por causa da decomposição já iniciada, ou por causa das immundicies com as quaes foi misturado, a superficie do cabelo se exfolia. Surprehede o regular e accentuado achatamento do fio, que ultrapassa o da maioria dos cabellos africanos da mais escura pigmentação; lembra o cabelo papua, pela relação existente entre os diametros extremos desse typo.»



Conforme a observação de Peschel, são as Ilhas do Mar do Sul (Oceania) e a Sul America, as duas regiões da Terra em que o homem attinge altura maior. Ehrenreich accentúa que, tanto numa como na outra, ha grande variedade de estaturas.

As tribus do Xingú são uniformes, ultrapassam ás da região humida do Purús, embora fiquem pouco acima da altura mediana. As mulheres, em geral têm estatura menor; entre as maiores acham-se as Nahuquás.

Os Bakairís, Kamaiurás, Mehinakús, equivalem-se; Auetös e Trumais, intrusos em uma população completa-

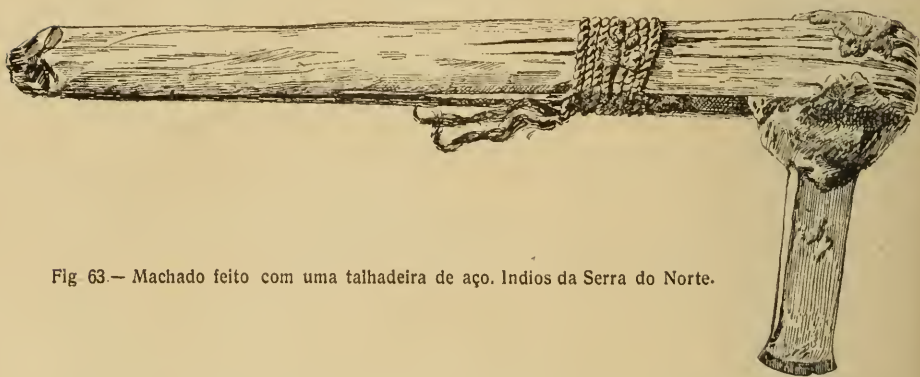


Fig. 63.— Machado feito com uma talhadeira de aço. Indios da Serra do Norte.

mente diferente, mui provavelmente pertencentes ao grupo das tribus do Chaco, apresentam as menores estaturas.

Os Parecís, os mais meridionaes, que vivem em condições semi-civilizadas, collocam-se inteiramente ao lado dos seus parentes do Xingú (indios Mehinakú, Iaulapiti, Vaurá, Kustenaú). Nas tribus do Araguaia, Kaiapó e Karajá, os homens têm alta estatura, enquanto que as mulheres apresentam pequeno crescimento.

Ao lado desses indios pequenos, encontram-se os Bôrôros, o menor dos quaes seria um indio alto no Xingú.

A mulher Bôrôro tem o tamanho do homem Bakairí. Os Bôrôros são os maiores índios até agora conhecidos na zona intertropical.

A causa directa, que condiciona tão singular estatura, não pôde ser mencionada com segurança. Appellar para a raça, diz Ehrenreich, seria vão. E, todavia, essa explicação ganharia extraordinario valor si pudessemos demonstrar algum parentesco desses índios com os *Pelle Vermelhas* da Norte America, ou mesmo com os Patagões. Disso por enquanto não se fala.

Os Bôrôros vivem, no entanto, em meio de condições mui parecidas com as que rodeiam aquelles povos; são caçadores nomades, espalhados numa região que tem, em alto gráo, o character geral dos planaltos (*Hochebene*), durante alguns mezes do anno influenciada por clima secco e frio.

A observação dessa tribu brasileira confirma a nota de Dally: "O *decubitus* horizontal concorre para augmentar a estatura".

\*

Acceitando a classificação de Topinard para a estatura humana, Ehrenreich encontra as seguintes porcentagens para os índios que estudou:

	Até 1m,70	1m,69-1m,65	1m,65-1m,60	1m,60 para baixo
Bakairí . . .	—	—	70,0	30,0
Nahuquá . . .	6,6	6,6	60,0	26,6
Auetô . . .	7,0	14,3	21,4	57,0
Kamainrá . . .	7,0	50,0	2,5	21,5
Mehinakú . . .	—	33,3	50,0	16,6
Trumai . . .	—	—	50,0	50,0
Pareci . . .	—	11,1	55,5	33,3
Bôrôro . . .	75,0	25,0	—	—
Karaiá . . .	33,3	50,0	8,3	8,3
Kaiapó . . .	20,0	60,0	20,0	—
Iamamadi . . .	—	—	75,0	25,0



Os indios do planalto (Bôrôros) e os do Araguaia (Karajás e Kaiapós) são, pois, os mais altos individuos da nossa gentildade; os do Xingú (Auetö. Trumai, etc.) são de menor estatura.

Um grupo interessante, homogêneo, que comprehende a gente de menor estatura, é formado pelas tribus do rio Purús.

Ehrenreich insistiu em mostrar que as duas tribus, extremas em estatura, Bôrôros e Trumais que se distinguem de todas as outras por essa característica corporal, são também, do ponto de vista ethnographico completamente isoladas de qualquer dos grupos admittidos actualmente.

Por outro lado, é interessante notar que Tupís e Carábas, cujas affinidades ethnicas são muito apreciaveis, do ponto de vista anthropologico, nesse particular da estatura, formam também um grupo natural.

As tribus Nu-Aruaks, por sua vez, concorrem para o estabelecimento de uma série harmonica.

Entre os homens a differença nas alturas, maxima e minima, pelas médias de Ehrenreich, orça por 39 centímetros; entre as mulheres, 28.

A estatura menor anda perto da que se encontra nos pygmêos africanos (Akkas, etc.).



As maiores oscillações individuaes da envergadura — (grande abertura) — mostram-se entre os Bôrôros. Diferenciação sexual mais accentuada apparece entre elles e entre os Parecís.

Feita excepção dos Nahuquás, as mulheres, em geral, têm envergadura menor que os homens. Entre os Nahuquás os sexos se equivalem, no que diz respeito a envergadura; entre os Mehinakús as mulheres têm envergadura maior que os homens.

Em geral as tribus do Xingú mantêm-se nesses termos; só os Trumais se approximam das tribus do Chaco, por suas médias baixas.

Média maior que seus parentes do Xingú têm os Parecís, que se achegam aos índios do Purús. Nos homens, a maior envergadura é encontrada nas estaturas médias, de 1<sup>m</sup>,69 a 1<sup>m</sup>,76, enquanto que as alturas mais elevadas correspondem a envergaduras relativamente menores.

Só entre os Mehinakús, Parecís, Trumais, diz Ehrenreich, encontra-se um augmento de envergadura directamente proporcional á altura.

\*

No typo masculino o braço é mais longo entre os Parecís, Auetös, Bôrôros, Mehinakús e Cherentes. No typo feminino o braço é curto, feita excepção dos Kaiapós, em que o minimo obtido, na mulher, corresponde ao maximo verificado no homem. Entre os Auetös acham-se as maiores variações individuaes desse segmento do membro superior.

Os individuos de estatura mediana entre os Bakairís, Kamaiurás e Mehinakús, são os que têm braço mais longo, tal qual acontece nos chinezes, segundo as observações de Weisbach.

Apresentam bem marcado augmento do comprimento do braço e diminuição da estatura, Kaiapós e Auetös.



Nas tribus do Xingú o comprimento do ante-braço não varia de homem para mulher. Porém nas outras tribus, em geral, no typo feminino, este segmento é maior.



O comprimento da mão é pequeno, como entre todos os americanos.

As médias mais elevadas são encontradas entre os homens tóbas e mulheres bakairís ; as mais baixas, entre os homens bakairís ; nahuquás, e mulheres parecís.

Nas tribus do Xingú o comprimento e a largura da mão são quasi iguaes ; nas outras tribus a mão é mais estreita e elegante. São notavelmente estreitas as mãos dos indios do grupo Gê, dos Kaiapós e dos Cherentes. Os Trumais se approximam dos Matacos, pelo tamanho da mão.

Em todo caso a “pequenez da mão é um importante caracter differencial da raça americana, comparada com a mongolica”. (Weisbach, Bälz, Mugnier, Deniker.)



De um modo geral, o membro superior tem médias muito proximas em todas as tribus ; e o valor do comprimento total do membro thoracico aproxima os americanos dos mongóes.

Membros pelvianos relativamente curtos têm os Auetös, os Mehinakús e os Ipurinãs. Relativamente á sua estatura, os Bôrôros têm pernas curtas. Entre estes, porém,





Nambikuára — Anunzê  
(Pae de Nulêke)

SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



as mulheres têm membros inferiores relativamente longos. O contrario acontece entre as tribus do Araguaia, cujas mulheres são notaveis pela extraordinaria curteza de seus membros pelvianos.

\*

Os pés são mais longos nas tribus Aruaks; em geral, as indias têm pés mais curtos do que os indios. E' interessante notar, como faz Ehrenreich, que, mesmo entre populações civilizadas, isso nem sempre é regra. Assim, as observações de Weisbach, referentes ás Allemãs, e Bälz, ás Japonezas, mostraram que umas e outras, em média, possuem pé mais longo que os homens.

Entre os Bôrôros os individuos mais altos são justamente e os de pé relativamente menor. O mais largo pé foi encontrado entre os Tupis do centro do Brasil (Auetö e Kamaiurá do Xingú); o mais estreito foi achado entre os Gês (Kaiapó e Akuen). As menores médias de Ehrenreich combinam com as medidas do pé japonez.

\*

Pela circumferencia thoracica Auetös e Mehinakús approximam-se dos Fueginos. Os indios do Brasil têm circumferencia thoracica ampla, mórmente os margeantes dos grandes rios, Xingú, Araguaia, etc., pelo habito do remo.

As mulheres Karajás têm circumferencia maior que os homens. Entre os Auetös, Mehinakús, Bôrôros, Iamadís, os individuos mais baixos são os que têm maior circumferencia thoracica, relativamente; entre os Bakairís

e Karajás a maior circumferencia é encontrada nos individuos de altura mediana.

Entre os Parecís ella varia em funcção directa da estatura.

A cicatriz umbilical, nos homens, é situada acima do nivel em que se encontra nas mulheres.

\*

A discriminação das tribus, pela cephalometria, só poderia ser feita para os Karajás e Kaiapós; os Kaiapós, caracterizados por forte brachycephalia e os Karajás por dolichocephalia não menos accusada.

O resto da população indigena offerece tantas variações individuaes, que não é possível applicar o mesmo processo para isolar qualquer typo.

#### CEPHALOMETRIA

(EHRENREICH)

	Ant.	Post.	Max.	Transverso		Indice Cephalico	
	H.	M.	M.	H.	M.	H.	M.
Bakairi. . . . .	116	113	91	91	79,0	80,1	
Nahuquá . . . . .	115	117	93	95	80,6	81,3	
Anetö . . . . .	117	126	93	99	79,6	78,9	
Kamaiurá . . . . .	113	117	89	91	79,3	78,7	
Mehinakú . . . . .	113	117	87	91	77,8	77,7	
Trumai. . . . .	112	—	91	—	81,6	—	
Parecí . . . . .	117	121	91	91	77,5	76,0	
Bôrôro . . . . .	109	114	89	88	81,2	77,4	
Karaiá . . . . .	113	117	84	93	73,0	79,8	
Kaiapó . . . . .	103	113	87	94	84,7	82,9	
Paumarí . . . . .	110	—	92	—	83,8	—	
Iamamadi . . . . .	111	—	91	—	81,8	—	
Ipurinã. . . . .	113	—	95	—	84,2	—	



Índias Nambikuáras-Tagnani



Índio Tagnani

MATO-GROSSO — SERRA DO NORTE

E. ROQUETTE-PINHO, phot.  
1912





As notas nosologicas de Ehrenreich trazem algumas informações que tambem resolvi traduzir e transcrever aqui.

Nenhum individuo de má conformação foi por elle encontrado. Cita um caso de cretinismo, entre os Bôrôros, e um caso de doença mental entre os Karajás. Attribute este caso á lues, mas devemos observar que taes indios, desde muitos annos, têm contacto com sertanejos. Viu muitas lesões traumaticas, e fez uma especial referencia ás produzidas pelos ataques dos jacarés e das piranhas. Acredita que o uso do beijú (*gerosteten Maniokmehles in form der bekannten Beijú-Fluden*) concorre para a frequencia da carie dentaria na população do Xingú.

Aqui me parece que a observação não é segura, visto como, longe de promover a carie, as partes fibrosas das raizes vão desgastando o esmalte e a dentina, *sem carie*, conforme se verifica nos craneos dos Sambaquís da costa do Atlantico. Creio antes que a falta de sáes calcareos das aguadas que descem do planalto, seja a causa responsavel da ruina dentaria daquelles indios.

«Rheumatismo e doenças catharraes parecem frequentes, continúa Ehrenreich, a arthrite do joelho (*tumor albus des Knies*) foi encontrada no Xingú repetidas vezes. A tuberculose grassa especialmente entre os Karajás do médio Araguaia e nas tribus do Purús.

— «*Catharro não tem?* é a primeira pergunta que os indios costumam fazer aos que chegam ás suas terras.»



Ha nó trabalho de Ehrenreich alguns minuciosos quadros descriptivos, mas foram organizados fóra das normas do *retrato fulado*.

Esses quadros abrangem individuos das tribus: Bakairí, Nahuquá, Auetö, Kamaiurá, Mehinakú, Vaurá, Trumai, Parecí, Bôrôro, Karajá, Kaiapó, Cherente (Akuen), Iamamadí, Ipurinã.

A transcrição desse material, aqui, seria descabida. O cotejo dos elementos referentes ás grandes massas indigenas do hinterland, com as notas que obtive na Serra do Norte, póde ser esboçado com os dados já insertos acima. Depois de examinar, em paralelo, os documentos que obtive e esses já archivados, será possivel, talvez, decidir ao lado de que typo anthropologico devemos collocar a população central da Rondonia.

Comparando os Indios da Serra do Norte com os typos conhecidos no Brasil, póde-se concluir apontando semelhanças e differenças que são dignas de nota.

\*

*Pelle* — Pelo colorido da pelle acham-se ao lado dos Bôrôros e dos Karajás. O grupo meridional é composto dos mais escuros indios do Brasil.

\*

*Cabello* — O indice médio, encontrado nos córtes histologicos, andou na visinhança de 59, muito proximo dos Semang (Negritos) da Peninsula Malaia.

Pigmentação muito forte, medulla espessa.

Secção, circular.

\*

*Estatutura* — Até 1,60 acham-se 25% de individuos. De 1,60 a 1,65,56%. De 1,65 a 1,70 encontram-se 19%. Mais de metade tem 1,60-1,65.





Meninas Tagnanis



Mãe e filho Tagnanis

MATO-GROSSO — SERRA DO NORTE

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



Pelo quadro de Ehrenreich, os indios da Serra do Norte tomam posição, quanto á estatura, entre os *Parecís* e os *Nahuquás*. Proximos delles estão os *Bakairís*, *Mehinakús*, *Trumais*, *Iamamadís*.

\*

A *porcentagem de estaturas elevadas* (19 %) colloca os Nambikuáras perto dos Kaiapós (20 %) e os afasta dos Bakairís (0, %), dos Nahuquás (6,6 %), dos Trumais (0 %) e dos Parecís (11 %).

\*

A *diferença sexual da estatura* — (0,12), — afasta-os dos indios Tupís, em que muitas vezes o homem é mais baixo, e dos Aruaks, em que a estatura feminina equivale á masculina (Barbosa Rodrigues).

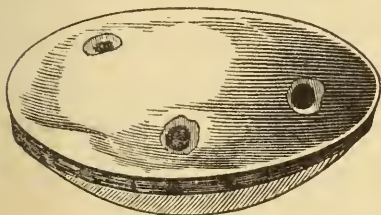


Fig. 64 — «Hait-teataçú» — Flauta nasal dos Indios da Serra do Norte.

Pela *circunferencia thoracica*, igual a  $\frac{1}{2}$  da altura, approximam-se dos typos normaes da raça branca (De Giovanni). Relação centesimal entre a *altura total* e a *circunferencia thoracica* — 50,0.

Nos indios do Brasil essa não é a regra; em geral, a circunferencia thoracica é maior que  $\frac{1}{2}$  da altura. Nas tabellas de Ehrenreich o typo mais proximo dos Nambikuáras é o dos Karajás, do Araguaia, com o indice 53,3.

O *indice de Manouvrier* indica a relação existente entre o comprimento do *busto* e o do *membro inferior*,

\*

segmentos que formam a *estatura*. Morphologica e physiologicamente o busto (cabeça e tronco) é muito mais importante que o membro inferior. De sorte que, avaliar a sua relação com a *altura total* ou *estatura* é determinar, até certo ponto, o valor biológico do individuo (Montessori). Manouvrier denominou *macroskéle*, *mesatiskéle* e *brachyskéle* os typos fundamentaes estabelecidos sobre essa relação. No typo médio (mesatiskéle) o busto deve comprehender pouco mais da metade da estatura (indice 52), no typo macroskéle o indice baixa de 50 a 52 ; acima de 53, até 55, o indice corresponde á brachyskélia. Chamando *B* — o busto, ou *altura essencial*, de Collignon ; *A* — altura, e procurando a relação *centesimal* entre ambos, para facilitar o calculo, chega-se á equação :

$$\frac{B}{A} = \frac{x}{100}$$

de onde

$$x \text{ (Indice de Manouvrier)} = \frac{100 B}{A}$$

Os typos macroskéles têm, pois, *busto* relativamente curto e *pernas* longas ; os brachyskéles ao contrario, têm *busto* longo e *pernas* curtas.

Taes observações se referem aos adultos, porque durante o crescimento verificam-se modificações fundamentaes nas proporções do corpo.

Porém, a determinação do *canon anthropologico real*, segundo o indice de Manouvrier, póde ser obtida approximadamente, conforme elle mesmo o mostrou, pela simples inspecção.

Assim, as espaduas, no typo brachyskéle, ficam em nivel inferior ao da furcula esternal ; acham-se acima, no macroskéle. Neste, a cicatriz umbilical não corresponde ao cotovello.

Quando o dedo médio do individuo, em extensão completa, chega á articulação do joelho, ou muito perto della, trata-se, regra geral, de um typo macroskéle.

Em todas as raças, e entre todos os povos, ha typos macroskéles, brachyskéles e mesatiskéles; porém, as observações que se têm realizado vão indicando que existe, sempre, certa predominancia de brachyskéles entre os *amarellos*, macroskéles entre os *negros* e mesatiskéles entre os *brancos*.

Os indios do Brasil encontram-se entre os brachyskéles.

Os Nambikuáras não se exceptuam.

\*

Pelo *indice cephalico* os indios da Serra do Norte devem ser collocados ao lado dos *Parecís*, da tabella de Ehrenreich — (76,0).

\*

O *indice nasal* — (85) — na visinhança da platyrrhinia, afasta-os dos *Kaiapós* e mesmo os indios do grupo Gê, que, segundo Ehrenreich, são os que têm nariz mais estreito.

\*

O *indice facial* — (74,6) — aproxima os indios da Serra do Norte dos *Bôrôros* (75,9) e os afasta muito dos *Parecís*, que têm 81,5, e dos outros indios Aruaks.

\*

O exame somatico do povo interessante da Serra do Norte demonstra, até certo ponto, que o seu sub-

stractum anthropologico, bem caracterizadamente americano, filiado pois no typo mongol, soffreu multiplas influencias que deram em resultado a falta de homogeneidade que apresenta.

Cruzamentos diversos devem ter modificado o primitivo typo dos Nambikuáras. Do ponto de vista anthropologico, acredito que se trata de um typo muito semelhante ao que se encontra nos povos que falam idiomas nuaruaks, modificado por sangue allophylo e talvez por sangue ethiope.





## IX

**H**ABITAM territorios banhados por aguas amazônicas os indios que se acham espalhados pelos valles do Juruena e pela Serra do Norte.

São chamados Nambikuáras (Nhambiquaras, Nambiquaras, Nambicoaras, Mambyuaras, Mambryáras, Membyuares, etc.) pelos sertanejos e pelos indios civilizados, seus vizinhos.

Sommam alguns milheiros. Quantos? não sabemos. Qualquer estima seria invalidosa. Sendo cerca de uma duzia as aldeias de que tivemos noticia segura, por visita ou por informação, e dando para cada qual, em média, 100 habitantes, attingimos ao total de 1.200.

É muito importante a diffusão do nome Nambikuára; existe em Matto-Grosso, e no Pará, para os indios de que nos occupamos. Quer dizer que, do lado Norte e do Sul, os habitantes daquella Serra têm a mesma designação.

A concordancia faz pensar, á primeira vista, que o nome deve ser, effectivamente, muito caracteristico. No entanto, é appellativo que os nomeados não conhecem, palavra absolutamente estranha ao dialecto de qualquer dos grupos. Convem conserval-a, todavia, para evitar confusões.

O limite meridional da região dos Nambikuáras é o rio Papagaio.

Ao Norte parece que sua zona de distribuição attinge o Gi-Paraná; a Léste, o Tapajoz; a Oéste, o Guaporé.

O grupo que habita proximo ás margens do Juruena e do Juina, do rio Papagaio até ao Camararé, que chamarei *grupo de Sud'Este*, denomina-se Kôkôzú ou Kôkôçú.

O que habita no baixo rio 12 de Outubro e se estende provavelmente até á confluencia do Arinos com o Juruena, onde tambem devem chegar alguns representantes do primeiro, denomina-se Anunzê; chamal-o-ei *grupo de Nord'Este*.

O que vive a Sud'Oéste da invernada de Campos Novos desce até ao Guaporé; é denominado Uaintaçú e constitue o *grupo do Sud'Oéste*.

O grande *grupo Nor'Oéste* mora já na visinhança das aguas do Madeira, nas margens de tributarios do Gi-Paraná. Parece-me formado por differentes nucleos secundarios, cujas relações ainda não foram bem caracterizadas; pertencem-lhe os indios que encontrei na invernada de Tres Buritís, nos Campos de 14 de Abril, em José Bonifacio, Campos de Maria de Molina. Seu nucleo principal habita entre os rios — 12 de Outubro e Roosevelt (rio da Duvida).

Do grupo septentrional só encontrei os *Tagnanís*, *Tavitês*, *Salumás*, *Tarutês*, *Taschuitês*; mesmo assim, apenas sobre *Tagnanís* e *Tavitês* consegui diversas notas.

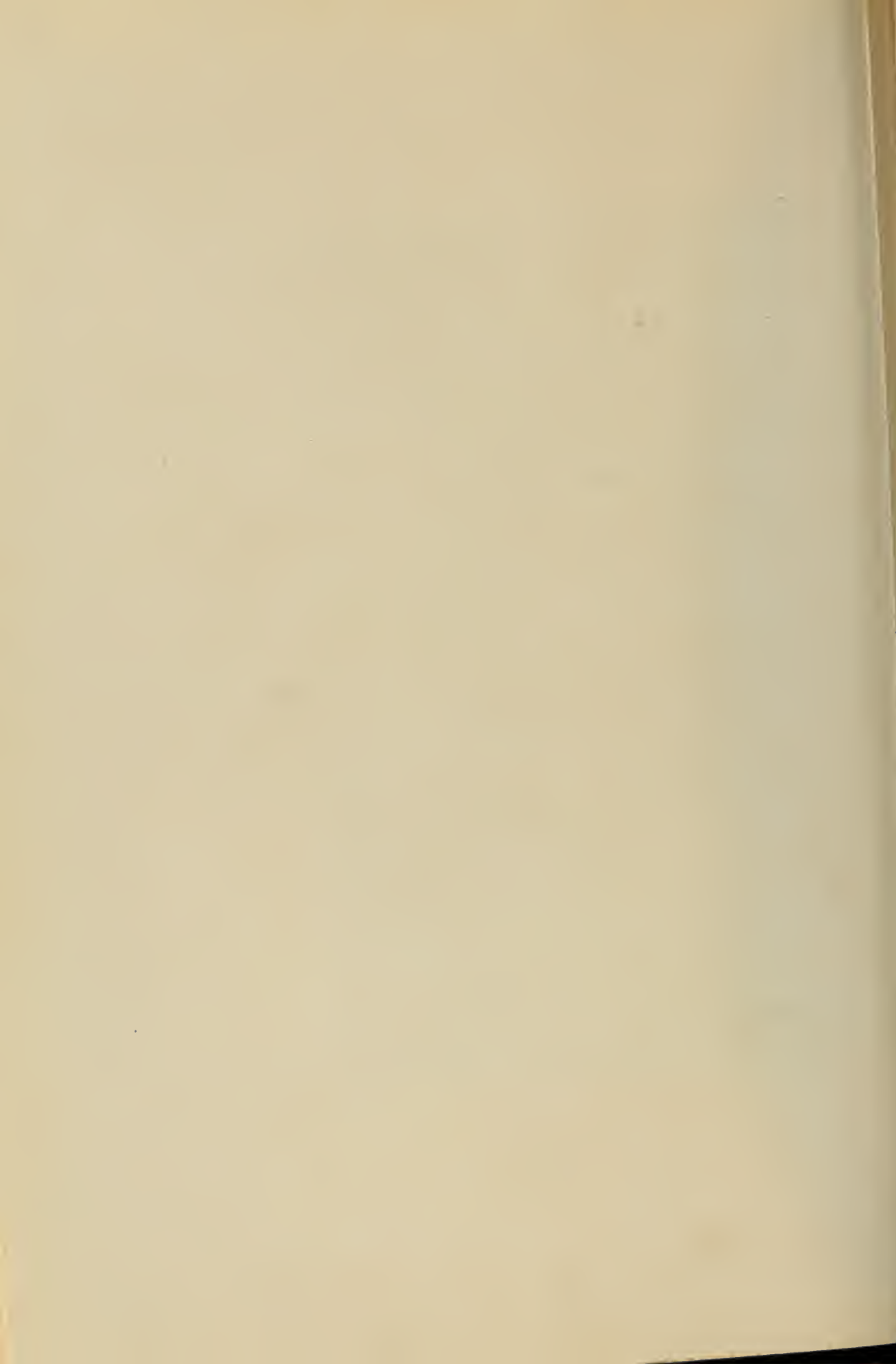
Os *Anunzês*, de Campos Novos, falam nos *Taiópas* e nos *Xaodi-Kókas*, até agora não achados; no extremo Norte da região, Rondon tem descoberto, recentemente, grupos (*Kip-kiriual*, etc.) pertencentes a outras nações indigenas. (Cf. Mappa.)





Indios da Serra do Norte no posto de "Tres Bunitis"

E. ROQUETTE-PINHO, phot.  
1912





*Tagnanis* e *Tauitês* referem-se a uma tribo inimiga, que denominam *Malutundú*, ou melhor *Ualutndú* ou *Ualüt-ndü*.

É provavel que sejam *Mundurucús*, do Alto Tapajoz, os índios baptisados pelos Nambikuáras com essa denominação: *Ualüt-ndü*, que é nome do tatú-gallinha (*Tatú novemcinctus*).

Convem notar que os *Anunzês* chamam aos *Kôkôzús*: *Kôkôzê*; estes denominam os primeiros: *Anunzá*.

Os *Kôkôzús* chamam aos do grupo *Sul' Oeste*: *Uaintaçú*; os *Anunzês* os denominam *Uaindzê*.

São estes *Uaintaçú* ou *Uaindzê*, os mesmos que, nas vizinhanças de Mato-Grosso, no Guaporé, recebem o nome de *Kabixis*; denominação que, por outro lado, tem sido applicada pelos *Parecís*, como titulo pejorativo, a certo grupo de sua mesma tribo: o dos *Kozárinis*.



Tambem os *Parecís* dão aos Nambikuáras o nome generico de *Uúkoókôré* (*irmão do chão*), porque dormem directamente sobre o sólo.



Os antigos *Tupaniunas*, ou *Tupanhunas*, que os chronicistas localizavam no Alto Tapajoz, devem ser Nambikuáras do grupo *Kôkôzú*; de facto, os mais escuros de todo o valle do Juruena. Justificam aquelle appellativo tupí: *homem negro*.

\*

A localização das aldeias conhecidas, espalhadas pela Serra do Norte e pelo valle do Juruena, acha-se expressa na carta ethnographica da região, que acompanha estas notas.

\*

A exacta significação das denominações citadas ainda não póde ser ministrada com segurança. Estudando-as á luz dos elementos existentes chega-se ao seguinte resultado, que não deve estar longe da verdade.

*Kókôzú* — “Tios”; assim chamados, pelos outros, talvez, por serem os mais primitivos de toda a tribo.

*Anunzú* — E’ franca deformação do termo *Anungzú* ou *Anungçú*, que quer dizer — *leite de mulher* —, appellativo deprimente, como tantos outros, achados por toda a America; serão, talvez, — Os Infantes — (*crianças de peito*).

*Uaintaçú* — Parece corrupção de *Nuntaçú*, nome do Jacaré na lingua dos Nambikuáras do Juina. O grupo dos *Uaintaçú* seria nada mais que a antiga tribo dos indios *Jacarés*, de que falámos no primeiro capitulo deste trabalho.

*Tagnanis* — São, claramente, os *Tamararís* das antigas cartas geographicas; devem ser identificados aos *Tamararés* ou *Camararés*, que deram o nome ao rio, e se acham mencionados em alguns documentos antigos.



Fig. 65 — «Kaiguetauzú»  
— Flauta dupla  
dos indios da Serra  
do Norte.

*Tauitê* por *Tauhite*, significa *criança, filho*, tal qual se encontra em outras tribus.

Para evitar futuras confusões, julgo prudente conservar o nome nambikuára ligado aos appellativos peculiares a cada grupo.



As aldeias dos indios da Serra do Norte, em geral, são construidas no alto de pequenas colinas, longe dos cursos d'agua. Algumas distam mais de um kilometro do rio ou ribeirão mais proximo.

Visam dois objectivos, ao que supponho, levantando suas palhoças em tal situação: soffrem menos dos mosquitos e dominam o territorio visinho, o que é vantajoso, vivendo, como até agora viviam, em luctas constantes.

A aldeia é construida numa grande praça, de cinquenta metros de diametro; o chão, limpo de mato, arrancado á mão, é entretido sempre assim pelo piso dos moradores.

Uma noite de dança, interminavel caminhar nos mesmos pontos, basta para alisar o terreiro das villas.

A mancha circular, que faz o chão da aldeia no meio do cerrado, toma a feição de uma estrella, mercê do trilhos que partem de sua circumferencia.

O accesso á praça das villas é livre: não ha cerca, nem tapume, que impeça a chegada ao terreiro. Ao redor, não ha *fortificações*, nem defesas.

Constam sempre de duas casas as aldeias nambikuáras; uma defronte da outra, nas extremidades de um dos diametros da praça.

Aquella região comprehende grandes matas, cerrados e charravascaes, poucos tapetes de campo. Os indios escolhem de preferencia o cerrado para localizar sua aldeia.

A mata é perigosa pelas serpentes, pelas feras e até pelos madeiros, que se despencam muitas vezes e esmigalham os caçadores; o campo também o é porque offerece a aldeia ao ataque do inimigo, não protege, de nenhum modo, a casa contra o invasor. Mas o cerrado cumpre muito bem esse mistér; poucos são os males que favorece e muitos os beneficios que proporciona.

Bem o entenderam os Nambikuáras; suas palhoças se confundem com o matiz acinzentado da vegetação ambiente. São moitas do cerrado; quem olha, a distancia, quasi as não vê. Diluem-se suas fórmãs, aliás bem definidas, nas fórmãs imprecisas do cerrado.

Naturalmente, alguém que tenha o habito de ver as cousas naquelle véo poeirento da flóra xerophita dos chapadões, dá depressa com as palhoças; a confusão não illude uma vista experiente. Mas o factó desse mimetismo é real.

\*

Nas aldeias encontra-se a morada fixa, definitiva; mas além dessa *habitação-domicilio*, usam ainda os Nambikuáras um typo de *habitação-provisoria* que levantam rapidamente, onde quer que se encontrem á hora de anoitecer.

\*

As casas definitivas, dos indios do valle do Juruena, são pouco differentes das habitações dos que vivem no extremo da Cordilheira do Norte.

A aldeia — (Kôkôzú) — do rio Juina, onde estivemos, constava de duas casas. A primeira era pequena, hemispherica, mal feita, provida de uma porta mais ou menos



Indio da Serra do Norte tocando *hait-teataçú* (flauta nasal)

1 - Orifício de entrada do ar. — 2-3 - Orifícios obturados com os dedos medios





ampla; cabiam nella, á vontade, cerca de 20 individuos. A outra tinha fórma de prisma recto, triangular, de que o sólo formava uma das faces. Era mais bem acabada. Media 9 metros de comprimento,  $3\frac{1}{2}$  de largura por  $2\frac{1}{2}$  de altura. Uma das suas extremidades era fechada; ao lado, escondida pelas folhas que caíam do tecto, uma pequena porta. A outra extremidade era aberta livremente.

A cabana estava orientada no sentido Este-Oeste; a extremidade fechada, do lado do nascente. Dest'arte, á tarde, o sol entrava pela casa a dentro, durante algumas horas.

Duas forquilhas, plantadas nos extremos, sustentavam a travessa longitudinal, á qual vinham ter alguns caibros fixados, do outro lado, no chão, e destinados a supportar as grandes palmas protectoras do "uauassú".

As palmas que se achavam de um lado eram dobradas, no alto, sobre o outro lado do tecto, por cima da travessa longitudinal; para mantel-as assim corriam, ao longo da casa, duas varas, amarradas aos caibros interiores por meio de laços de embira.



Tambem se encontram duas palhoças nas aldeias dos *Tagnanis* e dos *Tauitês*. Ambas, com aberturas orientadas na direcção Este-Oeste, são regularmente circulares, no seu perimetro ao nivel do sólo, e têm fórma conica. No vertice do cone sobe uma vara, alguns palmos acima do tecto, e termina sempre em forquilha, como se vê na photographia. As portas acham-se nas extremidades de um mesmo diametro, face a face.

Não sabemos ainda como traçam os *Nambikuáras* a circumferencia que limita o chão da cabana; deve ser a

mão livre, porque é assim que desenham tal figura nas suas cabaças. No centro da casa erguem quatro forquilhas e um esteio central.

As forquilhas formam, em cima, um rectângulo de madeira, de onde partem varas flexíveis que se vão enterrar no solo, ao longo da circumferencia que limita a habitação. Ligando-as, firmes, correm travessas que completam o arcabouço da choça. A cobertura é feita de palmas de bacába, dispostas em camadas. Pelo interior da choupana, verifica-se que a primeira camada é constituída por uma trança de foliolos, amarrados ao madeiramento. As externas cobrem, como lenções de palha, mui certos e bem aparados, toda a superficie do edificio. Não ha paredes lateraes diferenciadas do tecto; são prolongamentos directos da cobertura.

A maior das duas casas que descrevemos, da aldeia proxima ao rio Karumí, ou Festa da Bandeira, tem 30 metros de perimetro, e a outra 28.

Suas portas medem 0,37 de largura por 0,52 de altura. Para atravessal-as é preciso esgueirar o corpo. A praça, onde se levantam as duas casas a que se referem estas notas, mede cerca de 20 metros de diametro.

Dentro das cabanas, tres girãos feitos de taquara, proprios para seccar a raspa de mandioca e duas enormes panellas negras, que não poderiam ter passado pelas portas; enfiados na palha do tecto, adornos, utensilios leves, um sortimento de utilidades. . . A palha das cabanas é o — almojarifado — dos indios; guardam nella suas miudezas.

Debaixo de cada giráo, uma pequena fogueira.

Quatro pés de taquara enfiados no chão supportando uma grade horizontal de taquarinha: é o giráo.



Aldeia dos Índios da Serra do Norte  
Rio Festa da Bandeira (Karumí)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



Media cerca de dois metros de comprimento por 1,50 de largura.

Não ha, nas choupanas, abertura para sahida da fumaça das fogueiras interiores; nem é preciso. Pelos interstícios da palha solta-se ella muito bem.

\*

Ao redor da habitação, esparsos ou amontoados, ossos partidos, côcos quebrados, fâvas de jatobá, sabugos de milho, carvão, rebotalhos da alimentação dos moradores, de mistura com utensilios e artefactos inutilizados pelo uso.

Ao pé de uma das casas da aldeia do rio Festa da Bandeira havia uma grande peça, que só deixei de trazer pela absoluta impossibilidade de a transportar. Era utensilio dos que se encontram, com frequencia, nos "sambaquís" da costa do Atlantico: uma pedra com algumas covinhas, onde cabia a polpa de um dedo. Ao lado havia quantidade prodigiosa de pequenas nózes de bacába, partidas e por partir. Muitos suspeitam que tal utensilio haja servido para fazer fogo; na Serra do Norte, usam-no, apenas, para partir coquinhos. A pedra era, todavia, muito maior do que as encontradas geralmente nos sambaquís

\*

Habitações provisórias são toldos de ramos e folhagens. Passam ali alguns dias, si a caça é abundante no local; depois abandonam a construção.

Para erguer um desses toldos, que os tropeiros costumam chamar *maloquinhas de caça*, espalhadas entre o

Juruena e o rio 12 de Outubro, começam por limpar muito bem o sólo. Depois, fincam dois grandes ramos nas extremidades de uma recta; curvam-nos, em cima, sobre uma travessa sustentada por duas forquilhas enterradas na frente.

Acabam de cobrir o rancho com palha, ou capim, arrancado na occasião, o qual leva para o tecto porções de terra, nas raizes:

Dentro, ou antes, debaixo, um foguinho.

Cada toldo cobre, mais ou menos, uma superficie de dois a quatro metros quadrados. Si são muitos os indios que viajam, cada grupo familiar levanta seu abrigo. A construcção é, afinal, um typo acabado do *Windschirm* dos ethnologos allemães

Porém os indios dos grupos mais septentrionaes (*Tagnanis*, *Tavitês*) não constroem toldos provisorios do mesmo modo.

Em geral, sua habitação temporaria é mais simples: uma ou mais folhas de *uauassú*, ou de qualquer outra palma, fincadas no chão. Não é um toldo; é um anteparo contra o Sol, ou rajadas de chuva.

Aliás, taes indios moram em região de grandes florestas e charravascaes, que em caso de aguaceiro protegem perfeitamente bem os seus filhos; enquanto que os outros habitam zona onde existem mais cerrados e campos do que matas. Ainda uma vez o meio geographico condicionou a acção humana.

\*

Os Nambikuáras-Kôkôzús denomidam *Sicú* ás suas aldeias; os Anunzês dão-lhes o nome de *Chicê*. Esses vocabulos têm a significação geral de habitação: casa ou aldeia.

Não sabemos, ao certo, como constroem suas habitações — domicílios.

Na edificação de um toldo de caça só tomam parte as mulheres; quebram os ramos que servirão para a cobertura, enquanto as crianças ajudam, arrancando o capim e o sapê, que também concorrem para tapar o tecto.

\*

Frequentemente mudam o local do domicílio. Seguindo o trilho que nos levou á maloca do Juina, onde pernoitámos, passamos por diferentes áreas onde havia estado a aldeia.

Não é ainda conhecida a causa determinante das mudanças para locais tão próximos; talvez a morte de um índio, ou a ocorrência de alguma desgraça commum.

Não é possível invocar motivos derivados de acção mesológica de importancia, dado que se afastam pouco do primitivo sitio.

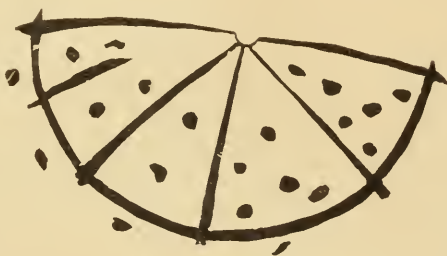


Fig. 66 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

\*

Para prevenir a entrada da enxurrada por debaixo da palha, que vem do tecto ao chão, cercam os indios *Tapanís* e *Taitês* as suas casas conicas, pelo lado de dentro, ao longo da linha que as limita, com uma serie de talas imbricadas, feitas das cascas do jatobá.

A chuva não penetra.

Quem imaginasse que o interior das cabanas é abafado e quente faria grossa injustiça ao edificio; o ar entra de um modo admiravel, através dos intervallos das folhas.

Todavia, quando os indios accendem “foguinhos”, a cousa muda de figura. E, felizmente para elles, a permeabilidade da cobertura de palha livra seus olhos de graves doenças, que se encontram em muitos povos incultos, cujas habitações retêm a fumaça.

\*

A guarnição das casas é summaria; além dos jirãos de que se falou, e algumas grandes panellas, nada mais se póde apontar como mobiliario propriamente dito. Tudo mais são utensilios, artefactos, armas e adornos, que levam comsigo, á menor viagem que comprehendem. Alguns pilões e ralos mais pesados, que não podem ser commodamente carregados, ficam guarneendo a morada. *Omnia mea mecum porto*, poderiam repetir os barbaros. . .

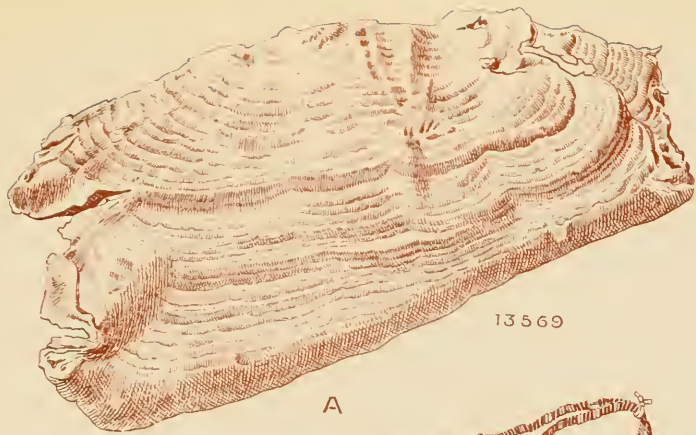
\*

Esteiras de palhá, couros preparados, rêdes, jirãos de dormir, catres e camas, são modalidades de leito que predominam neste ou naquelle estado de cultura social.

A presença das primeiras já indica certo adiantamento; os Nambikuáras não têm outro leito sinão a terra. Dormem sobre o chão limpo.

E não tinham a rêde, inseparavel companheira dos Parecís, seus visinhos; hoje, que a conhecem, estimam-na infinitamente. No meio delles, para repousar um pouco, á noite, era uma difficuldade; mal armavamos as nossas,





13569

A



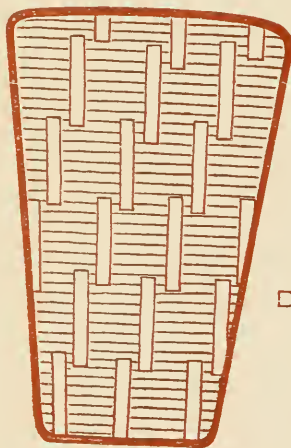
12417

C

B



952



D

- Arexi-Cogumello (*Polyporus sp.*) de que se alimentam os indios da Serra do Norte. (Coll. Mus. Nac. 13569)
- Fio de pêllos de macaco (Coll. Mus. Nac. 952)
- Collor feito de tubos de pennas. (Coll. Mus. Nac. 12417)
- Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.



surgiam logo tres ou quatro candidatos... E, uma vez donos dellas, difficilmente nol-as deixavam. Mais de uma vez fomos todos despertados por alguns indios, que á fina força desejavam dormir nas mesmas em que repousavamos.

No pouso de Tres Buritís, onde estiveram acampados alguns dias connosco, á noite disputavam tosca mesa de páo, em que os encarregados da estação faziam suas refeições; já se apaziam em dormir alto do chão, imitando o nosso procedimento.

Por que, pois, não se utilisavam da rêde? Porque não a conheciam.

Trançar fios de algodão e de tucum, trançam elles, de maneira mais que sufficiente para confeccionar uma dellas; apreciar esse leito dos seus visinhos, tambem haveriam de apreciar, como agora acontece.

Os indios da Serra do Norte attestam, por esse traço ethnographico, a situação de inferioridade em que se encontravam.

Tal ignorancia é, aliás, característica social de um grande grupo ethnico do Brasil, que comprehende os mais atrasados aborigenes da America, no consenso de todos os que o têm estudado — o grupo *Gê-Botocudo*.

\*

Ora, todos os indios da Serra do Norte dormem directamente sobre o sólo. Nada, nem folhas, nem palhas, nem esteiras, nem couros, collocam sobre o chão em que se deitam.

Deitam-se, quasi sempre, em decubito lateral, pondo o ante-braço debaixo da cabeça para servir de travesseiro.

Os homens raro se sentam directamente sobre o chão. Em geral, acocoram-se. As mulheres fazem o contrario. Si estão de pé, no fim de alguns instantes, os homens, habitualmente, flexionam uma das pernas sobre a coxa, apoiando o pé respectivo sobre o joelho do outro lado; as mulheres tomam attitude característica, que nunca vi descripta e se acha bem clara nos instantaneos colhidos.

Cruzam as coxas, adiantando o membro pelviano direito em simples adducção, enquanto collocam o membro pelviano esquerdo mais atrás, em adducção forçada. O grande eixo do pé direito, prolongado, corta o do esquerdo quasi em angulo recto.

Frequentemente cruzam os braços.

Quando estão excitados, animados pela alegria, ou pelo temor, batem continuamente com a mão direita espalhada sobre a região occipital.

Si estão descontentes, fazem esse gesto característico, exclamando:

— *Ikátnerá!*

\*

Alimentam-se principalmente de productos agricolas; é um dos traços paradoxes desta população o desenvolvimento da agricultura no seu meio atrasado.

De um modo geral, póde dizer-se que os Nambikuáras comem tudo; não respeitam certas especies animaes, como fazem alguns indios.

Um mosquito que apanham sobre o corpo, um piolho, um gafanhoto, uma lagartixa que passa correndo, nada escapa.

Alguns costumam andar com uma vara para matar as cobras que vão encontrando; assam os ophidios no borrallio e comem com prazer a iguaria.

Só o estomago das victimas, depois de assadas, rejeitam.

No pouso do Primavera, quando algum tinha fome, corria ao cerrado e voltava trazendo um calango vivo; batia com a cabeça do pequeno saurio num pau qualquer e o atirava ás cinzas quentes. Depois, com as unhas, rompia o abdomen do animal, retirava o estomago e saboreava o resto.

Um tatú que, noutra occasião, foi apanhado, mataram, torcendo-lhe o pescoço.

Para a caça e para a pesca usam flechas que serão descriptas noutro parographo.

Aproveitam os ovos de "pato do mato" fazendo cóvas razas no borrhão quente e lá os aninhando, depois de revolidos com um graveto passado por pequeno orificio aberto na casca.

A carne de grandes caças: veado, paca, capivara, é primeiro socada no pilão, ou batida entre dois paos e só depois utilizada.

Com as unhas, com os dentes, e ás vezes com facas de madeira ou de taquara, cortam grandes bocados.

Mal engolem o que lhes vae na boca, logo chupam os dedos, estalando a lingua com grande ruido.

\*

Os *Tagnanis* conhecem as propriedades conservadoras da fumaça; a carne que lhes distribuimos não era toda devorada no mesmo dia. Suspendiam as sobras no moquem.

\*

Os *Kôkôzús* não usam moquem; assam a caça no borrhão. A quantidade de cinzas que deglutem, com tal assado, é consideravel.



*Tagnanis* e *Tauitês* constroem moquem característico. Fincam quatro estacas e ligam-n'as por quatro travessas; entre ellas fazem correr dois páos que servem de suporte ás peças de carne.



Bebem o mel sempre misturado com agua: hydromel. Cômem com prazer os filhotes das abelhas, mergulhados no mel e no própolis, que não rejeitam.

Não deixam amadurecer o milho; comem-n'ó assado, ainda verde. A mandioca soffre o mesmo processo, ou então é utilizada em raspa, com que fazem beijús.

Por meio de uma fita de embira espremem a raspa, e com o amilo fazem alvissimos bolos.

Para confeccionar os beijús, abrem um buraco nas cinzas quentes de uma fogueira, e lá depositam massa de mandioca, alizando o bolo com um páo qualquer e com a mão. Cobrem tudo, depois, com cinzas e brazas; no fim de algum tempo, que não sabemos como estimam, descobrem um grande bolo tostado e cheiroso, um tanto azedo, que não seria desagradavel sinão tivesse tanta cinza e não fosse preparado por tão desasseiado processo. . .



Mangaba verde que appareça é collhida immediatamente, para ser posta no borralho. Assada, torna-se tenra e agradavel.



Os *Tauitês* confeccionam, com os coquinhos da bacába, certo mingáo violaceo (*Uid-niaré*) com gosto de folhas

verdes, que tomam com muito prazer. Para preparar este *uid-niaré*, socam os fructos da palmeira e depois os collocam, dentro d'agua, ao fogo.

*Uid-niaré* é, afinal, um decocto.

\*

Não tivemos occasião de assistir ao preparo de qualquer liquido fermentado. Todavia, os indios fazem bebidas alcoolicas pelo processo usual: mastigação de man-



Fig. 67 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

dioca ou milho, fermentação da massa, em grandes pannels. Um licor, assim tirado do ananaz silvestre, gosava de honroso conceito entre a gente da linha telegraphica.

\*

Gostam especialmente da carne dos macacos, resquicio, quiçá, do antigo paladar anthropophago.

Não acredito que exista entre elles o canibalismo. Mas, segundo penso, não ha muito que perderam esse triste habito.

E' verdade, no entanto, que costumam increpar uns aos outros de tão feia pratica; exprimem tal accusação de um modo absolutamente claro, por meio de signaes inequívocos.

\*

Obtêm fogo pelo attrito de dois bastões, em nada dissemelhantes dos que se acham pelo Brasil a fóra.

A operação é muito mais longa do que se imagina.

O indio começa forrando o chão com uma folha secca; sobre ella deita o *ignigeno fixo*, que mantem com o pé e com o joelho.

Com as mãos espalmadas, imprime ao *ignigeno movel* a rotação necessaria, apertando-o, ao mesmo tempo, de encontro ao primeiro. O movimento faz descer as mãos ao longo do bastão; o indio recomeça, repondo-as na parte superior. De vez em quando pára, rapidamente, e passa a lingua sobre as palmas que o attrito requeima. No fim de algum tempo, quando o suor já poreja a frente do operador, surge a centelha, na moinha que se depositou na folha.

O processo só differe da operação classica pela presença da folha protectora.

Por trabalhoso, os indios o executam a contra-gosto. Desejando obter um film, que documentasse todos os seus tempos, difficilmente obtive que um indio fizesse fogo. Eis a razão porque, dos presentes que se lhes faz, um dos que mais prezam são os phosphoros; fazer fogo pelo seu systema, em dia de chuva, ou durante tempo humido, é penosa tarefa.





ORNATO DE PENNAS - INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Coll. Mus. Nac. n.º 2249)



\*

Comem tambem, *Tagnanis* e *Tauitès*, certo cogumello que os outros não aproveitam. (*Polyporus sp.*)

\*

E' facto curioso a falta de utilização dos “palmitos” por parte dos indios da Serra do Norte. Gabriel Soares (1587) deixou bem expresso que o gentio do littoral não desprezava o gomo folhear das palmeiras: «Do olho destas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido e tão grossos como a perna de um homem».

Quanto ao vinho do ananaz era bebida corrente; é ainda Soares quem diz: “A natureza deste fructo é quente e humido, e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta: os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com elles, cujo sumo come todo o cancre, e carne podre, do que se aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fructa, que alimpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com ellas as nodoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduros, os indios fazem vinho, com que se embebedam; para o que colhem mal maduros, por ser mais azedo...”

\*

A comida salgada, de nosso uso, não agradava aos indios da Serra do Norte. Mais de um rejeitou o prato que lhe destinavamos, dando a entender que o salino sabor o levava a proceder dessa maneira.



O leite (leite condensado) foi também, a principio, recusado; diziam, fazendo uma visagem, qué era leite de mulher, e portanto repugnante:

— *Anungçú!*

E' preciso conhecer a gula dos indios, sua fome insaciavel, seu — *animus devorandi* — continuo, persistente, infallivel, sincero, para bem comprehender o nojo que os conduzia a tal renuncia.



A's crianças dão tudo para comer; do que levam á boca vão sempre migalhas ao pequenino que lhes anda perto ou entre os braços.

Mesmo os excitantes de que usam, fumo, por exemplo, são repartidos com os petizes.

Mais de uma vez tive occasião de observar indios que davam cigarro a menores de dois annos <sup>(1)</sup>.

As crianças tomam logo parte na comida; as mulheres comem depois... o que sobra, quando sobra. Aliás, esta é a regra, mesmo entre os indios já civilizados... Mas, em geral, si ha abundancia, cada qual se serve do que ha, quando quer, como quer; a comida é de todos.



Do figado dos animaes que devoram retiram, habilmente, a vesicula biliar; no entanto, não reservam para o órgão nome algum especial.

(1) Cf. E. Roquette-Pinto — A condição da criança entre os Indios do Brasil — Primeiro Congresso Americano da Criança — Tucuman — 1916.



*Aarú*—é um bolo que os *Kókôzús* preparam, socando num pilão um tatú moqueado, inteiro, até trituração completa dos ossos, e depois misturando-o á massa de mandioca feita beijú.



Um rato do chapadão, que os Parecís denominam *Cólori*, é iguaria que os Nambikuáras não desprezam. Chamam-n'o — *Arantaçú* (*Scapteromys gnambiquaræ*, Miranda Ribeiro).



Dos productos de sua industria agricola vão-se utilizando diariamente por apanha successiva; não colhem a tempo certo, nem têm reservas, ou celeiros, sinão para o fumo, que conservam entre duas varinhas, dependuradas na palha do tecto da cabana.

Em casa ha sempre massa de mandioca, que é o *pão nambikuára*, com o qual acompanham qualquer outro producto alimenticio. Guardam a massa dentro de grandes cestas, forradas de folhas de pacóvas.

O mel que sobra é deixado nas cabaças, onde não chega a fermentar porque, em breve, o desejo de algum indio renasce...



Nenhum rito observámos relativo a praticas alimenticias; mas o soldado Gouveia, que em 1911 esteve prisioneiro numa aldeia nambikuára, em seis mezes de captiveiro, viu uma cerimonia de tal natureza.

Mataram os indios daquela aldeia (do *Urutáo*) uma grande anta. Foi uma festa. Puxaram, arrastado, o animal até á praça da maloca. Depois foram os homens ao cerrado e voltaram trazendo muitos ramos com que se cobriram, dispondo-se em circulo, acocorados debaixo das folhagens, cantando sempre. Ergueram-se, no fim de muito tempo, e, ainda com os ramos seguros nas costas, puzeram-se a dansar ao redor da caça, que foi depois retalhada.

Infelizmente Gouveia era de uma insufficiencia passmosa. Viveu entre elles, preso, seis mezes; *casou-se* lá com uma india, que se esforçara por ensinar-lhe a lingua de seus paes. Afinal fugiu, sem trazer outra contribuição além de informações muito vagas, como esta que, no entanto, julgo acertado deixar aqui registada.



Dos excitantes, cujo consumo é de regra entre povos selvagens, além dos liquidos alcoolicos já mencionados, o fumo é o principal.

Já se disse que seccam as folhas entre duas talas de madeira, que espetam na palha da casa; quando querem fumar, tomam de uma e a desfiam com os dedos, envolvendo o pó em outra folha, de uma arvore que os *Kókôzús* denominam *Enandzú*.

Tambem usam reduzir a pó o tabaco que então conservam dentro de cabaças especiaes.

Na Serra do Norte, antes da entrada da Commissão Rondon nenhum dos grupos conhecia cachimbo. Hoje mesmo não o apreciam; preferem o cigarro, que é pequeno, nada semelhante aos colossaes rolos de fumo de algumas tribus amazonicas.

Seu fumo é fraco, de aroma agradável; é a propria *Nicotiana tabacum*.



*A. Hilde*

ORNATO NASAL DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE  
(*Coll. Rondon - Museu Nacional - 2253*)





Quando viajam levam sempre cabaças com o pó, ou varas com folhas de fumo; a meio caminho, si desejam pitar, formam roda. Preparam-se como si fossem realizar uma refeição, accendendo uma pequena fogueira. Terminados os cigarros, continuam a caminhar.

Apreciam immenso o nosso fumo de rolo, especialmente quando posto em cigarros feitos com papel de jornal...

\*

Os indios da Serra do Norte andam nus. Homens e mulheres trazem uma tira de palha ao redor do ventre. Os *Kôkôzús* usam pulseiras, braceletes deltoidianos, perneiras abaixo dos joelhos e ao nivel dos tornozellos, todas feitas de embira; *Tagnanis* e *Tauitês* collocam semelhantes ligas nos membros superiores e inferiores, porém, confeccionadas com algodão. Este material apparece tambem, ás vezes, em artefactos dessa natureza, fabricados pelos do primeiro grupo. Entre *Tagnanis* e *Tauitês* é commum achar-se algum indio com os órgãos sexuaes externos mais protegidos, pelas pontas da tira de palha passada ao nivel do hypogastro. Mas isso não é a regra. Os *Uaintaçús* raras vezes apparecem com algumas dessas ligas. Alguns indios, em todos os grupos, andam systematicamente nus, de modo absoluto.

As mulheres, meninas puberes, moças ou velhas, solteiras ou casadas, não abandonam a tira abdominal.

Algumas gravidas, que encontrei, não a possuíam; e acredito haverem libertado o abdomeo daquella forte pressão para respirar melhor, ou, quiçá, por temor de que a cinta influísse perniciosamente sobre o fêto.

Trazem os cabellos sempre longos, sobre as espaduas: na frente, aparam as mechas irregularmente, cortando

os fios com uma concha de lamellibranchio, ou com lasca de taquara. Gostavam que lh'os cortassemos com tesouras.

Apreciam immensamente os chapéos que usamos; pareceu-me que o calor dos raios solares sobre o craneo lhes é muito molesto.

Por um chapéu dão quasi tanto como por um machado de ferro.

Um dos capacetes de couro de onça, existentes no Museu, nós o obtivemos na aldeia do Urutáo, trocando por elle o chapéu de nosso uso, velho e surrado. No entanto, estes capacetes de couro são altamente prezados.

Habitualmente não trazem na cabeça ornatos de couro ou de pennas. Cobrem-se com as corôas, que serão descriptas aqui, ou com os capacetes de couro de onça, quando estão alegres. Provavelmente, usarão tambem taes ornatos em certas festas; todavia, nada apurámos a respeito.



Nas orelhas dependuram triangulos de madreperola que tiram de conchas fluviaes e, quando o furo se dilacera rompendo o lobulo em duas tiras, não hesitam em praticar novo orificio.

São os homens muito mais vaidosos que as mulheres; enquanto elles se adornam com diademas de pennas, brincos, pingentes e collares, ellas só com alguns destes se contentam.

Tambem só os varões usam o labio superior e o septo nasal perfurados. As mulheres, nunca.

As crianças de peito não tinham ainda perfurados labios e septo; as que já possuiam os primeiros pequenos molares haviam, porém, soffrido ambas as operações.

E, por isso, acredito que só as realizam quando chegam os meninos aos dois annos.

Mas, só depois dos cinco, ou sete, começam a fixar, no beijo e no nariz, mettidas por taes buracos, umas cavilhas finas e características, feitas quasi sempre do colmo de um capim.

O seu uso é geral na Serra do Norte. Raros indios vi sem taes cavilhas.

A do labio superior apoia-se entre os incisivos medianos do maxillar correspondente e sae, aggressivamente, para cima; a do septo é mais grossa e mais curta. Ambas são cortadas, na justa medida, por meio do fogo.

Mal caem, logo seu portador as apanha e colloca de novo nos orificios; e algumas vezes que as tiraram, para nos mostrar como se achavam ali seguras, mais que depressa as repuzeram de novo, como que envergonhados de estar assim desprovidos de taes adereços.

Em regra, usa cada indio as duas, simultaneamente. Alguns á modesta cavilha do septo nasal preferem outra, enfeitada com uma penna de arara ou de mutum.

Ao contrario do que se suppunha, taes adornos não parecem representar nenhuma distincção honorifica; não marcam hierarchia.

Vimos rapazolas de 18 annos paramentados com taes pennachos; nenhum indio lhes dava a minima importancia.

Quando usam estas pennas, desprezam a cavilha labial.

\*

E' facto notavel a predilecção que têm pelas contas de côr negra; fazem-n'as de coquinhos, para collares de muitas voltas, e quando deixámos á sua escolha um sortimento de vidrilho, começam preferindo as pretas.

Acabam, porém, escolhendo todas... Insaciáveis.

A côr negra, todavia, domina nos seus enfeites.

Pulseiras negras e anneis tambem de côcos negros, que usavam pendentes das orelhas, e agora já mettem pelos dedos, por imitar as nossas *alianças*, collares, de alguns metros, de contas negras, pennas de aves negras, *rostros* de coleopteros, negros tambem, tudo attesta aquella preferencia.

Dos anneis da cauda do tatú canastra fazem as mulheres, ralando-os em pedras humidas, lindas pulseiras inteiriças.

\*

Os indios *Nambikuáras Uaintaçús*, que apparecem em Campos Novos pelo rumo do Guaporé, muito mais grosseiros, insolentes, ariscos, desconfiados, não se esforçam por trazer no labio superior a delicada cavilha usada pelos seus parentes.

Andam alguns com um espinho de ouriço preso ao beijo; outros, com uma lasca de madeira, ou aculeo de uma arvore qualquer.

\*

E' tambem caracteristico de toda a população da Serra do Norte e do valle do Juruena um manto de fibras de palmeira (Ialaçú), posto ao longo da columna vertebral, pendente do pescoço.

As mulheres não o carregam: ainda uma garridice masculina.

\*

Faz parte do seu adorno, e tanto della se servem os homens quanto as mulheres, a pintura com o urucú.

Pintam-se nas ocasiões festivas; não traçam linhas sobre a pelle, mas estendem a tinta sobre toda a superficie do rosto. As mulheres, depois do banho, avermelham assim o corpo todo.

Os indios do Juruena dissolvem o pó do urucú n'agua pura; os Tagnanís preparam uma pasta, ou crême, com a mesma substancia incorporada á enxundia de alguns animaes, e perfumada, bem agradavelmente, por processo desconhecido.

Sempre que recebem bons presentes, machados ou contas, iam ao corrego, e voltavam com o rosto inteiramente afogeuado pelo ton sanguineo da pintura.

Para os *Tagnanís*, esta pratica é signal de especial sympathia quando executada num estrangeiro.

Merecemos todos, em Tres Buritís, essa homenagem. . .



Fig. 68 -- Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

\*

Os homens não arrancam os pellos pubianos, nem os axillares; algumas vezes, mesmo os bigodes, ralos, e a barba, ainda mais rala, deixam crescer.

As mulheres, porém, depillam-se inteiramente.

\*

Os caminhos por onde transitam são estreitos, parecidos com trilhos do gado, em região pastoril. Em certos

pontos o terreno acha-se recortado ; nas matas abrem tambem veredas, quebrando galhos.

Para atravessar modestos rios arranjam uma pinguela, derrubando uma arvore da margem e ageitando a quéda do madeiro de modo conveniente.

Si o rio é largo, fazem um molho de palmas de burití, á maneira de fluctuante, e deixam-se levar pela corrente, cruzando o curso d'agua em diagonal.

Não conhecem canôa, nem praticam a navegação. Sabem nadar bem.

Caminham velozmente. Devoram, num dia, muitas leguas, sempre em passo energico, "marcha em extensão" dos physiologistas, musculos retezos, corpo desempenado.

\*

A caçada de grandes animaes : anta, capivara, cavallo ou burro (da Commissão Rondon) é feita em grupos. Usam, para certas especies, flechas especiaes que serão descriptas adiante.

Para a pesca não empregavam anzóes, sinão flechas proprias.

Os *Tagnanis* usam tambem uma especie de cóvo.

Um typo de flecha de ponta romba, raro aliás, é destinado á captura de aves, com que brincam os pequenos nambikuáras.

Os animaes caem em commoção, pelo choque, e são apanhados com facilidade. Alguns se acostumam ao captivo feroz ; vimos um picapáo que era, de vez em quando, tampado, dentro de uma cabaça emborcada, por um menino. Mal o pequeno revirava a cuia, a avesinha, em vez de fugir, saltava para cima delle. Verdade é que

passam bem de boca as aves domesticas dos indios, porque lhes estão, a toda hora, dando comida nos labios, “gavando-as” com meiguice.

\*

Uma india *anunzê*, na occasião em que eram tomados seus diametros cephalicos, deixou cair da nuca, com immensa surpresa nossa, um filhote de *Myopotamus sp.* ratão, que ali parecia viver commodamente, occulto entre as mechas do cabello, como no capinzal onde nascera.

\*

Pombas, filhotes de urubú, pequenas corujas, macacos, são igualmente domesticados na Serra do Norte.

Antes da Commissão Rondon não conheciam nem o boi, nem o gado muar, nem o cão. Do boi ainda hoje têm mêdo, por causa dos chifres; dos burros gostam, porque acham sua carne parecida com a da anta.

Dos cães, que a principio temiam muito, são agora grandes amigos; assim que podem, vão logo furtando alguns; e os roubados affeioam-se-lhes depressa, porque são tratados á tripa fôrra. Na cuia em que o dono come ha sempre logar para o focinho do seu cão.

\*

Transportam seus filhos a tiracollo, numa faixa, que os *Kókózús* fazem de palha, e os outros confeccionam de algodão.

Ao menor passeio conduzem tudo quanto possuem; habito de nomades que sobrevive em gente quasi sedentaria.



A caça e a pesca, exclusivamente, não poderiam manter uma população tão grande qual a da Serra do Norte. Seriam os indios obrigados a realizar grandes incursões para outros pontos, em busca de alimento; já estariam, portanto, aniquilados, ha muito tempo; ou teriam perdido suas características, que só o isolamento pôde conservar.

Foi o germen da agricultura, que não sabemos donde houveram, si é que ali mesino não surgiu espontaneamente, o factor que permittiu sua conservação na "idade da pedra" até hoje.

Cultivando terras uberrimas do valle do Juruena e da Serra do Norte, confiando seu sustento ao solo das matas virgens da Amazonia, puderam os Nambikuáras ir vivendo até agora naquelle meio relativamente restricto. Essa influencia paradoxal da agricultura talvez não tenha sido encontrada ainda alhures, de um modo tão caracteristico; e, por isso mesmo que eram obrigados a viver da cultura da terra, foram-se aperfeiçoando nessa industria, embora permanecendo num estadio de civilização muito elementar. Segregados inteiramente, sem mesmo conhecer os homens brancos e seus animaes domesticos, o cão, por exemplo, os indios da Serra do Norte tornaram-se agricultores emeritos.

Suas roças são sempre regularmente circulares. Dentro das matas acham-se, frequentemente, grandes espaços abertos; são campos artificiaes, antigas roças nambikuáras.

Usam do fogo para limpá-las depois da derrubada que, até agora, effectuavam com machado de pedra.

Para derribar uma arvore de certo porte, com tal instrumento, ajuntam-se-lhe ao redor diversos macha-





Uaidnirida — Índio do rio Juína

MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912



deiros; o lenho, mastigado pela pedra, cede mais depressa do que se pensa. Admiravel, porém, é a resistencia do encabamento do machado.

Um páo ponteagudo abre covas para as sementes.

Milho e mandioca são os principaes productos da agricultura nambikuára. Tanto um como outro, não pertence a espécie alguma diversa das que entre nós são cultivadas. O milho é da variedade conhecida por *milho branco*, ou *saboró*; a mandioca se distingue pelas suas qualidades nutritivas e alimenticias. A da Serra do Norte, cultivada pelos Tagnanís, é a melhor que hei visto, pouco fibrosa e mui rica em amilo.

Certo, não é á cultura imperfeita dos indios que a raiz deve taes excellencias, e sim aos terrenos fertilissimos em que é plantada.

\*

A grande questão ethnographica que a agricultura dos aborigenes suscita, e foi posta em fóco muito bem por von Martius, permanece ainda de pé.

Não se encontrou o milho, nem a mandioca, vivendo nas matas. Ou esses vegetaes vieram de fóra, com os indios; ou representam especies derivadas de outras que existem em estado nativo, com aspectos mui differentes, mascaradas por diversos caracteres.

Entretanto encontramos uma tribu segregada, na "idade da pedra", vivendo da agricultura; e cultiva milho e mandioca iguaes aos nossos...

Ainda a mandioca tem sido encontrada em estado natural (*Manihot utilissima*, Pohl); sinão a especie mesma de que nos servimos, especie do mesimo genero. E o milho?

Onde, na superfície da Terra, existe *milho* em estado nativo, a não ser a *Zea mais tunicata*, de que alguns supõem vir a fôrma hodierna?

Que desvendar de mysterios, não traria o elucidar da questão!

\*

Vendo os *Tagnanis* que o vaqueiro João Lucas capinava uma rocinha, em Tres Buritís, começaram a rir-se delle, mostrando que melhor valia ir desenterrando a planta má; a enxada cortava os caules, mas deixava as raizes, e as hervas brotariam. A capina dos Nambikuáras é o arrancar do que não serve. Suas roças andam sempre limpas.

\*

Seu fumo é a nicotiana que vive espontaneamente ali na Serra; urucú e algodão, não se póde dizer que sejam cultivados; são plantadòs e aproveitados. Algumas favas grandes, de diversas variedades, merecem citação. Ellas se encontram nas cestas dos indios, assim como muitas outras plantas; mas nunca vimos nenhum comendo, ou mesmo utilizando, esses vegetaes. Até ultteriores verificações, acredito sejam destinadas á medicina, que só em segredo velhos e velhas praticam. Diga-se o mesmo da mamona (*Ricinus*), planta positivamente adventicia.

\*

Em bolsas de palha, ou de folha de pacóva, resguardam do tempo, da poeira e da chuva, as pelotas de algodão que servirão para fiar, e sementes, que terão destino ainda ignorado.



A medicina não nos pareceu fosse exercida por órgãos especiaes da sociedade india. Todos tomam parte no tratamento de certos enfermos; nos casos graves, entra em funcção algum velho experiente.

Sobre as feridas applicam fibras de palha com certas resinas (Jatobá). As queimaduras, tratam pela agua fria. Fracturas e luxações reduzem-se ao azar.

Sobre as placas do *baanêcêdütü* passam saliva, com a palma da mão. Apertam entre dois dedos, longamente, o ponto ferrado pelos insectos.

Os que têm febre recolhem-se a um canto, quietos, quando não se atiram n'agua corrente. Durante o acesso nada comem.

Havia na aldeia do Juina um velho indio, de cerca de 60 annos. Estava triste, acabrunhado; pouco se animou com os nossos presentes. Punha as mãos na cabeça, para indicar que lhe doia. Um rapaz, que parecia seu filho, pelo extremo de ternura com que o tratava, á revelia dos outros indios, offerencia-lhe mel com agua, repetidas vezes. Elle virava a cara. A' tarde, como o seu estado não melhorasse, chamou o moço, e disse-lhe qualquer cousa.

O rapaz agarrou-lhe a cabeça entre as mãos e collou a boca nas fossas nasaes do velho, aspirando com força. Parece que esta succção, repetida mais tarde, alliviou o enfermo, que se tornou mais expansivo.

O parto deve ser facil, visto que os fétos são excessivamente mal nutridos. As indias, quando não ha leite bastante, tomam na boca um góle d'agua e applicam os labios aos dos filhos, passando-lhes o liquido num beijo nutridor.

Desejando saber como cortam o cordão umbilical, mostrei a diversos indios, mais accessiveis e mais intelligentes, *Damasceno*, *Nuléke*, *Krikriceknerá*, a figura de um livro onde havia um fêto com seus annexos. E, das respostas que *Damasceno* ministrou, pude entender que a mãe corta o cordão com os dentes e esconde a placenta debaixo de folhagens.

Esta informação, como se vê, deve ficar sujeita á revisão.

\*

O desenho dos indios da Serra do Norte, embora elemental, já apresenta alguns motivos interessantes, tirados da imitação das fórmas animaes.

A circumferencia, o triangulo, o quadrado, apparecem desenhados em negro na superficie de algumas cuias.

Cobras e saurios acham-se, as vezes, representados nos seus traços essenciaes. <sup>(1)</sup>

\*

A plumaria reduz-se a poucas manifestações; é mesmo insignificante. Uma das estampas deste volume figura interessante diadema de pennas, que é contrafacção de objecto semelhante, porém admiravelmente bem trabalhado, que os indios conquistaram a visinhos de Oeste, e tambem se acha no Museu.

\*

Das suas dansas pudemos observar dois typos: uma *dansa guerreira*, que apanhámos em film cinematogra-

(1) Cf. E. Roquette-Pinto — Documentos para o estudo da psychologia dos Indios do Brasil — in Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal — Rio, 1917.



Indio da Serra do Norte flechando por elevação

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912





phico exhibido na Bibliotheca Nacional a 15 de março de 1913, onde figuram indios dos grupos Kôkôzú, Anunzê, e Uaintaçú, e uma *dansa festiva*, em que tomámos parte, em Tres Buritís, executada pelos Tagnanís e Tautitês em nossa honra.

A dansa guerreira cinematographada em Campos Novos foi, depois, repetida tambem pelos Tagnanís, em Tres Buritís.

Armados de arcos e flechas, dispõem-se os guerreiros em linha, collocados a uns 15 metros de um pedaço de páo que figura o inimigo, cantando em compasso binario, marcando o tempo com o bater dos pés no chão.

Dois indios, com as flechas promptas e arcos semitezos, partem da fila, como quem anda cautelosamente occulto entre as moitas do cerrado; fazem uma grande volta e, chegando perto do *inimigo*, desferem as armas contra elle.

E' o signal do ataque; cessa o canto e uma chuva de flechas cae sobre o "infeliz"...

Logo depois avançam sobre elle, a pauladas, com os arcos, ou com outros cacetes, e o sovam á valer. Aliás, é sempre essa a função da flecha: immobilizar o inimigo ou a caça. Permittir que o aggressor se chegue e acabe sua obra a cacetadas. Caçada ou combate, qualquer ataque é sempre feito de emboscada. Mesmo porque, a certa distancia, o erro de pontaria dos indios é muito maior do que geralmente se acredita. Os Nambikuáras não são dos melhores atiradores. Estão muito longe de atirar com os pés, como os Bôrôros. Por elevação, alguns atiram bem. Nenhum escudo, absolutamente, empregam, nem na caça, nem na guerra. Depois do ataque procuram rehver os projectis; uma flexa dá trabalho para ser feita e não deve ser malbaratada...

Seguram na mão esquerda um mólho dellas, e atiram com incrível rapidez, uma atrás da outra.

\*

Na dansa festiva tomaram parte homens, mulheres e meninas.

Ao son de uma cantiga intermina formou-se grande roda. As mulheres á esquerda dos homens, constituíam-se pares successivos, fechando o circulo; cada homem



collocava a mão no hombro da respectiva "dama". Dentro da roda, tres meninas da mesma idade, pouco mais ou menos, acompanhavam-nos em fila, muito juntas, com os olhos baixos, as mãos cruzadas sobre o peito. A do centro servia de eixo para todo aquelle systema choreographico...

Fig. 69 — Dansa (astrolatra?) dos Tagnanis (schema).

Começou-se a rodar ás 7 horas da tarde,

cantando sempre. As meninas, sem discrepar, deixavam no chão pulverulento marcas regulares, que a luz da lua allumiava perfeitamente. Dir-se-ia que punham os pés nos mesmos rastros, feitos na primeira volta. Meia noite. A' beira das fogueiras, que cada familia accende, dormia a gente velha; resmungavam alguns, avivando morrões que pareciam pequenos rubís esparsos. E na roda, suando,

cheios de poeira, mais mortos do que vivos, todos nós entramos no côro :

— *Tagnani-i! Tagnani-i!*

— *Tangré!*

E assim foi, durante o resto da noite. Quando um de nós fugia, e procurava a rêde, vinham logo dois ou tres latagões reforçados, falando muito ; e empurravam para o seu posto o desertor . . .

\*

A letra desses cantos, infelizmente, não foi apanhada. Apenas conhecemos as duas palavras que ali estão : *Tagnani*, nome da tribu ; *Tangré*, estrella. Astrolatria ? As tres figuras centraes daquella dança, em que se falava de estrellas, trouxeram-me ao pensamento a formosa constellação do Orion, onde existem as Tres-Marias.

\*

No phonographo apanhei dois themas kôkôzús, transcriptos aqui. Foram passados para a notação musical pelo professor Astolpho Tavares

O diapason em que os Nambikuáras exprimem sua musica differe do nosso *diapason normal* cerca de meio ton, para baixo.

As notas usadas nos themas colhidos são : *do*<sup>1</sup>, *mi*<sup>2b</sup>, *fá*<sup>2</sup>, *fá*<sup>2+</sup>, *sól*<sup>2</sup>, *la*<sup>2</sup>. Não se encontram *ré* e *si*.

Os trechos registados estão em *la bemol maior* (Phonogramma n. 14.599), passando para *mi bemol menor* ; e em *mi bemol menor* (Phonogramma n. 14.600).

Os motivos musicaes desenvolvem-se em tempos binarios.



Os índios da Serra do Norte apresentam duas modalidades de organização social bem caracterizadas. Ainda deste ponto de vista *Tagnanis* e *Tauitês* são mais adiantados que *Kókózús* e *Anunzês*.

Estes vivem em regimen patriarchal ; o pai governa a familia, em muitos casos, monogamica. Os filhos, depois da puberdade, constituem familia a vontade, continuando a venerar seus progenitores.

Tratam com immenso carinho seus filhos, aos quaes nada recusam. Raras vezes os castigam. Mais de um indio, já de certa idade, caminhava leguas e leguas com um pequeno ás costas, para chegar onde estavamos e dar-lhe presentes dos que distribuíamos.

Não têm chefes definidos. Alguns, que os tropeiros costumam chamar de chefes, são apenas individuos mais influentes, aos quaes os outros attendem muitas vezes.



Em Campos Novos recebemos, certo dia, a visita dos *Kókózús* e dos *Anunzês*. Dormiram ali muitos rapazes destes dois grupos: *Nuléke*, *Krikriceknerá*, ou *Manduca*, *Paixão*, *Preguiça*, *Damasceno* e o celebre indio *Cavagnac*, supposto chefe da maloca do Urutáo, typo malvado, que costumava cercar os tropeiros na linha para tomar-lhes as cargas.

No dia immediato vieram muitos *Uaintaçús*, atrevidos e ariscos ; gente bastante desagradavel.

Os outros, quando viram que elles se approximavam, começaram a dar signaes de impaciencia. Finalmente chegaram, muito excitados pela presença dos nossos hos-

pedes daquella noite. Começou uma interminavel discussão entre os três grupos. Todos falavam, gesticulavam, irados, olhos brilhantes, a pique de se aggredirem. Temendo esse conflicto, que seria desastroso, por todos os titulos, começámos a intervir, distribuindo cigarros, phosphoros, machados, etc., distrahindo-os. Acalmaram-se. Mas alguns rapazes Kôkôzús e Uaintaçús continuaram a discutir e, aos poucos, foram cercados pelos outros que ouviam tudo muito attentos. Falavam dois de um lado. Respondiam dois do outro. Os que falavam eram dois indios mais expertos, intelligentes, ousados, *Damascêno* e o tal *Cavagnac* que nada indicava fossem chefes verdadeiros, reconhecidos como taes em toda occasião.

Eram chefes transitorios.

Já entre *Tagnanis* e *Tauitês* existem chefes temporaes, perfeitamente bem definidos. Um se distinguia porque andava sem um enfeite. Effectivamente, elle mandava, e todos obedeciam.

Tinha tres mulheres.



A condição da mulher nambikuára não é tão desgraçada como a de outras indias do Brasil. Trabalha muito, é certo. Colhe fructos, rala mandioca, soca ao pilão, arma os toldos, fia algodão, carrega a tralha da familia, cuida dos filhos, toma parte na cultura da roça; mas é tratada, em regra, com muita ternura. Elles são ciosos de suas esposas; e ellas timbram em ser fieis. Deixam longe, neste particular, suas vizinhas Parecís. . .

Continuamente, os casaes se amimam. E nenhuma caricia parece mais suave e mais doce, ao terno amante que o passear dos dedos da eleita pelos seus cabellos.

Compreende-se, porque a cabeça de um nambikuára é um viveiro a enxamear. . .

O casamento, segundo as informações do soldado Gouveia, obedece a cerimoniaes simples. O noivo pede, ao pai da sua amada, consentimento para a união. O progenitor, si accede, dá-lhe um arco e um molho de flechas, dizendo-lhe que deverá, com aquellas armas, manter a familia que vae fundar. Só.

Para mostrar que um certo menino é filho de um indio usam de um gesto expressivo que, na sua innocencia, repetem: curvam o pollegar e o indicador esquerdos, em fórma de annel, ao redor do outro indicador em extensão. Batem, depois, no hombro do filho e no do pai, dizendo:

— *Uétü!* (filho).

\*

Respeitam muito os velhos. Poupam-lhes as fadigas que podem. Quando voltavamos da aldeia do Urutáo para o posto do Juina, fizeram-nos conduzir, no arção da sella, as cestas de dois velhos do grupo que nos acompanhava em busca de presentes. Os moços e as mulheres lá se foram, cada qual carregando o seu *atiçú* sem apellar para auxilio extranho.

\*

De sua religião apenas sabemos que é fetichista. Não conhecemos nada do seu culto, nem do seu regimen; muito menos do seu dogma.

Os grupos septentrionaes parecem evoluir para a astrolatria. Tendo ameaçado a lua e as estrellas com uma



Indio da Serra do Norte flechando  
(modo mediterraneo)



India do rio Juína preparando mandioca

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912





flecha, preparada no arco, prestes a desferir a aggressão, levantaram-se bruscamente muitos Tagnanís e sustaram o meu gesto, falando muito exaltados, reprehendendo-me, tomando-me a arma, como si aquillo fosse um sacrilegio.

Os *Kókôzús* e os *Anunzês* ameaçam a tempestade com suas armas, bracejando no espaço para todos os lados, invectivando a chuva em altos brados.

Outras vezes são as mulheres que sobem a uma casa de cupim e, soltando baforadas de fumo, atiram cinzas no ar, para amedrontar a tormenta.

\*

Seus ritos funerarios ainda não nos são conhecidos. Ficou todavia apurado que não incineram seus defuntos, nem os devoram. Enterram-nos directamente no sólo. Os *Kókôzús*, em cóvas redondas; os *Tagnanís*, em sepulturas alongadas.

\*

Os phenomenos da numeração acham-se bem esboçados na população india da Serra do Norte. Na sua mimica, muito expressiva, contam pelos dedos, dizendo para cada unidade:

— *Dêra*.

E quando terminam a passagem dos dedos das mãos, si o numero vai além, levantam um pé, repetindo a mesma palavra, e depois o outro.

Um chefe tagnaní, querendo dizer que sua gente vinha já perto de nós, trazendo-nos mandioca, milho, massa, etc., em *muitas cestas*, após haver contado pelos

seus proprios dedos e artelhos, bateu nas mãos e nos pés de outros circumstantes, repetindo sempre :

— *Dêra, Dêra, Dêra* (isto, isto, isto).

Para contar os dias, passados ou futuros, que os separam de um certo lugar, levam a mão direita á face, inclinam sobre a palma a cabeça, fecham os olhos e resomnam fortemente, tantas vezes quantas são as noites cujo numero desejam indicar.

\*

As noções de fórma e extensão acham-se tambem definidas entre elles. Os *Kókózús* chamam — *Irengú* — á circumferencia; *Nendzú*, ao triangulo. Talvez estas palavras nada mais sejam que appellidos de animaes ou objectos, dados, por extensão, ás figuras, que traçam perfeitamente.

\*

Distinguem o “nascente” e o “poente”. Marcam, approximadamente, os momentos do dia, indicando, com o gesto, o lugar em que o Sol deverá estar sobre o horizonte na hora que desejam determinar. Não parecem distinguir as constellações; sempre deram os mesmos nomes para qualquer estrella que se lhes indicasse. *Tangré* chamavam os *Tagnanis* indifferentemente, á cintura do Orion, que schematizavam no sólo, e as estrellas maiores deste grupo excepcionalmente bello: Riegel ou Belatrix. O eclipse total do Sol, muito bem observavel na Serra do Norte, em 1912, a 10 de outubro, não impressionou absolutamente os Nambikuáras.



Das noções biológicas que por acaso já tenham apanhado, não é possível falar ainda. O que obtivemos não nos satisfaz.



Os índios da Serra do Norte falam dialectos diferentes, aparentados entre si. Cada um falando no seu idioma, entendem-se muito bem.

Quatro vocabularios conseguimos: *Kókôzú*, *Anunzé*, *Tagnaní* e *Tuuité*.

Os mais abundantes, *Anunzé* e *Kókôzú*, foram obtidos com o gráo de aproximação e segurança possível, e me parece que sufficiente, graças aos índios *Nuléke* e *Krikricéknerá*, amigos dedicados do tenente Pyrineus de Souza, desde o tempo em que esse official estivera dirigindo o posto de Campos Novos.

*Nuléke* é de tal maneira affeçoado ao tenente Pyrineus que, quando voltamos em 1912, elle, afflicto, não hesitou em transpôr os limites de suas terras, e sahindo de um territorio que nenhum delles, desde muitos seculos, abandonára, veiu com uma tropa a Tapirapuan em busca do amigo.

Foi o primeiro a se entregar, em confiança, á gente brasileira.

Estes dois índios viviam, em Campos Novos, como si fossem “crias” da casa.

A' noite dormiam, ambos, debaixo da rêde de Pyrineus. Falavam já algumas palavras da nossa lingua.

Para o idioma dos *Kókôzús* foi auxiliar precioso o indio Damasceno (*Urinenoá*), a quem já consagrei outra nota.

Este foi o mais intelligente que pudemos encontrar. Repartia com elle essa situação, um Tagnaní de quem nos separamos com pesar. Entendia o menor dos nossos gestos. Executava, com perfeição, qualquer pedido nosso. Foi elle quem se prestou á simular um ataque a flechadas, que, por signaes, lhe solicitei, operação que hoje se acha archivada em um dos *films* pertencentes ao Museu, projectado na Bibliotheca Nacional, em 1913.

\*

Cada palavra dos vocabularios colhidos foi verificada, mais de uma vez, em presença do objecto, ou do phenomeno que exprime.

Muito mais que a quantidade de vocabulos, interessou-nos a qualidade de cada qual.

Isto não quer dizer que julgemos impossivel qualquer rectificação; basta confrontar dois lexicos, tomados por pessoas capazes, entre os mesmos indios, em occasiões differentes, para ver como certos termos alteram-se depressa.

\*

O alphabeto da lingua nambikuára comprehende as seguintes vogaes:

*a, é, i, ó, o, u, ü*

com o mesmo valor que têm no alphabeto portuguez; ü — com o som intermediario a *ü* allemão e *eu* francez.

Consoantes:

*b, c, d, g, h, k, l, m, n, r, s, t, z*

*h* — sempre fortemente aspirado, como *ch* allemão.

Faltam:

*f, j, v, x*

São grupos consoantes característicos:

*nd, kr, tch, dn, gn, tg, tn, kd, kz, kt, nt, nz, tz, td, nç, tç, tzü, gç, gd, ndz, nk.*



Em todos os dialectos nambikuáras, os vocabulos que designam as partes do corpo humano têm o mesmo radical, ligeiramente modificado, num ou noutro caso — *Uá* ou *Toá*.

	Kókózú	Tagnani	Tauitê	Anunzé
Braço. . . . .	Oá-nukiçú	Uá-nokri	Toá-rabatndê	Uá-nukizê
Boca. . . . .	Toá-iuçú	Uá-iurí	Tá-iurí	Uá-iuarê
Lingua . . . . .	Toáio-herú	Uái-hêndê	Táiu-hendü	Uáile-herú

A particula *Toá* — (Uá, Oá) — tem aqui o mesmo valor possessivo do grupo *Nu*, nas linguas *Aruaks*; só se encontra nos vocabulos consagrados ás regiões do corpo humano. <sup>(1)</sup>

Quasi todos os vocabulos *kókózús* terminam em *zu* ou *çú*, empregados, indifferentemente. As palavras *anunzês* terminam muitas vezes em *zê*. Mas, neste ultimo son deve ser aproximado do — *gê* — para ser pronunciado convenientemente. No dialecto dos *Tauitês* e no dos *Tagnanis* é commum a terminação em *rê, ri, di, tê*. (*r* brando.)



Merece especial menção um grupo que nestas linguas se encontra com relativa frequencia, muito importante

<sup>(1)</sup> C. E. Roquette Pinto — The Indians of Serra do Norte -- in Proceedings of the Second Pan-American Scientific Congress — Washington — 1917.

para apreciar as relações de taes idiomas com outros americanos.

É o grupo : *gui* ou *gue* :

Kaiguetazú — flauta (Kôkôzú). Hauguidê — flecha lisa (Tagnaní).

Toáiguedokrê — mão (Tautitê). Uáneguétu — cabeça (Anunzê).

\*

Embora existam diversos systemas phoneticos para representação das linguas primitivas — (Alphabeto Kosmos, de Schmidt, etc.) — julguei preferivel usar as letras do alphabeto latino, accrescidas de alguns sons especiaes (ü) ao alcance de qualquer leitor.

\*

Si ainda estivesse em favor a chave linguistica de Martius, a lingua dos Nambikuáras seria incluída entre os idiomas do grupo *Guck* ou *Kôko*. Porém tal familia, por muito heterogenea, não se manteve; e hoje seus antigos membros acham-se filiados nas tribus *Gê-bolocudo* e *Nu-aruaak*.

Nesses dois grupos encontram-se os *Guck*, de Martius.

Ora, os idiomas ligados á familia Nu-aruaak têm characteristics frisantes, que não encontramos nos da Serra do Norte.

Assim, a particula possessiva pessoal — *Nu*, um dos signaes mais valiosos para differenciar taes idiomas, não se encontra absolutamente entre os Nambikuáras.

O vocabulo preposto á designação da agua, um dos melhores elementos de comparação linguistica, pela con-

stancia com que se mantem atravez de todas as differenciações dialectaes, na familia Nu-aruaak (Oné, Uní), não é representado na Serra do Norte por nenhum equivalente.

Bastariam taes elementos para distanciar a lingua dos Nambikuáras dos idiomas Nu-aruaaks.

Mas, além disso, é facil verificar a perfeita discordancia dos lexicos. Seja comparado o vocabulario parecí, excellente representante da familia Nu-aruaak com o dos indios da Serra do Norte. São completamente differentes.

\*

Porém, si procurarmos, na Sul-America, idioma que offereça semelhanças profundas com os dos Nambikuáras, em vão o faremos.

E' todavia certo que a lingua dos *Suíás*, do Xingú, mostra certo ar de parentesco com os dialectos da Serra do Norte. Essa approximação tem o seu melhor argumento na particula possessiva *Woa*, dos Suíás, que é claramente encontrada entre os Nambikuáras, seja *Ua* ou *Toa*.

Por esse character, pois, e elle é valioso, visto que tem servido de base ao moderno grupamento das nossas tribus, onde estiverem os Suíás deverão ser collocados os Nambikuáras.

Aqui o problema attinge, talvez, sua maior difficuldade, porque si os botocudos do Xingú são collocados ao lado dos *Gês*, pela autoridade de Ehrenreich, outros conhecedores da linguistica sul-americana julgam, quiçá com muita razão, que elles devem formar ao lado dos Karajás, constituindo o *grupo Karajano*, de Chamberlain.



Todavia, não é possível deixar de reconhecer, na lingua dos Nambikuáras, certos caracteres especiaes, encontrados em um idioma francamente filiado na familia Nu-aruaak : a lingua *Kirirí*. Taes caracteres são exclusivamente phonicos e muito menos valiosos do que si fossem lexicos ou morphologicos.

Resumem-se na presença dos grupos *tç*, *tz*, *kr*, admitidos como especiaes ao Kirirí — (Baptista Caetano).



Sem possuir textos bem traduzidos não é possível aprofundar mais o exame daquelles idiomas. Mesmo as approximações acima esboçadas serão sujeitas á revisão, quando houver material linguistico maior.



## Aproximações Linguísticas

	NB. KÓRÓZU'	NB. ANUNZÉ	NB. TAGNANI	NB. TAVITÉ	(MARTIUS) CHICHABÁ	(MARTIUS) CHERENTE	(MARTIUS) CAMAGANS	(EHRENBECH) KARAIÁ	K. V. DEN STEINEN — SUIÁ
Genitalia . . . . .	—	—	—	Taguri	D'agvi	—	—	—	—
Poilo . . . . .	Toanukizá	—	—	Tanakainó	—	Dajukudá	—	—	—
Cobra . . . . .	Tiçú	—	—	—	—	—	Ti	—	—
Milho . . . . .	—	—	Keth	—	—	—	Kechu	—	—
Perna . . . . .	Toaçuçá	Uaçuzé	Uaduri	Talahondé	—	—	(uang-gótsu	—	—
Boca . . . . .	Toaiuçú	Uaiunaré	Uaiuri	—	{ Daidana Dakohá	Dagoatu	—	Watu	Wanakoni
Dento . . . . .	Toaiuçú	—	Duñiré	Tait-iri	—	—	Aenkéll-tciokah	Wa-idzu	Wontó
Arvore . . . . .	Içú	—	—	—	—	—	—	Ió	—
Lingua . . . . .	Toaió-horú	Uaiuzé	Uaiiondó	Tait-hondú	—	—	—	—	Wanotó



A respeito da collecção do Museu cabem aqui as seguintes notas:

Os arcos dos indios da Serra do Norte (*Hukiçú*) são de ipé, muito longos, de 1,70 a 2 metros, de secção semi-circular. De todas as tribus do Brasil só a dos Katukínas, do rio Purús, usa amarrar de modo semelhante a corda ao redor da arma (3.686).

A fórma da secção transversal é, porém, diversa; o o arco dos Katukínas é quadrangular.

Fizemos experiencia afim de avaliar, approximadamente, a força necessaria para dar a um arco a indispensavel efficiencia.

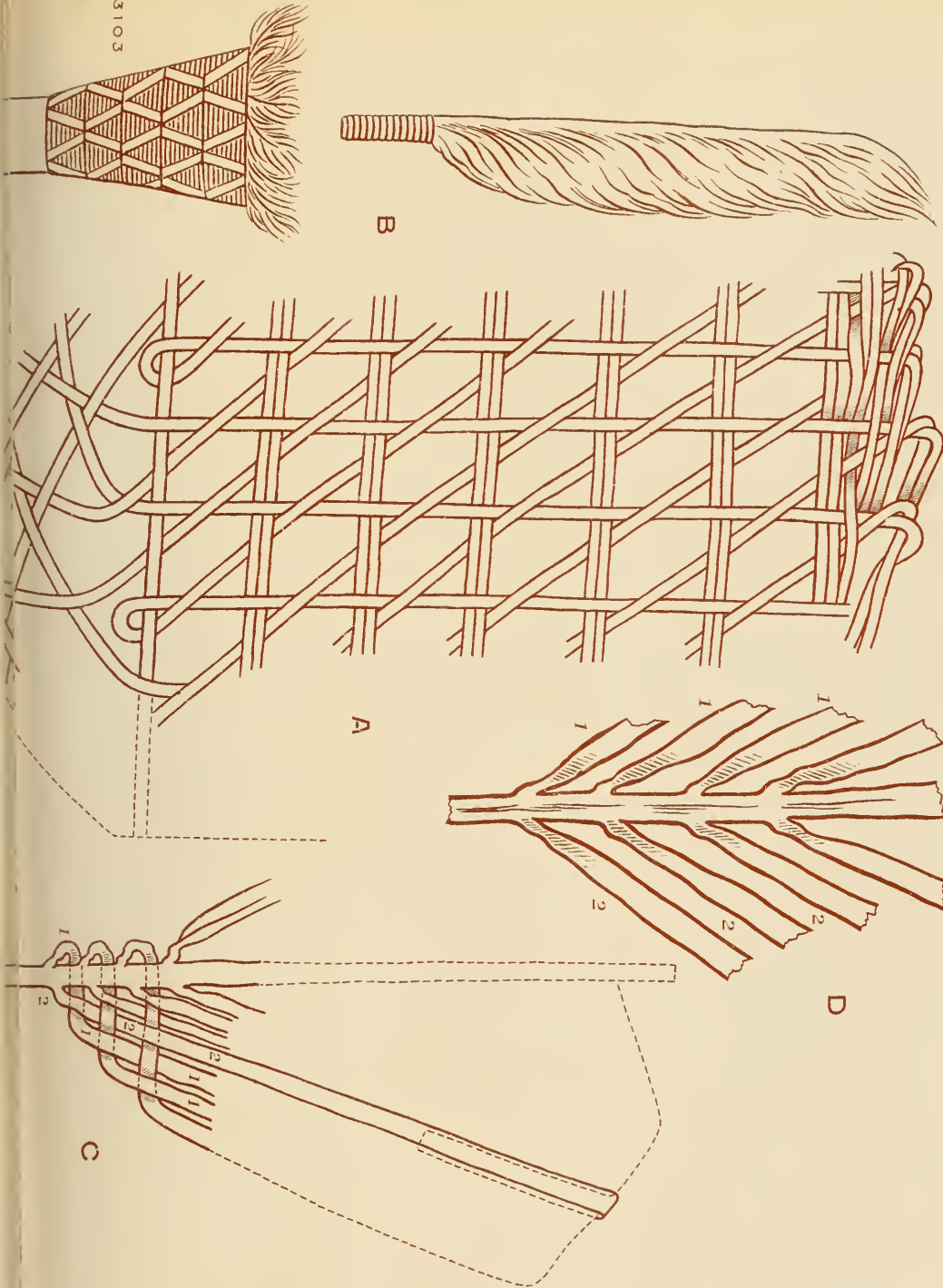
Para obter, em um delles, medindo 2,38 de comprimento, por 0,047 de maior largura, corda de tucum com 0,002, uma flecha de 50 centimetros, foram necessarios 66 kilogrammas de tracção dynamometrica.

Ao atirar, o indio emprega o *modo mediterraneo* (4º modo de Morse): arco vertical; flecha encostada ao seu bordo esquerdo, presa, pela base, entre o indicador e o médio da mão direita.

Na America este methodo é peculiar aos Eskimós; os "Pelles Vermelhas" empregavam outros. No Brasil, nenhuma tribu delle se utiliza, ao que pude verificar; nossos indios atiram a flecha, em geral, pelo terceiro dos methodos systematizados por Morse.

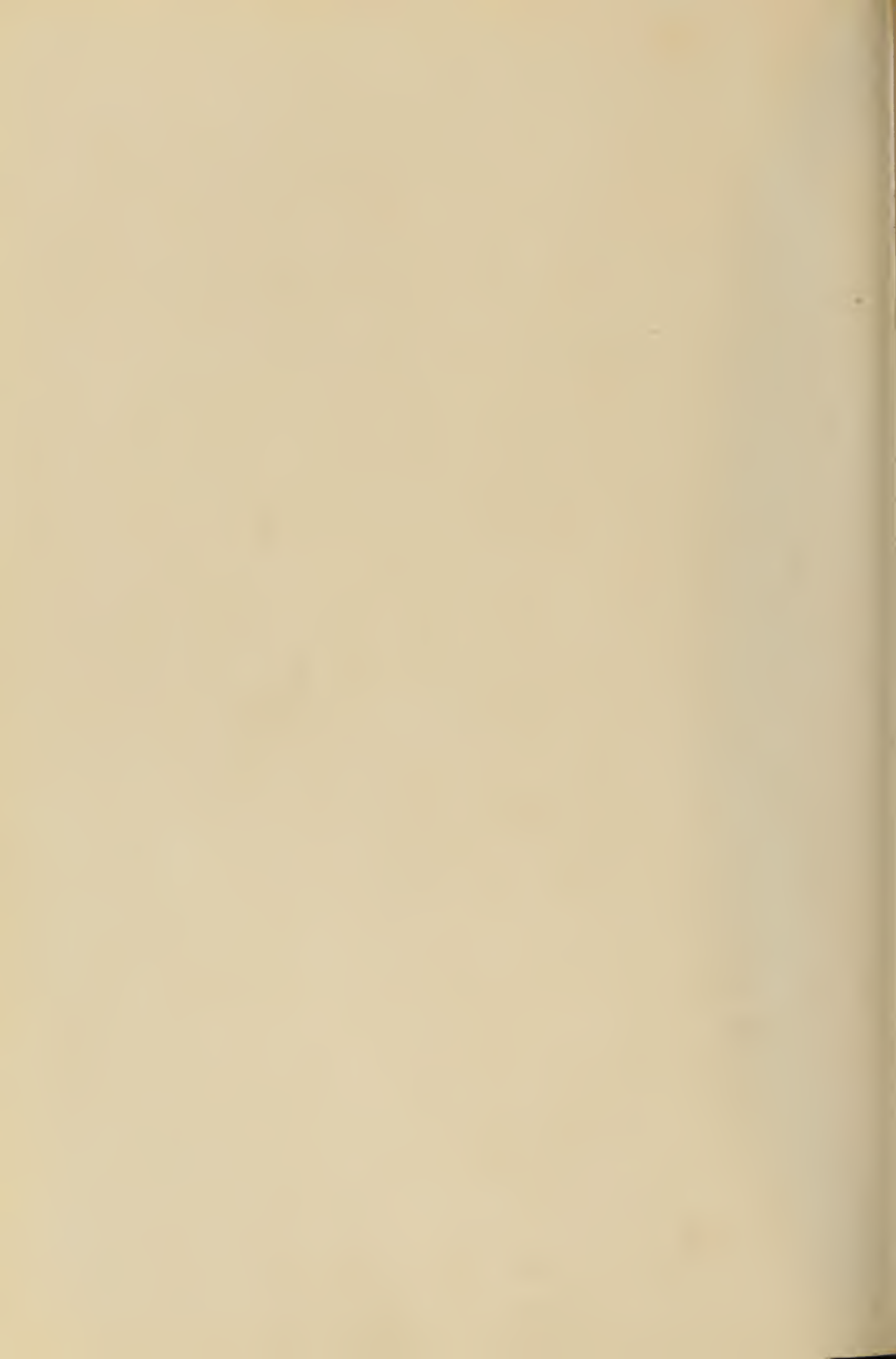


Hermann Meyer, a quem devemos um minucioso e interessante estudo de arcos e flechas do Brasil, classifica os primeiros em cinco grupos:



## INDIOS DA SERRA DO NORTE

- A. Trançado das cestas feitas com o caule voluvel de um *Desmoncus*.  
 B. Detalhes do pennacho nasal.  
 C. D. - Trançado de um abano, feito com uma palma.



1°. *Arco Peruano* — Secção quadrilateral ou elliptica. Quasi sempre feito de madeira negra da palmeira Chonta.

2°. *Arco Brasileiro-Septentrional* — Secção semi-circular. Madeira vermelha escura, alizada, de uma arvore leguminosa.

3°. *Arco da Guiana* — Secção parabolica. Gotteira na face anterior. Madeira parda escura. Pequeno.

4°. *Arco do Chaco* — Secção circular. Madeira vermelha. Pequeno.

5°. *Arco Brasileiro Oriental* — Madeiras diversas. Divide-se este em dois sub-grupos, ligados aos do Xingú, ao Norte, e aos dos Kamé, ao Sul. Para o Occidente, comprehende desde o arco liso, forte, cylindrico, até ao rodeado de cipó, dos Bôrôros. Para o Oriente, abrange os arcos dos Gês. Os Tupís, do Paraguai, acham-se no ramo oriental deste grupo.

Além dos cinco typos, Meyer distingue os que correspondem aos Matacos, Fueginos e Centramericanos.

\*

A secção transversal colloca o arco dos Nambikuáras entre os do segundo grupo de Meyer. E' mesmo bem semelhante á dos arcos Mundurukús (14.026). O enrollamento da corda obedece á pratica das tribus em que se encontra o *Perutypus*, do mesmo ethnologo.

\*

Meyer classifica as flechas do Brasil em sete grupos, hoje insufficientes, porque outros typos foram encontrados depois da sua publicação. Comtudo ali se encontram as

principaes características das nossa flechas. A base desta divisão é a emplumação das armas:

1º. Typo — *Emplumação Brasileira-Oriental* ou *Tupí-Gê* — Pennas inteiras, presas com fibras. Base revestida de fios enrollados. Pequena pennugem na base.

2º. Typo — *Emplumação da Guiana* — Uma penna, fendida ao meic, longitudinalmente, fornece duas porções que são presas á haste por aneis de fibras passados em diferentes pontos. Na base da flecha ha um fragmento de madeira onde existe um entalhe para receber a corda.



Fig. 70 -- Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

3º. Typo — *Emplumação do Xingú* — Duas meias pennas, como no typo anterior, presas por fios que atravessam a espessura da haste da flecha.

4º. Typo — *Emplumação dos Araras* — Duas meias pennas, longas, presas, de espaço a espaço, por aneis de fibras; na base, um segmento da haste revestido de fios.

5º. Typo — *Emplumação Mauhé* — Semelhante ao n. 1. Duas pennas inteiras, presas no apice e na base. Na base da flecha, um fragmento de madeira dura, com entalhe para a corda.

6º. Typo — *Emplumação Peruana (com fibras)* — É muito semelhante ao 1º typo. Só se encontra no Ucaiale.

7º. Typo — *Emplumação Peruana (com resina)* — Este acha-se dividido em dois grupos: Septentrional, per-

tencenté á Amazonia e Meridional, encontrado no Chaco. Caracteriza-se pelo preparo das pennas, fendidas longitudinalmente e depois raspadas até ficarem reduzidas ás camadas superficiaes. São então amarradas, em helice, sobre a haste, e mantidas por fios e rezina preta.

\*

A emplumação das flechas dos indios da Serra do Norte pertence, claramente, ao 7º typo.

Nossa collecção possui *flechas de guerra*, *flechas de caça*, e *flechas de pesca*. E' certo, porém, que essa divisão não é sempre mantida; e, quando se faz preciso, os indios empregam indifferentemente qualquer typo.

*Aniêçú* — E' a flecha de ponta de madeira vermelha, cylindrica, lisa, com que caçam macacos (2.111).

*Uaeliçú* — Tem ponta aguçada, feita de taquarussú (*Merostachys sp.*). Serve na guerra e na caçada aos grandes animaes: capivara, anta, onça. Sangra largamente a victima e por isso é usada para abater as grande peças. Entre a haste e a ponta ha uma porção intermediaria, de madeira vermelha, destinada a enrigecer a faca de taquara, tornando-a mais efficiente. Ainda assim, muitas vezes, quebra-se (1.324).

*Aiêuinçú* — E' flecha de ponta lisa, munida de uma farpa na extremidade.

*Arukirikatçú* — E' typo perfeitamente original. Tem uma serie de farpas presas com fios e breu. E' revestida de um enducto negro que os indios suppõem toxico; por isso protegem-lhe a ponta com bainha feita de colmo de taquara (11.487). E' arma de guerra.

*O veneno* das flechas nambikuáras é inocuo...

*Aieraçú* — E' flecha de ponta embollada, destinada a contundir as aves que desejam apanhar vivas, ou livres de sangue, que mancha as pennas (14.010). Muitas vezes empregam para o mesmo fim uma flecha de ponta lisa, que na ocasião envolvem numa pelota de palha (11.625).

Especialmente destinadas á pesca, e perfeitamente originaes, são algumas flechas de ponta dupla, triplice ou quadrupla, munidas de uma farpa de osso (11.614 a 11.621). Algumas têm pennas na base, outras não. Lembram certas armas figuradas em “Voyage a Surinam”, de Benoit, pertencentes aos Karaiabas. E, por outro lado, têm muitos pontos de semelhança com arpões eskimós, destinados á caça de aves marinhas, atirados com estólica.

A haste de todas as flechas da Serra do Norte é feita de taquara fina (*Arthrostilidium sp.*). O cipó imbé (*Philodendron imbé, Mart.*) fornece tiras resistentes com que fixam as diversas partes da arma.

\*

Um typo de flecha com a ponta achatada e provida de alguns pares de farpas, que o Museu Nacional recebeu com as primeiras colleções da Comissão Rondon, não é proprio dos Nambikuáras. Representa tropheo guerreiro (1.955).

\*

Armas de ataque e defeza, toscas em extremo, são os cacetes (11.925), simples fragmentos de ramos fortes, cortados na ocasião.

Uma clava trabalhada e polida, revestida de tecido de palha do typo karajá (11.933), é manifestamente exotica ;



foi parar ás mãos dos Nambikuáras fortuitamente, tal como deve ter acontecido a um pente de madeira (12.046).

\*

Os machados de pedra lascada têm typo uniforme. Todos de *diabase*, cuneiformes, pesam dois kilos, em média.

São encabados num pedaço de caule voluvel, talvez de uma *Bauhinia*

O breu e os laços de fios, postos para fixar a pedra, dão ao instrumento solidez surprehendente (11.958).

Conseguimos trazer, da Serra do Norte, um fragmento de arvore abatida pelos indios com o seu machado de pedra; figura na collecção do Museu sob o n. 13.333.

\*

O breu é feito com resina de almêcega — (*Protium sp.*), jatahy — (*Hymenea courbaril*) e cêra, levando ainda outras substancias desconhecidas. Soffre acção do fogo em panellas (2.259). E' conservado em bolas, presas a tiras de embira (13.235), ou em pães envoltos em folhas (13.213). Tanto o *veneno* das flechas, quanto o mesmo breu dos machados são denominados *Duhutaarú*, que quer dizer: cêra.

\*

*Tephrosia toxicaria* — E' leguminea venenosa, especie de *Tingú*, com que os indios pescam. Foi reconhecida pelo Sr. F. C. Hoehne, que, com o Sr. G. Kuhlmann, determinou a maior parte do material botânico da nossa collecção.

\*

Não conhecem anzol, mas empregam, na pesca, uma especie de cóvo, feito de taquara ou do caule do cipó titára (*Desmoncus sp.*), (13.211).

\*

Productos alimenticios, existem na collecção :

*Guiatú* — Milho branco (2.272).

*Urinodzú* — Massa de mandioca — (*Manihot sp.*) (2.262).

— O exame microscopico mostra ser muito rica em grãos de amilo. A raiz, depois de ralada, é expremida numa fita de palha — *Çaarú* (13.225). O ralo (13.215) pertence ao typo usado pelos indios do Xingú — (Sufás, etc.). E' formado por uma plancha em que se fixam cerca de 20 filas de palitos.

As lagartas de uma borboleta (*Brassulinæ*) — (5.774) — que comem vivas.

*Katunuzú* — Terra dos formigueiros, argila que tambem comem (13.230).

Amostra de restos de sua alimentação figura no Museu sob o n. 13.231.

\*

Um cogumello, *orelha de páo* (*Polyporus sp.*) utilizado na alimentação, e feijões de aspecto exotico (*Phaseolus sp.*) (2.264) foram igualmente achados numa aldeia.

Merece especial menção a cabeça moqueada de um tamanduá bandeira (*Myrmecophaga*) (1.934), encontrada numa cesta, por Miranda Ribeiro, na expedição de 1909.

\*

Por meio do fogo excavam pilões (*Nutêzê*)—(11.931)—em que socam a carne e outros alimentos.

Fazem fogo com bastões de almêcega (*Protium sp.*)—(2.232) e resguardam as pontas dos ignigenos envolvendo-as na palha, para que se não molhem com as chuvas.

\*

A cultura da terra é realizada por meio de um bastão aguçado (11.923). Sementes de urucú (*Bixa orellana*), de cabaça (*Lagenaria sp.*), de algodão (*Gossypium arboreum*), são guardadas em bolsas de folhas (2.260, 1.927).

Conservados, também, fructos medicinaes—(*Solanum mammosum*)—(1.923), raizes, folhas (1.943), etc.

\*

Ha na collecção duas amostras de corantes: uma pasta de urucú e gordura, suavemente perfumada, com que as índias se pintam depois do banho, *Huduhukaidi* (13.229), e uma variedade de ocre vermelho (13.241).

O tabaco—(2.261)—acha-se em cigarros, ou em folhas, mettido entre duas varas—(13.250)—para seccar.

\*

O algodão encontra-se bem representado: caroços de algodão, variedade *rim de boi*, conservados em bolsa de folhas (13.227); fio de algodão (*Kondzú*) obtido no fuso (*Gdarretitú*) (13.216); meada de algodão fiado (13.058); novello de

algodão (12.047); tecido de algodão (*Sareguézê*, faixa para carregar crianças).

O fuso é uma lasca de palmeira embutida num disco de cerâmica, caco de panella velha. . .

\*

*Kateçú* — São os fructos da *Lagenaria sp.* de que fazem reservatórios e vasilhas (12.002). Algumas contêm fumo picado grosseiramente (1.919) e são arrolhadas com sabugo de milho, processo que os sertanejos usam muito.

\*

Atavios rudimentares, merecem analyse, pela originalidade do material de que são feitos, alguns collares : formado por pequeninos fiapos de substancia cornea dos tubos das pennas o de n. 12.417; cordas enfeitadas com pellos de *Pithecia satanae* (952); collar de dentes de macacos (12.851); feitos com sementes de uma *cyperacea* (*Tanieikêrê*) (13.549), tambem usada pelos Suíás do Xingú. (3.656 — Collecção Paula Castro-von den Steinen — 1884); collar de contas negras, feitas de côco (4.218); collar de taquarinha (12.265); collar de nacar de conchas fluviaes (12.071); collar feito de sementes de uma sapotacea *Lucuma sp.* (*Iruquinindê*).

\*

*Oradaikruzê* (13.083) — É linda pulseira feita dos anneis da cauda do tatú canastra (*Dasypus gigas*). Parece objecto de marfim. Outras são feitas de côcos do Uauassú ou Pindoba (*Allalea speciosa*).



ORNATO NASAL DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE

*(Coll. Rondon - Museu Nacional - 2254)*



Ligas humeraes são de algodão e têm o fecho semelhante ao das parecís (12.165).

\*

E' singelo manto de fibras, muito usado, preso ao pescoço e pendente sobre o dorso, o *Ialaçú* (12.460). De pennas negras é o manto registado sob n. 13.109.

\*

Brincos triangulares são feitos de nacar (12.276).

Cavilhas para o septo nasal e para o labio superior, estas muito mais finas e longas do que as primeiras, acham-se em grande numero (12.202), (12.205). São feitas de taquarinha ou do colmo de um capim resistente (*Andropogon?*).

O mesmo material forma a haste do *Unetizú*, penacho que usam no septo nasal (13.103). Ha, na collecção, alguns pingentes de pennas de tucano (12.087), algo parecidos com os da Guiana. Capacetes feitos do couro da onça (12.050), (13.206) vermelha ou pintada — (*Felis concolor* e *F. onça*) representam material interessantissimo, inusitado, naquella região, a não ser pelos Nambikuáras e pelos Kaiabís do Paranatinga.

\*

Os trançados dos indios do Brasil foram systematizados por Max Schmidt, que os dividiu em dois grupos principaes :

1. *Palmblattflechtei* — (Trançados de folhas de palmeiras).

2. *Doppelfadengeflechte* — (Trançados de duplo fio).

Porem, elle admittiu mais um grupo, no qual dois elementos do trançado em differentes direcções são atravessados por um terceiro. Esse typo apresenta-se frequentemente no Xingú, e se acha representado nas colleções do Museu de Berlin (Berl. Mus. V. B. 4.331, 4.391, 2.841.) E' trançado caracteristico, elementar, que encontramos nas cestãs dos nambikuáras (*Aliçú*)—(1.950).

O material usado pelos nambikuáras é taquara, ou mais frequentemente, *cipó titára*.

\*

Nos trançados de folhas de palmeira a unidade primordial resulta do grupamento de tiras, duas a duas, formando o que Max Schmidt denominou: *Geflechts-viereck*, que poderíamos chamar: *quadrilatero de Schmidt*. Estes se desenvolvem como cellulas de um tecido, conservando o mesmo typo, baseado naquella figura geometrica, que ora é um quadrado, ora um parallelogrammo. Nos abanos dos nambikuáras (1.921), feitos com folha de bacába, (*Oenocarpus sp.*), os foliolos passam para o lado direito do peciolo, segundo o schema junto. Tem fórma pentagonal; e, por isso tambem se parecem com abanos que o Museu Nacional possui, na colleção Paula Castro, vindos do Xingú (13.615).

\*

Um typo de flauta nasal (11.235) — (*Hait-teatagú*) — formada por discos de cabaça, parece-me importado dos Parecís.

Importação das tribus do Tapajoz (Mundurucús, Mauhés, etc.) são as flautas duplas (2.266).





DIADEMA DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Coll. Mus. Nac. n.º 2251)





Algumas peças da nossa collecção têm especial valor, porque documentam o processo de aculturamento material daquelle povo segregado. São, de um lado, objectos em que se nota o aproveitamento do ferro, encontrado por acaso, nos trilhos de caçadores e seringueiros; por outro lado, são artefactos de imitação, nos quaes se reconhece a mão inhabil do primitivo, desejando copiar productos de uma industria mais adiantada, e repetir fórmas de uma arte superior á sua.

A contrafacção é visivel nos diademas que procuram imitar, grosseiramente, os de ns. 13.110, 13.111 e 12.051, encontrados entre elles, mas que, manifestamente, são productos adventicios, conquistados a tribus septentrionaes, em que o trabalho das pennas attingiu outro desenvolvimento.

Tendo aprendido a apreciar as vantagens do chapéo de que usamos, presam muito tal peça do nosso vestuario; e, por isso, um indio infeliz, a quem não se deu, por brinde, um dos taes, tratou de o compôr para seu goso, trançando e ageitando folliolos de bacába...







## X

**D**E outubro em diante começaram as chuvas.

Os muares, abatidos, soffriam grandemente; quando caía a carga d'agua procuravam abrigo debaixo de uma arvore, ou mesmo em qualquer moita; e lá ficavam somnolentos, olhando o pasto sem verdor, mal abanando a cauda gotejante, com o pello arrepiado.

Mau signal. Resolvemos despachar as collecções para Tapirapuan.

Quando imaginava que tudo aquillo, peças que nenhum museu ainda possuia, material absolutamente novo, podia ficar abandonado á beira da estrada, si a tropa esmorecesse... tinha impetos de abandonar os indios e seguir atrás das collecções, documentos do seu viver.

\*

Na volta, pousamos no Urutáo, entre o Primavera e o Juina; ali passava um trilho que ia dar numa aldeia onde estivera prisioneiro durante seis mezes o soldado Gouveia. Vivera sempre vigiado, trabalhando para os indios, escravizado. Um bello dia fugiu. Foram-lhe os selvagens no

encalço e o feriram, com uma flechada na região lombar. Assim mesmo, conseguiu chegar a um pouso onde havia tropeiros descansando. Um outro soldado, também retido, procurou segui-o e caiu varado. Gouveia fôra considerado *desertor*, em virtude do seu desaparecimento. Apesar da gravidade do ferimento, salvou-se. Em seis mezes de convivência quasi nada tinha conseguido apanhar a respeito da vida dos índios; da sua língua só conhecia meia dúzia de vocabulos. Em compensação, ensinara alguns termos portuguezes a um nambikuára dessa aldeia do Urutáo, á margem do Juina, rapaz que se chamava a si mesmo “Paixão”, do nome de um sargento do 5º Batalhão de Engenharia, que fôra encarregado do posto daquelle rio.

O tenente Pyrineus havia estado nessa mesma aldeia, quando passou de Campos Novos para o Rio de Janeiro, em 1911; os índios o conheciam do tempo em que dirigira a invernoada.

A exemplo de seus amigos do grupo Anunzê, do rio 12 de Outubro, chamavam-no “Pirinô” e o attendiam... ás vezes. *Nulêke* e *Krikricêknerá* são dois amigos certos que o meu companheiro tem na Serra do Norte, entre gente nambikuára.



De todos, os grupos mais ariscos, e mais traiçoeiros, são exactamente os que moram para os lados do Guaporé, e os das margens do Juruena e do Juina. Foram destes ultimos os atacantes de Rondon, em 1907, os aggressores do tenente Nicolau Horta Barbosa, dos soldados Rozendo e Gouveia, os incendiarios e assassinos do posto do rio Burití, ao Sul do Juruena, e do posto do rio Juina.



Indios Uaintaçuís  
(no posto de Campos Novos)



Mulheres Anunzês

MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912





Na opinião unanime dos tropeiros, eram os *indios do Urutáo* os mais insolentes, atrevidos e malvados. Mais de uma vez um influente dessa aldeia, a quem chamavam *Cavagnac*, por ter alguns fios de barba sobre o queixo, havia tomado a alguns tropeiros, toda a roupa e mantimentos, deixando-os, depois, irem-se embora, inteiramente nús. Naturalmente, verificando que os sertanejos, por cumprir ordens, não reagiam, os indios maus aproveitavam.

Tudo isso era de molde a moderar nosso entusiasmo pela visita á aldeia do Urutáo; mas... a coragem, muitas vezes, é apenas curiosidade.

\*

Pyrineus apontou o trilho por onde passára, no anno anterior. Fomos andando cerca de duas leguas. Era demais, pelas contas que fazia. Voltámos. Ou a maloca tinha sido transferida para outro sitio, ou nós nos tínhamos enganado. Carregámos nossas montarias com o maior numero de brindes que nos foi possível arranjar, vasculhando as canastras.

Seguimos de novo.

Partindo do poste telegraphico 4930, rumo Sud' Este, á distancia de tres leguas, atravessámos o rio Urutáo e, depois uma grande mata, percorrendo uma picada mal aberta pelo passo dos indios, cahimos num cerradão. Um pouco além começaram a apparecer, na areia, rastros de muita gente; e longe, mal distincta entre as moitas, surgiu a triste aldeia: duas cabanas erguidas numa praça redonda e limpa.

A certa distancia difficilmente se descobria a maloca, no fundo impreciso, acinzentado, da vegetação. Assim como

as casinhas de certos insectos adquirem a côr e o aspecto do meio, mênse do que se protegem, promove-se tambem, ali, a homochromia da habitação humana.

\*

Pouca gente. Estavam quasi todos caçando e cuidando das roças. Um homem, robustissimo, um rapaz, o tal *Paixão*, e dois velhos. Algumas mulheres e poucas crianças. Muitos outros foram chegando mais tarde, no correr do dia. Ficaram álegres com a visita. Ajudaram-nos á desarreiar os animaes. Offereceram-nos os seus cigarros de folhas. Buscaram uma grande cabaça com hydromel, onde boiavam pedaços de cêra e fragmentos de filhotes de abelhas. Beberam e... bebemos.

As mulheres, mais que depressa, puzeram-se a ralar mandioca e, dentro de pouco tempo, traziam-nos alvissimos bolos de polvilho sobre folhas de pacóva, que pareciam flores de alva corolla em calice verde claro.

Passámos nessa aldeia dois dias e uma noite. E quando voltámos, para continuar a descida, um grande grupo seguiu connosco afim de receber presentes, que deviam estar á nossa espera no posto do Juina.

\*

Para atravessar o rio Formiga, na volta, já custámos um pouco mais; as primeiras chuvas do verão haviam incrementado seu volume; a planicie das suas margens, especialmente á esquerda, fôra invadida.

Para as tropas, o Formiga, normalmente, não é dos *nudos* peores.

No Juruena fomos hospedes, mais uma vez, do tenente Xavier Sampaio, que hoje dorme debaixo daquellas terras por cujo progredir sacrificou, como tantos outros, sua vida moça.

Felizmente no mesmo dia da nossa chegada vieram os indios da margem direita do rio e em vez de gritar, como os outros: — *Nen-nen!*, chegavam cantando alto, em melopeia:

— *Náu-êê! Náu-êê! Náu-êê!*

No entanto muitas vezes escutei esta palavra dita pelos de Campos Novos. Creio que se trata do vocabulo parecí *amigo* de que os nambikuáras se servem para demonstrar sentimentos de paz.

Para conhecer melhor o grupo da margem direita do Juruena, resolvi descer pela picada da linha até Utiarití e passar de lá a Tapirapuan.

Utiarití é a primeira estação aquem de Juruena.

Desta ultima fomos pousar no rio Sapesal, Sauéu-iná dos indios Parecís. Pouco antes de chegar ali, a picada, acompanhando a serra, baixa bruscamente para atravessar um valle colossal; o mesmo que, na ida, avistamos do outro lado, logo após o pouso do Uáikoákorê.

Pelo caminho que seguíamos agora iamnos cortar, muito mais em baixo, todos os cursos d'agua cujas, cabeceiras atravessamos na ida, de Aldeia Queimada ao Juruena. Riachos modestissimos, que viramos ondular quasi a medo nos seus primeiros kilometros atravez do chapadão, encontravamos na Estrada Rondon, rios feitos, ousados, insolentes, vultuosos, despencando-se de alturas consideraveis em *saltos* phantasticos, cachoeiras maravilhosas.

Veios que conheceramos na indigencia do seu principio, eram, agora, senhores daquellas terras, cheios de brilho, de poder e de fausto.

No Sauêu-iná muito *capim membéca* e *cipó titára*.

A ponte da Estrada Rondon sobre esse rio aluira-se, ao embate da cheia; não resistiu ao peso dos nossos cargueiros. Cedeu. Quasi perdemos tres bois, afogados. Algum material, infelizmente, foi pela agua abaixo. Os outros bois então, passaram a nado; e a carga, ás costas dos tropeiros, foi conduzida para a outra margem sobre uma longarina que ficou da ponte.

E' espectáculo emocionante o *nado* de uma grande boiada, que cruza um rio de forte correnteza.

Nos *passos* em que ha *nado* forçado levanta-se, sobre a barranca, um curral communicando com o rio, onde se ajunta o gado. Os vaqueiros, atrás das rezes, erguem berreiro infernal para atarantar os bois e amedrontal-os, espantal-os, no que são bem ajudados pelo latir furioso dos cães. E a pobre boiada, aperreada, segue aos trancos, em massa, deixando apenas, na superficie, os focinhos luzidios e negros, e as pontas das guampas, que mais parecem ramos desfolhados de uma arvore que desce ao léo das aguas.

Entra em certo ponto de uma das margens e, levada pela correnteza, attinge a outra margem em lugar muito mais baixo; quando o rio é largo e caudaloso, a differença chega a algumas dezenas de metros.

A's vezes o barranco, onde devem saír d'agua os animaes, é talhado a pique, não apresenta praia, e os bois ficam luctando com o rio, até conseguir um ponto de apoio que lhes permitta salvação. Então os sertanejos temem pela vida das rezes, porque, segundo dizem: *O boi se afoga pelo rabo...*

Durante o banho involuntario, vai-se-lhes o recto enchendo d'agua e augmentando o proprio peso, provocando a submersão do corpo todo...

Si é uma tropa de muares, ou de cavallos, quasi não é preciso o apparatus, e a gritaria é dispensavel: um tropeiro



Na porta de casa...  
(Aldeia do rio Juina)

MATO-GROSSO



Casal de Kókózús

E. ROQUETTE-PINTO, phot.  
1912



cai n'agua, puxando a *madrinha* pela ponta do cabresto, que segura entre dentes, enquanto nada. Os outros animaes seguem-na, como sempre.

\*

Nossas provisões já se tinham tornado escassas. O assucar começou a faltar e appellámos, mais uma vez, para o mel delicioso da bojuí preta, da borá regina, da jatí.



Fig. 71 — *Chupão* dos sertanejos meladores.

Os meladores derrubam a madeira, que, ás vezes, é velho tronco morto de ipé, de jatobá, sem folhas e sem verdor, onde as abelhinhas escondem seu thesouro. Abrem, depois, a cavidade onde se ajuntou o mel fragrante. E retirados *mel e mingáo*, que é o própolis, os meladores, para aproveitar as ultimas gottas, passam pelas anfractuosidades da madeira um *chupão* que depois levam á boca.

O *chupão* dos meladores é uma especie de pincel, feito de um fragmento de caule herbaceo, que recortam e repicam numa das pontas, ericando-o de barbulas.

\*

Um dos nossos homens, no Sapesal, teve accessos de paludismo em condições que não posso deixar de referir.

Era antigo impaludado. Havia annos, porém, que não fôra atacado. Fazia, como os outros, a prophylaxia quinica e mecanica. Tomava, diariamente, 0,25 de chlorhydrato de qq.; dormia debaixo do mosquitoeiro, proximo de outros velhos paludicos.

Ora, desde alguns dias não encontravamos anophelinas, enquanto que achavamos em abundancia *mosquitos-polvora* e *borrachudos*.

Não serão elles tambem transmissores do hematozoario, simples vehiculos, differentes, embora, das anophelinas, que são mais do que isso, visto como representam *meio* vital, em que se passam phenomenos de desenvolvimento physiologico do parasita? Não haverá simples transmissão de merozoitos vivos?

No passo do rio Burití existe um posto, guardado por dois soldados incumbidos da canôa. Havia cerca de dois annos que ali estavam. Nunca tiveram febre alguma. Colhi, tódavia, diversas *Cellias* ali mesmo. Dormem sempre, naquelle passo, tropeiros e funcionarios da linha, qual mais impaludado.

\*

Certo não desejo com estas simples annotações do meu caderno, traçadas com a preocupação absoluta da pura verdade, fornecer elementos para bater a theoria corrente que os trabalhos de Manson, Ronald Ross e Grassi estabeleceram de modo incontestado. . .

Mas prestaria um mau serviço calando, por amor das fórmulas, um facto que me assaltou em meio da minha convicção.

Não serão tambem os *borrachudos* transmissores do paludismo?

\*

Para o archivo de expressões sertanejas :

— Elle vai d'aqui ao Juruena num dia?

— *A'dio! Não vai!*

— Elle póde com esta canastra?

— *A'dio! Não póde!*



\*

A eliminação do artigo, no início da oração, é frequente :

— *Boi rodou p'lo rio abaixo.*

— *Boi pulou o dia inteiro.*

\*

Os Nambikuáras, desde a primeira vez que viram boi, tiveram medo de tão extranho animal, possantemente armado de grandes cornos. Do burro, ao contrario. Acharam-no parecido com a anta; e devoram os muares da Commissão Rondon. . . De vez em quando, das invernadas, some-se uma besta gorda. Os campeiros vão achal-a alguns kilometros além da linha, no moquem dos indios, deante de um toldo de folhagem, em via de ser devorada. Essa predilecção é mais um elemento para difficultar a conducção do material na Serra do Norte; porque, com os bois de carga, frequentemente, por necessidade, faz a nossa gente outro tanto. . .

\*

Algumas leguas depois do Pouso do Catingueiro, antes de chegarmos á estação de Utiariti, no meio da picada aberta no charravascal, avistámos, ao longe, um grupo de nambikuáras correndo ao redor de um cavallo. Comprehendemos que se tratava de um animal da estação, furtado para ser comido naquelle lugar; caminhámos o mais depressa que pudemos, fazendo acenos e gritando :

— *Náu-êê! Náu-êê!*

Como si fossem duendes, os indios fugiram, embrenhando-se no charravascal, sem deixar rastro. Procurámos,

todo nós, com afinco, o trilho por onde haviam passado. Nem um signal. A barreira impenetravel de caules entrelaçados e espinhos parecia haver engulido aquelles seis homens.

Em pé, pernas abertas para não cahir, arquejante, o pello riscado por alguns fios de sangue a jorrar do pescoço, da anca e da barriga, um triste pedrez, magro e pisado, tremia num arrepio immenso, como si fosse um grande cavallo de gelatina.

Das feridas surgiam, oscillantes, ensanguentadas tambem, longas flechas retidas no corpo do animal pelas farpas agudas.

Extrahimol-as do misero cavallo. E seguimos lentamente, dando-lhe tempo para que nos acompanhasse no seu passo de moribundo. Sempre a tremer, ia arrastando o corpo. Parava um pouco. Depois continuava com esforço, como desejando livrar-se, em ultimo arranco, daquelle meio funebre.

Um kilometro mais além, deteve-se, dobrou os joelhos, deitou-se sobre o flanco; e poz-se a tremer ainda mais, e lá ficou morrendo . . .



Utiariti, onde se ergue uma estação, será, em breve, um povoado daquelle sertão bruto. Hoje é colonia de Parecís do grupo Uaimaré, chefiada pelo major Libanio Koluizôrôcê, meu antigo conhecido do Museu, onde estivera em 1910. Vivem ali, felizes, muitas familias, trabalhando em roças bem mantidas, tomadas pela mandioca e pelo milho.

Come-se lá o que Utiariti produz. Já não é pouco. *Bra-sileiros* havia dois homens; tudo mais era *Parecí*. Milho,

para nossas montarias, comprei tambem dos indios. Utia-rití é semente forte, sã, de villa ou cidade, que se plantou naquelle sólo.

O rio Papagaio passa-lhe ao lado, cheio e claro, para despencar-se, pouco adiante da estação, no mais lindo *salto* que se possa contemplar na Terra. E quem julgar que traço uma hyperbole, tão do gosto de latinos, procure, no meio destas paginas, a evocação daquella maravilha, em pallido esboço, que o Sol gravou numa placa photographica, alegria e prazer dos meus olhos.

Escondida na magica belleza da quéda, que não quero amesquinhar em comparações, porque não sei de outra lindeza igual, vive uma força enorme. A agua espirra, em ducha colossal, de 80 metros de altura por 90 de largura; sua energia attinge aos 80 mil cavallos. Uma estreita calha, escavada na rocha quartzifera que a sustenta, deixa passar o arranco do esguicho immenso.

A denominação que os indios dão aos seus medicosacerdotes, por extensão, serve tambem para baptizar um pequeno gavião (*Fulco sparverius*) que é *totem* da tribu.

Na expedição de 1909, chegando ao rio, viram os exploradores sobre uma arvore, ao lado do salto, um pequeno representante do typo. Para a collecção destinada ao Museu Nacional, foi alvejada a avezinha; mas antes que o tiro partisse, o indio *Tóloiri*, Mathias, influente chefe, e guia da columna, pediu fosse poupado o utiarití, protestando que, si o matassem, não poderiam ser felizes, nunca mais, porque d'aquella especie de ave provinham os Parecís.

O gavião não morreu. Rondon, em homenagem a crença dos seus auxiliares, deu aquelle nome ao salto do rio Papagaio.

E foi feliz...



O *major* Libanio Koluizôrôcê, e outros índios empregados na linha, haviam tratado de conseguir, com sua gente, artefactos da propria industria para a “Casa grande do Governo” no Rio, onde elle vira tanta *coisa de indio*. Era recommendação de Rondon. Foi religiosamente cumprida, tanto mais quanto, pelo assumpto, interessou-se bastante o encarregado da estação, Sr. Lima.

Esse material denota influencia civilizada e certo apuro de fabricação que trahe a encomenda; no entanto, é valioso como elemento de comparação para o estudo do progresso cultural da tribu.



Inimigos seculares, Nambikuáras e Parecís, hoje, fraternizam na estação de Utiarití, para onde os primeiros são attrahidos pelas roças dos segundos. Diariamente vem um grupo, das aldeias da margem direita do Juruena, visitar os vizinhos. E' visita interesseira; os Parecís não a apreciam. Primeiro, ainda não tem fé nos antigos e ferozes inimigos; depois, perdem grandes quantidades de mandioca, ou milho, além de muitos objectos de ferro e metal, machados, facas, canecas, etc., que os hospedes furtam facilmente. . .

Alguns dos meus *clichés* documentam a confraternização das duas tribus.



As chuvas eram diarias e torrencias. Os bois da tropa, na espinha, frouxos e com o lombo horrivelmente



Índias Parecís pintadas com urucú



Parecí e Nambikuára na estação telegraphica de Utianití

MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912



*pisado* infundiam-nos pouca esperanza de chegar á Tapi-  
rapuan com todo o material.

Grandes ulceras provocadas pelas cangalhas, logo  
invasidas pela “bicheira”, que vae corroendo os tecidos  
como broca fatal, adoentavam os cargueiros e nos pre-  
occupavam justificadamente.

Mas uma circumstancia, nimiamente feliz veio li-  
vrar-me dessa oppressão. E terminei o *raid* pelo sertão  
do Nor’Oeste de Mato-Grosso da mais imprevista maneira.

Em Utiariti soubemos que estava no salto Bello do  
Timalatiá o tenente Amarante; com seus Parecís de Al-  
deia Queimada, tinha ido abrindo um caminho de automo-  
veis pelos espigões do chapadão.

Nesse vehiculo, pela estrada nova, cortámos o di-  
visor das aguas, com toda a nossa bagagem, mercê da  
boa vontade e inesgotavel amabilidade daquelle engenheiro.  
militar.

\*

O salto do rio do Sangue, Sacre ou Timalatiá, *Salto  
Bello*, de Rondon, é differente do seu irmão do rio Papa-  
gaio; não é mais uma quéda em ducha. E’ um lençol d’agua  
larguissimo, que se dependura na rocha como uma colcha  
branca, immaculada, em janella immensa. A agua desce  
languorosamente, sem violencia, procurando o abysmo.

Rondon determinou as characteristics desta quéda.  
Tem 40 metros de altura, 117 de largura e força nominal  
de 35.000 cavallos.

\*

A abelha que os sertanejos denominam *lumbe-olho*  
persegue o viajante pelo chapadão á fóra, procurando agua  
nas lagrimas que humedecem a conjunctiva, ou no suor.



*Oncinhus* são insectos quasi tão temiveis quanto a tocanguira. Andam aos casaes, nos lugares sombrios, destacando-se facilmente do *meio* pelas manchas de que seu abdomen é listado.

Chiam fortemente, de modo assás curioso, quando presas.

Em certos pontos, proximos das matas, outras formigas, numa noite, devoram peças e peças de couro, indispensaveis aos transportes. . .



Do Sacre á Aldeia Queimada vão cerca de 30 leguas. O automovel fel-as em 41 horas de marcha, carregado com mais de 1500 kilos, passando pela picada aberta em plena chapada, sem caminho regularmente transitavel, andando, ás vezes, pelo cerrado quasi integro. Nas rampas fortes desciamos todos, e auxiliavamos o motor; nos trechos arenosos, tenente Amarante applicava ás rodas do vehiculo um systema de *chaine sans fin* de sua invenção, formando especie de soálho movel sobre o qual marchava o carro.

Até ao alto, onde começa o chapadão, no "50", viemos de automovel, com a preciosa bagagem.

Os 30 kilometros de areia fôfa, entre Aldeia Queimada e o kilometro 50, foram percorridos facilmente pelo aparelho.

Rampas formidaveis, como as da *Parição*, nesse trecho de caminho arenoso, eram vencidas em 1ª velocidade, carro carregado com mais de uma tonelada, de maneira surprehendente.



Para os que tentassem denegrir o seu systema, teria agora Amarante uma resposta cabal:

Um automovel com 1500 kilos de carga transitou perfeitamente em caminho de areia frouxa, de rampas fortissimas, fazendo 30 kilometros em quatro horas de marcha.

\*

E assim, no fim da minha excursão á Serra do Norte, tomei parte na inauguração de uma estrada nova, fornecendo ensejo a um moço brasileiro, de demonstrar que estava resolvido, pelo seu esforço e talento, um problema capital para o desenvolvimento de muitas regiões da Terra.

Pelas facilidades que Rondon me proporcionou, pela dedicação do tenente Pyrineus, pela boa vontade de todos os funcionarios daquela empresa sem par, pude realizar, em cerca de cinco mezes, o que exigiria mais de um anno fóra de taes condições.

A rapidez no caminhar era, porém, a chave do successo; um dia perdido traria o compromettimento do regresso, a perda de collecções e documentos.

\*

Ao Museu Nacional, além da grande collecção, unica, absolutamente inedita, cujo valor estimo em mais de uma centena de contos, pelos preços correntes, foram entregues algumas dezenas, de *clichés* ethnographicos, de que as provas deste livro dão amostra, *films* cinematographicos, já exhibidos na conferencia que realizei na Bibliotheca Nacional, em 15 de março de 1913, fichas anthropologicas,

e phonogrammas com musicas dos indios e canções sertanejas.

Os resultados anthropologicos e ethnographicos da excursão ficam archivados nas notas que aqui se encontram.

\*

Mas não quero terminar a transcripção do meu caderno de viagem sem mencionar algumas reflexões, ali existentes, sobre a situação social dos indios e dos sertanejos, sem devaneios, nem brutalidades utilitarias.

\*

Ha indios perfeitamente assimilados pela nossa modesta cultura brasileira do interior; esses estão fóra de questão. São, de facto, sertanejos. Trabalham, produzem, querem aprender. Não são mais *indios*.

Outros porém, infiltrados de máos costumes pelos seringueiros viciosos, naturalmente vadios, não podem e não devem ser contados como productores; é protegel-os e deixal-os viver como quizerem.

\*

Luiz Cintra, parecí da nossa confiança, roubava o que podia para vender a seringueiros; João Pinto, outro, recbia roupas e facas para o trabalho, e dava, a tudo, o mesmo destino. E quando se lhe perguntava pelo facão, logo respondia :

— *Quebrou, mémo.*



Nosso papel social deve ser simplesmente *proteger*, sem procurar *dirigir*, nem *aproveitar* essa gente. Não ha dois caminhos a seguir. Não devemos ter a preocupação de os fazer cidadãos do Brasil. Todos entendem que *indio* é indio; *brasileiro* é brasileiro.

A nação deve amparal-os, e mesmo sustental-os, assim como acceta, sem reluctancia, o onus da manutenção dos menores abandonados ou indigentes, dos enfermos, e dos loucos.

As crianças desvalidas, e mesmo os alienados, trabalham; mas a sociedade não os sustenta para se aproveitar do seu esforço.

Além disso, temos, para com os indios, a *grande dívida*, contrahida desde os tempos dos nossos maiores, que foram invadindo seu territorio, devastando sua caça, furtando o mel das suas matas, como ainda agora nós mesmos o fazemos.

O direito é um só. Quem, a pretexto de civilizar, esmaga tribus e nações, que sempre viveram independentes, pratica politica perigosa para si mesmo; porque a moral dos conquistadores nunca teve outra razão. E o dominador de hoje poderá ser abatido amanhã, por um terceiro que invoque os mesmos principios.

Ainda mais. Quem pretender governal-os cairá no erro funesto e secular; na melhor das intenções, deturpará os indios. O programma será: *proteger sem dirigir*, para não perturbar sua evolução espontanea.

Na economia nacional, do ponto de vista republicano, a questão indigena deve ser escripturada, unicamente, nos livros da "Despeza"...

E, assim, dará lucro.



O sertanejo encontra, nos documentos de que procurei recheiar este trabalho, simples e sincero, a sua melhor defeza. A conquista da RONDONIA foi obra de sua abnegação, do seu talento, e de sua resistencia. Os milheiros de kilometros de estrada que lá se extendem, hão de figurar, nos mappas do Brasil, em traço largo, affirmando ao mundo o valor dos seus filhos.





## XI



ÃO se póde ainda tentar a synthese definitiva da situação ethnographica dos aborígenes da Serra do Norte.

Mas, o que se apurou, nas paginas precedentes, permite, desde já, indicar pontos importantes de sua vida social, sufficientes para lhes marcar um posto definido entre os grupos humanos existentes, em estado natural, no territorio da Sul-America.

Que se mantiveram longe da acção européa, não ha duvida. Martius, aliás, concluindo pela alta antiguidade dos aborígenes americanos, mostrava que a *idade da pedra* caracterizava as populações conservadas fóra daquella influencia.

E, si fosse possivel reconhecer, no Brasil, os dois periodos classicos (Paleolithico e Neolithico) caberiam no primeiro os Indios da Serra do Norte, cujos machados são toscamente lascados, e cuja cultura bem se aproxima daquella que se admite seja peculiar ao paleolithico.

Sua antiguidade, naquella região, deve ser muito grande.



A' primeira vista parece que os Nambikuáras são antigo ramo parecí atrazado.

Porém, o que sabemos de ambas as nações, quanto á anthropologia, quanto á ethnographia, tocante á lingua, protesta contra a identificação.

Ha, todavia, signaes certos de influencia parecí na sua cultura. O primeiro é a casa *do feitio de um forno*, que os Parecís de outr'ora construiam Trata-se de uma importação no meio nambikuára; a casa primitiva dos habitantes da Serra do Norte é o *toldo de folhagens*, semelhante ao *Kijême* dos Botocudos (Windschirm, dos ethnologos alle-mães), que bem recorda os *Wig-wam*, dos indios Norte-Americanos.

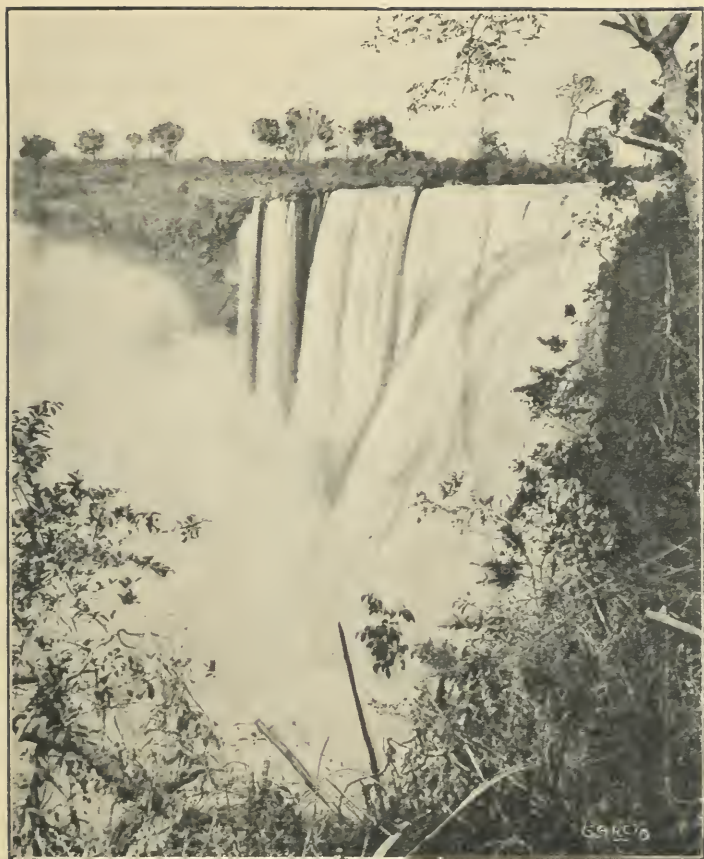
E si não foi dos Parecís que receberam a grande *casa-redonda*, foi então, de indios bolivianos.



Material que demonstra aquella mesma influencia é o *pennacho nasal*, que os Parecís de hoje não ostentam, e os de outr'ora não dispensavam, pelo testemunho de Antonio Pires; e tambem a *ocarina nasal*, que fazem vibrar de modo inhabil, como quem usa instrumento mal conhecido, cujos segredos ainda não descobriu.

A *flauta dupla*, parece ter sido trazida do Norte. Deve ser importação de Mauhés e Mundurucús, com os quaes, conforme já se viu, os indios da Serra do Norte têm tido attrictos sérios.

O *trançado* que sua arte emprega, tem fórmhas positivamente caracteristicas do Xingú (*Trumais* e *Nahukuas*);



Salto de Utianti --- Rio Papagaio

MATO-GROSSO

E. ROQUETTE-PINTO, phot.

1912





documenta relações que sua cultura elementar fazia suppor existissem entre elles e as tribus atrazadas daquelle rio.

O *moquem quadrangular*, fóra dos moldes usuaes, é só empregado pelos grupos mais adiantados (*Tiguanis*, etc.); lembra o dos Javaés, tal qual o figurou Fr. Krause.

\*

Bem parecidos com os dos Suiás, são os *enfeites de palha* dos Nambikuáras. Porém, muito mais que isso, prova relações entre elles a semelhança das *linguas*. Porque não existe outro povo que fale dialecto tão parecido com o dos Nambikuáras, quanto á morphologia dos vocabulos, apesar de serem, ainda assim, no resto, bem differentes os dois idiomas.

\*

Interessante é a approximação expontanea que se estabelece entre duas tribus distantes e igualmente primitivas, como são os *Guaiakis* do Paraguai e os Nambikuáras da Serra do Norte, pelo uso do *capacete de couro de onça*.

Todavia, creio antes estes o hajam copiado de seus vizinhos Kaiabís, do rio Paranatinga, os quaes se cobrem com elmos do mesmo material.

\*

A *ignorancia do cacimbo*, objecto muito encontradiço nos *mounds*, norte-americanos e nos sambaquís do Brasil, bem como a da *bananeira*, mostra quão velhos são, naquella Serra, os Nambikuáras.



Que o grupo Gê-Botocudo seja o mais antigo representante da gentilidade Sul-Americana, hoje não se discute mais.

Porém, sobre ligações desse grupo com os outros que se têm isolado, desde a chave de von Martius até as modernas investigações de Rivet, Koch-Grünberg e outros, ha muito que indagar. Tenho para mim que o problema ethnologico mais interessante do Brasil indigena, deixando á margem questões insolúveis, é a ligação dos grupos entre si, a filiação das differentes culturas que apresentam.

E' fóra de duvida, para mim, que os grupos linguisticos correspondem a typos de civilização ascendente, embora quasi sempre mal caracterizados, pelas interferencias perturbadoras extranhas; e resultam da evolução gradual de uma cultura primitiva, dominante na *raça Paleamericana*, de De Quatrefages.

Na Serra do Norte foi surprehendido, pela nossa civilização, um povo de *cultura Gê*, evoluindo para a *cultura Nu-Aruak*, cujos prodromos apenas havia attingido.



Resumindo tudo quanto apurámos em relação áquella gente, podemos formular algumas proposições documentadas neste trabalho:

I. Os Indios da Serra do Norte foram descobertos pelas Expedições Rondon, a partir de 1907, no valle do Juruena, e depois em toda a Cordilheira.

Até então só se possuíam vagas noticias de sua vida, as primeiras das quaes datam de 1718.

II. Todos os nomes que lhes davam seus vizinhos, todas as denominações recolhidas por viajantes e sertanejos são absolutamente estranhas á sua lingua. Um certo grupo será provavelmente identificado aos chamados *Tapanhúnas*, ou *Tapaiúnas*, de que falam alguns áutores como si fossem mocambos de negros africanos envolvidos. Convem conservar-lhes o nome geral *Nambikuáras*, para evitar futuras confusões.

III. Todos os Indios da Serra do Norte viviam, até agora, em plena *idade lithica*, usando machados de pedra mal polida, facas de madeira, ignorando a navegação, dormindo directamente sobre o sólo, ignorando a fabricação da ceramica, e a rêde de dormir.

A ceramica, mui grosseira, de que usam, é obtida de tribus vizinhas, por conquista, ou por troca. Até hoje, apesar de um contacto de mais de cinco annos, ninguem ainda os viu fabricar peças cêramicas.

IV. Viviam, quasi, em absoluta segregação; muitos ainda não tinham visto homens de raça branca, ou negra.

V. Vivem em grupos isolados, falando dialectos da mesma lingua, em via de differenciação. Os vocabulos que designam as principaes regiões do corpo humano, de acôrdo com verificações realizadas, de ha muito, entre o geral dos indios, são os que mais difficilmente obedecem ao processo de differenciação morphologica.

VI. Esses grupos não se acham no mesmo gráo de cultura. Os que habitam o valle do Juruena são os mais atrazados: são menos sociaveis, mais aggressivos; constroem casas rudimentares; não usam o moquem; não têm chefes permanentes. Os que vivem no extremo da Serra do Norte já attingiram civilização accentuadamente mais elevada, que se revela na sua arte e nos seus costumes sociaes.

VII. De todos os grupos linguisticos da America, aquelle em que mais facilmente se podem incluir os indios da Serra do Norte, é o *Gê-Botocudo*. As linguas, cujas characteristics maiores semelhanças offerecem com o seu idioma, são o dialecto dos Sufás, do Xingú, descobertos em 1884 pela expedição Karl von den Steinen e o dos Karajás do Araguaia.

Todavia, uma outra lingua em que se póde encontrar semelhança com os dialectos da Serra do Norte é o *Kiriri*.

VIII. Além de affinidades linguisticas, os indios da Serra do Norte apresentam characteristics ethnographicas peculiares ás tribus *Gê-Botocudas*, raramente encontradas entre indios de outros grupos: ignorancia da rêde, da navegação, ceramica rudimentar, toldos de folhagem, etc.

Sendo assim, os Indios da Serra do Norte — (Nambikuáras) — continuam para Oeste a cadeia dos povos *Gês*, cujos representantes mais occidentaes, até agora conhecidos, eram os Sufás.

IX. Vizinhos dos Parecís durante seculos, os Nambikuáras quasi não soffreram a influencia destes indios. As duas culturas evoluíam até agora, lado á lado, em grãos diversos de adiantamento, com poucas reacções mutuas.

X. A agricultura surgiu temporã, na população da Serra do Norte; e o facto parece derivar das sollicitações do meio geographico. E' quasi certo, todavia, que o surto dessa industria foi condicionado por influencias extranhas, ainda não conhecidas, por meio das quaes obtiveram os indios o material necessario, visto como não se encontram entre elles sinão as mesmas especies cultivadas pelos seus companheiros de *habitat*.

XI. Do ponto de vista anthropologico, os indios da Serra do Norte são absolutamente inconfundiveis com os seus vizinhos. Dos indios americanos os que mais se appro-

xinam delles, pelos caracteres anatomicos, são os *Nu-Aruaks*.

XII. Os indios da Serra do Norte são atacados por uma dermatose especial, differente do purú-purú, que seus vizinhos não conhecem. Essa molestia, *Baunécêdutú*, cuja existencia ficou bem documentada no lugar competente deste trabalho, ainda não pôde ser etiologicamente classificada. E', provavelmente, uma variedade de *tinea imbricata*.

XIII. Seus parasitas principaes são siphonapteros, *Sarcopsylla penetrans* (bicho do pé), supposto originario da Africa, mas, positivamente, especie da America intertropical, e hemipteros do genero *pedicullis*: *P. capitis*, encontrados em todas as populações da Terra. Talvez mereça, este insecto, pelo seu tamanho, ser considerado *variedade* da especie universal.

XIV. Os indios da Serra do Norte parecem ter chegado ao coração da America do Sul em época mui remota.

XV. Sua arte plumaria é pobre. Apenas se inicia; sua musica demonstra uma elaboração bem adiantada. Seus desenhos — (lineares, polygonaes circulares) — são regularmente executados; fórmas vivas, só desenham alguns animaes: saurios, ophidios (estylisados).

XVI. Da anthropophagia parece existir, entre elles, vivas reminiscencias, si é que a não praticam mais.

XVII. Sua religião é um fetichismo pantheista, nos grupos mais atrazados; nos mais adiantados, ha signaes de nascente astrolatria.

XVIII. Qualquer que seja a situação em que estudos ulteriores possam collocar os indios da Serra do Norte, seu encontro naquella região, e naquelle estado de cultura, veio alterar profundamente o que se admittia como certo na ethnographia indigena do Brasil.

XIX. Si forem definitivamente incluídos entre os *Gês*, tornar-se-á difficil admittir, por mais tempo, a origem oriental, ou littoranea, desse grupo.

XX. Si forem collocados no grupo *Aruak*, mais importantes ainda serão as consequencias de sua descoberta, visto como, pela theoria de von den Steinen a região de origem de um povo é aquella em que se encontram seus representantes em cultura mais atrazada.

XXI. A migração dos Nu-Aruaks, neste caso, deve ter sido realizada — de Sul a Norte —, ao inverso do que pretende a ethnologia classica da Sul-America.

XXII. Possuindo características anthropologicas proximas dos *Aruaks*, falando idioma isolado, tendo traços ethnographicos apresentados pelos *Gês*, os indios da Serra do Norte documentam a realidade de um facto *anthropogeographico* importante, já suspeitado desde a exploração do Xingú.

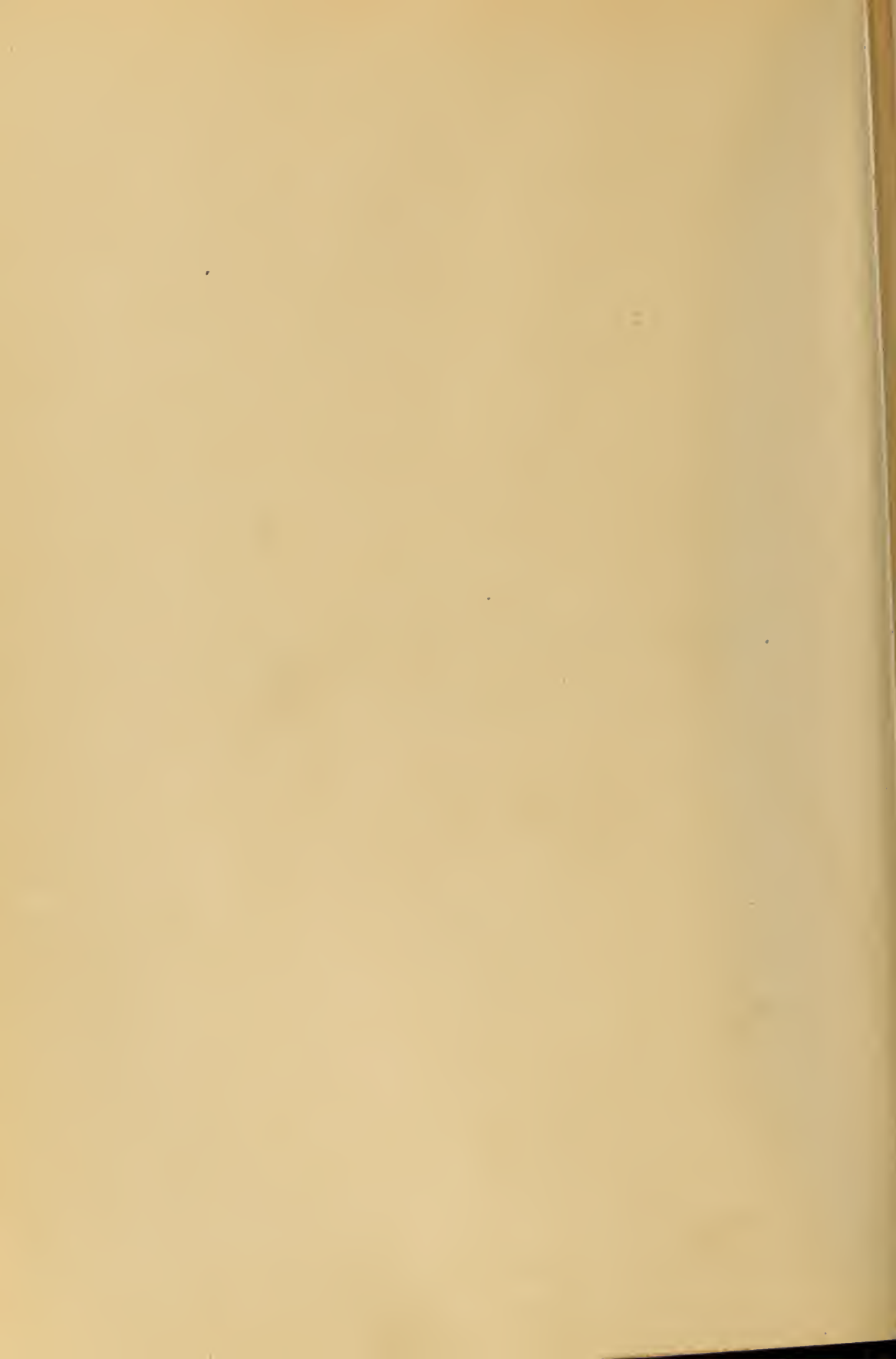
Foi no grande planalto do Brasil que se iniciou o trabalho de differenciação ethnica sul-americana.





TABELLAS ANTHROPOMETRICAS E PHONOGRAMMAS









## INDIOS PARECÍS-KOZÁRINIS

### ANTHROPOMETRIA

	NOMES					Médias
	Namon-Suratiá	Sôcôce	Zolui-macê	Sukiú-Azaré	Kamá-zaloçú	
Estatura . . . . .	1,57	1,49	1,56	1,62	1,51	<b>1m,55</b>
Grande abertura . . . . .	1,64	1,51	1,54	1,64	0,57	<b>1m,58</b>
Circunferencia toracica . . . . .	0,82	0,81	0,86	0,85	0,81	<b>Om,83</b>

### CABEÇA

Occipito-frontal. . . . .	0,182	0,167	0,182	0,184	1,169	0,176
Transverso . . . . .	0,147	0,143	0,143	0,145	0,145	0,144
Frontal minimo. . . . .	0,095	0,092	0,104	0,101	0,092	0,096
Bi-zygomatico. . . . .	0,138	0,132	0,133	0,134	0,133	0,134
Bi-zonion. . . . .	0,099	0,101	0,103	0,102	0,099	0,100
Nazo-mentoneiro . . . . .	0,119	0,119	0,126	0,116	0,114	0,118
Nazo-bucal . . . . .	0,076	0,073	0,078	0,075	0,078	0,076
Nazo-alveolar. . . . .	0,072	0,070	0,076	0,073	0,075	0,073

### NARIZ

Altura . . . . .	0,056	0,051	0,054	0,053	0,054	0,053
Largura . . . . .	0,041	0,031	0,037	0,034	0,041	0,038
Saliencia . . . . .	0,018	0,016	0,017	0,015	0,019	0,017

### OLHOS

Bi-palpebral externo. . . . .	0,089	0,091	0,092	0,095	0,085	0,090
Bi-palpebral interno. . . . .	0,031	0,033	0,034	0,035	0,032	0,033

	NOMES					Médias
	Namon-Suratiã	Sôcôce	Zolui-macê	Sukiú-Azarê	Kamái-zaloçu	
ORELHA DIREITA						
Comprimento . . . . .	0,058	0,057	0,056	0,056	0,063	0,058
Largura . . . . .	0,041	0,034	0,031	0,030	0,034	0,034
-----						
Côvado esquerdo. . . . .	0,44	0,42	0,42	0,43	0,48	0,43
Medio esquerdo . . . . .	0,10	0,08	0,10	0,10	0,09	0,09
Índice cephalico. . . . .	. . .	. . .	. . .	. . .	. . .	81,8
Índice nasal . . . . .	. . .	. . .	. . .	. . .	. . .	71,7
Dynamometro (mão direita). . . . .	28K.	23K.	26K.	23K.	24K.	24

### INDIOS PARECÍS

(RETRATO FALADO)

		Namon-Suratiã	Sôcôce	Zolui-macê	Sukiú-Azarê	Kamái-zaloçu	
Fronte . . . . .	Inclinação. . . . .	V	V	V	I	V	
	Altura . . . . .	P	<u>P</u>	<u>P</u>	<u>P</u>	<u>P</u>	
	Largura. . . . .	<u>P</u>	<u>P</u>	<u>P</u>	<u>P</u>	<u>P</u>	
Nariz. . . . .	Prof. da Raiz . . . . .	P	<u>P</u>	P	P	P	
	Dorso . . . . .	Vex	<u>R</u>	Vex	Vex	Vex	
	Base . . . . .	Ab	H	Ab	Ab	Ab	
	Altura . . . . .	G	<u>G</u>	<u>G</u>	P	G	
	Largura . . . . .	G	<u>G</u>	<u>G</u>	G	<u>G</u>	
Orelha . . . . .	Helix . . . . .	Origem. . . . .	<u>P</u>	P	P	P	G
		Superior . . . . .	<u>G</u>	P	<u>P</u>	G	G
		Posterior. . . . .	<u>P</u>	<u>P</u>	<u>P</u>	G	<u>P</u>
	Lobulo . . . . .	Contorno. . . . .	Q	D	Q	D	Q
		Adherencia. . . . .	S	S	S	S	F
		Tamanho . . . . .	G	G	G	<u>P</u>	<u>G</u>
Anti-tragus . . . . .	Inclinação . . . . .	H	B	H	B	B	
	Tamanho. . . . .	P	<u>P</u>	G	P	G	
Pavilhão . . . . .		Ov	<u>Ov</u>	Ov	Ov	Ov	

**Typo anthropologico dos indios Parecís**

(DETERMINADO PELO METHODO DO RETRATO FALADO)

Fronte . . . . .	{	Inclinação: Vertical 80 %/o. Intermediaria 20 %/o. Altura: Muito pequena 80 %/o. Pequena 20 %/o. Largura: Muito pequena 80 %/o. Pequena 20 %/o.
Nariz . . . . .	{	Profundidade da raiz: Pequena 60 %/o. Muito pequena 40 %/o. Dorso: Convexo 80 %/o. Rectilineo 20 %/o. Base: Abaixada 80 %/o. Horizontal 20 %/o. Altura: Grande 80 %/o. Pequena 20 %/o. Saliencia: Pequena 80 %/o. Grande 20 %/o. Largura: Grande 80 %/o. Pequena 20 %/o.
Orelha . . . . .	{	Origem: Pequena 40 %/o. Muito pequena 40 %/o. Grande 20 %/o.
		Helix . . . . . { Superior: Grande 40 %/o. Muito grande 20 %/o. Pequena 20 %/o. Muito pequena 20 %/o. Posterior: Muito pequena 80 %/o. Grande 20 %/o.
		Lobulo . . . . . { Contorno Descendente 40 %/o. Quadrado 60 %/o. Adherencia: Separado 80 %/o. Fundido 20 %/o. Tamanho: Grande 40 %/o. Muito grande 40 %/o. Muito pequeno 20 %/o.
Anti-tragus . . . . .	{	Inclinação: Horizontal 40 %/o. Obliquo 60 %/o. Tamanho: Pequeno 40 %/o. Grande 40 %/o. Muito pequeno 20 %/o.
Forma oval . . . . .	{	400 %/o.





## NAMBIKUÁRAS

## Mulheres

(QUADRO C)

NUMERO DA FICHA	1	2	3	4	5	6	7	MÉDIA
Altura total . . .	1,43	1,44	1,47	1,45	1,52	1,45	1,55	1,47
<i>Pelvimetria :</i>								
Bi-espinha . . .	0,22	0,22	0,23	0,21	0,21	0,21	0,21	0,21
Bi-crista . . .	0,24	0,23	0,24	0,23	0,23	0,23	0,25	0,23
Bi-trochanter . .	0,26	0,26	0,26	0,25	0,26	0,26	0,28	0,26
Sacro-pubiano ex- terno . . .	0,17	0,18	0,17	0,17	0,16	0,17	0,19	0,17

## RETRATO FALADO

FICHA	1	2	3	4	5	6	7
<i>Fronte</i>							
Inclinação . . . . .	v	v	v	v	v	v	v
Altura . . . . .	p	p	p	p	p	p	p
Largura . . . . .	p	p	p	p	p	p	g
<i>Nariz</i>							
Profundidade da raiz. . . . .	p	p	p	p	p	p	p
Dorso. . . . .	r	r	vex	r	r	r	r
Base . . . . .	ab	h	ab	h	h	h	ab
Altura . . . . .	p	p	p	p	p	p	p
Saliencia. . . . .	p	p	p	p	p	p	p
Largura . . . . .	p	p	p	g	g	g	p
<i>Orelha</i>							
Helix . . . . .	Origem. . . . .	p	p	p	g	g	p
	Superior . . . . .	g	p	g	g	p	p
	Posterior . . . . .	p	p	p	p	p	p
Lobulo. . . . .	Contorno . . . . .	q	q	q	q	q	q
	Adherencia . . . . .	f	f	s	f	f	f
	Tamanho . . . . .	p	g	p	p	p	g
Anti-Tragus. . . . .	Inclinação. . . . .	h	h	h	b	h	b
	Tamanho . . . . .	p	p	p	p	p	g
Pavilhão. . . . .	o	o	o	o	o	o	o

TIPO ANTHROPOLOGICO DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE  
(NAMBIKUÁRAS)

DETERMINADO PELO METHODO DO RETRATO FALADO

Fronte :

*Inclinação* — Vertical 80 % — Fugidia 20 %.

*Altura* — Pequena 72 % — Média 12 % — Grande 16 %.

*Largura* — Pequena 80 % — Grande 16 % — Média 4 %.

Nariz :

*Profundidade da raiz* — Grande 56 % — Pequena 33 % — Média 11 %.

*Dorso* — Rectilíneo 4½ % — Convexo 56 %.

*Base* — Abaixada 45 % — Horizontal 50 % — Levantada 5 %.

*Altura* — Grande 50 % — Média 11 % — Pequena 39 %.

*Saliencia* — Grande 22 % — Pequena 78 %.

*Largura* — Grande 99 % — Média 1 %.

Orelha :

*Helix* — (Origem) Grande 4½ % — Pequena 56 %.

*Helix superior* — Grande 44 % — Pequena 56 %.

*Helix posterior* — Grande 5 % — Pequena 95 %.

*Lobulo* — Contorno — Quadrado 78 % — Descendente 22 %.

*Adherencia* — Fundido 100 %.

*Tamanho* — Grande 33,5 % — Pequena 66,5 %.

*Antitragus* — Inclinação : Horizontal 44,5 % — Obliquo 55,5 %.

*Pavilhão* — Quadrangular 11 % — Oval 89 %.

## FORMULAS DACTYLOSCOPICAS DOS INDIOS NAMBIKUÁRAS

## HOMENS

Ficha n. 1 . . .	} V. 4333   V. 4222	Ficha n. 2 . . .	} V. 4333   V. 3222
Ficha n. 3 . . .	} V. 4343   V. 4222	Ficha n. 4 . . .	} V. 4333   V. 4222
Ficha n. 5 . . .	} V. 4444   V. 4442	Ficha n. 6 . . .	} V. 4344   V. 4244
Ficha n. 7 . . .	} V. 4444   V. 4444	Ficha n. 8 . . .	} V. 4344   V. 4244
Ficha n. 9 . . .	} V. 4333   V. 4242	Ficha n. 10 . . .	} I. 2242   E. 4333
Ficha n. 11 . . .	} V. 4444   V. 4444	Ficha n. 12 . . .	} V. 4343   V. 4242
Ficha n. 13 . . .	} V. 4444   E. 4444	Ficha n. 14 . . .	} V. 3333   V. 2222
Ficha n. 15 . . .	} V. 3333   V. 2242	Ficha n. 16 . . .	} V. 3344   V. 2244
Ficha n. 17 . . .	} V. 3344   V. 4244	Ficha n. 18 . . .	} V. 4444   V. 4444

## MULHERES

Ficha n. 1 . . .	} V. 4443   V. 4442	Ficha n. 2 . . .	} V. 4333   V. 4242
Ficha n. 3 . . .	} V. 4443   I. 4242	Ficha n. 4 . . .	} V. 3343   V. 4242
Ficha n. 5 . . .	} E. 4343   V. 4344	Ficha n. 6 . . .	} V. 4444   V. 4444
Ficha n. 7 . . .	} V. 3343   V. 2222		



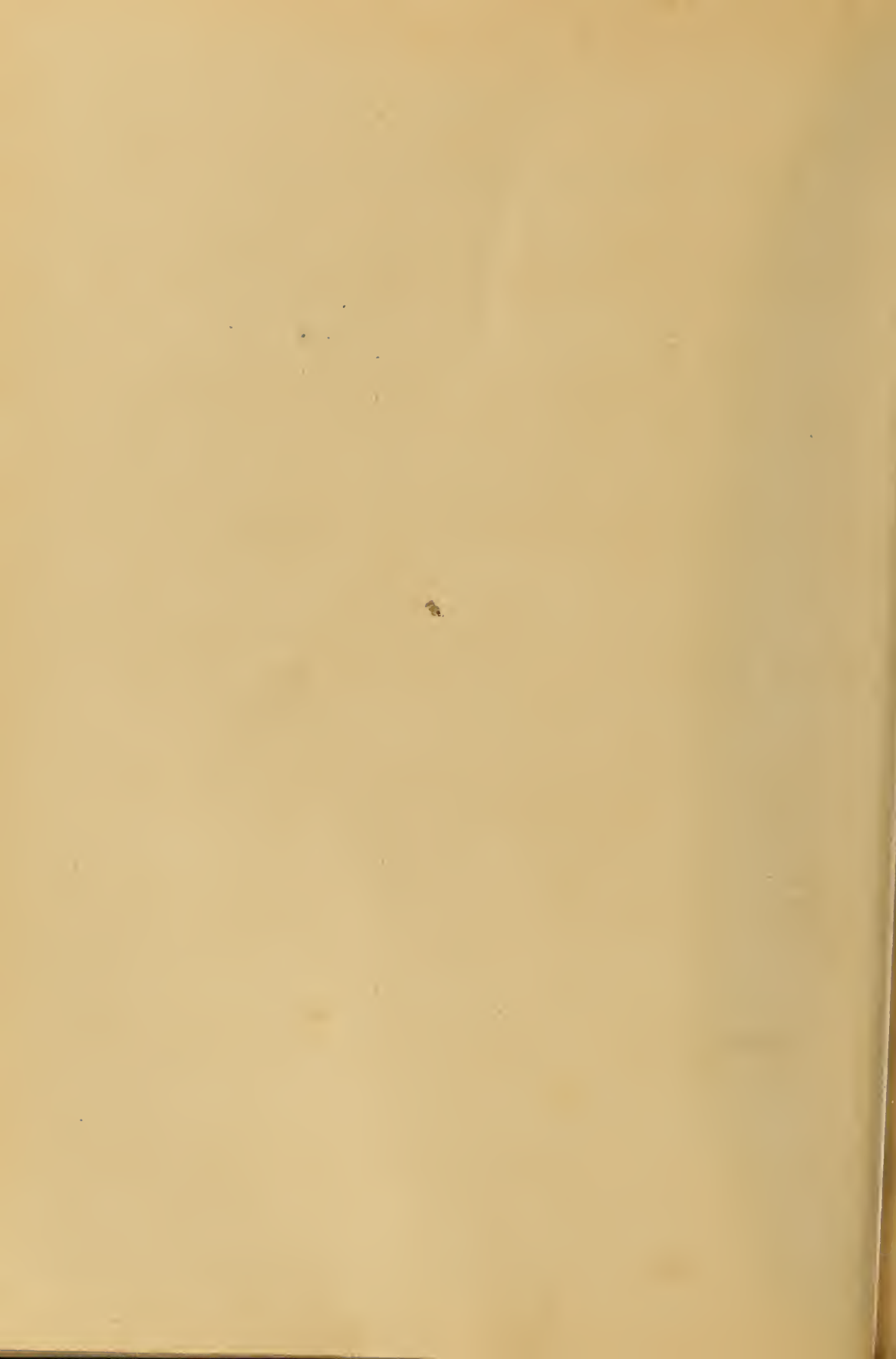
## OBSERVAÇÕES ANTHROPOLOGICAS

(EHRENREICH)

*Individuos vivos*


	H.	M.	SOMMA	NUMERO DE OBSERVAÇÕES COMPLETAS	
				H.	M.
TRIBUS DO XINGÚ					
Bakairi . . . . }	10	6	16	10	6
Nahuquá . . . . }	15	12	27	5	1
Auetô . . . . }	14	2	16	4	2
Kamaiurá . . . . }	14	4	18	4	—
Mehinaku . . . . }	6	6	12	6	—
Vanrá . . . . }	4	1	2	1	1
Trumai . . . . Allophylos (1)	8	—	8	1	—
TRIBUS DE MATO-GROSSO					
Parecí . . . . Aruaks . .	9	3	12	9	3
Bôrôro . . . . Allophylos .	20	6	26	20	6
TRIBUS DO ARAGUAIA					
Karajá . . . . Allophylos .	12	9	21	12	8
Kaiapó . . . . }	5	2	7	5	2
Cherente (Akuá) } Gês . . . . }	4	—	1	1	—
TRIBUS DO CHACO					
Toba . . . . .	1	—	1	1	—
Mataco . . . . .	1	—	1	1	—
TRIBUS DO PURÚS					
Paumari . . . . }	3	—	3	—	—
Iamamadí . . . . }	4	—	4	4	—
Ipurinã . . . . }	8	1	9	2	—
Somna . . . . .	132	52	184	—	—

(1) E. Roquette-Pinto — *Etnografia Indijena do Brasil*. — 4º Congresso Medico Latino Americano — Rio, 1909.

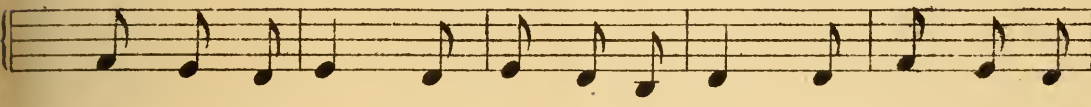


# PHONOGRAMMAS 14.594 E 14.595


(INDIOS PARECÍS)



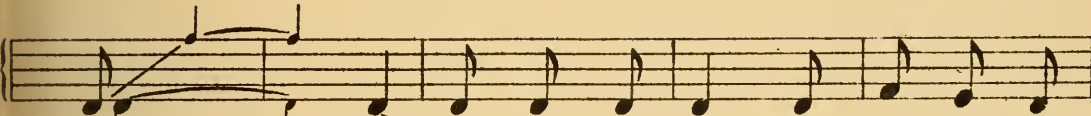
Ah ah ah ah ah ah No\_



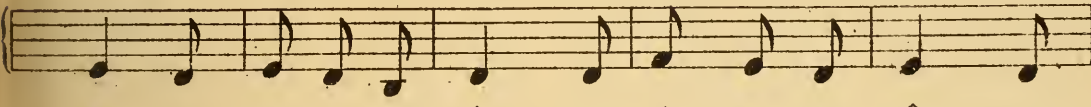
ai a\_nau\_ê no\_ai a\_nau\_ê no\_ai a\_nau\_



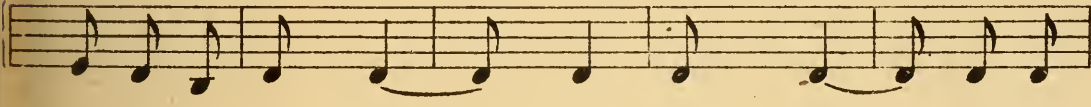
ê no\_ai a\_nau\_ê ah ah ah ah ah...



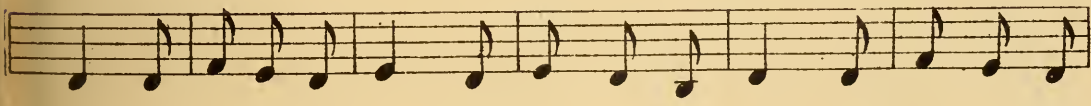
... ah... ah... ah ah ah no\_ai a\_nau\_



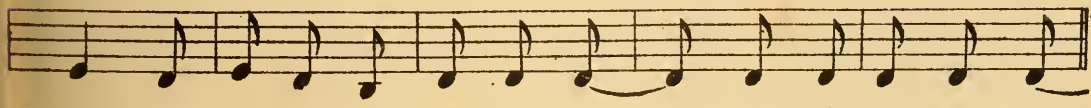
ê no\_ai a\_nau\_ê no\_ai a\_nau\_ê no



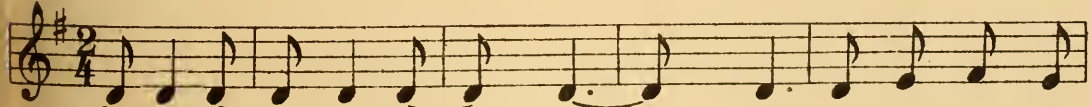
ai a\_nau\_ê ah ah ah ah ah ah



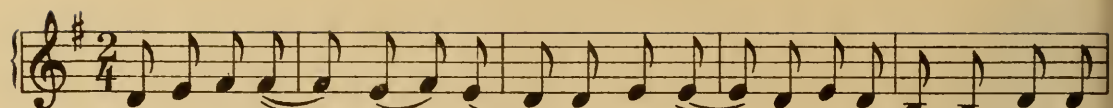
ah no\_ai a\_nau\_ê no\_ai a\_nau\_ê no\_ai a\_nau\_



ê no\_ai a\_nau\_ê ah ah ah ah ah



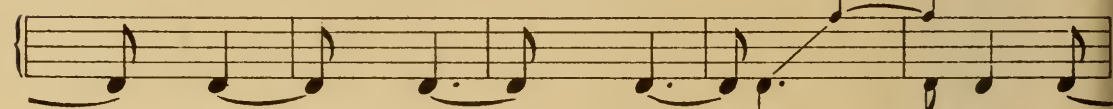
ah ah ah ah ah ah A kui\_tia



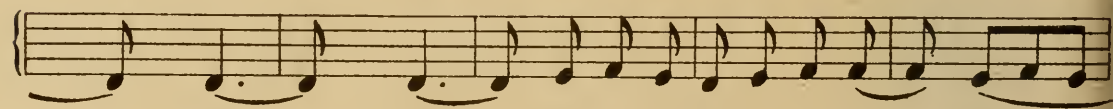
han ti\_a han No hin ô ko\_rê u\_ku-man u i zo ná



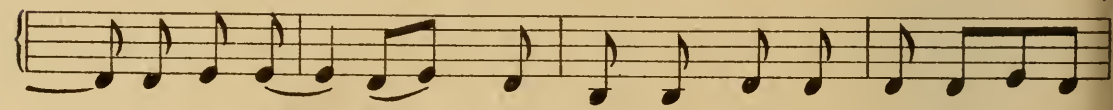
ne teu a\_kuí\_a\_lau\_á ka ma\_la\_lô ah ah



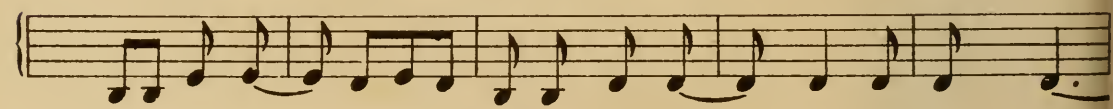
ah ah ah ah ah ah ah ah



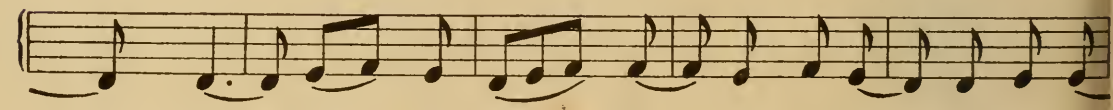
ah ah Ni\_a\_ha\_Ká no hin ê Ka



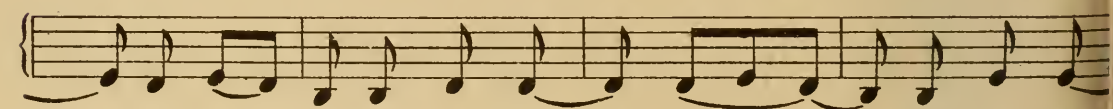
ma\_la\_lô Mo ti a ça i á A



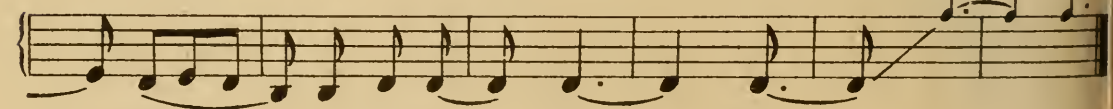
ri\_ti... O ka\_na\_tião ah ah ah



ah Ko za\_ki tá ko\_lo\_hon u\_ni\_tá



ne\_tê u Ni\_ha\_ká A ka te rê



ke ra\_rê ah ah

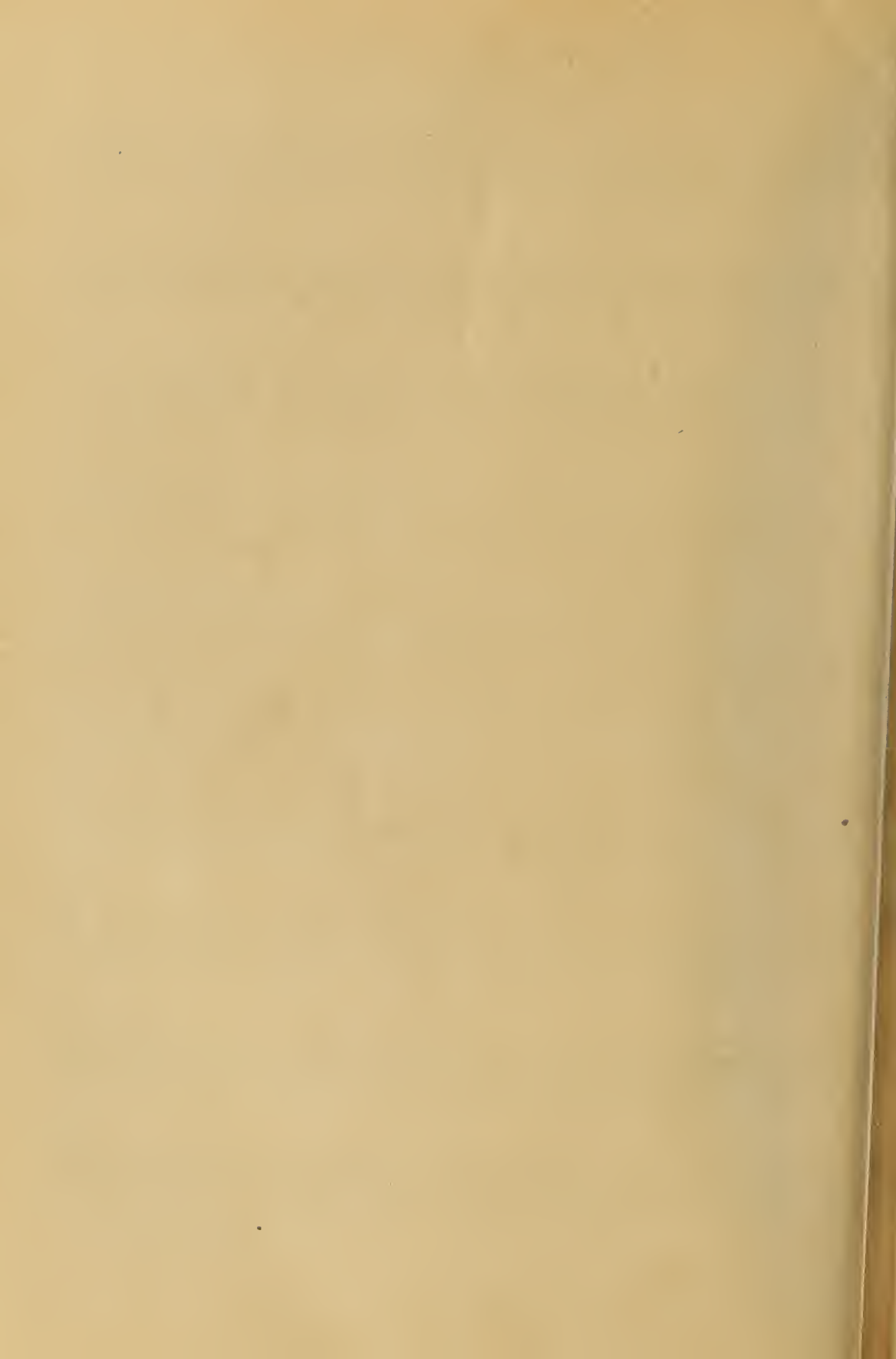
# PHONOGRAMMA 14.596

(INDIOS PARECÍS)

*Mod.<sup>to</sup>*

The musical score is written on ten systems of two staves each. The key signature is three sharps (F#, C#, G#) and the time signature is 2/4. The notation includes various rhythmic values such as eighth and sixteenth notes, rests, and slurs. The melody is primarily in the upper staff of each system, while the lower staff provides accompaniment. The piece concludes with a double bar line at the end of the tenth system.

ih ih



# PHONOGRAMMA 14.597

## (INDIOS PARECÍS)

The musical score is written on ten staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of three flats (B-flat, E-flat, A-flat), and a 2/2 time signature. The melody consists of quarter and eighth notes, with some phrases ending in a fermata. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The piece concludes with a double bar line, a 'DC' (Da Capo) marking, and the word 'FIM' (The End).

No - za - ni ná ô - re - ku - á ku - á....

... ka - za ê - tê ê - tê..... No - za - ni

na - ô - re - ku - á ku - á..... No - za -

ni no - te - ra - han ra - han O lo - ni -

ti ni - ti..... No - te - ra - han Ko - ze - to -

zá to - zá No - te - rá te - rá.....

Ke - na - ki - á ki - á..... Ne - ê e -

ná é - ná U - á - la - lô la - lô....

... gi - ra - ha - lô ha - lô.....

*DC* FIM





# PHONOGRAMMA 14.598

(INDIOS PARECÍS)

*Lento*

pp *ff* pp *ff* pp *DC* pp *ff*

Detailed description: This block contains the piano accompaniment for the piece 'INDIOS PARECÍS'. It is written in a 2/2 time signature with a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked 'Lento'. The score consists of two systems of two staves each. The first system shows a piano (pp) dynamic that increases to fortissimo (ff) in the second measure and returns to pp in the third. The second system shows a similar dynamic progression, ending with a fortissimo (ff) dynamic and a double bar line marked 'DC' (Da Capo).

# TEIRÚ

(INDIOS PARECÍS)

Ua\_i \_ ê au \_ tiá ha\_rê\_nê\_zê..... za\_lô\_Ka\_

rê uê\_rô\_rê\_tô.... A\_mô\_ki\_tiá ta\_no\_han..

Nü\_i\_tá ti\_á\_ha\_za\_kô.....

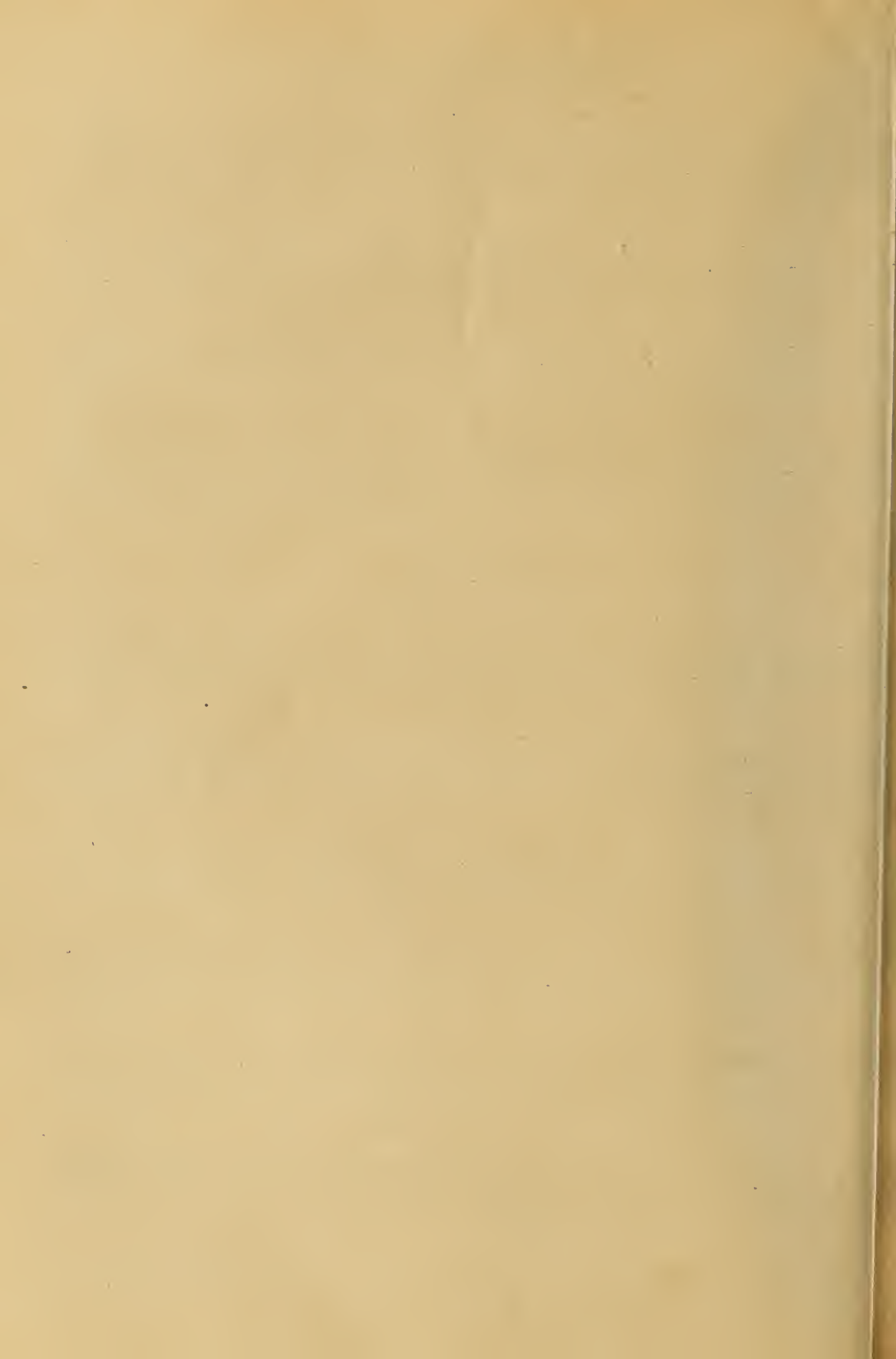
Ta\_hã\_re ka\_lô\_rê mau\_

cê Uai na\_za\_rê Uai\_te\_kô:...

ah.....

*DC*

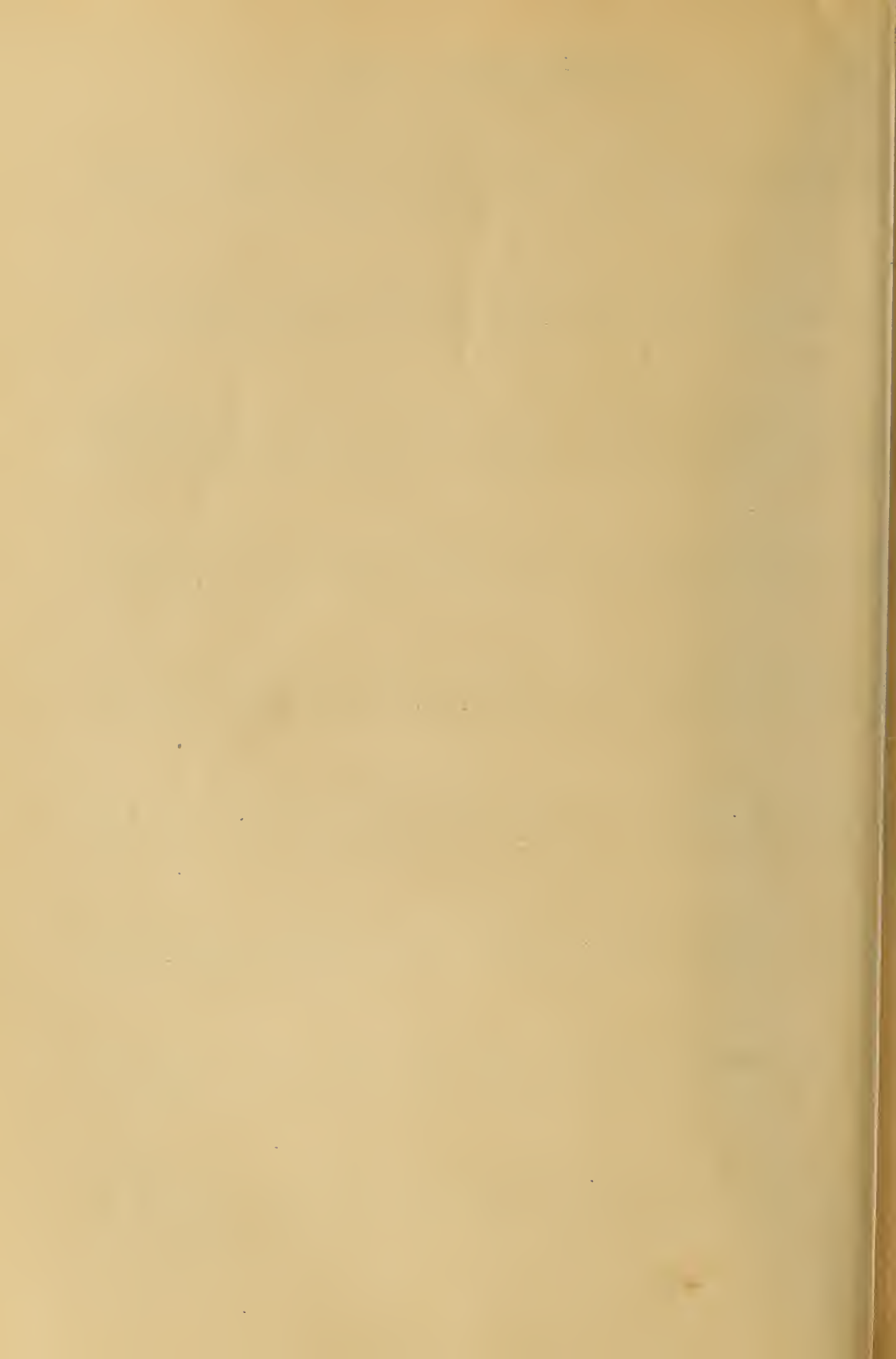
Detailed description: This block contains the vocal melody for the piece 'TEIRÚ'. It is written in a 2/2 time signature with a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written below the notes. The melody consists of seven lines of music. The first line ends with an ellipsis. The second line ends with a double bar line. The third line ends with an ellipsis. The fourth line ends with a double bar line. The fifth line ends with a double bar line. The sixth line ends with a double bar line. The seventh line ends with a double bar line marked 'DC' (Da Capo). The lyrics are: Ua\_i \_ ê au \_ tiá ha\_rê\_nê\_zê..... za\_lô\_Ka\_ / rê uê\_rô\_rê\_tô.... A\_mô\_ki\_tiá ta\_no\_han.. / Nü\_i\_tá ti\_á\_ha\_za\_kô..... / Ta\_hã\_re ka\_lô\_rê mau\_ / cê Uai na\_za\_rê Uai\_te\_kô:... / ah.....



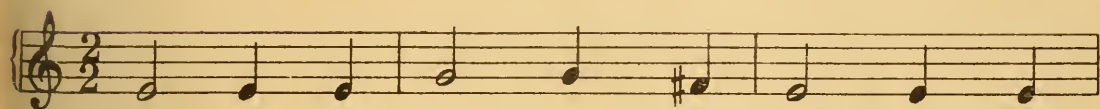
# PHONOGRAMMA 14.599

(INDIOS DA SERRA DO NORTE)

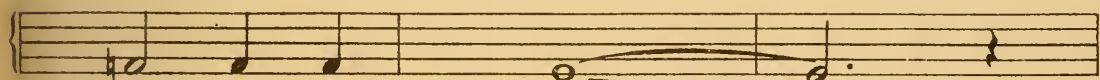
The musical score is written on ten staves in a 2/2 time signature with a key signature of one flat (B-flat). The melody consists of quarter and eighth notes, with some rests and a final fermata. The notation includes a treble clef, a key signature signature (one flat), and a time signature (2/2). The score concludes with a double bar line and a fermata over the final note.



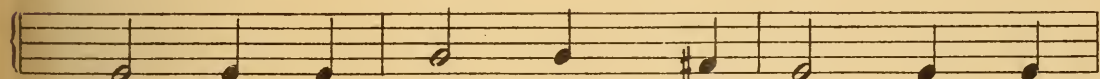
PHONOGRAMMA 14.600  
(INDIOS DA SERRA DO NORTE)



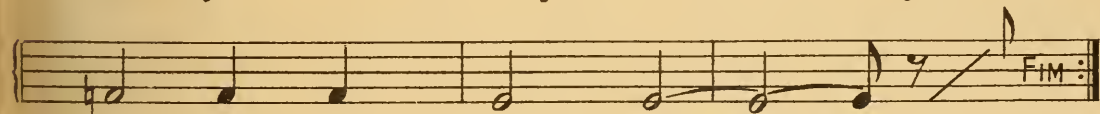
Hai gue - ta - zá gue - ta - zá gue - ta -



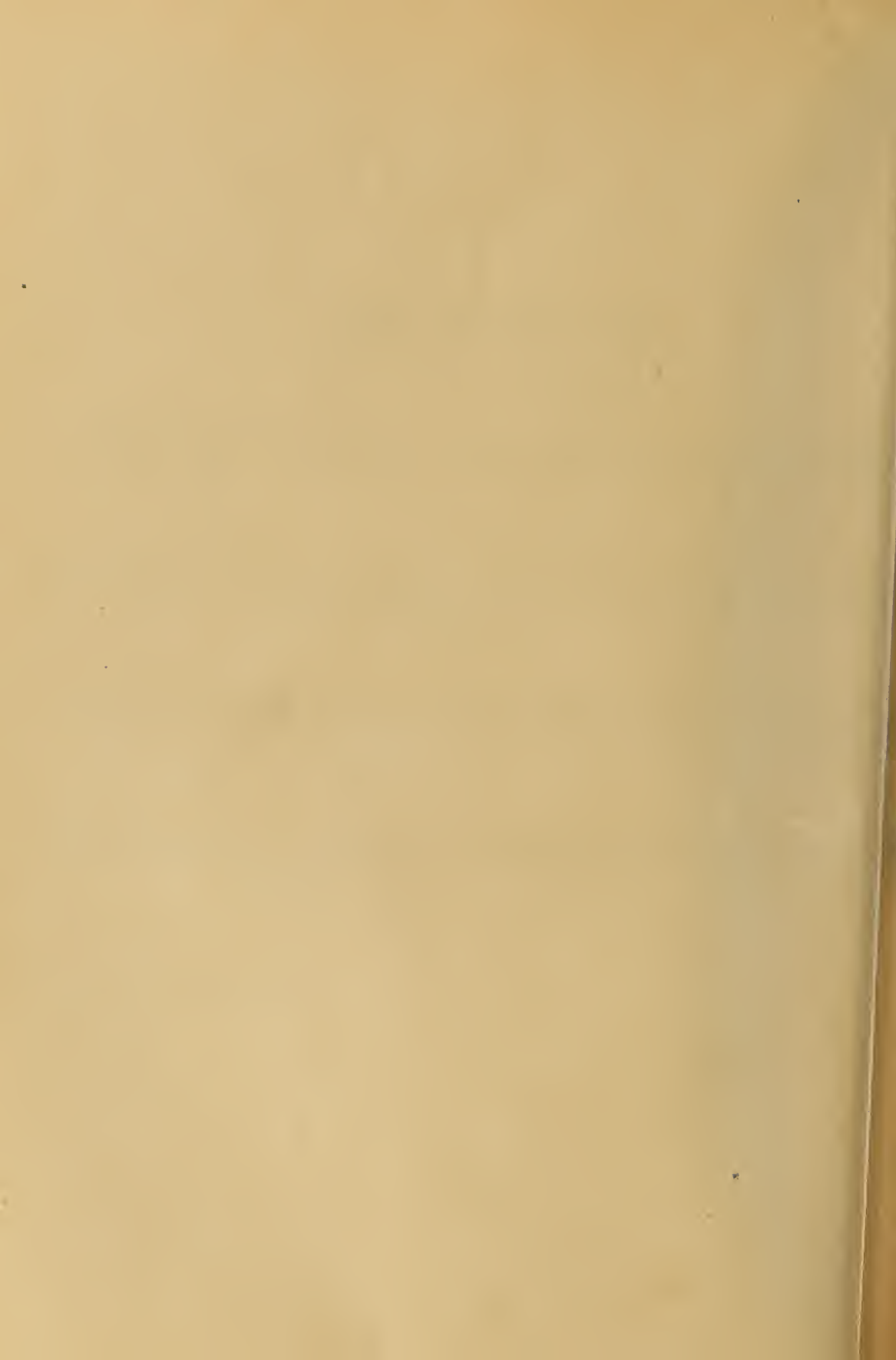
zá gue - ta - zá!.....



Hai gue - ta - zá gue - ta - zá gue - ta -



zá gue - ta - zá ah.....



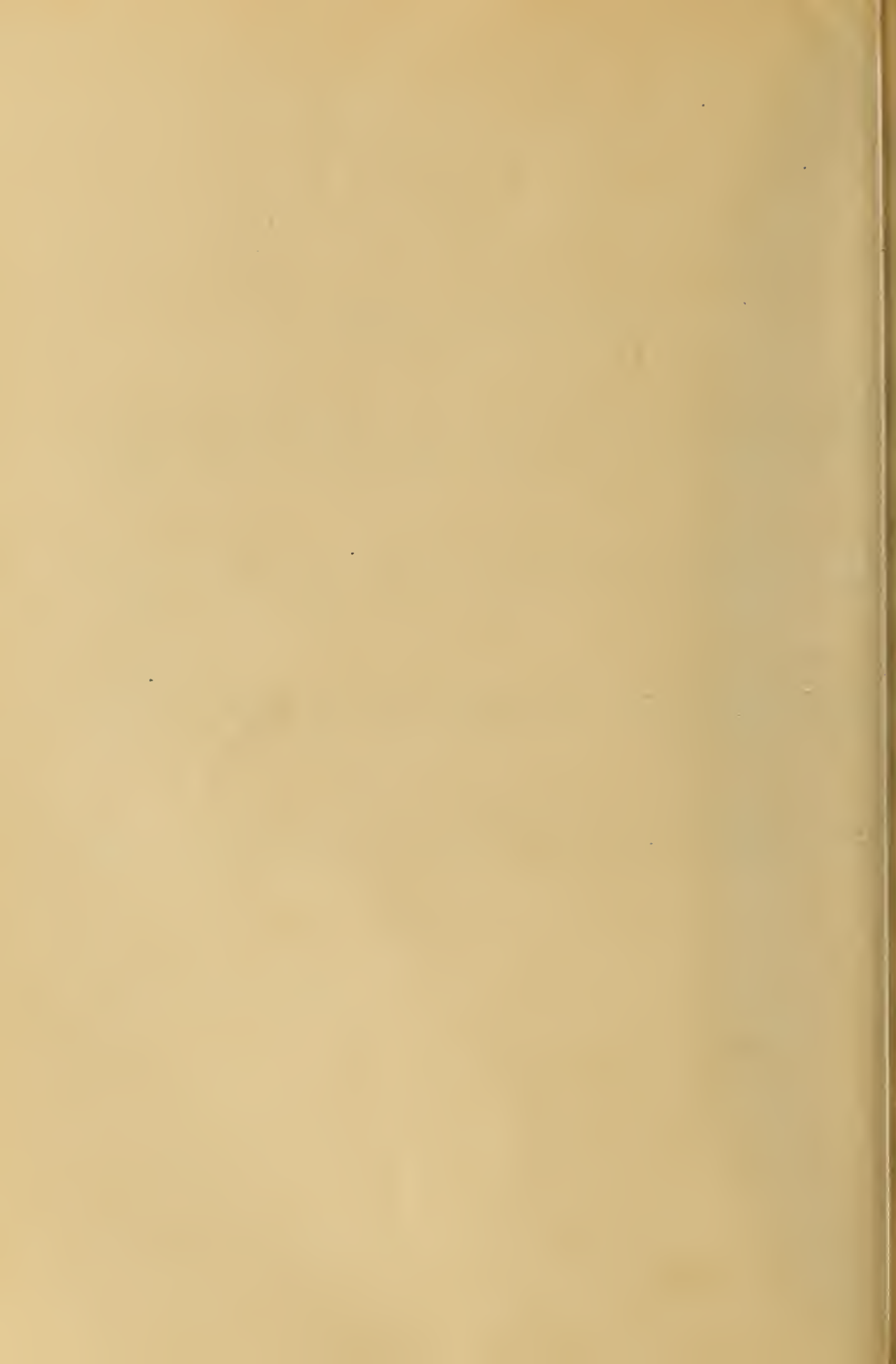
# PHONOGRAMMA 14.602

(INDIOS PARECÍS)

*Moderato*

The musical score is written on four staves in a single system. The first staff begins with a treble clef, a key signature of two sharps (F# and C#), and a 3/4 time signature. The melody consists of quarter and eighth notes, with some notes beamed together. The second and third staves continue the melody with similar rhythmic patterns. The fourth staff concludes the piece with a double bar line. The paper is aged and yellowed.

Excursão Roquette-Pinto, 1912.





# PHONOGRAMMA 14.605

(INDIOS PARECÍS)

Na - tiô a - tiô Ka - mai - zo - ko -

la Na - tiô a - tiô U -

á lo - ko - ná a - tiô Na - tiô a - tiô Ka -

mai - zo - ko - lá Ne - ê e - na e -

ma ma - koê e - ta Ne - ê ê -

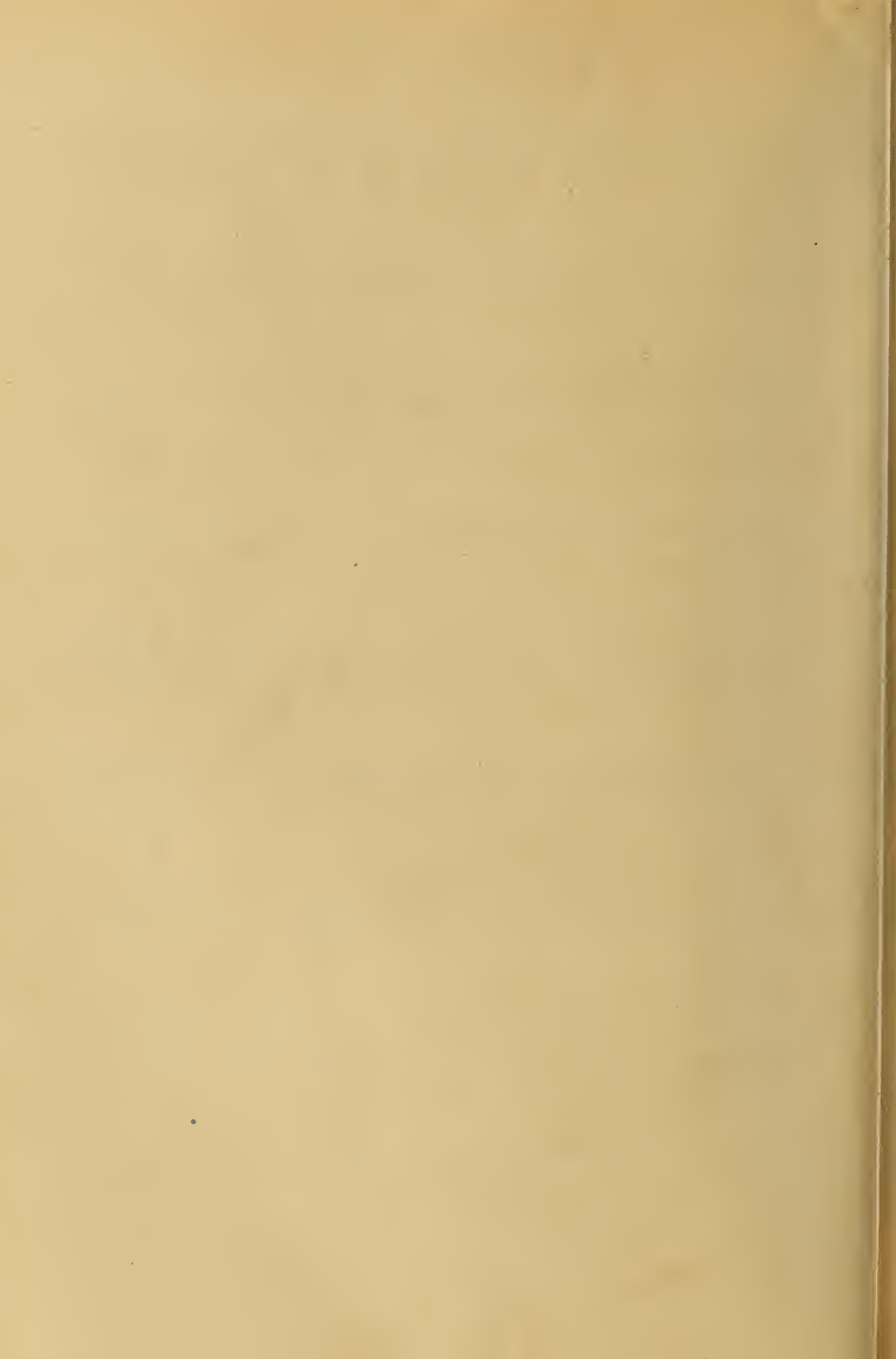
ná Ko - mai - zo - ko - la O -

nê na - nê Ko - ta - za - ne -

za Ne - ê a - tiô Ka -

mai - zo - ko - la . . . . . FIM DC

mai - zo - ko - la . . . . .



# PHONOGRAMMA 14.607

(INDIOS PARECÍS)

Musical notation for Phonogramma 14.607. It consists of two staves. The top staff is in treble clef with a key signature of two sharps (F# and C#) and a 2/4 time signature. The melody starts with a quarter note G4, followed by quarter notes A4, B4, C5, and D5. There is a fermata over the D5 note. The bottom staff is in bass clef and follows the same melody. The piece ends with a double bar line and the marking 'DC'.

# PHONOGRAMMA 14.608

(SERTANEJOS CUIABANOS)

Musical notation for Phonogramma 14.608, first system. It features a grand staff with treble and bass clefs. The key signature has one flat (Bb) and the time signature is 2/4. The melody in the treble clef starts with a quarter note G3, followed by quarter notes A3, B3, and C4. There is a fermata over the C4 note. The lyrics are: "Oh! dan! dan! Oh! dan! dan! Eu hei -".

Musical notation for Phonogramma 14.608, second system. The melody continues in the treble clef. The lyrics are: "de mor\_rê can\_tan\_do a\_gar\_rã\_do no meu cô - tcho".

Musical notation for Phonogramma 14.608, third system. The melody continues in the treble clef. There are three triplet markings over the notes. The lyrics are: "Quan\_do me vê\_re cho\_rã\_do, me\_ni\_na é.....".

Musical notation for Phonogramma 14.608, fourth system. The melody continues in the treble clef. The lyrics are: "... meu a\_mô que vae s'im bo - - ra.....". The piece ends with a fermata.

# PHONOGRAMMA 14.609

(SERTANEJOS CUIABANOS)

Dão! dão! dão! O que ô - ro não ar - ru - ma, não tem


mais ar - ru - ma - ção..... A - le - crim a bei - ra d'á - gua, Man - ge -

ro - na d'ou - tra ban - da, é si - gná de que - rê bem..... *DC*


# PHONOGRAMMA 14.610

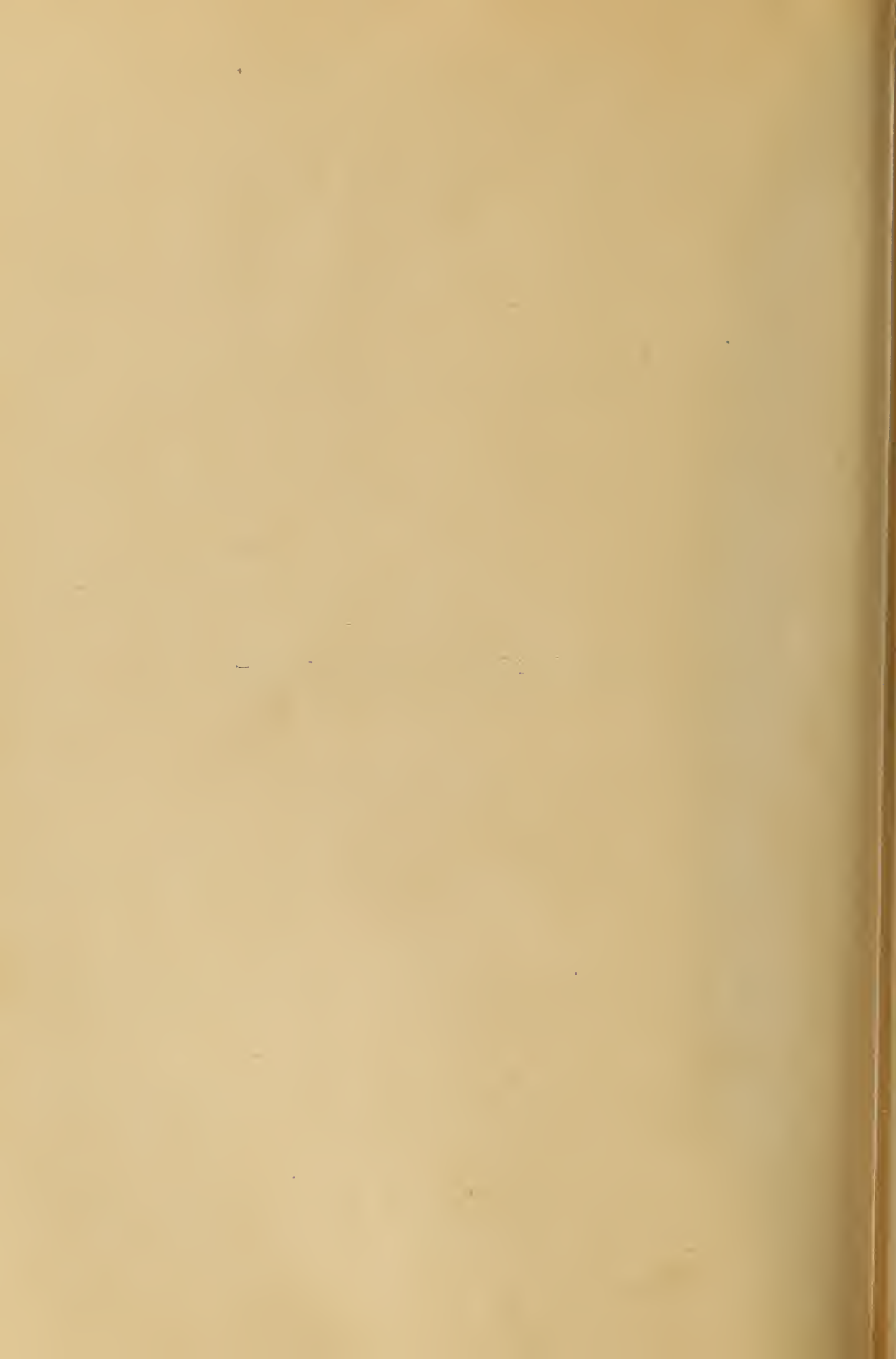
(SERTANEJOS CUIABANOS)

*DC*



VOCABULARIOS







## Vocabulário Arití (Parecí)

### A

- |   |                                |
|---|--------------------------------|
| Abano — Kuái.                                     | Anta — Kotuí.                  |
| Abelha — Uaidê-hokô.                              | Anzol — Mairátuati.            |
| Adeus — Ari-inánateu (cu francez).                | Apagar — Heuaká.               |
| Água — Onê.                                       | Arame de pescar — Alame-toerê. |
| Agulha de pau para arrematar o imiti — Kamin-hín. | Arara amarella — Tihô-ê.       |
| Agulha de pau para tecer o imiti — Umatitocê.     | Arara una — Kakirinarê.        |
| Aldeia — Nauênakarí.                              | Arara vermelha — Kolô.         |
| Alegre — Numázalotá.                              | Aracuan — Malátezôterê.        |
| Algodão — Konôhê.                                 | Araruta — Zalauí.              |
| Algodão do campo — Oluíri.                        | Araticum de arvore — Alohen.   |
| Almêcega — Zaritaçü.                              | Arco — Korê-ôkô.               |
| Alto — Uaházêzê.                                  | Arco-Iris — Zazorí.            |
| Amarelo — Uxikêrê.                                | Areia — Uaikohen.              |
| Amanhã — Makáni.                                  | Arroz — Alôsso.                |
| Amendoin — Uaiacê.                                | Arvore — Kôlôhôn.              |
| Amigo — Nohinaué.                                 | Assim — Nikarê.                |
| Ananaz bravo — Kon-haló.                          | Aurora — Zotiákítí.            |
| Andar — Ikatümani.                                | Avó — Abobê.                   |
|   | Avô — Atiutú.                  |
|   | Azul — Tiorêrê.                |
- Angelin do campo — Mahára.

### B

- |                               |   |
|-------------------------------|---|
| Baixo — Tiuka-hazêzê.         | Bastante — Kahanzê.                                 |
| Banhar-se — Nakuân.           | Bater — Namôkutiá.                                  |
| Bastante — Nikaretá (Uakatú). | Batida (caminho feito pelo andar) —<br>Narináutirá. |

Beber — Notrá.	Bonito (muito) — Uaiê-halôcê.
Bebida de milho — Uikazá.	Bonito — Uaiê-harê.
Bebida fermentada de mandioca — Olonití.	Borá (abelha) — Alatáguiri.
Beijú grande, assado no borrvalho — Suçukorê.	Borrachudo — Xiualô.
Beijú (Kozáriní) — Zômo.	Bracelete feito com a carapaça do tatú — luêtonikôn.
Bexiga — Nozotenideakún.	Bracelete feito com a cauda do tatú — Uatiçá.
Boca — Nôkánaçü.	Braço — Nôkanô.
Bom — Uaiê.	Branco — Iomêrê.
Bom-dia (Kaxinítí) — Uzalauáká.	Bravo (zangado) — Alixiní.
Bom-dia (Kozáriní) — Kamataú.	Bugio — Alomê.
Bom-dia (Uaimarê) — Ucrauká.	

## C

Cabaça — Matukú.	Cansado — Kakaiharê.
Cabaça (Chocalho) — brinquedo de criança — Ualaçü.	Cantar — Kaiuiná.
Cabaça grande — Matokô.	Capella — Iamaká.
Cabaça pequena — Matokocê.	Capitão do campo — (arvore) — Ta- korê.
Cabeça — Nôçueri.	Cará — Haká.
Cabello de negro (arvore) — Mitôcê.	Carvão vermelho — (arvore) — Za- hñn-olarê.
Cabello — Nôçüi.	Carrapato — Koêrê.
Cabocla (arvore) — Alatén.	Carretel — Konohí-inaçá.
Caçador do campo — Aiká-akaitarê.	Casa — Atí.
Caçador do matto — Zanikonikarê.	Cerebro — Nokaihi.
Caçar no campo (Koz.) — Kuatíá.	Cesta de carga — Kôhôn.
Caçar no matto (Koz.) — Kakôniçá.	Cesta de carga — Kohôn-Kichí.
Cacete (Uimaré antigo) — Tihalô.	Cesta para dança — Hôôzi.
Cacete (Uimaré moderno) — Tiohun.	Ceu — Enokôá.
Caetetú — Auarüçü.	Chapéo — Xapepá.
Cajú (Kozarini) — Zuvitiá.	Charravascal — Uatiá-cezalô.
Cajú (Uaimarê) — Zuitiá.	Chete espiritual — Uti-arití.
Calças — Okütitini.	Chefe temporal — Arití-amúri.
Calor — Uáitíá.	Chegar — Kaukê-ená.
Cambará amarello — Zotonoteu — (eu francez).	Chegar — Nôkauki.
Caminho — Autí.	Cheiroso — Airázôrô.
Camisa — Aritititini.	Chocalho feito de piquí, para o tor- nozello — Zôzá.
Campo — Maceu — (eu francez).	



Chover — Onêhená.	Coração (meu) — Nômâihaci.
Chumbo — Kuruçü.	Coração de negro — (arvore) — Fakiri.
Chuva — Oné.	Corda — Makáno.
Chuva grande — Xevorezá.	Correr — Natê-ená ou Hatê-êna.
Cinta de algodão — Kônôkoá.	Cortar pau — Irikutiá-átia.
Cinta de contas — (Kozárini) — Kavalaviti.	Cotia — Hekêrê.
Cipó imbê — Matekê.	Cosinheiro — Tiômítarê.
Clava de guerra — Tiavô.	Couro — Miri.
Coatá — Uakánorê.	Criança — Zuimã.
Cobra — Oi.	Criança de peito — Ená-môkôcê. ♂
Cocho para xixa — Kutiúnaçü.	Criança de peito — Uirô-môkôcê. ♀
Collar de contas (Koz.) — Ená-tati.	Cunhada (Koz.) — Nonân.
Comer — Naniçá.	Cunhado (Koz.) — Nohân.
Cometa — Zoraçü-Xahion.	Cunhado (Uimarê) — Notiáunerô.
Conta (missanga) — Netati.	Cuía — Ichiçá.
Conserva de mandioca — Kêtêhê.	Cupim — Munuri.
Coração (delle) — Maiháçiti.	Curicáca — Kotála.

## D

Dar — Içônê.	Doença — Aicitonê.
Dedo — Nôkahin-hin.	Doença — (trauma) — Kauêakiti.
Defluxo — Ximuzuati.	Dór de dentes — Aikuliti-kahen.
Deitar — Neukutuá.	Dormir — Içámaká.
Deixar — Içaunitá.	Dorso da mão — Nôçitari.
Dente — Naikuri.	Dourado — (peixe) — Ualá-korê.

Doce — Aritiuiêrê.

## E

Eis ahi — Akó.	Escudo de folhas para caçar — Zaia-küti.
Elle — Italá.	Esperar — Auxíra.
Elles — Içôká.	Espingarda — Korenaçü.
Ema — Aó.	Estomago — Axiti.
Entrar — Içuaná.	

Eu — Natü (Nô)—

## F

Faca — Küçú.	Faixa de carregar criança — Zamáta.
Facão — Küçú Kalorê.	Falar — Niauri.

Farinha (Kaxiniti) — Tiolohen.	Flecha para aves (Koz.) — Kôrêka-koânihakini.
Farinha (Kozárini) — Toloivê.	Flor (Kozárini) — Iviti.
Fazer rumo — Irikutihân.	Flor (Uaimaré) — Hihivê.
Feiticeiro — Itihânarê.	Fogo — Irikati.
Feijão de vara — Kumatá-irú.	Foice — Kataikorê.
Feijão pampa — Kumatá.	Folha — Tianá.
Feijão preto — Kumatá-kierê.	Fome — Kairí.
Feijão vermelho — Kumatá-zoterê.	Forte (valente) — Ikinátereu (eu francez).
Festa grande — Kaulônená.	Friç — Tihalôhuihiê.
Filho — Nitiani.	Fronte — Notiaurí.
Flauta nazal — Tsín-hali.	Fructa de veado (arvore) — Kumá.
Flecha de ponta larga, de taquara — Uaihalá.	Fubá — Kozeto-hên.
Flecha em geral — Korê.	Fumaça — Cimêrê.
Flecha para anta (Uaimaré) — Korekakoanihakakotuí.	Fumo — Adjie.
Flecha para ave (Uaimaré) — Korekakoanihaká.	Fuso — Tiirú.

## G

Gafanhoto — Eritiahan.	Gostoso — Airazú.
Gafanhoto grande — Kachiçalá.	Grande — Kalorê.
Gallinha — Takuirá.	Gravatá — Zaiuiuê.
Gallo — Takuirá-enarê.	Guapéva — Manakatá.
Gelo (granizo) — Iezô.	Guarirova do campo — Uakuri.
Gente — Tuitá.	Guerreiro — Uahaarú.

## H

Hoje — Uerauaká.	Homem — Ená.
------------------	--------------

## I

Indaiá do campo — Karêke.	Ir — Iantá.
Inhambú — Maui-iussú.	Irmão — Nudzimarini.

## J

Jaboticaba do cerrado — Xuaxi.	Jacucáca — Malate.
Jacarandátan — Anolê.	Jacutinga — Kozuí.

Jaguatirica — Xenicê.  
 Jandáia — Kulri.  
 Jaô — Makukauá.

Jatobá do cerrado — Uatá.  
 Jatobá do mato — Ozari.  
 Jogo da bola — Mataná-Ariti.

## K

Kágado — Uazúliatiá.

Katipé (arvore) — Uhiçá.

## L

Labio — Nôkerêu.  
 Lagarto — Zohôn.  
 Lagartixa — Kozohin.  
 Laranjeira do chapadão — Oluimá.  
 Lenha — Uiçati.  
 Levantar — Ainakuá.  
 Levar — Akolatiá.  
 Liga humeral — Kaláuati.  
 Liga tibial d'alg. (Koz.) — Itaiti ou  
 Tahiti.  
 Liga tibial d'alg. (Koz.) — Katiulati.  
 Liga tibial d'alg. (Uaim.) — Katiuo-  
 lahin.  
 Liga tibio-tarsica d'alg. — Kinore-  
 kuati.

Liga tibio — tarsica com guizos de  
 piqui — Zuzá.  
 Lingua — Nôniniçô.  
 Lingua (idioma) — Niráuini.  
 Linha branca — Konohi-iomerê.  
 Linha de pescar — Nômarihi.  
 Linha preta — Konohi-kierê.  
 Linha vermelha — Konohi-izôterê.  
 Lixinha (arvore) — Kaitáruçü.  
 Lobo — Aozá.  
 Lobinho — Uazalô.  
 Longe — Cêcô.  
 Lua — Kaiçê.  
 Luz — Irikieta.

## M

Macaco — Hoateu (eu francez).  
 Machado — Tauá.  
 Machado de pedra — Ceháritauá.  
 Macuco — Mauie.  
 Madeira — A'tio.  
 Mãe — Mamá ou amá.  
 Mão — Nôkahin.  
 Mandioca amarella — Tutiokauê.  
 Mandioca brava — Ketê.  
 Mangaba — Katiulá.  
 Mangabeira brava — Atiúalanô.  
 Marmellada do chapadão — Tahuliú.

Mata-pasto — Alalá.  
 Matar — Nihaká.  
 Mato — Kôlôhôn.  
 Medo — Tahirahã.  
 Meio-dia — Tatáikúa.  
 Mel — Mahan.  
 Mentira — Amancerá-itá.  
 Milho branco — Kozêtoiomêrê.  
 Milho (Kaxiniti) — Kôzôtô.  
 Milho (Uaimaré) — Kozêto.  
 Mingau de mandioca — Katazeurê  
 (eu francez).

Mingau de milho — Kamulazá.  
 Moça — Zuimáhaluti.  
 Morro — Zaúna.  
 Mosquito — Aniúti.  
 Muito — Akaé.

Muito — Kalôrê.  
 Mulata ou garapa — Kulumáinarê.  
 Mulher (Kaxiniti) — Uirô.  
 Mulher (Uaimarê) — Zuzirô.  
 Mutum Auixi.

## N

Nadar — Namazakuá-onê.  
 Não — Maiçá.  
 Nariz — Nôkul.  
 Neto — Nuxuiêê.

Nora — Nozái.  
 Nos — Uháinamá.  
 Nós — Natütamákêrê.  
 Nuvem — Kaiminiti.  
 Noite — Makiá.

## O

Olho — Nôzôçü.  
 Olho de boi — Onoê.  
 Onça parda — Xenikazierêê.  
 Onça pintada — Xení.  
 Onça preta — Xenikierê.  
 Orelha — Nôtinihê.

Ornato de algodão — Konokoá.  
 Ornato de pennas de gavião para a  
 cabeça — Zaolô.  
 Ornato de pennas de tucano para a  
 cabeça — Kamáihin-hôkô.  
 Ouriço — Kôrihon.

## P

Pacú pintado — Zútiáharê.  
 Padre — Utiariti.  
 Pai — Babá ou abá  
 Paineira do chapadão — Arê.  
 Palma da mão — Nokahim.  
 Paneiro — Tôhêri.  
 Pantano — Okozakuá.  
 Pão de morcego (arvore) — Mauêkorê  
 Pão doce (arvore) — Uialô.  
 Papagaio — Aôlô.  
 Para tudo (arvore) — Tonokauê.  
 Pato — Oairô.  
 Pau de breu — Koremá.  
 Pau de bugre — Tonoetô.  
 Pau secco — Inirá.

Pau terra — Kotinú.  
 Pé — Nokixi.  
 Pedra — Ceuhari (eu francez).  
 Pedra canga — Süzári.  
 Perdiz — Kodjia.  
 Peito — Nôtikolá.  
 Peixe — Kuhaçú.  
 Penceira — Atoá.  
 Penna para o nariz — Kiliá-kôciti.  
 Pente — Alató.  
 Pequeno — Iniê.  
 Perna — Nohozü.  
 Perto — Naritá.  
 Pescoço — Nohiuô.  
 Piaba — Ualakú.

Pimenta de macaco — Kolólôtia-marê.	Polvora — Korenê.
Pingente de contas para as orelhas (Koz.) — Tinivê-akolatí.	Pomba — Uafiazá.
Pinguella — Ihatianêzê.	Poncho — Kiarirô.
Piquí — Kani.	Por do sol — Kamáikuá.
Pium — Tiunúre.	Porco do matto — Ozeu (eu francez).
Poeira — Kii-ití.	Pouco — Inirá.
Polvilho (Koz.) — Kenaikí.	Preguiçoso — Imazaratí.
	Preto — Kierê ou Kiakáka.
	Puxar — Noholôkônê.

## Q

Que ? — Suare ?	Quina — Ahonlê.
	Queixo — Nôkólô.

## R

Raio — Enoarê.	Remedio — Uairiati.
Rapaz — Zuiman-arití.	Retrato — Tihun-iukakalá.
Receber — Otoká (?)	Roça — Maceune (eu francez).
Rêde — Maká.	Ruim — Maiçá-uaiázü.

## S

Sabio — Uítamakêrê.	Sogra — Nakêrô.
Saiote de algodão — Imití.	Sogro — Kôkô.
Sair — Aikuatá.	Sol — Kamái.
Saracura do chapadão — Maxálagá.	Somno — Nemakí.
Sariema — Koláta.	Subir (ás arvores) — Kakuáhan.
Seputá do cerrado — Zamôriná.	Sucupira branca, Faveira — Uazánakahin.
Ser supremo — Enorê.	Sucupira preta — Azutü.
Seringueira — Uariçá.	Suspensorios de algodão para os órgãos genitales — Sáíue-sarati.
Sim (assentimento) — Hahan.	

## T

Tamanduá-bandeira — Tigorê.	Tapera — Itiá-menocê.
Tamanduá-mirim — Norith (th inglez)	Taquarinha — Korétá.
Tambem — Tarahân.	Tarumarana — Ariuá.
Tanajura — Kotahôn-on.	Tatú canastra — Malulá.

Tatú cascudo (pelludo) — Makuriçá.	Tosse — Tonokoati.
Terra — Uaikôen.	Tripa — Aiti-hin.
Tia — Ekokê.	Triste — Uáini.
Tio — Kôkô.	Trovão — Onotálôlôtá.
Tocanguira — Nâná.	

## U

Urubú — Olohôn.	Urucú — Ahitê.
-----------------	----------------

## V

Vamos — Uailá ou Uaiá.	Verdade — Alágini.
Vão elles — Uaiená.	Verde — Tianá.
Veado catingueiro — Uaiadeu (eu francez).	Vermelho — Zotêrê.
Veado do campo — Zotiáre.	Vinhatico — Dahiolarê.
Veado mateiro — Zotiáre-kuakêrê.	Vir — Teuoná (?)
Velho — Oiê.	Você — Içô.
Veneno — lhôzarê.	Vomitar — Xiriakariceu (eu francez).
	Vou eu — Nozánita.
Ver — Zamari.	

## Vocabulario Nambikuára=Taitê

Ante-braço — Tanokrê.	Lingua — Taiú-hendü.
Barba — Taiuitê.	Mão — Toaiguedokrê.
Boca — Taiúiri.	Nariz — Taiúiran-hdi.
Bracelete — lái-ndê.	Olho — Taiendê.
Braço — Toarabatndê.	Orelha — Tanakalatndê.
Cabello — Tanaguitê.	Panella — Uat-ndi.
Céo — Uútcindê.	Pé — Taitê.
Cotovello — Tanokurukri.	Peito — Tanokaindê.
Criança (filho) — Tauhitê.	Penis — Taguiri.
Cuia — Ualotê ou Kautê.	Perna — Talahendê.
Dedo — Tahitê.	Queixo (mento) — Taiu-kautê.
Dorso — Taragutnari.	Seio — Tanohurê.
Joelho — Tacinguedukrê.	Ventre — Tatahari.
Labio — Taiunindê.	

## Vocabulario Nambikuára=Tagnani

SERRA DO NORTE — RIO FESTA DA BANDEIRA

(Rio Karumí)

- |                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| Agua — Narutundú.                   | Gritar, grito (larynge)? — Uilaku-rokri.      |
| Algodão — Gündê.                    | Joelho — Uaneguerú-kurandê.                   |
| Ante-braço — Uánokrí.               | Labio — Uikohuin-ndí.                         |
| Arco — Hutê.                        | Lingua — Uaihendê.                            |
| Axilla — Uenakalauendi.             | Macaco ( <i>Cebus sp.</i> ) — Hotê.           |
| Bastões ignigenos — Haitandü.       | Machado de pedra — Hiaugnindí.                |
| Boca — Uaiurí.                      | Mandioca — Hiritê ou Chiritê.                 |
| Bracelete — Taláte.                 | Mão — Uahitê.                                 |
| Braço — Uanokrí.                    | Massa de urucú — Huduhúkaidí.                 |
| Cabeça — Danakitú.                  | Moquem — Hirirí.                              |
| Cabello — Uonekitê.                 | Milho — Guiatê ou Kuetê (ou ü).               |
| Carne — Lutú ou Lutê.               | Nariz — Oiranindê.                            |
| Cavilha para o labio — Taurirí.     | Olho — Uignindí.                              |
| Cavilha para o septo nasal — Kondü. | Orelha — Unaçolandê.                          |
| Cesta — Tchirê.                     | Para chamar — Heron ! Heron !                 |
| Cigarro — Etü.                      | Para perguntar — Irirí ? Irirí ? ou Endutrá ? |
| Cinta de palha — Iahundürü.         | Pau — Irikatê.                                |
| Cotovello — Uonokurokri.            | Pé — Ualutê.                                  |
| Coxa — Uacednorí.                   | Peito — Uaenakaedê.                           |
| Cuia — Eruendi.                     | Pellos pubianos — Uoguirí.                    |
| Dedo — Uahitê.                      | Perna — Uanadurí.                             |
| Dente — Düürí.                      | Pescoço — Uaelatgotê.                         |
| Dorso — Ueragodnê.                  | Rêde de dormir (nossa) — Teendê.              |
| Estrella — Tangrê.                  | Seio — Uano-hurí.                             |
| Faca de pau — Hikautí.              | Sol — Tchondí.                                |
| Flecha de taquara — Uaindê.         | Tatú — Ualutndü.                              |
| Flecha romba — Duhündê.             | Terra — Alôre.                                |
| Flecha lisa — Hauguidê.             | Unha — Uegatndê.                              |
| Fogo — Ekatê.                       | Urucú — Uduhúkaidí.                           |
| Fronte — Uignakrí.                  |   |
| Fumaça — Tchindê.                   | Gafanhoto — Kiguitê.                          |

## Vocabulário Nambikuára=Kôkôzú

### RIO JUÍNA

- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| Abano — Kuêkiçú.                   | Caveira — Mamaklizú.                       |
| Abelha bojuí — Detoçú (P).         | Ceu — Ocendjú.                             |
| Abelha borá cavallo—Arukitaçú (P). | Cesta — Atiçú.                             |
| Abelha jati — Oiaçú (P).           | Chorar — Nandütü.                          |
| Acender — Hanêçú.                  | Chuva — Ueçú.                              |
| Agua — Unrazú.                     | Cinta de contas pretas — Kainundzú.        |
| Andar — Aikedütü.                  | Cinta de fibras — lalaçú.                  |
| Anta — Iunzú (P).                  | Cipó — Hukinuzú.                           |
| Ante-braço — Oanukizú (ou çú).     | Circunferencia — Irengçú.                  |
| Apagar — Unritirá.                 | Cobra — Diçú (ou Tiçú).                    |
| Arara — Aranzú (P).                | Coelho — Iakeçú.                           |
| Arco — Hukiçú.                     | Colhereiro — Diglizú.                      |
| Artelho — Toaiigualizú.            | Comer — Iarúindütü.                        |
| Aspas das flechas — Aiêuinçú.      | Como se chama? qual o nome? —<br>Iriritoá? |
| Bacaba — Uêndü.                    | Concha, dos brinco — Nenzú.                |
| Beija-flor — Duniriguizú.          | Corde — Alonuçú.                           |
| Bigode — Toaiôetaçú.               | Coruja — Kalendzú.                         |
| Boca — Toaiuçú.                    | Correr — Ikedütü.                          |
| Bocejar — Toaiá endnuzú.           | Criança — Uetú.                            |
| Bolo de tapioca — Urikanzú.        | Cuia — Kateçú.                             |
| Bonito — Uarú.                     | Cupim — Cahú.                              |
| Borboleta — Uodedeçú.              | Defecar — Tonsignuçú.                      |
| Bosta — Iauguenoçú.                | Dente — Toaiuiçú.                          |
| Bracelete de fibras — Kolá-antçú.  | Doente — Itonendütü.                       |
| Braço — Oanukiçú ou (zú).          | Doer — Itonendütü.                         |
| Brinco — Arokiçú.                  | Dormir — Akguriguidütü.                    |
| Buriti — Hêêrú.                    | Dorso — Toadaçuçú.                         |
| Cabeça — Toanekiçú.                | Espirrar — Uaikacê-inguikêçú.              |
| Cabello — Uaekikiçú.               | Estrella — Ikitaçú.                        |
| Cajú — Erekiçú.                    | Faixa de carregar criança — Çáarú.         |
| Calor — Uanindütü.                 | Feio — Iukiú-kinikidutú.                   |
| Caminho — Dihinuçú.                | Figura, desenho — Korenauá.                |
| Campo — Uentzú.                    | Filho — Uetú.                              |
| Cantar — Haiguedazü.               | Fio de algodão, das flechas — Ko-<br>ndzú. |
| Caracol — Baánendütü.              |  |
| Casa — Siçú.                       |  |



- Fio de fibras, das flechas — Kaceçú.  
 Flauta — Kaiguetaçú.  
 Flauta nasal — Hait-teataçú.  
 Flecha de ponta chata — Aieraçú.  
 Flecha de ponta lisa cylindrica — Anieeçú.  
 Flecha de ponta de taquara — Uaeliçu.  
 Flôr — Talatçú.  
 Fogo — Aneiúherú.  
 Folha — Adenandzú.  
 Folha para cigarro — Enanzú.  
 Fronte — Toaiêkuzuzú.  
 Fumo — Etú.  
 Fumaça — Aiokeçú.  
 Fuso — Gdarêtatú.  
 Grão de gallo — Aluinikiçú.  
 Gravata — Koalonentçú.  
 Grillo — Bagedaçú (P).  
 Gritar — Kaiguetauçú.  
 Guariroba do campo — Konin-tê.  
 Herva — Ikazú.  
 Homem — Noçú.  
 Isso, esse — Dêra.  
 Jatobá — Oiarú.  
 Jacaré — Nuntaçú.  
 Joelho — Toakiritanzú.  
 Lagarto — Enarú.  
 Lagartixa — Ianoçú.  
 Leite — Anungçú.  
 Levantar-se — Ihái-cenogodotü.  
 Lingua — Toáioherú.  
 Longe — Uetçú.  
 Lua — Irikiçú.  
 Macaco — Hotú.  
 Mamma — Anunguetizú.  
 Mangaba — Katêkiçú.  
 Mão — Toái-ikiçú.  
 Massa de mandioca — Urinodzú.  
 Mastigar — Iaiçuedutú.  
 Mata — Daikiniotçú.  
 Mel — Duhiazú ? (P).  
 Morrer — Aunindutú.  
 Mulher — Doçú.  
 Nariz — Toiaionendzú.  
 Nó de taquara — Karitandçú.  
 Olho — Toái-ikiçú.  
 Onça — Ienarú.  
 Orelha — Toanenendzú.  
 Orifício no labio superior — Ionkonandetü.  
 Orifício do septo nasal — Ononkonandetü.  
 Palha do uauassú — Uenandzú.  
 Palpebra — Toaiecindjú.  
 Páu (Arvore) Içu.  
 Páu santo — Hinekiçú.  
 Pé — Toaiukizú.  
 Peito — Toanunkizú.  
 Peixe — Aiutchú.  
 Pellos pubianos — Toaliketaçú.  
 Pennas das flechas (sariema) — Kolatoedçú.  
 Penis — Toakiçú.  
 Perdiz — Uiteá-guiçú.  
 Perna — Toaçuçú.  
 Pescoço — Toaietolozú.  
 Pilão — Notú.  
 Pingente de fibras para o dorso — lalaçú.  
 Piolho — Kani-iniçú.  
 Piqui — Aarú.  
 Raio — Uaduguezú.  
 Ralo — Tomarú.  
 Resina das flechas — Niaendçú.  
 Sangue — Toatiçú.  
 Sariema — Kolatzú.  
 Sentar-se (acocarar-se) — Acikáuekedotü.  
 Sepultura — Ilurindütü. (1)

(1) Esse vocabulo parece formado de um termo tagnani: alôre — terra, e outro kôkôzú nandetü — orifício, buraco: *Alôre-nandetü* — buraco na terra.

Sim — Han-han !	Triângulo — Nendzú.
Sol — Uterikiçú.	Trovão — Taridzú.
Suor — Uaienoçú.	Tucura — Taketazú.
Taquara — Ikuirikazú.	Umbigo — Takodadlizú.
Taquara das flechas — Arukirikatçú.	Unha do pé — Toaiutçuakezú.
Terra — Inoçú.	Urinar — Kereguetauçú.
Terra de formigueiro — Katunuzú.	Urucú — Dukiçú.
Testículos — Toalikiçú.	Ventre — Toaendzú.
Tocanguira — Tietátáglizú (ou çú).	Vulva — Akioçú.

As palavras marcadas (P) pertencem a um vocabulário colhido pelo tenente Pyrineus em 1911.

### Vocabulário Nambikuára=Anunzé

SERRA DO NORTE — RIO 12 DE OUTUBRO

Ante-braço — Uanozuzê.	Escrotos — Uaiariguinizê.
Arco — Ukizê.	Espadua — Uanotoarizê.
Bastões ignígenos — Haitzü.	Faca — lurê.
Boca — Uaiuarê.	Figado — Aierê.
Bom — Idaknikdaçú.	Flauta — Kiazê.
Bracelete — Nokoniguiçuzê.	Flecha em geral — Hauktiçú.
Braço — Uanukizê.	Fogo — Anizê.
Breu (resina) — Duhutaarú.	Fronte — Uaenakezê.
Brinco — Nan-ninzê.	Homem — Idnizê.
Cabeça — Uaneguetü.	Jacaré — Nuntaçú.
Cajú — Eehrú.	Joelho — Uaguididanzê.
Cavilha para o nariz — Uonedezê.	Lingua — Uaileherú.
Cera — Duhutaarú.	Linha — Kuituiçú.
Ceu — Uacinzê.	Machado de pedra — Eun-etú.
Collar de contas — Kairizê.	Manto de palha — Ielaçú.
Comer — Ikduzê.	Mão — Uaikizê.
Coração — Iakzê.	Mulher — Ducê.
Cotovello — Uanokundanzê.	Nariz — Uaonenzê.
Coxa — Uanikizê.	Olho — Uaiekedakzú.
Dedo — Uaikuenrezê.	Orelha — Uonananzê.
Dente — Uauizê.	Pau — Içuzê.
Dorso — Uatluzê.	Pé — Uaiukizê.

Penna para o nariz — Unetizú.	Tatú — Nunzê.
Penis — Uakizê.	Tatú gallinha — Hatdenandzú.
Pente — Halatzú.	Terra -- Inozê.
Perna — Uaçuzê.	Tripa (Intestinos em geral) — Aiokzê.
Pingente de pennas — Ieakizê.	Unha — Uaitnakezê.
Queixo (Mento) — Uaiukluenzê.	Umbigo — Uaikedanzê.
Raspador (de dente de capivara) — Iakizü.	Urucú — Duhiazê.
Remedio — Inekiaçú.	Veado — Iatarú.
	Ventre — Uatiçú.

## CÔRES

Amarello — Katetiçú.	Preto — Iadneazú (breu).
Azul — Iadneaçú.	Verde — Cedecededenoçú.
Branco — Kuidiçú.	Vermelho — Duhiaçú.
Preto — Haikiduçú.	

## Vocabulos colhidos pelo tenente A. Pyrineus de Souza

Abella achopé — Arazi.	Pacú — Mambíre.
Abelha borá regina — Kaiudêzê.	Palmeira castiçal — Kaicê.
Abelha mandaguari-vermelho — luzê.	Periquito — Kakaitezê.
Abelha manduri — Kloarizê.	Piáu — Akurizê.
Abelha tatá — Arizê.	Pintado — Uanuncê.
Abelha tibúna — Tararê.	Pomba — Tuizê.
Abóbora (nossa) — Ariatecê.	Porco — Iakizê.
Arára — Aranzê.	Quan-quan — Peantezê.
Araticum — Ararê.	Quatá — Kadozê.
Carne — Uanozê.	Que nome tem? — Uaiziguidí?
Garça — Mocarê.	Que é isso? Ianakerê? ou Uaza- nakerê?
Gordura — Ionezêzê.	Rato — Dodecê.
Grillo — Dakizê.	Rio 12 de Outubro — Ori-kandezê.
Lacrau — Ajam-dacê.	Rio Nambikuáras — Oareioá-kandezê.
Lambari — Kaiarê.	Roça — Aitiê.
Largatixa — Ianzê.	Sol — Ikidazê.
Maribondo — Urutecê.	Urubú — Urucú.
Mel — Dezazê.	
Mulateira — Kuruaiudezê.	







## NOTAS

<b>RONDONIA</b> . . . . .	PAGINAS
	4

Inaugurando as conferencias do Museu, em 1915, o auctor propoz esse nome para designar a zona comprehendida entre os rios Juruena e Madeira cortada pela « Estrada Rondon ». Os elementos geologicos, geographicos, botanicos, zoologicos, anthropologicos e ethnographicos que tal região tem fornecido, originaes e numerosos, justificam a creação desta provincia anthropogeographica. (Cf. Mappa.)

<b>COLMEIA DOS PARECIS</b> . . . . .	15
--------------------------------------	----

Os Parecis collocam dentro de uma grande cabaça um enxame da Jati. Obturam a abertura da colmeia, deixando, apenas, um pertuito de que os insectos fazem porta. Depois, perfuram a cabaça num ponto escolhido e tapam com cêra a abertura. Logo que as abelhas têm fabricado mel bastante, rompem os indios este tapume de cêra e sem mais incommodo furtam, por ahí, o liquido delicioso, enquanto na colmeia o melificio continua.

Só conhecendo bem os habitos das nossas abelhas, poderiam ter chegado a essa apicultura apurada. Em geral as abelhas do Brasil fazem favos irregulares, incertos, anarchicos. . .

Só a Jati (*Ja-ti* = a branca), entre tantas (*Trigona jati*), reúne os seus favos em disposição regular, em dados pontos, e assim permite o bom exito do estratagema pareci.

**SIPOTUBA** . . . . . 14

Sipó-túba = Cipoal — *Rio dos Sipós*.

**ESCRAVOS AQUILOMBADOS** . . . . . 21

Era frequente a fuga de negros escravos, para formar nucleos silvestres (quilombos). Martius sustentava mesmo que raras tribus de indios não haviam entrado em contacto com africanos.

**CABORÉS** . . . . . 22

Mestiços : indio × negro.

**AGRICULTURA NAMBIKUARA** . . . . . 28

« A Bandeira achou no Quilombo grandes plantações de milho, feijão, favas, mandiocas, manduim, batatas, caraz e outras raizes, aboboras, fumo, galiinhas, algodão. . . ». Talvez tenham partido d'ahi os germens da agricultura nambikuára.

**TAPANHUNAS** . . . . . 42

De Tapiuina — *o barbaro negro* (Theodoro Sampaio) — A existencia de uma tribu de *negros* nunca passou de facto lendario, embora repetido por auctores de nota. O nome deve ter sido applicado, a titulo de alcunha pejorativa, a indios escuros de algum tributario da bacia do Juruena.

**PANELLA DE BARRO DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE** . . . . . 49

O museu possui hoje grandes vasos desta natureza, trazidos da Serra do Norte. A peça figurada nesta pagina merece destaque especial porque foi a primeira obtida, em 1909.

**LADARIO, ETC.** . . . . . 60

O auctor está convencido de que a nacionalisação do Brasil é hoje o maximo problema desta patria. E, como o patriotismo é antes *sentido* do que *pensado*, os symbolos, que despertam na alma popular mais sentimentos que pensamentos, devem ser cuidados com carinho.

	PAGINAS
<b><u>UBÁS</u></b> . . . . .	63
São gramineas : <i>Arundo donax</i> .	
<b><u>QUEBRACHO</u></b> . . . . .	63
E' o quebracho vermelho : ( <i>Loxopterigium Lorentzii</i> , Griseb.) Esta anacardiacea presta-se admiravelmente á construcção e fornece excelente material tannico para o preparo dos couros.	
<b><u>MOSQUITOS</u></b> . . . . .	63
Nesse trecho do Paraguai os vapores são invadidos por nuvens de <i>Culicinas</i> .	
<b><u>BIGUÁ, BIGUÁ-TINGA, CARÁCARÁ, CEGONHAS, GARÇAS</u></b>	63
Biguá = <i>Carbo vigua</i> . Biguá-tinga = <i>Plotus anhinga</i> . Carácará = <i>Milvago sp.</i> Cegonhas = <i>Herodias egretta</i> . Garças = <i>Leucophoyx candissima</i> .	
<b><u>NHANDUTI</u></b> . . . . .	66
<i>A teia de aranha</i> . Do tupi : <i>Nhandú</i> = a corredora (aranha), <i>li</i> = renda, teia (Theodoro Sampaio).	
<b><u>PARAGUAI</u></b> . . . . .	68
De Paraguá-i. Em tupi = <i>Rio dos Papagaios</i> (Theodoro Sampaio).	
<b><u>HERVA-MATTE</u></b> . . . . .	69
<i>Caa</i> , no tupi = a planta, a herva (Theodoro Sampaio).	
<b><u>BEM-TE-VI</u></b> . . . . .	70
<i>Megarhynchus pitagua</i> .	
<b><u>GRUTA DO INFERNO</u></b> . . . . .	79
Foi Ricardo Franco quem baptizou essa caverna, em 1786. Alexandre Rodrigues Ferreira visitou-a em 1791. Em verdade, são	

duas as grutas. Segundo a memoria de João Severiano da Fonseca (Rev. do Inst. vol. IV) — medem 50 palmos de comprimento por 25 de largura.

**VEADOS** . . . . . 84

Os veados do pantanal que interrompe as grandes matas do alto Paraguai, devem pertencer ao gen. *Mazama*.

**BUGIOS CINZENTOS**. . . . . 86

Trata-se ahi de *Cebideos* do gen. *Alloucta*, mais conhecidos sob o de nome *Guaribas* ou *Macacos roncadores*. A differença do pelligio nos dois sexos é muito accentuada : dir-se-iam duas especies.

**GUARÁS**. . . . . 89

*Phenicopterus chilensis*.

**COTCHO** . . . . . 89

Voz cuiabana do vocabulo côcho. E' uma viola sertaneja feita á facão, com duas ou quatro cordas de tripa ou de fibras de palmeira, arrançadas com o material da região. Em certos *desafios*, o *cotcho* é acompanhado pelo *ganzá*, especie de matraca ou *récó-réco*. Na sua collecção de ethnographia sertaneja o Museu Nacional possui ambos.

**PEDRA CANGA** . . . . . 92

Ou *Tapanhoacanga*. Do tupi : cabeça de negro. E' um conglomerato argilo-ferruginoso formado por fragmentos de *itabirito*.

**FERIDA BRAVA**. . . . . 93

Alguns acreditam que o parasita desta doença seja transmitido por *Acaridios* dos gens. *Amblyomma* e *Ornithodorus* (Carrapatos do chão).

**JACARÉ**. . . . . 100

*Caiman sclerops*.



	PAGINAS
<b><u>SUCURI</u></b> . . . . .	104
<i>Eunectes murinus</i> . E' o maior dos ophidios. Vive á beira d'agua.	
<b><u>POÁIA</u></b> . . . . .	105
<i>Uragoga ipecacuanha</i> , Baill. E' a poáia verdadeira. O nome vulgar é attribuido a plantas diversas.	
<b><u>POAIEIRO</u></b> . . . . .	106
<i>Lipaugus cinerascens</i> .	
<b><u>TAPIRAPUAN</u></b> . . . . .	107
Do tupi: <i>Ita-pirapuan</i> = pedra da arraia (peixe redondo). Segundo Martius será: <i>boi redondo</i> = tapira-apuan.	
<b><u>JEQUITIBÁ</u></b> . . . . .	111
<i>Cariniana brasiliensis</i> .	
<b><u>GUAHIRO</u></b> . . . . .	111
<i>Cocos oleracea</i> . Naquelle região cresce pouco. Em outros lugares attinge grande altura. D'ahi a confusão de alguns observadores apressados. . .	
<b><u>MAMÃO</u></b> . . . . .	113
<i>Carica papaya</i> . Marcgrave encontrou a especie nas matas brasileiras. Martius, ao contrario do que afirma A. de Candolle, menciona o seu nome e dá-lhe etymologia tupi (Beiträge II, 399).	
<b><u>SAPOPEMBAS</u></b> . . . . .	114
Do tupi: <i>Sepô-apeba</i> , raiz chata (Martius).	
<b><u>BANANEIRAS</u></b> . . . . .	114
<i>Musa sp.</i> Humboldt procurou sustentar a origem americana desta planta. Hoje, botanicos e ethnologos estão de accôrdo,	

admittindo que a patria da especie tenha sido o velho Mundo. E, dessa consideração, deriva a importancia que tem a bananeira para caracterizar o gráo de segregação das tribus do Brasil.

<b><u>PACÓVAS</u></b> . . . . .	114
Scytamimeas dos generos <i>Calathea</i> ou <i>Heliconia</i> .	
<b><u>MULATEIRA</u></b> . . . . .	114
E' uma <i>Leguminosa</i> .	
<b><u>GOIABEIRA DO MATO</u></b> . . . . .	114
Fam. <i>Myrtaceas</i> .	
<b><u>PAU SANTO</u></b> . . . . .	116
Fam. <i>Bignoneaceas</i> .	
<b><u>MURICI</u></b> . . . . .	116
<i>Birsonima</i> sp. Fam. <i>Malpigiaceas</i> .	
<b><u>KARÊKE</u></b> . . . . .	116
<i>Attalea exigua</i> .	
<b><u>IMPRESSÕES DIGITAES DOS SELVAGENS</u></b> . . . . .	124

A respeito dessas observações publicou o dr. Galdino Ramos, notavel conhecedor da dactyloscopia, uma interessante monographia (Manãos, 1918), em que discute com brilho algumas das conclusões do auctor. Galton chamou *typo primario ao arco*, por ser encontrado mais vezes nos dedos dos grandes macacos (anthropoides). Féret e Forgeot acharam esse mesmo *typo*, com muita frequencia, nos epilepticos e degenerados. Galdino Ramos, em 1905, contestou aquella predominancia e formulou uma theoria por explicar a complexidade das figuras das impressões. Para elle "a complexidade daquelles desenhos parece estar na dependencia do trabalho funcional". No material recolhido entre os indios da RONDONIA, Galdino Ramos encontrou provas daquella sua theoria, exposta e documentada com raro talento.

	PAGINAS
<u>AIRI</u> . . . . .	142
<i>Astrocaryum sp.</i>	
<u>PIQUI</u> . . . . .	143
<i>Caryocar brasiliensis.</i>	
<u>SARIEMA</u> . . . . .	147
<i>Microdactylus cristatus.</i>	
<u>TUCURAS</u> . . . . .	147
<i>Schizocerca sp.</i>	
<u>MAMANGÁBAS</u> . . . . .	147
Vespidios do gen. <i>Bombus</i> .	
<u>JABOTICABA DO CAMPO</u> . . . . .	147
Fam. <i>Myrtaceas</i> .	
<u>MANGÁBA</u> . . . . .	147
<i>Hancornia speciosa</i> , de Gomez (1812) ou <i>Riberia sorbilis</i> , de Arruda Camara, em homenagem ao padre João Ribeiro, um dos martyres da revolução nacionalista de 1817.	
<u>MOSQUITO POLVORA</u> . . . . .	147
Dipteros do gen. <i>Culicoides (Ceratopogon)</i> .	
<u>TERMITAS</u> . . . . .	148
Cupins = <i>Leucotermes sp.</i>	
<u>EMAS</u> . . . . .	148
<i>Rhea americana.</i>	

	PAGINAS
<b><u>ARARAS</u></b> . . . . .	148
<i>Anodorhynchus sp.</i> (Arara azul ou <i>arara-úna</i> ). <i>Ara sp.</i> (Atara vermelha).	
<b><u>CORUJAS</u></b> . . . . .	148
<i>Speotyto sp.</i>	
<b><u>LOBINHO</u></b> . . . . .	148
<i>Cannis brasiliensis</i> .	
<b><u>LAGARTOS</u></b> . . . . .	148
<i>Tupinambis teguixin</i> (Teiú).	
<b><u>CALANDRO OU CALANGO</u></b> . . . . .	148
<i>Tropidurus torquatos</i> .	
<b><u>SERINGA</u></b> . . . . .	148
<i>Hevea sp.</i>	
<b><u>PERDIZES</u></b> . . . . .	156
<i>Rhinchotus rufescens</i> .	
<b><u>NARCEJAS</u></b> . . . . .	156
<i>Gallinago sp.</i>	
<b><u>INHAMBÚS</u></b> . . . . .	156
<i>Crypturus sp.</i>	
<b><u>JURUENA</u></b> . . . . .	156
<i>Rio dos Papagaios</i> . Vocabulo hybridu tupi-aruaq. (Martius) = Ajurú (t) = papagaio. Oné (ar) = agua ou rio.	

<b><u>TUCANO</u></b> . . . . .	
<i>Rhamphastos sp.</i>	
<b><u>GUARANÁ</u></b> . . . . .	157
<i>Paulinia cupana</i> , Kunth. Cf.: E. Roquette-Pinto — <i>O Guarana</i> , in "A Lavoura" Rio, 1912.	
<b><u>FRUCTAS DE LOBO</u></b> . . . . .	158
<i>Solanum lycocarpum</i> .	
<b><u>JATOBÁ</u></b> . . . . .	159
<i>Hymenea courbaril</i> .	
<b><u>URUSSÚ</u></b> . . . . .	172
<i>Melipona sp.</i>	
<b><u>TATA</u></b> . . . . .	172
<i>Trigona cagafôgo</i> . Em tupi: <i>tatá-ira</i> = abelha de fôgo.	
<b><u>BOJUI</u></b> . . . . .	172
<i>Trigona sp.</i>	
<b><u>BURITÍ</u></b> . . . . .	172
<i>Mauritia vinifera</i> .	
<b><u>MANDURÍ</u></b> . . . . .	172
<i>Melipona marginata</i> .	
<b><u>MANDAGUARÍ</u></b> . . . . .	172
<i>Trigona sp.</i> Fornece mel agoado.	

	PAGINAS
<u>INAJÁ</u> . . . . .	173
<i>Maximiliana regia.</i>	
<u>SOVEIRA OU SORVEIRA.</u> . . . . .	173
<i>Brosimum galactodendrum</i>	
<u>PALMEIRA CASTIÇAL.</u> . . . . .	174
<i>Iriarteia exhorhiza.</i>	
<u>BACÁBA</u> . . . . .	174
<i>Oenocarpus distichus.</i>	
<u>ASSAHÍ</u> . . . . .	174
<i>Euterpe sp.</i>	
<u>UAUASSÚ</u> . . . . .	231
<i>Attalea speciosa.</i>	
<u>PATO DO MATO.</u> . . . . .	239
<i>Cairina moschata.</i>	
<u>PACA</u> . . . . .	239
<i>Chelogenis paca.</i>	
<u>CAPIVARA</u> . . . . .	239
<i>Hydrochærus sp.</i>	
<u>URUCÚ</u> . . . . .	251
<i>Bixa orellana.</i>	

**PESCA** . . . . . 252

Segundo observação de Ehrenreich o uso do anzol não é de regra entre os índios, por causa das piranhas (*Pigocentrus sp.*) cuja voracidade não consente que o pescador se aproveite do pescado. Não obstante, anzoes, *pindá* dos tupis, feitos de espinhos, acham-se em muitas regiões.

**PICAPÁO**. . . . . 252

*Celeus flavescens.*

**POMBAS**. . . . . 253

*Chamepeilus talpacoti* = rolinha.

**URUBÚ**. . . . . 253

*Sarcoramphus papa* = urubú-rei. *Cathartes sp.* = urubú.

**MILHO DA RONDONIA**. . . . . 255

Na 4ª Exposição de milho (Rio de Janeiro em 1918) — foram apresentadas muitas espigas da gramínea cultivada na *Rondonia* e levadas ao certamen pelo Sr. G. Kuhlmann, botânico da Comissão Rondon. Na opinião do Sr. Kuhlmann o milho dos Nambikuáras deve ser considerado autochtone, visto que apresenta coloridos inteiramente desconhecidos entre os cultivadores do mundo civilizado. Apesar de variar o colorido do tegumento, o albumen do milho da *Rondonia* é sempre muito molle e branco.

Trata-se, como se vê, de mais um excellente documento da primitiva segregação daquelle notavel povo indigena.

**CAPIM MEMBÉCA**. . . . . 292

*Andropogon leucostachyus.*

**CIPÓ TITARA** . . . . . 292

*Desmoncus sp.*, palmeira de caule escandente.

**ANTA** . . . . . 295

E' caça relativamente abundante naquelles rios. Presa difficil, por ser muito arisca (*Tapirus americanus*).

**BICHEIRA** . . . . . 299

Os tropeiros tratam as *bicheiras*, ulcers onde enxameiam larvas de moscas do gen. *Compsomya*, lavando-as com infuso de tabaco e untando-as com a bosta dos proprios animaes. . .

As fezes do gado levam para as lesões novos germens infeciosos, e a doença raras vezes sára com esse processo de cura. Sabe-se que o *calomelanos* é remedio de escolha para matar as larvas.

**ABELHA "LAMBE-OLHO"** . . . . . 299

*Trigona sp. ?*

**FORMIGA ONCINHA** . . . . . 300

Não é verdadeira formiga. Pertence á familia *Mutillidae*.



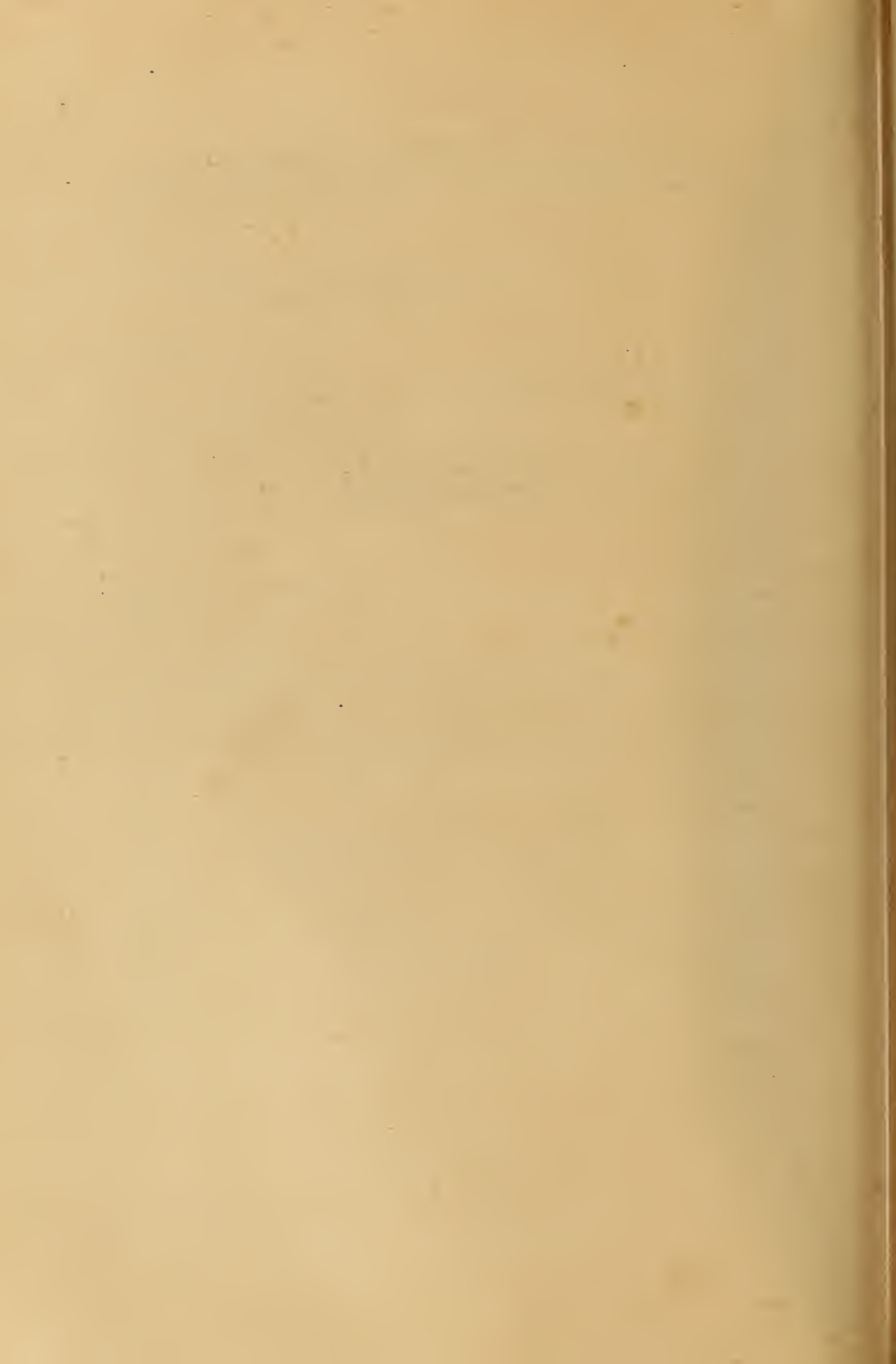




## INDICE

---

	Pags.
PREFACIO . . . . .	VI
Capitulo I — Introducção. . . . .	1
Capitulo II — Noticia historica da exploração das terras de Mato-Grosso (1718-1907). . . . .	7
Capitulo III — Exploração da <i>Rondonia</i> (1907-1912). . . . .	45
Capitulo IV — A caminho da <i>Rondonia</i> . . . . .	53
Capitulo V — Nas fronteiras da <i>Rondonia</i> . . . . .	99
Capitulo VI — Os Aritís. . . . .	117
Capitulo VII — Nas terras da <i>Rondonia</i> . . . . .	145
Capitulo VIII — Os Indios da Serra do Norte (Anthropologia). . . . .	179
Capitulo IX — Os Indios da Serra do Norte (Ethnographia). . . . .	225
Capitulo X — O regresso. . . . .	287
Capitulo XI — Conclusões — Anthropogeographia. . . . .	305
Tabellas anthropometricas. . . . .	311
Phonogrammas. . . . .	325
Vocabularios. . . . .	325
Notas . . . . .	341





□ □ □ RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL □ 1919



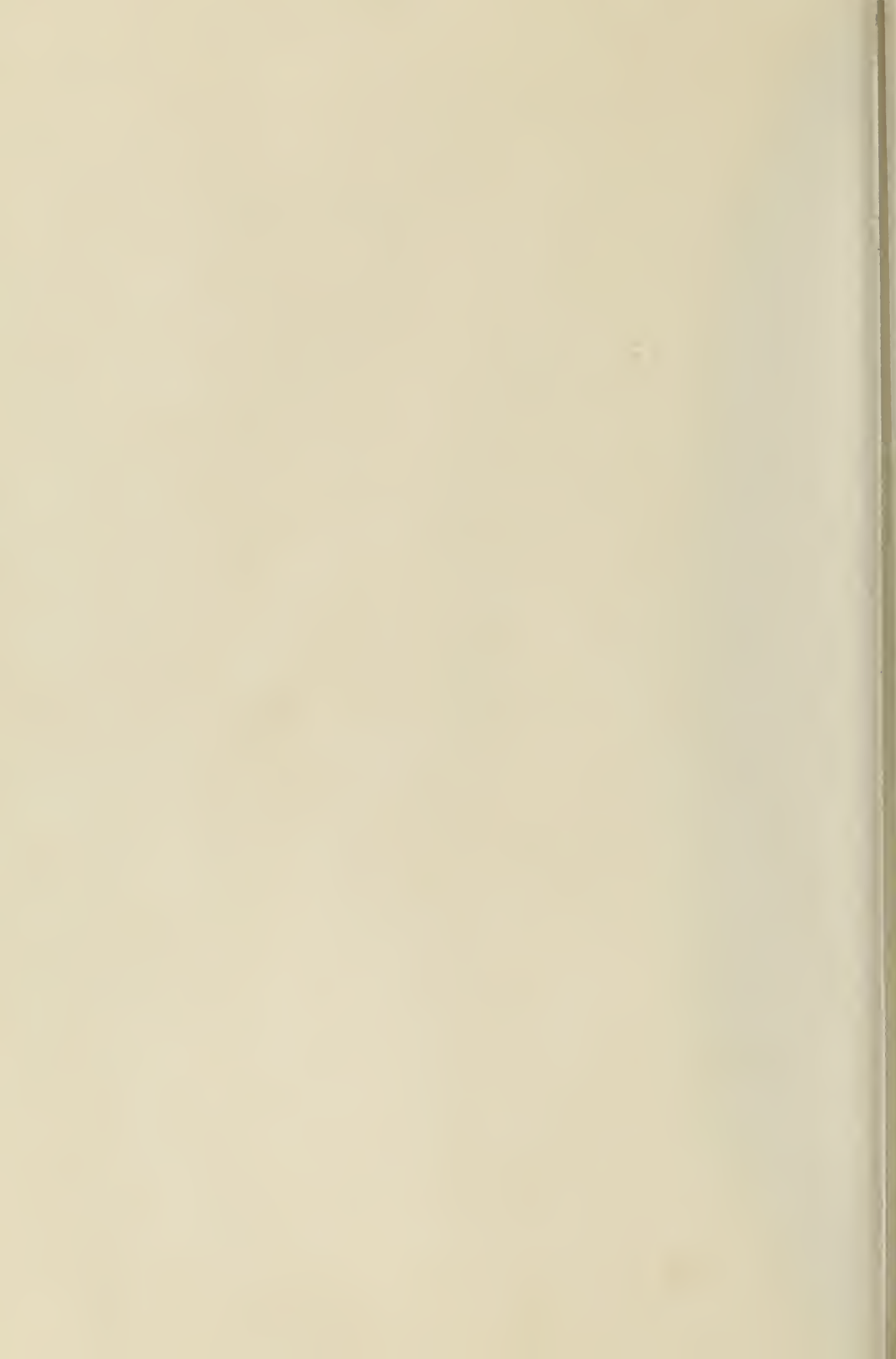
2,029

71-

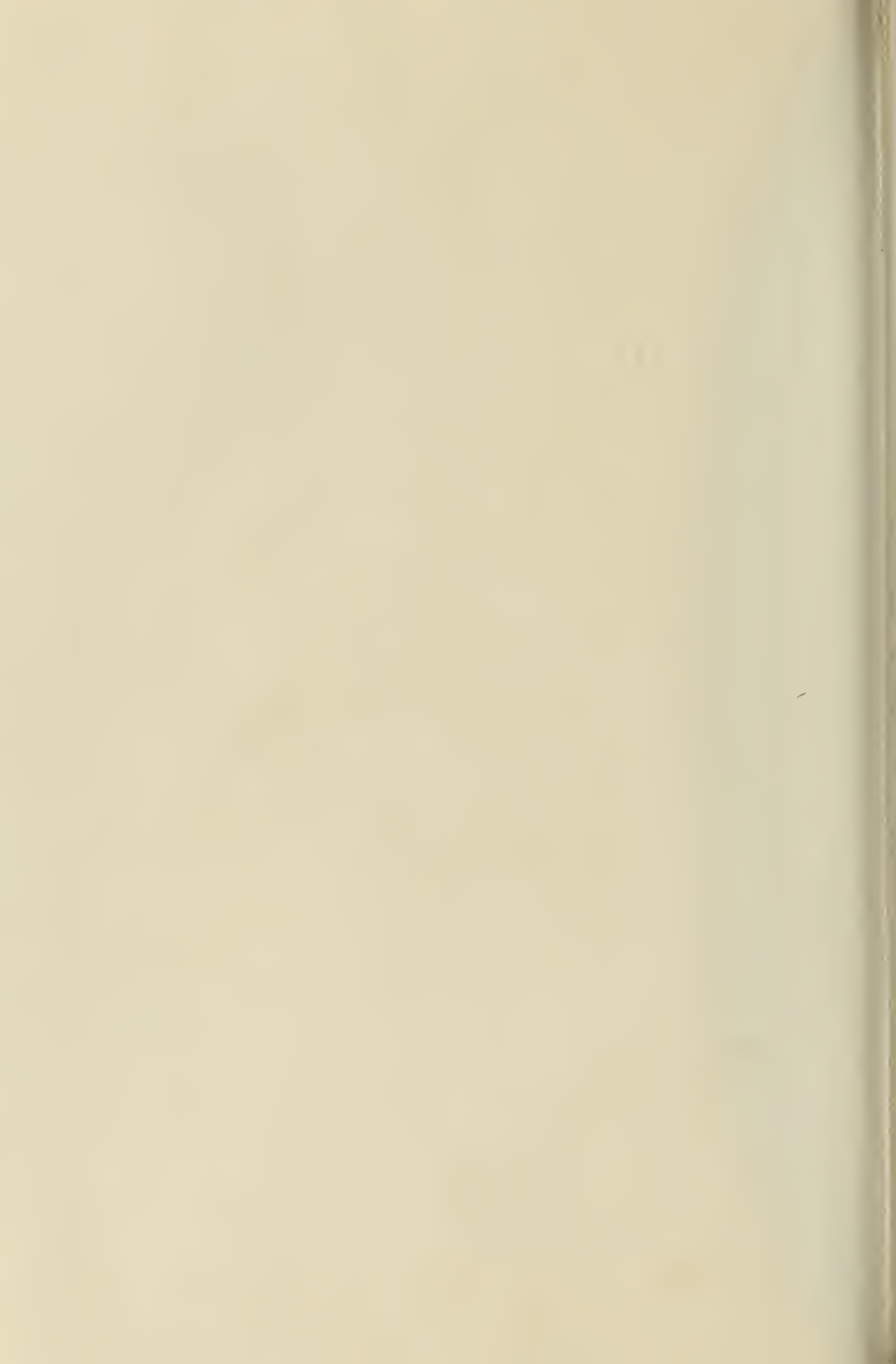
Herzgrube

27











PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

F Roquette-Pinto, Edgardo  
2520 Rondonia  
R67  
1919

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 16 23 01 12 013 8